

O B R A S D E

F I Ó D O R

DOSTOIÉVSKI

CORAÇÃO FRACO
E OUTRAS HISTÓRIAS



E D I T O R I A L P R E S E N Ç A

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

CORAÇÃO FRACO E OUTRAS HISTÓRIAS

Tradução do russo
de Nina Guerra e Filipe Guerra

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Títulos originais dos contos: *Roman v deviati píssmakh*, *Gosspodin Prokhártchin*, *Khoziáika*, *Polzunkov*, *Sláboie serdtse*, *Tchujaja jená i muj pod krovátin*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2006

Tradução do russo: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Capa: *Sector gráfico de Fernando Felgueiras*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, Maio, 2006

Depósito legal n.º /06

Reservados todos os direitos

desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

E-mail: info@presenca.pt

Internet: <http://www.presenca.pt>

Nota Prévia

Apresentamos ao leitor, nesta coletânea, contos e novelas de Fiódor Dostoiévski publicados pela primeira vez entre 1846 e 1848. Depois do grande êxito obtido pelo seu primeiro romance, Gente Pobre, e também por O Duplo, que provocou uma avalanche de críticas hostis por parte da maioria da imprensa (pelos vistos porque, nesta obra, Dostoiévski deu praticamente um salto de cinquenta anos no tratamento formal e psicológico na narrativa, incompreensível para os críticos literários da época), o jovem escritor — tem 25 anos em 1846 — vive um período de «experiências», de procura permanente de métodos, estilos e temas, praticando formas artísticas ousadas aparentemente incompatíveis entre si. Pretende rejeitar o que lhe parece velho, estabelecido e homogêneo, opta por um constante movimento de escritas. Embora de cariz experimental, não deixam de transparecer nesta obra, às vezes em estranha convivência, os métodos artísticos dos seus precursores: o humorismo em combinação com as «lágrimas invisíveis» de Nikolai Gógol («O Senhor Prokhártchin», 1846), o romantismo alemão e, em parte, russo, o colorido fantástico («A Senhoria», 1847), a sátira social, o tema dos humilhados e ofendidos («Coração Fraco», 1846).

A grande variedade de géneros e estilos e a riqueza de formas não só tornam estas obras interessantes por si mas também nos permitem entrever as imagens e as ideias que o autor viria a desenvolver e a aprofundar nos seus futuros romances. Assim, a personagem Polzunkov («Polzunkov», 1848) viria a reaparecer mais tarde nas figuras dos «bobos orgulhosos» de A Aldeia de Stepantchikovo e de O Idiota; o herói solitário e alienado de «A Senhoria», muito modificado, é certo, irá reaparecer em O Adolescente e em Cadernos do Subterrâneo. A veia humorística de Dostoiévski, inexplicavelmente ignorada na maioria dos debates sobre a obra deste escritor, e o seu talento teatral que se manifesta na virtuosidade da construção dos diálogos, também estão brilhantemente representados neste primeiro período do seu trabalho literário («A Mulher Alheia e o Marido debaixo da Cama», 1848). Para se penetrar no estranho, inesperado e inconfundível universo de Dostoiévski é sem dúvida imprescindível a leitura destes contos e novelas.

ROMANCE EM NOVE CARTAS

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

Excelentíssimo senhor e preciosíssimo amigo Ivan Petróvitch:

Já lá vão três dias que eu, por assim dizer, corro atrás de si, preciosíssimo amigo, já que tenho necessidade de falar consigo de um assunto indispensável, mas não o encontro em lado nenhum. A este respeito, a minha mulher, ontem, quando estávamos em casa de Semion Alekséitch, brincou muito a seu respeito, dizendo que o senhor e mais a Tatiana Petrovna nos saíram um belo par de irrequietos. Ainda não se passaram três meses sobre o casamento e já descuram o lar. Todos rimos muito — fruto pleno da nossa simpatia por si, está bem de ver —, mas agora, falando a sério, o senhor tem-me dado muito trabalho. Disse-me Semion Alekséitch: não estará o Ivan Petróvitch no clube da Sociedade Unida, no baile? Então, deixo a mulher com a esposa de Semion Alekséitch e corro para a Sociedade Unida. Risos e lágrimas! Imagine a minha situação: eu no baile, sozinho, sem a mulher! O Ivan Andréitch, tendo-me encontrado na portaria e vendo-me sozinho, concluiu de imediato (maldoso!) pela minha extraordinária paixão pelos serões dançantes e, pegando-me no braço, já queria levar-me à força para o salão de baile, dizendo que se sentia apertado na Sociedade Unida, que não havia lá espaço para a amplidão da sua alma audaz e que, por causa do cheiro a patchuli e a reseda, tinha dores de cabeça. Pois é, mas a si não o encontrei, nem à Tatiana Petrovna. Então, Ivan Andréitch afirmou e jurou por Deus que o senhor estava de certeza no Teatro Aleksandrínski, onde estavam a exhibir *A Desgraça de Ser Inteligente*¹.

Corro ao Aleksandrínski: o senhor não está. Hoje de manhã pensava encontrá-lo em casa de Tchistogánov — mas não. Tchistogánov mandou-me a casa dos Perepáلكin — a mesma coisa. Em resumo, veja como me esforcei, a ponto de ficar perfeitamente extenuado! Agora escrevo-lhe (não tenho alternativa!). O meu assunto nada tem de literário (o senhor compreende-me); é-me absolutamente necessário esclarecer as coisas consigo, cara a cara, e o mais depressa possível, por isso lhe peço que venha hoje a minha casa tomar chá e para podermos conversar, juntamente com Tatiana Petrovna. A minha Anna Mikháilovna terá muito prazer em vê-los.

Para falar verdade, com a sua presença far-me-ia, digamos, um favor inapreciável. A propósito, meu preciosíssimo amigo, já que as coisas chegaram até à escrita, vale a pena dizer tudo: vejo-me obrigado a repreendê-lo agora mesmo e até a censurá-lo, meu estimadíssimo amigo, por uma partida, por certo bastante inocente, que o senhor maldosamente me pregou... seu celerado, homem sem vergonha! Em meados do mês passado, o senhor introduziu em minha casa um amigo seu, ou seja, Evguéni Nikoláitch, depois de mo ter recomendado como amigo seu, recomendação que, evidentemente, para mim é sagrada; fico eu então muito contente, recebo o homem de braços abertos e, ao fazê-lo, meto a cabeça no laço. Laço ou não laço, mas o resultado foi cá uma coisinha! Agora não tenho tempo para lho explicar, além de que também acho inconveniente fazê-lo por escrito, mas tenho de lhe pedir encarecidamente, meu maldoso amigo e companheiro, que, se possível, arranje maneira delicada de sussurrar ao ouvido do seu jovem amigo, entre parênteses, que há muitas casas na capital além da nossa. Não posso mais, paizinho! *Padam do nog*², como diria o nosso companheiro Simoniewicz. Quando nos encontrarmos conto-lhe tudo. Não digo isto no sentido de que o jovem falhe, por exemplo, no que se refere ao corte do fato, às qualidades espirituosas ou a outras qualidades quaisquer. Pelo contrário, é um rapaz amável e querido; mas espere até nos encontrarmos; entretanto, meu estimadíssimo amigo, se o vir, sussurre-lhe qualquer coisa ao ouvido, por amor de Deus. Eu próprio o faria, mas já viu o meu caráter? Sou incapaz, acabou-se. Além de que foi o senhor quem mo apresentou. De resto, logo à noite falaremos disto em mais pormenor. Portanto, até logo. Fico o seu, etc.

P. S. O meu pequenino há já uma semana que está adoentado, e vejo que piora a cada dia que passa. Estão a nascer-lhe os dentinhos e sofre muito com isso. A mulher trata dele e anda muito triste, coitada. Visite-nos. Dar-nos-á um verdadeiro prazer, meu preciosíssimo amigo.

¹ Comédia do escritor russo Aleksandr Griboiédov (1795-1829).

² Rojo-me a seus pés (pol.).

(De Ivan Petróvitch para Piotr Ivánitch)

Excelentíssimo senhor Piotr Ivánitch:

Recebi ontem a sua carta, li-a e fiquei perplexo. O senhor a procurar-me em tudo o que é sítio e eu, simplesmente, em casa. Até às dez espero pela visita de Ivan Ivánitch Tolokónov. A seguir peguei na mulher, arranjei um coche de praça, meto-me nesta despesa e apareço em sua casa por volta das seis e meia. O senhor não está, recebe-nos a sua esposa. Espero por si até às dez e meia, mais já não é possível. Pego de novo na mulher, alugo um coche, faço mais despesa, meto a mulher em casa, e vou a casa dos Perepálkin, pensando encontrá-lo lá, mas, uma vez mais, falho a pontaria. Volto a casa, não durmo toda a noite, de manhã passo por sua casa mais três vezes, às nove, às dez e às onze, por três vezes tomo coches, faço despesa, e de novo fico de mãos a abanar.

Lia a sua carta e ia-me espantando. O senhor fala-me de Evguéni Nikoláitch, pede que lhe sussurre umas coisas ao ouvido e não me diz o que se passa. Louvo as suas cautelas, mas há papéis e papéis, e bem sabe que eu não dou à minha mulher documentos importantes para ela fazer papelotes. Não compreendo por que me escreveu o senhor tudo isso, onde quer chegar. De resto, se é como o senhor diz, para que quer meter-me no caso? Eu não meto o nariz em coisa nenhuma. O senhor mesmo deveria dar-lhe para trás, mas vejo que tenho de esclarecer as coisas consigo pessoalmente e de modo resolutivo; além disso, o tempo está a passar; ora, eu tenho pouco tempo e não sei o que fazer se o senhor descara assim os seus compromissos. A minha viagem será muito em breve, e uma viagem exige despesas, com a agravante de a minha mulher choramingar que precisa de uma capa de veludo à última moda. Quanto a Evguéni Nikoláitch, apresso-me a comunicar-lhe: ontem, sem perda de tempo, pedi informações completas sobre ele quando fui de visita a Pável Semiónitch Perepálkin. Pois bem, Evguéni Nikoláitch tem bem as suas quinhentas almas³ na província de Iaroslavl e tem ainda a esperança de herdar de sua avó uma herdade perto de Moscovo com trezentas almas. Quanto à sua fortuna em dinheiro, disso não sei, acho que o senhor o saberá melhor do que eu. Peço que me marque em definitivo um local de encontro. O senhor encontrou-se ontem com Ivan

Andréitch e diz-me que ele o informou de que eu estava, com a mulher, no Teatro Aleksandrínski. Pois bem, digo-lhe agora que ele mentiu e adianto que não se pode dar-lhe qualquer crédito, até porque, nada menos do que anteontem, aldrabou a própria avó em oitocentos rublos em papel-moeda. Tenho a honra de continuar seu..., etc.

P. S. A minha mulher engravidou; além disso é assustadiça e, por vezes, sofre de melancolia. Ora, nos espetáculos teatrais introduzem por vezes canhonadas e trovoadas produzidas artificialmente pelas máquinas. Por isso, receando assustar a minha mulher, afasto-a dos teatros. Quanto a mim, não tenho grande gosto pelos espetáculos teatrais.

3 «Almas» são servos da gleba do sexo masculino, propriedade, com as respectivas famílias, de determinado senhor da terra. (NT)

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

Meu inestimável amigo Ivan Petróvitch:

Sou culpado, culpado e mil vezes culpado mas quero justificar-me. Ontem, passava das cinco e precisamente no momento em que o Ivan Petróvitch era por nós recordado cordialmente, chegou um enviado do meu tio Stepan Alekséevitch com a notícia de que a minha tia estava mal. Receando assustar a minha mulher e pretextando um assunto para tratar, corri a casa da minha tia. Fui encontrá-la à beira da morte. Tivera um ataque de apoplexia às cinco horas, o terceiro em dois anos. O médico de família deles, Karl Fiódoritch, declarou que ela talvez já não chegasse ao fim da noite. Veja a minha situação, preciosíssimo amigo. Uma noite de azáfama e amargura em que não fui à cama! Somente de manhã, esgotado física e espiritualmente, me encostei no divã da casa deles, tendo-me esquecido de avisar para me acordarem a tempo; acordei às onze e meia. A minha tia estava melhor. Fui ter então com a minha mulher que, coitada, estava sem forças por causa do tormento de ter ficado à minha espera. Comi qualquer coisa à pressa, abracei o meu pequenino, acalmei a mulher e fui à sua procura. O senhor não estava em casa, mas não deixei de encontrar lá o Evguéni Nikoláitch. Voltei para casa, peguei na pena e estou agora a escrever-lhe. Não se zangue comigo, meu amigo sincero. Bata-me, arranque esta minha cabeça arrependida mas não me prive da sua simpatia. Soube pela sua esposa que o senhor, à noite, estaria em casa dos Slaviánov. Estarei lá sem falta. Espero com grande impaciência poder encontrar-me consigo.

Continuo sendo o seu... etc.

P. S. O nosso pequenino está a lançar-nos num verdadeiro desespero. Karl Fiódoritch receitou-lhe ruibarbo. Geme, ontem não reconhecia ninguém. Hoje já reconhece as pessoas e recomeçou a balbuciar: papá, mamã, bu... A minha mulher tem estado em lágrimas toda a manhã.

(De Ivan Petróvitch para Piotr Ivánitch)

Excelentíssimo senhor Piotr Ivánitch:

Estou a escrever-lhe no seu gabinete, na sua escrivaninha, mas devo dizer-lhe que, antes de pegar na pena, estive à sua espera mais de duas horas e meia. Permita agora que lhe diga qual a minha opinião frontal sobre toda esta situação abominável. Concluí, a partir da sua última carta, de que esperavam a sua visita em casa dos Slaviánov e, como o senhor pedia que eu fosse lá também, eu fui, permanecendo lá cinco horas seguidas, mas o senhor não apareceu. Acha bem colocar-me nesta situação ridícula? Por amor de Deus, excelentíssimo senhor... Fui de manhã a sua casa, esperando apanhá-lo lá e não seguindo o exemplo de certas pessoas mistificadoras que procuram os outros sabe-se lá em que sítios quando os poderiam encontrar em casa em qualquer ocasião, numa hora convenientemente escolhida. Em sua casa, porém, nem sombra de si havia. Não sei o que me impede agora de lhe exprimir toda a verdade nua e crua. Direi apenas que me parece que o senhor mudou de ideias relativamente ao que tínhamos acordado antes. E agora, que reflito em toda a situação, não posso deixar de confessar que me espanta a tendência manhosa da sua mente. Vejo agora, claramente, que o senhor já formou há muito esta sua intenção desfavorável, e a prova dessa minha suposição é o facto de, ainda na semana passada, o senhor, de forma quase inadmissível, ter ficado na posse daquela carta sua que me era endereçada e em que o senhor expunha, embora de maneira obscura e desconexa, as nossas condições quanto àquela circunstância que o senhor conhece muito bem. O senhor tem medo dos documentos, destrói-os, deixando-me fazer figura de parvo. Mas não permitirei que me obriguem a fazer figura de parvo, até porque, até ao momento, nunca ninguém me considerou parvo e toda a gente se tem referido a mim de forma positiva no que a este ponto se refere. Abri os olhos. O senhor está a lançar-me em grande confusão ao desviar a conversa para Evguéni Nikoláitch, e quando eu, com a sua carta do dia 7 do corrente, uma carta até hoje incompreensível para mim, procuro esclarecer a situação consigo, marca-me encontros falsos e foge de mim. Achará o excelentíssimo senhor que eu sou incapaz de reparar em tudo isso? Promete-me uma recompensa pelos

serviços que lhe prestei, serviços que o senhor conhece bem, referentes à recomendação de várias pessoas; no entanto, sabe-se lá como, é o senhor quem arranja maneira de me levar importâncias consideráveis de dinheiro sem me passar recibo, como aconteceu na semana passada. Depois, com o dinheiro na mão, esconde-se de mim e, ainda por cima, nega o favor que eu lhe fiz relativamente a Evguéni Nikoláitch. Talvez esteja a contar com a minha partida próxima para Simbirsk e pense que, assim, não teremos tempo de fazer as contas. Mas declaro-lhe solenemente, e confirmo-lho com a minha palavra de honra, que, se o caso for esse, estou pronto a permanecer em Petersburgo nem que seja mais dois meses, mas cumprirei os meus desígnios e alcançarei o meu objetivo e encontrarei o senhor. Também nós sabemos agir, por vezes, no sentido de aborrecer. Em conclusão, aviso-o de que, se hoje mesmo não me der explicações satisfatórias, primeiro por carta e depois pessoalmente, cara a cara, e se não puser preto no branco, na sua carta, todas as principais cláusulas do nosso acordo, e se não me explicar em definitivo todas as suas ideias relativas a Evguéni Nikoláitch, serei obrigado a recorrer a medidas que serão muito desfavoráveis para si e, para mim, muito repugnantes.

Continuo, etc.

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

Novembro, 11.

Meu caríssimo e estimadíssimo amigo Ivan Petróvitch:

A sua carta deixou-me triste até ao fundo da alma. O senhor não teve pejo, meu caro mas injusto amigo, de tratar desta maneira o seu mais benevolente simpatizante. Como é possível ser tão apressado, não esclarecer nada e, por fim, insultar-me com suspeitas tão ofensivas?! Pela minha parte, vou responder de imediato às suas acusações. Ontem, Ivan Petróvitch, não me apanhou porque eu, súbita e inesperadamente, fui chamado ao leito da moribunda. A minha tia Evfímia Nikolavna finou-se ontem à noite, às onze horas. Por escolha unânime dos parentes, fui designado o organizador de toda a triste e amarga cerimónia. Havia tanta coisa para tratar que nem sequer hoje de manhã tive tempo de me encontrar consigo nem sequer de lhe escrever duas linhas a avisá-lo. Lamento profundamente o mal-entendido que se instalou entre nós. As minhas palavras a propósito de Evguéni Nikoláitch, ditas por brincadeira e de passagem, foram entendidas pelo senhor de forma absolutamente contrária ao seu sentido, atribuindo-lhe o senhor um outro, profundamente ofensivo para mim. O senhor menciona o dinheiro, manifestando-se preocupado por causa dele. Porém, sem hesitar, estou pronto a satisfazer todos os seus desejos e exigências, embora neste caso — seja dito a propósito, já que tenho de lho lembrar — o dinheiro, trezentos e cinquenta rublos em prata, foi recebido por mim de suas mãos, na semana passada, sob determinadas condições, e não como um empréstimo. Se tivesse sido o caso de empréstimo, haveria obrigatoriamente um recibo. Não condescendo quanto ao esclarecimento dos restantes pontos expostos na sua carta. Vejo nisso tudo um mal-entendido e vejo também a sua habitual pressa, fogosidade e frontalidade. Sei que a sua bonomia e o seu carácter aberto não permitirão que a dúvida permaneça no seu coração e que, finalmente, será o senhor o primeiro a estender a mão ao seu amigo. O senhor está enganado, Ivan Petróvitch, está profundamente enganado!

Apesar de a sua carta me ter vulnerado muito, eu estaria pronto a ir a sua casa hoje mesmo, para lhe pedir desculpa, mas desde ontem que ando numa

azáfama tal que me sinto mortificado e mal me aguento nas pernas. Para cúmulo da desgraça, a minha mulher adoeceu, está de cama e eu temo uma qualquer doença grave. Quanto ao pequenito, está melhor, graças a Deus. Agora, porém, tenho de largar a pena... os meus afazeres não esperam, e tenho montões deles.

Permita-me, meu inapreciável amigo, continuar o seu, etc.

(De Ivan Petróvitch para Piotr Ivánitch)

Novembro, 14.

Excelentíssimo senhor Piotr Ivánitch:

Esperei três dias; fiz tudo para que estes três dias não passassem inutilmente, pois, sentindo eu que a delicadeza e a boa educação são o melhor adorno de qualquer pessoa, não dei sinais de mim, nem com palavras nem com ações, desde a data da sua última carta, dia 10 do corrente mês, em parte para o deixar cumprir tranquilamente o seu dever cristão para com a sua tia, em parte também porque eu tinha necessidade de algum tempo para certas reflexões e investigações num determinado assunto. Agora tenciono esclarecer consigo as coisas de forma definitiva e firme.

Confesso-lhe sinceramente que, lendo as suas primeiras duas cartas, pensava a sério que o senhor não estava a perceber o que eu queria; era precisamente por isso que eu procurava encontrar-me consigo e esclarecer tudo cara a cara, já que não confiava na minha pena e acusava a mim próprio de pouca clareza e da minha maneira de pôr as ideias no papel. O senhor sabe que eu não tenho educação nem boas maneiras e que desprezo a atitude peralvilha oca porque acabei por aprender, por amarga experiência, como é enganosa a aparência e que, sob as flores, se esconde por vezes uma cobra. Mas o senhor estava a compreender-me muito bem; porém, não me respondia porque, na perfídia da sua alma, decidira antecipadamente trair a sua palavra de honra e as relações amigáveis existentes entre nós. Pois bem, demonstrou tudo isso na perfeição por meio do seu comportamento ignóbil para comigo, nos últimos tempos, comportamento esse que prejudica os meus interesses, que eu não esperava de si e em que não quis acreditar até ao presente momento, já que, no início das nossas relações, fui cativado pelas suas maneiras inteligentes, pela finura do seu trato, pela sua perícia prática e pelas vantagens que a colaboração consigo prometia, supondo eu que tinha encontrado um verdadeiro amigo, um companheiro benevolente. Mas agora percebi claramente que há pessoas que, sob uma aparência lisonjeira e brilhante, escondem veneno no seu coração, que utilizam a sua inteligência para urdir tramas contra o seu semelhante e para o aldrabar de

maneira inadmissível, e que por isso têm medo do papel e da pena, não utilizando assim o seu estilo de escrita para proveito do seu semelhante e da sua pátria, mas para adormecer e enfeitiçar as mentes daqueles que porventura tenham entrado em colaboração com eles e tenham feito acordos com eles. A sua perfídia em relação à minha pessoa, excelentíssimo senhor, vê-se por isto que exponho seguidamente.

Em primeiro lugar, quando eu, em expressões claras e nítidas, lhe descrevia nas minhas cartas, excelentíssimo senhor, a minha situação e, ao mesmo tempo, lhe perguntava, na minha primeira carta, o que pretende subentender com algumas expressões e intenções suas, sobretudo em relação a Evguéni Nikoláitch, o senhor quase sempre tentava calar o assunto e, tendo-me eu revoltado uma vez e emitido desconfianças e dúvidas, o senhor continuou a esquivar-se ao assunto com toda a calma. Depois, tendo cometido para comigo coisas que nem sequer têm denominação decente, começou a escrever que lamentava. Como quer que eu chame a tudo isso, excelentíssimo senhor? Depois, quando cada minuto era precioso para mim e quando o senhor me obrigava a correr atrás de si por toda a capital, escrevia-me, sob a aparência da amizade, cartas em que, silenciando intencionalmente o que interessava, me falava de coisas de todo alheias ao assunto, como sejam: as doenças da sua esposa (uma senhora que, em qualquer caso, é respeitável para mim), o ruibarbo que foi necessário administrar ao seu bebé e o dentinho que lhe nasceu. Mencionava tudo isto em cada carta, com uma regularidade abominável e insultuosa para mim. É evidente que estou pronto a aceitar que os sofrimentos de um filho dilaceram o coração do pai, mas para quê mencioná-lo num momento em que o necessário era coisa muito diferente, mais premente e interessante. Tenho-me calado e tenho tido muita paciência, mas agora, decorrido este tempo, é meu dever clarificar as coisas. Por fim, depois de me ter logrado várias vezes com as suas falsas marcações de encontros, o senhor quer obrigar-me, pelos vistos, a desempenhar o papel de seu bobo e jogral, o que eu não aceito. Depois de me ter dito para comparecer em sua casa e me ter enganado descaradamente, informou-me de que tinha sido chamado para junto da sua tia enferma que sofrera uma apoplexia às cinco horas em ponto, exprimindo-se o senhor, também neste caso, com uma precisão horária vergonhosa. Felizmente, excelentíssimo senhor, no decurso destes três últimos dias tive tempo de obter a informação necessária, tendo vindo a

saber que a sua tia fora atingida por uma apoplexia já no dia anterior, dia 8, cerca da meia-noite. Pelo que vejo, o senhor aproveitou-se das sagradas relações de parentesco para enganar pessoas que são de todo alheias ao assunto. Por fim, na sua última carta, o senhor menciona a morte da sua parente, supostamente ocorrida no preciso momento em que eu deveria encontrar-me consigo para discutirmos sobre determinados assuntos. Aqui, a ignomínia do calculismo e do invencionismo ultrapassa toda e qualquer verosimilhança, porque, graças a informação fidedigna que obtive oportunamente, fiquei sabendo que a sua tia faleceu exatamente vinte e quatro horas depois do momento que o senhor, com todo o descaro, aponta na sua carta. Nunca mais acabaria de escrever se quisesse enumerar todos os sinais que me levaram a descobrir a sua perfídia. Para um observador imparcial é suficiente o próprio facto de que, em todas as suas cartas, o senhor me chama de seu amigo sincero e me cumula com nomes amáveis, coisa que o senhor, no meu entender, não faz com outro propósito que não seja o de adormecer a minha consciência.

Passo agora a focar o seu engano e a sua perfídia principais em relação a mim, e que consistem precisamente no facto de o senhor silenciar de modo constante, nos últimos tempos, tudo o que diz respeito aos nossos acordos comuns, e ao rapto descarado da carta em que o senhor, embora de forma obscura e pouco compreensível, explicava os nossos acordos e as nossas condições mútuas, no facto do empréstimo bárbaro e conseguido à força de trezentos e cinquenta rublos de prata que eu tive de lhe fazer, sem recibo, a título de ficar seu sócio em igualdade de participação; e, finalmente, numa ignóbil calúnia contra o nosso conhecido comum Evguéni Nikoláitch. Vejo agora claramente que o senhor queria convencer-me de que deste Evguéni Nikoláitch não se esperaria mais proveito do que leite de um bode, se me permite a expressão, que ele não seria carne nem peixe — censuras que lhe apontou na sua carta do dia 6 do corrente mês. Ora, eu reconheço em Evguéni Nikoláitch um jovem modesto e decoroso, qualidades com que ele pode fascinar, conseguir e merecer o respeito da sociedade. Também estou a par de que o senhor, todas as noites e durante duas semanas, metia ao seu bolso várias dezenas de rublos de prata, chegando mesmo à centena, provenientes dos ganhos às cartas com Evguéni Nikoláitch. Mas agora o senhor nega tudo isso e não só não concorda em recompensar-me pelos meus esforços como ainda se apropria irrecuperavelmente do meu dinheiro, tendo-me aliciado com o papel de ser seu sócio a meias e com outras

vantagens a que eu teria direito. Porém, tendo-se apropriado de modo ilegalíssimo do meu dinheiro e do de Evguéni Nikoláitch, esquivava-se a recompensar-me, utilizando para tal a calúnia com que denegriu insensatamente um homem introduzido com os meus esforços e as minhas diligências em sua casa. Ao mesmo tempo, pelo que me dizem os amigos, o senhor mesmo não tem parado até hoje de lhe lambe-las botas e apresenta-o por todo o lado como o seu melhor amigo, apesar de não haver à face da terra um parvalhão que não adivinhe à primeira quais são as suas reais intenções e o que significam, realmente, a sua amizade e companheirismo com ele. Eu, por mim, direi que significam embuste, perfídia, esquecimento das conveniências e dos direitos do homem, que são apostasias e perversões totais. Apresento-me pessoalmente como exemplo e prova. Em que o teria ofendido e qual seria a minha culpa para que o senhor me tratasse desta forma desavergonhada?

Vou terminar. Creio que esclareci tudo: se o excelentíssimo senhor, depois de ter recebido esta minha carta, em primeiro lugar não me devolver na totalidade e no mais curto prazo, a importância que lhe passei para as mãos, ou seja, trezentos e cinquenta rublos de prata; e, em segundo lugar, todas as quantias que me são devidas de acordo com as suas promessas, recorrerei a todo o género de medidas para o obrigar a entregar-mas, e usarei, mesmo, a força; em terceiro lugar, recorrerei à protecção das leis; finalmente, declaro-lhe que certos testemunhos, que se encontram em posse deste seu fiel servidor, podem dar cabo de si e denegrir o seu nome aos olhos de toda a sociedade.

Continuo seu etc.

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

Novembro, 15.

Ivan Petróvitch:

Ao receber a sua carta, tão labrega e ao mesmo tempo tão estranha, no primeiro momento quis rasgá-la, mas guardei-a como exemplo de raridade. De resto, lamento cordialmente os nossos mal-entendidos e as nossas discórdias. De início, nem pretendia responder-lhe. Porém, a necessidade obriga-me a fazê-lo. É precisamente por meio destas linhas que acho necessário informá-lo de que vê-lo alguma vez em minha casa será para mim bastante desagradável, assim como para a minha mulher: tem a saúde fraca e o cheiro a alcatrão faz-lhe mal.

A minha mulher devolve à sua esposa o livro que esta lhe emprestou, o *Dom Quixote de La Mancha*, com os seus agradecimentos. Quanto às galochas do senhor, supostamente esquecidas em nossa casa durante a sua última visita, comunico-lhe que, infelizmente, não foram encontradas em lado algum. Continuam porém a ser procuradas e, se não for possível encontrá-las, comprar-lhe-ei umas novas.

É tudo, tenho a honra de ser etc.

No dia 16 de novembro, Piotr Ivánitch recebe, pelo correio urbano, duas cartas em seu nome. Abrindo o primeiro sobrescrito, Piotr Ivánitch tira um bilhetinho dobrado de uma forma engraçada e escrito em papel cor-de-rosa. A letra é a da sua mulher. É endereçado a Evguéni Nikoláitch e datado de 2 de novembro. Não há mais nada no sobrescrito. Piotr Ivánitch lê:

Querido Eugène! Ontem era impossível. O meu marido esteve em casa todo o fim de tarde. Mas amanhã vem visitar-me sem falta às onze em ponto. Às dez e meia o meu marido partirá para Tsárskoe Seló e voltará à meia-noite. Passei toda a noite com raiva. Agradeço-te o envio das notícias e da correspondência. Que montão de papel! Será que foi ela que escreveu tudo isto? Aliás, tem estilo; obrigada; vejo que me amas. Não te zangues pelo que se passou ontem e vem amanhã, por amor de Deus.

A.

Piotr Ivánitch abre a segunda carta.

Piotr Ivánitch:

Nunca poria os pés em sua casa; o senhor perdeu o seu tempo ao sujar inutilmente o papel.

Na próxima semana parto para Simbirsk; ficará como seu inapreciável e amabilíssimo amigo o Evguéni Nikoláitch; desejo-lhe sorte; não se preocupe com as galochas.

No dia 17 de novembro, Ivan Petróvitch recebe, por correio urbano, duas cartas em seu nome. Ao abrir o primeiro sobrescrito, tira dele um bilhetinho escrito descuidada e apressadamente. A letra é a da sua mulher; está endereçado a Evguéni Nikoláitch, com data de 4 de agosto. Não há mais nada no sobrescrito. Ivan Petróvitch lê:

Adeus, adeus, Evguéni Nikoláitch! Que Deus o recompense também por isto. Seja feliz, já que a minha sorte é terrível: que medo! O Evguéni Nikoláitch é que quis assim. Se não fosse a minha tia, entregar-me-ia a si sem compromissos. Não se ria de mim nem da minha tia. É amanhã o casamento. A tia está contente por se ter encontrado para mim um bom homem que me aceita sem dote. Hoje, pela primeira vez, olhei para ele com atenção. Pareceu-me muito bondoso. Estão a apressar-me. Adeus, adeus, meu pombinho!! Lembre-se de mim de vez em quando; quanto a mim, nunca o esquecerei. Adeus. Assino esta última carta da mesma forma que assinei a primeira... lembra-se?

Tatiana.

Na segunda carta estava escrito o seguinte:

Ivan Petróvitch: amanhã receberá galochas novas; não tenho o hábito de surripiar nada dos bolsos alheios; também não gosto de apanhar bocados de papel nas ruas.

O Evguéni Nikoláitch parte num destes dias para Simbirsk, para tratar de assuntos do seu avô, e pediu-me para lhe arranjar um companheiro de viagem; o senhor não quererá sê-lo?

O SENHOR PROKHÁRTCHIN

Conto

No apartamento de Ustínia Fiodorovna, no mais escuro e modesto cantinho, alojava-se Semion Ivánovitch Prokhártchin, homem já de idade, sóbrio e de pensamento sensato. Como o senhor Prokhártchin, com a sua graduação baixinha, recebia um ordenado em plena correspondência com as suas capacidades de serviço, Ustínia Fiodorovna de maneira nenhuma podia levar-lhe mais do que cinco rublos de renda mensal. Havia quem dissesse que ela tinha nisso um interesse especial; fosse como fosse, o senhor Prokhártchin, como que para tirar vingança das más-línguas, tornou-se até o favorito da hospedeira, no sentido nobre e honesto deste título. É de notar que Ustínia Fiodorovna, senhora respeitável e corpulenta com inclinação especial para as iguarias dos dias gordos e o café, e que suportava a custo os períodos de abstinência, tinha vários inquilinos que lhe pagavam até ao dobro do que lhe pagava o Semion Ivánovitch, mas que, não sendo tão plácidos como ele mas, pelo contrário, «zombadores maldosos» da sua condição feminina e da sua orfandade indefesa, do primeiro ao último, perdiam muito na opinião da senhoria e, se não pagassem a renda, Ustínia Fiodorovna não só não os deixaria viver em sua casa como nem sequer os deixaria lá entrar. Quanto a Semion Ivánovitch, tornou-se favorito a partir do momento em que levaram para o cemitério de Vólkovo um homem viciado em bebidas fortes, reformado, ou, melhor dizendo, despedido. O viciado e despedido, embora andasse com um olho negro — por motivo da sua coragem, segundo as palavras do próprio — e tivesse só uma perna, por sinal partida, devido à sua coragem, conseguira ganhar e aproveitar toda a simpatia de que era capaz Ustínia Fiodorovna e, pelos vistos, viveria ainda muito tempo na qualidade de seu fiel comparsa e comensal se não se tivesse alcoolizado do modo mais profundo e deplorável. Tudo isto aconteceu ainda em Pesski, onde Ustínia Fiodorovna tinha apenas três inquilinos, dos quais apenas se trasladou o senhor Prokhártchin para o novo apartamento onde Ustínia Fiodorovna organizou o negócio em maior escala convidando cerca de uma dezena de novos inquilinos.

Fosse porque o senhor Prokhártchin tinha os seus defeitos inalienáveis, fosse porque os seus vizinhos também tinham, de *per se*, os mesmos

defeitos, o certo foi que as coisas, de ambos os lados, correram mal desde o princípio. Note-se que todos os novos inquilinos de Ustínia Fiodorovna, sem exclusão, conviviam como verdadeiros irmãos; alguns deles prestavam serviço nos mesmos departamentos; todos em geral, ora um, ora outro, no dia 1 de cada mês, perdiam os seus ordenados jogando entre eles à banca, à *préférence* e ao *buckspiel*⁴; numa hora de alegria, todos juntos, gostavam de se deleitar, como se dizia entre eles, com os momentos esfuziantes da vida; às vezes também gostavam de falar do sublime e, embora neste caso as coisas não se passassem sem discussões, a concórdia mútua não era violada porque os preconceitos não tinham ali cabimento. Entre os inquilinos, os mais notáveis eram: Mark Ivánovitch, um homem inteligente e letrado; o inquilino Oplevániev; o inquilino Prepolovenko, também um homem modesto e bom; depois havia um tal Zinóvi Prokofievitch, que tinha o firme objetivo de entrar na alta sociedade; finalmente, o escrivão Okeánov que, em determinada altura, por pouco não levava a palma a Semion Ivánovitch no respeitante ao favoritismo da senhoria; havia ainda mais um escrivão, o Sudbin; Kantariov, dos não-nobres; e ainda outros. Porém, Semion Ivánovitch não acamaradava com toda esta gente. É claro que ninguém lhe queria mal, já que todos, desde o início, souberam fazer justiça ao senhor Prokhártchin e decidiram, segundo as palavras de Mark Ivánovitch, que o Prepolovenko era um homem bom e calmo, se bem que não fosse mundano, um homem fiel, nada bajulador, que tinha sem dúvida os seus defeitos mas que, a arranjar algum sarilho, tal sucederia por mera falta de imaginação. Mais ainda: embora privado de imaginação, o senhor Prokhártchin era incapaz, por exemplo, de impressionar fosse quem fosse com a sua figura e com as suas maneiras, de modo vantajoso para si (coisas a que os zombeteiros gostam de se agarrar); por outro lado, a sua figura também não o prejudicava muito, até porque Mark Ivánovitch, um homem inteligente, assumira formalmente o papel de defensor de Semion Ivánovitch, tendo declarado de forma bastante feliz e num excelente floreio estilístico que Prokhártchin era um homem maduro e sisudo que havia muito remetera para o passado a sua idade das elegias. Portanto, se Semion Ivánovitch não sabia conviver com as pessoas, a culpa da situação era dele.

A primeira coisa que chamou a atenção foi sem dúvida a sua avareza. Todos repararam de imediato nessa sua característica e passaram a tê-la em linha de conta. Assim, Semion Ivánovitch era incapaz de emprestar o seu bule fosse a quem fosse, mesmo por um período de tempo mínimo, sem

qualquer razão para o fazer, aliás, já que ele próprio raramente tomava chá, preferindo em vez disso, quando sentia necessidade, uma infusão bastante agradável de flores do campo e ervas medicinais, mistura de que tinha sempre uma reserva considerável. Aliás, também se alimentava de maneira bastante diferente dos outros. Por exemplo, nunca se permitia comer um almoço completo dos que eram servidos, todos os dias, aos outros inquilinos por Ustínia Fiodorovna. O almoço custava cinquenta copeques, mas Semion Ivánovitch propusera-se gastar apenas vinte e cinco copeques e nunca ultrapassava este limite, optando por isso ou só pela sopa de repolho com pastel, ou só pela carne de vaca; a maioria das vezes, porém, não comia sopa nem carne, mas uma fatia razoável de pão branco com cebola, requeijão, pepino salgado e outras iguarias, o que era incomparavelmente mais barato, e apenas se virava para a sua meia dose de almoço quando sentia uma fome insuportável...

Aqui, o biógrafo reconhece que não se atreveria nunca a falar de pormenores tão insignificantes, baixos e até melindrosos — ou mesmo insultuosos para certos amantes do estilo nobre —, se em todos estes pormenores não residisse uma particularidade, um traço dominante do carácter do herói desta história; porque o senhor Prokhártchin até nem era assim tão necessitado como afirmava — longe disso —, ao ponto de não poder ter uma alimentação regular e suficiente; mas não a tinha, sem medo da vergonha e dos mexericos, para satisfazer os seus estranhos caprichos, por avareza e por cautela exagerada, o que, de resto, irá ficar claro mais adiante. Mas seremos prudentes para não aborrecermos o leitor com a descrição de todas as manias de Semion Ivánovitch, por isso não só omitiremos, por exemplo, a descrição decerto curiosa e engraçada para o leitor das suas roupas, mas também, se não fosse um depoimento da própria Ustínia Fiodorovna, não mencionaríamos sequer o facto de Semion Ivánovitch, durante toda a sua vida, nunca ter ousado entregar a sua roupa para lavar, ou o fazer tão raramente que nos intervalos era possível esquecer por completo que existia qualquer roupa no corpo de Semion Ivánovitch. Ora, no depoimento da senhoria constava que «o dito Semion Ivánovitch, coitado, que a sua alminha descanse em paz, infestou durante vinte anos o seu canto, desavergonhadamente, porque, durante a sua existência terrena, ele não só desprezava sempre e com teimosia tudo o que fossem lenços, meias e outros objetos semelhantes, mas ela própria, Ustínia Fiodorovna, com os seus próprios olhos, via através do biombo, dado o seu estado

decrépito, que ele, o pombinho, às vezes, coitado, nem tinha com que cobrir o corpinho». Estes rumores começaram a circular já depois da morte de Semion Ivánovitch. Ora, enquanto vivo (e aqui residia um dos principais pontos de discórdia), Semion Ivánovitch de modo nenhum admitia, apesar das relações de camaradagem reinantes, que alguém metesse o nariz curioso no seu canto, nem que fosse através do decrépito biombo. Era um homem intratável, taciturno e impossível de aliciar com falinhas mansas. Não gostava de conselheiros nem de metediços, mandando calar de imediato qualquer conselheiro metediço, cobrindo-o de vergonha. Dizia-lhe: «És um moncoso, um doidivanas, é isso; trata antes do teu bolso, moncoso, e conta antes de quantas tiras são feitas as tuas grevas, é isso!» Semion Ivánovitch era um homem simples e tratava por tu toda a gente. Também detestava que alguém, conhecendo o feitio dele, começasse, por provocação, a incomodá-lo com perguntas sobre o conteúdo do seu baú... Semion Ivánovitch tinha um baú. Este baú estava debaixo da sua cama e ele guardava-o como à menina dos olhos; e, embora toda a gente soubesse que no baú, além de uns trapos velhos, dois ou três pares de botas gastas e, de uma maneira geral, todo o género de lixo e tralha velha, não havia mais nada, o senhor Prokhártchin dava um alto valor aos seus bens, e ouviram-no mesmo dizer uma ocasião que, descontente com a velha mas sólida fechadura do baú, iria arranjar uma outra, de fabrico alemão, com vários truques e uma mola secreta. Ora, quando um dia Zinóvi Prokofievitch, levado pela sua levandade de jovem, exprimiu a ideia muito inconveniente e grosseira de que Semion Ivánovitch escondia no baú a herança para os seus descendentes, toda a gente presente ficou petrificada com as consequências extraordinárias que o procedimento de Zinóvi Prokofievitch teve. O senhor Prokhártchin, de início, não encontrou as expressões adequadas a ideia tão grosseira e nua. Durante muito tempo expeliu pela boca fora palavras sem sentido, tendo-se por fim percebido que Semion Ivánovitch, em primeiro lugar, censurava a Zinóvi Prokofievitch um caso perverso muito antigo; depois percebeu-se que Semion Ivánovitch predizia a Zinóvi Prokofievitch que este nunca entraria na alta sociedade, mas antes levaria uma sova do alfaiate a quem devia dinheiro porque o moncoso nunca mais pagava; e que «finalmente, tu, moncoso — acrescentou Semion Ivánovitch —, queres ser um *Junker* hussardo, mas nunca o serás, vais ficar de mãos a abanar, porque os chefes, quando souberem de tudo, moncoso, vão pôr-te em escritão, é isso, ouviste, moncoso?» Depois Semion Ivánovitch acalmou-se mas, após

cinco horas de reflexão em que se manteve deitado, como que ficou de novo com ideias e, para espanto de todos, falou primeiro sozinho e depois voltou-se de novo para Zinóvi Prokofievitch e recomeçou a invetivá-lo e a cobri-lo de vergonha; e nem assim deu o caso por encerrado, já que à noite, quando Mark Ivánovitch e Prepolovenko organizaram o chá, convidando também o escrivão Okeánov, Semion Ivánovitch levantou-se da sua cama, sentou-se de propósito junto deles, com o pretexto de que também lhe apetecia tomar chá, contribuindo para isso com os seus quinze ou vinte copeques, e retomou o tema com prolixidade, explicando aos outros que uma pessoa pobre era sempre uma pessoa pobre e nada mais do que isso, e que um pobre não tinha nada que poupar. Então, o senhor Prokhártchin chegou mesmo a confessar que ele próprio era pobre, já que calhava em conversa; que até, dois dias atrás, quisera pedir um rublo de empréstimo àquele jovem atrevido, mas que agora já não lho pediria para que o moncoso não se gabasse e tal, e que os ordenados eram uma miséria que nem davam para comer; e que, finalmente, ele, um homem pobre, tal como o viam ali, mandava todos os meses cinco rublos para a cidade de Tver, para a sua cunhada, e que se não mandasse esse dinheiro para Tver, para a cunhada, a cunhada morreria, e que se morresse a cunhada que ele alimentava, então, sim, ele, Semion Ivánovitch, mandaria fazer roupa nova... Tanto tempo e tão prolixamente falou Semion Ivánovitch do homem pobre que era, de rublos e da cunhada, repetindo constantemente as mesmas coisas para as meter bem nas cabeças dos ouvintes, que, por fim, se atrapalhou por completo e se calou; mas três dias depois, quando já todos se tinham esquecido dele e ninguém se lembrava de o provocar, acrescentou, como conclusão da sua conversa, qualquer coisa como: quando Zinóvi Prokofievitch, esse atrevido, se tornasse finalmente hussardo, cortar-lhe-iam uma perna na guerra e pôr-lhe-iam uma perna de pau; então, o Zinóvi Prokofievitch apareceria e diria: «Semion Ivánovitch, bom homem, dá-me uma fatia de pão!», mas Semion Ivánovitch não lhe daria pão nenhum e nem sequer olharia para Zinóvi Prokofievitch, esse desvairado; seriam assim mesmo — concluiu —, eles veriam.

Como era de esperar, toda esta conversa pareceu bastante curiosa a todos e, ao mesmo tempo, carregada de comicidade. Sem pensarem duas vezes, todos os inquilinos se uniram para, por pura curiosidade, aprofundarem a investigação da vida de Semion Ivánovitch, decidindo atacá-lo em bloco. Ora, como o senhor Prokhártchin, nos últimos tempos (desde que começou

a conviver mais com os outros), também ganhara o gosto de coscuvilhar toda a gente, de se mostrar curioso e querer saber da vida de todos (lá teria as suas razões secretas), os embates entre as duas partes beligerantes começaram sem qualquer aviso prévio e sem esforçados preparativos, mas como que por acaso e espontaneamente. Para meter conversa, Semion Ivánovitch tinha sempre de reserva a sua manobra especial, aliás sofisticada, que o leitor já conhece em parte: levantava-se da cama mais ou menos à hora do chá e, se via alguém a juntar-se para preparar o samovar, pagava os vinte copeques da praxe e declarava que também queria entrar no bródio. Os jovens, então, piscavam os olhos uns aos outros e, entrando deste jeito em conspiração contra Semion Ivánovitch, encetavam uma conversa que, de início, era muito decorosa e séria. Depois, um deles, disfarçando as segundas intenções, punha-se a contar coisas e loisas, como que por acaso, a maioria delas mentiras pegadas sobre assuntos perfeitamente inverosímeis. Alguém, por exemplo, teria ouvido falar do que dissera sua excelência ao próprio Demid Vassilievitch: que, na sua opinião, os funcionários casados eram mais importantes do que os solteiros e mais adequados para a promoção, já que eram submissos e, na vida matrimonial, tinham adquirido mais capacidades, e que por isso ele, ou seja, o narrador, para que lhe fosse mais fácil destacar-se e subir na hierarquia, tencionava casar-se o mais depressa possível com uma tal Fevrónia Prokofievna. Ou ainda, por exemplo, que tinha sido notado, por mais de uma vez, que alguns colegas funcionários não davam mostras de quaisquer maneiras mundanas nem de modos agradáveis, não podendo, conseqüentemente, agradar às senhoras em sociedade, pelo que, para erradicar semelhante prevaricação, lhes iria ser retido o ordenado e, com o dinheiro assim obtido, seria aberto um salão onde ensinariam dança e todas as prendas da nobreza e as regras de cortesia e delicadeza, o respeito pelos superiores, o carácter forte, o coração bondoso e grato, as boas maneiras. Ou ainda que estava prestes a sair o decreto ordenando que alguns funcionários, a partir dos mais antigos, se tornassem de imediato cultos, tendo de fazer um exame qualquer em todas as matérias e que, deste modo (acrescentava o narrador), muita coisa seria desmascarada e alguns senhores teriam de mostrar o seu jogo; enfim, atoardas absurdas como estas, ou parecidas, eram contadas aos milhares. Toda a gente fingia acreditar, mostrava interesse, fazia perguntas, imaginando como se passariam as coisas com eles próprios, e alguns, tomando um ar triste, começavam a abanar as cabeças e a pedir conselho

sobre o que deveriam fazer se por ventura fossem atingidos. É evidente que mesmo um homem muito menos bondoso e crédulo do que o senhor Prokhártchin se teria confundido e embaraçado ao ouvir estas atoardas. Além disso, o senhor Prokhártchin dava todas as mostras de ser extremamente lorpa e lento de raciocínio, com dificuldade em compreender tudo o que fosse novo e insólito para a sua cabeça; assim, qualquer novidade obrigava-o sempre a um grande trabalho de mastigação e digestão, digamos, de procura do seu sentido, de atrapalhações e confusões antes de finalmente perceber, e, mesmo assim, de maneira muito específica, muito própria dele e apenas dele... Foi assim que se descobriram muitas características curiosas de Semion Ivánovitch, até então ignoradas por todos... Começaram os rumores e as conversas, e isso tudo, com os respectivos acrescentos, chegou por vias sinuosas à repartição de Semion Ivánovitch. Contribuiu também para isto o facto de o senhor Prokhártchin, que desde tempos imemoriais arvorava sempre a mesma cara, ter mudado subitamente de fisionomia, assim sem mais nem menos: notava-se-lhe mais inquietação no rosto, os seus olhares eram assustadiços, tímidos e um pouco desconfiados; começou a andar com muitas cautelas, a estremecer, a apurar o ouvido para tudo; e, para completar as suas novas características, adquiriu um grande gosto pela busca da verdade. Levou o seu novo amor pela verdade até um ponto tal que arriscou, por duas vezes, perguntar ao próprio Demid Vassilievitch sobre a veracidade das dezenas de notícias que foi recebendo todos os dias; e se aqui silenciarmos as consequências deste atrevimento de Semion Ivánovitch, fazemo-lo exclusivamente por compaixão cordial pelo seu bom nome. Foi por esta via que se chegou à conclusão geral de que o senhor Prokhártchin era um misantropo que menosprezava as conveniências sociais. Considerou-se, a seguir, que havia nele muito de fantástico, e nisso também as pessoas de modo nenhum se enganaram, até porque, por vezes, notava-se que Semion Ivánovitch caía em torpor e, sentado com a boca aberta e a pena no ar, como que hirto e petrificado, se assemelhava mais à sombra do ser razoável do que ao próprio ser razoável. Acontecia muitas vezes que alguém, numa distração inocente, apanhando-lhe o olhar fugidio, turvo e algo ansioso, se assustava, se intimidava e logo fazia um borrão no papel ou escrevia uma palavra perfeitamente descabida. A falta de decoro no comportamento de Semion Ivánovitch confundia as pessoas verdadeiramente dignas, era uma ofensa para elas... Por fim, as pessoas deixaram em definitivo de duvidar das

tendências fantásticas que grassavam na cabeça de Semion Ivánovitch quando, numa bela manhã, correu por toda a repartição o rumor de que o senhor Prokhártchin assustara o próprio Demid Vassilievitch porque este, ao ter-se cruzado com ele no corredor, lhe captou um ar tão estranho e extravagante que se viu obrigado a recuar... A falta cometida por Semion Ivánovitch chegou, finalmente, aos ouvidos do próprio Semion Ivánovitch. Mal soube, levantou-se de imediato, passou cuidadosamente por entre cadeiras e secretárias, chegou ao vestíbulo, ele próprio tirou o seu capote, vestiu-o, saiu — e desapareceu por tempo indefinido. Se se intimidou até esse ponto, se foi abalado por qualquer outra coisa — isso não sabemos, mas, durante algum tempo, ninguém lhe pôs a vista em cima, nem em casa, nem na repartição...

O destino de Semion Ivánovitch não será aqui explicado diretamente pelas suas tendências para a fantasia; não poderemos, no entanto, deixar de mencionar ao leitor que o nosso herói não era um homem mundano, era pacato e, até ao momento em que entrou em camaradagem com os colocatários, vivia numa solidão fechada, impenetrável, distinguindo-se pelo acanhamento e por um caráter como que misterioso, a ponto de, nos seus últimos tempos em Pesski ficar deitado na cama atrás do biombo, calado, sem o mínimo de convivência com ninguém. Os dois antigos inquilinos de Pesski viviam da mesmíssima maneira que Semion Ivánovitch: ambos tinham a mesma aura de mistério e também passaram quinze anos deitados atrás dos biombos. Num silêncio patriarcal, os dias e as horas felizes rastejavam uns atrás dos outros, modorrentos, e como tudo à volta também andava em boa ordem e sequência, nem Semion Ivánovitch nem Ustínia Fiodorovna se lembravam bem de quando se tinham conhecido. «Talvez há dez anos, talvez há quinze, ou mesmo há vinte e cinco — dizia ela aos seus novos inquilinos — que ele, o pombinho, se instalou em minha casa, que Deus lhe aqueça a alma.» Por isso era perfeitamente natural que o nosso herói, nada habituado à vida em sociedade, ficasse desagradavelmente espantado quando, um ano atrás, se viu de repente, ele que era tão sério e modesto, no meio de uma chusma barulhenta e irrequieta de uma dezena de jovens, seus novos vizinhos e companheiros.

O desaparecimento de Semion Ivánovitch causou muito burburinho nos quartos alugados. Primeiro, porque era o favorito; segundo, porque o seu passaporte, desde sempre guardado pela senhoria, se verificou perdido.

Ustínia Fiodorovna uivou, prática a que recorria sempre nas situações críticas; durante dois dias seguidos invetivou, descompôs os inquilinos; lamuriava-se dizendo que tinham mortificado o seu inquilino, que o tinham perseguido como a um frango e que tinham sido os «zombeteiros maldosos» que tinham dado cabo dele; assim, ao terceiro dia, mandou toda a gente procurar e encontrar o foragido custasse o que custasse, vivo ou morto. À noite, o primeiro a voltar foi o escrivão Sudbin que informou ter sido encontrada uma pista, que vira o foragido na feira da ladra e noutros sítios, que caminhou atrás dele, que esteve perto dele, mas não se tinha atrevido a falar com ele, e que também o vira de perto no incêndio que deflagrara num prédio da ruela Krivói. Meia hora depois chegaram Okeánov e Kantariov (o que não era nobre) e confirmaram todas as palavras de Sudbin: também estiveram perto do homem, muito perto, a dez passos, mas também não se atreveram a dirigir-lhe a palavra, mas repararam ambos que Semion Ivánovitch andava acompanhado por um pedincha bêbado. Chegaram por fim os restantes inquilinos e, depois de ouvirem tudo com atenção, concluíram que Prokhártchin não devia estar longe e não tardaria a chegar, acrescentando que já antes sabiam que ele andava na companhia de um pedinte bêbado. O tal pedinte era um homem que não prestava para nada, desordeiro e bajulador, e tudo indicava que já tinha aliciado Semion Ivánovitch. Este homem tinha aparecido uma semana antes do desaparecimento de Semion Ivánovitch, juntamente com o seu amigalhaço Remniov, e vivera algum tempo num cantinho; contava que «sofia pela verdade», que antes prestava serviço na administração distrital e que lhe calhara um determinado inspetor assim e assim e que ele e os colegas tinham sido prejudicados, de certo modo, pela verdade, e que, depois disso, chegara a Petersburgo e se rojara aos pés de Porfíri Grigorievitch e lhe tinham dado nova colocação, numa repartição, a pedido do seu protetor, mas que, perseguido cruelmente pelo destino, também tinha sido despedido por motivo de reestruturação do serviço e liquidação da própria repartição; não fora readmitido no novo quadro de pessoal, tanto por inépcia dos serviços como pela sua capacidade para algo bem diferente do serviço, e que, em conjunto com tudo isso, por causa do seu amor pela verdade e por causa das intrigas dos inimigos. Acabando de contar esta história, durante a qual o pedincha senhor Zimovéikin beijava repetidamente Remniov, o seu amigo severo e com a barba por fazer, curvou-se em vénias até ao chão diante de todos os que estavam na sala, um a um, incluindo diante da criada

Avdótia, chamou a todos de seus benfeitores e explicou que era um homem indigno, impertinente, ignóbil, desordeiro e estúpido, mas que não lhe guardassem rancor no seu infortúnio e na sua insignificância. Conseguida a proteção dos da casa, o senhor Zimovéikin mostrou-se um homem divertido e, contentíssimo da vida, beijava as mãos de Ustínia Fiodorovna, apesar das modestas afirmações desta de que as suas mãos eram plebeias, não fidalgas; o homem prometeu também que, à noite, mostraria a toda a sociedade ali presente o seu talento: uma dança notável e característica. Porém, no dia seguinte, as coisas tiveram um desfecho deplorável para ele. Fosse porque a dança característica se revelou característica de mais, fosse porque «cobriu de vergonha e aldrabou» Ustínia Fiodorovna (palavras da própria), «a ela, que conhecia o próprio Iaroslav Iliitch e que, se quisesse, poderia muito bem ser esposa de oficial subalterno», o certo foi que obrigaram Zimovéikin a desamparar a loja. Foi-se embora mas voltou, mais uma vez foi expulso com infâmia; logrou então captar a confiança de Semion Ivánovitch, e também a sua atenção e os seus favores, privando-o, de passagem, de umas calças de montar novas, acabando então por voltar mais uma vez, desta feita na qualidade de sedutor de Semion Ivánovitch.

Mal a senhoria soube que Semion Ivánovitch estava são e salvo, e que já não era preciso procurar o passaporte, deixou logo de se amargar e ficou disposta a acalmar-se. Entretanto, alguns inquilinos decidiram fazer uma recepção solene ao fugitivo: rebentaram com a tranqueta e afastaram o biombo da cama do desaparecido, amarrotaram um pouco a roupa da cama, pegaram no famoso baú, mudaram-no para os pés da cama e puseram nesta a cunhada, isto é, uma boneca feita com o xaile velho, a touca e o roupão da senhoria, com tanta parecença com a cunhada que era fácil qualquer um enganar-se. Acabado o trabalho, ficaram à espera, com a intenção de anunciar a Semion Ivánovitch, quando entrasse, que chegara a sua cunhada da província e, coitada, se instalara no cantinho dele, por trás do biombo. Mas bem se fartaram de esperar... Durante a espera, já Mark Ivánovitch tinha perdido às cartas o ordenado de meio mês a favor de Prepolovenko e de Kantariov; já todo o nariz de Okeánov inchara e ficara vermelho por flagelação como pagamento das suas perdas ao jogo; já a criada Avdótia dormira quase o suficiente e por duas vezes se quis levantar e ir buscar lenha para aquecer o fogão; já o Zinóvi Prokofievitch se encharcara até aos ossos por estar a sair a cada instante de casa para perguntar por Semion Ivánovitch — e não aparecia ninguém, nem Semion Ivánovitch nem o

pedincha bêbado. Finalmente, toda a gente se foi deitar, deixando a cunhada atrás do biombo para o que desse e viesse. Apenas às quatro da madrugada se ouviu bater ao portão, mas com tanta força que recompensou cabalmente toda a gente pelos esforços da espera... Era ele, o Semion Ivánovitch em pessoa, o Prokhártchin, mas num preparo tal que todos ficaram pasmados e nem sequer se lembraram da cunhada. O desaparecido apareceu sem dar acordo de si. Foi conduzido, ou melhor, carregado aos ombros pelo cocheiro noturno esfarrapado, encharcado e cheio de frio. À pergunta da senhoria sobre o sítio onde o desgraçado se emborrachara daquela maneira, o cocheiro respondeu: «Não está borracho, não levou uma gota aos lábios, garanto eu... Ele, pura e simplesmente, desmaiou, ou ficou sem ação, foi qualquer coisa que o atingiu em cheio, sei lá, um ar de vento.» Começaram a observá-lo, apoiando-o contra o fogão, para dar mais jeito, e viram que, de facto, não havia sinais de álcool no homem, nem de ar de vento, mas que a desgraça era outra, já que Semion Ivánovitch nem sequer mexia a língua e, como se estivesse a ser sacudido por convulsões, apenas pestanejava, fitando os olhos perplexos ora num, ora noutro espectador trajado à moda noturna. Perguntou-se ao cocheiro: onde o encontraram? «Ora bem, foi em Kolomna — respondeu ele —, aquilo era não sei quem, senhores parece que não eram, mas divertidos; entregaram-mo assim, parece que ele tinha andado à pancada ou não sei quê, ou que lhe deu uma câibra, só Deus sabe o que é que foi; mas eram boas pessoas, divertidos!» Pegaram em Semion Ivánovitch, levantaram-no em dois pares de ombros robustos e levaram-no para a cama. Ora, quando Semion Ivánovitch, ao ser instalado na cama, sentiu debaixo de si a cunhada e encostou os pés no seu precioso baú, soltou um grito louco, sentou-se quase de cócoras e, todo a tremer, abarcou com os braços todo o espaço da sua cama, ao mesmo tempo que passava o olhar trémulo mas estranhamente resoluto por todos os presentes, como que a querer dizer que antes morreria do que cederia a alguém nem que fosse uma centésima parte dos seus miseráveis bens...

Semion Ivánovitch permaneceu dois ou três dias no seu canto, rodeado de biombos apertados firmemente uns aos outros, separado deste jeito de todas as emoções inúteis deste mundo de Deus. Como é natural, no dia seguinte todos se esqueceram dele; o tempo, entretanto, voava, as horas sucediam-se às horas, os dias aos dias. Uma meia sonolência e um meio delírio oprimiam a cabeça pesada e quente do enfermo, mas ele deixava-se estar deitado, quieto, sem gemer nem se queixar; pelo contrário, parecia ter

perdido a voz e, sempre calado, aguentava-se, acachapado como uma lebre que sente o caçador e se cose ao chão com medo. De vez em quando caía em casa um silêncio longo, triste — sinal de que todos os inquilinos tinham saído para ir trabalhar — e Semion Ivánovitch, acordado, podia distrair à vontade a sua angústia escutando os barulhos próximos, na cozinha, onde a senhoria se atarefava, ou o compassado arrastar dos sapatos gastos da criada Avdótia quando ela, no meio dos seus «oh!», arrumava os quartos e esfregava e lavava em todos os cantos. Horas a fio se passavam desta maneira, modorrentas, preguiçosas, sonolentas, enfadonhas, como a água que corria na cozinha, sonora e compassada, da banca para a selha. Depois voltavam os inquilinos, um a um ou em grupos, e Semion Ivánovitch, no conforto do seu canto, ouvia como eles descompunham o mau tempo, como se queixavam de que tinham fome, como faziam barulho, fumavam, discutiam, faziam as pazes, jogavam às cartas e tilintavam com as chávenas, preparando-se para tomar chá. Semion Ivánovitch, maquinalmente, fazia esforços para se levantar, queria juntar-se a eles e, de forma legal, participar na preparação da bebida, mas logo caía em modorra e sonhava que já estava sentado à mesa com eles havia muito, que conversava com eles, e que Zinóvi Prokofievitch até já tinha aproveitado a ocasião para formular um projecto relativo a cunhadas e à atitude moral da gente de bem para com elas. Neste ponto, Semion Ivánovitch tentou justificar-se e objetar; porém, a frase «foi notado muitas vezes», poderosa e formal, pronunciada em uníssonos por todos, fez cessar de vez todas as objeções dele, e Semion Ivánovitch não foi capaz de inventar mais nada que não fosse sonhar que era o dia 1 e que recebia os seus rublos na repartição. Ao desdobrar o papelinho nas escadas, olhou rapidamente à sua volta e apressou-se a separar metade da recompensa legal e a escondê-la dentro da bota; depois, ainda nas escadas (nem atentava em que estava na sua cama a sonhar), decidiu que, mal chegasse a casa, pagaria de imediato os seus comes e bebes à simplória da senhoria, e que, depois, iria comprar o necessário, mostrando assim às pessoas que não lhe sobrara quase nada (fingindo que tal acontecera sem intenção, sem ele querer), que lhe tinham descontado umas coisas e ficara quase sem nada para ele e que já não tinha dinheiro para mandar à cunhada; assim, teria azo para lamentar a situação da cunhada, para falar muito dela no dia seguinte, e no outro dia também, e dez dias depois repetir, de passagem, a conversa sobre a miséria da cunhada, para que os companheiros não esquecessem. Tomada esta decisão, viu que

também o Andrei Efímovitch, aquele homenzinho careca e pequenito, sempre taciturno, que trabalhava na repartição à distância de três salas de Semion Ivánovitch e com quem não trocara uma só palavra em vinte anos, estava nas escadas a contar também os seus rublos de prata e que, depois de sacudir a cabeça, lhe disse: «Dinheirinho! Sem dinheiro não há papas — acrescentou severamente e, descendo as escadas, já à saída, concluiu: — é que eu, meu caro senhor, tenho sete bocas para alimentar.» Então, o pequenitates careca, também sem reparar, pelos vistos, que agia como um fantasma e não no real, pôs a mão a um côvado do chão e, traçando com ela uma linha descendente, murmurou que o filho mais velho andava no colégio; depois, lançando um olhar indignado a Semion Ivánovitch, como se a culpa de ele ter sete filhos fosse precisamente do senhor Prokhártchin, enfiou o seu chapeuzinho até aos olhos, sacudiu o capote, virou-se para a esquerda e desapareceu. Semion Ivánovitch assustou-se muito e, embora estivesse absolutamente convencido de não ser culpado da desagradável acumulação de sete bocas debaixo do mesmo teto, parece que se verificava mesmo que a culpa era de Semion Ivánovitch e de mais ninguém. Assustado, desatou a correr porque tinha a sensação de que o senhor careca voltara e queria revistá-lo para lhe tirar o pagamento, baseando-se no seu inalienável número sete e negando com firmeza qualquer ligação possível de Semion Ivánovitch com cunhadas, fossem elas quais fossem. O senhor Prokhártchin corria, corria, ofegava... A seu lado corriam numerosos funcionários, todos eles com o dinheiro do pagamento a tilintar nos bolsos de trás das casacas apertadinhas; por fim, todo o povo se pôs em fuga, soaram as trombetas dos bombeiros e as ondas de povo levaram-no quase em ombros para aquele último incêndio a que ele assistira com o pedincha bêbado. O bebedolas — ou seja, o senhor Zimovéikin — já lá estava e foi ao encontro de Semion Ivánovitch, muito afobado, pegou-lhe na mão e levou-o para dentro da multidão compacta. Tal como daquela vez, barulhava, rumorejava à volta deles uma multidão infinita, inundando toda a marginal do rio Fontanka entre duas pontes e todas as ruas e ruelas vizinhas; tal como daquela vez, Semion Ivánovitch, juntamente com o bebedolas, foi levado pela multidão para um tapume contra o qual eles foram apertados, como entre tenazes, num enorme terreiro de lenha armazenada cheios de mirones afluídos das ruas da feira da ladra e de todos os prédios, restaurantes e tabernas vizinhos. Semion Ivánovitch via tudo como daquela vez e tinha os mesmos sentimentos que tivera daquela vez;

no turbilhão da febre delirante começaram a relancear-lhe diante dos olhos várias caras estranhas. Lembrou-se de algumas. Uma era a daquele senhor que impunha um respeito mútuo a toda a gente, um senhor com uma braça de estatura e um bigode de côvado que, durante o incêndio, estava atrás das costas de Semion Ivánovitch e o incentivava aí de trás quando o nosso herói, sentindo por sua vez uma espécie de entusiasmo, começou a bater com os pés no chão como se desejasse, deste modo, aplaudir o trabalho brioso dos bombeiros que via muito bem do seu lugar elevado. Outro era aquele rapazola robusto de quem o nosso herói levou um soco na nuca como forma de ajuda para subir a outro tapume, quando Semion Ivánovitch se preparava para o escalar e assim, quem sabe, salvar alguém. Também lhe passou diante dos olhos a figura daquele velho com cara hemorroidal, de roupão decrépito forrado de algodão e cingido com qualquer coisa, e que, antes do incêndio se ausentara de casa para comprar tostas e tabaco para o seu inquilino e que agora, com uma leiteira e um embrulho nas mãos, tentava furar através da multidão para ir para casa onde estavam a arder a mulher, a filha e trinta rublos e cinquenta copeques metidos debaixo do colchão, num canto. Mas a mais nítida aparição era a daquela campônia, uma pobre pecadora, com quem ele já por várias vezes delirara durante a sua doença: de alparcatas, bordão, um saco trançado a tiracolo, vestida de andrajos. Essa mulher vociferava mais alto do que o povo e os bombeiros, brandia a muleta e os punhos, gritando que os seus próprios filhos a tinham corrido de qualquer lado e que, nessa ocasião, tinham desaparecido também duas moedas de cinco copeques. Os filhos e as moedas, as moedas e os filhos giravam-lhe na língua num incoerente e profundo absurdo que as pessoas, depois de esforços inúteis, desistiam de compreender; mas a mulher não se calava, berrava, uivava, abanava as mãos, sem prestar qualquer atenção ao incêndio para que fora arrastada pelo povo da rua, nem às pessoas à volta dela, nem à desgraça alheia, nem sequer às brasas e faúlhas que já começavam a cair sobre o povo reunido. Por fim, o senhor Prokhártchin começou a sentir-se dominado pelo pavor, porque via claramente que tudo aquilo não acontecia por acaso e que ia acabar mal para ele. Efetivamente, perto dele trepou para cima de uma rima de lenha um mujique qualquer, de *armiak*⁵ roto, sem cinto, com o cabelo e a barba queimados, e começou a incitar todo o povo contra Semion Ivánovitch. A multidão tornava-se mais densa, o mujique não parava de gritar, e o senhor Prokhártchin, hirtado de medo, lembrou-se de repente que o mujique era

aquele cocheiro aldrabado por ele cinco anos atrás, de forma desumana, ao escapar-se dele sem pagar, metendo pelo arco de um prédio e correndo tanto e levantando tão alto os calcanhares como se fugisse descalço por cima de uma chapa em brasa. O desesperado senhor Prokhártchin queria falar, gritar mas a voz não lhe saía. Era como se toda a multidão enfurecida o envolvesse como uma cobra multicor, o apertasse, o estrangulasse. Fez um esforço sobre-humano e acordou. Nisto, viu que estava a arder, que todo o seu canto ardia, os biombos, todo o apartamento, e com ele ardiam Ustínia Fiodorovna e todos os inquilinos, ardiam a cama, a almofada, o cobertor, o baú e, finalmente, o seu precioso colchão. Semion Ivánovitch saltou da cama, agarrou o colchão e, arrastando-o, deitou a correr. Irrompendo no quarto da senhoria tal como estava, sem decoro, descalço e de camisa, agarraram-no, torceram-lhe os braços e levaram-no de volta para trás dos biombos, que, aliás, não estavam a arder, o que ardia era a cabeça de Semion Ivánovitch, e deitaram-no na cama. Foi tudo tal qual o artista tocador de realejo, maltrapilho, severo e com a barba por fazer que arruma na sua arca de viagem o seu polichinelo que se desvairou, deu uma sova a toda a gente, vendeu a alma ao Diabo e termina a sua existência na arca ao lado do mesmo Diabo, dos negros, de Pedrolino, de *Mademoiselle* Katarina e seu feliz amante, o capitão.

Toda a gente rodeou de imediato Semion Ivánovitch, velhos e novos, pondo-se em volta da sua cama e fixando nele os olhos cheios de expectativa. Entretanto, ele voltou a si, mas, fosse por pudor, fosse por qualquer outra razão, pôs-se a puxar o cobertor para si com toda a força, para se cobrir, querendo pelos vistos esconder-se ali debaixo da atenção e da simpatia dos companheiros. O primeiro a quebrar finalmente o silêncio foi Mark Ivánovitch e, como homem inteligente que era, começou a dizer com muito carinho que Semion Ivánovitch tinha de se acalmar, que era repugnante e vergonhoso estar doente, que só as crianças pequenas se comportavam assim, que tinha de convalescer e, depois, voltar para o serviço. Mark Ivánovitch terminou o discurso com uma advertência risonha: de acordo com o regulamento, quem desse parte de doente não tinha direito a ordenado, e a compensação, nos escalões mais baixos, na sua opinião não dava grandes vantagens. Enfim, via-se que toda a gente se preocupava de verdade com o destino de Semion Ivánovitch e mostrava grande compaixão por ele. O homem, porém, com uma grosseria incompreensível, continuava prostrado na cama, calava-se e puxava o

cobertor para cima de si cada vez mais. Mark Ivánovitch não se dava por vencido e, a contragosto, voltou a dizer mais qualquer coisa melíflua a Semion Ivánovitch, sabendo que era assim que se devia tratar os doentes; mas Semion Ivánovitch nem queria cheirá-lo; pelo contrário, mugiu qualquer coisa entre dentes, com um ar muito desconfiado e, de repente, começou a deitar olhares esconsos para a direita e para a esquerda, de uma maneira muito antipática, parecendo querer reduzir a cinzas todos os que lhe manifestavam simpatia. Já que era assim, valia a pena desistir por delicadeza: Mark Ivánovitch, vendo que o homem jurara a si mesmo teimar, sentiu-se ofendido e disse-lhe, definitivamente zangado, sem rodeios melífluos, que eram horas de ele se levantar, que não podia continuar a aquecer a cama, que gritar dia e noite sobre incêndios, cunhadas, bêbados, fechaduras, baús e sabe-se lá que mais era estúpido, inconveniente e insultuoso da parte de Semion Ivánovitch, e, se não queria dormir, era com ele, mas que não impedisse os outros de o fazer e que, finalmente, tinha de tomar tudo isso em consideração. O discurso de Mark Ivánovitch produziu o seu efeito, já que Semion Ivánovitch, voltando-se de imediato para o orador, declarou-lhe com firmeza, embora numa voz ainda fraca e rouca: «Cala-te, moncoso! És um fala-barato, um blasfemo! Não passas de um tacho de bota, estás a ouvir? Não és nenhum príncipe! Estás a perceber?» Ouvindo isto, Mark Ivánovitch esteve a ponto de explodir, mas lembrou-se de que estava a lidar com um doente e, generoso, deixou de se ofender e tentou chamá-lo à razão; mas de novo falhou porque Semion Ivánovitch lhe fez logo a observação de que não permitiria que Mark Ivánovitch brincasse com ele, apesar de ter composto um poema. Seguiu-se um silêncio de dois minutos; por fim, refeito do pasmo, Mark Ivánovitch declarou frontal, clara e muito eloquentemente, e também com certa firmeza, que Semion Ivánovitch tinha de saber que estava entre pessoas nobres e que «o excelentíssimo senhor tinha de perceber como devia ser tratada uma pessoa nobre». Havia ocasiões em que Mark Ivánovitch sabia mesmo exprimir-se com eloquência e impor respeito aos seus ouvintes. Por seu lado, Semion Ivánovitch, talvez pelo hábito de longa data de estar calado, falava e agia de maneira entrecortada, e então, quando a frase era comprida e à medida que se aprofundava nela, parecia que uma palavra logo gerava outra, e esta uma terceira, e a terceira uma quarta, palavras essas que se lhe iam acumulando na boca e lhe irritavam a garganta, acabando finalmente por ser despejadas numa desordem muito pitoresca. Era por isso que Semion Ivánovitch,

embora fosse um homem inteligente, dizia por vezes disparates incríveis. «Mentes, rapazola estroina! — respondeu desta vez. — Espera lá que ainda há de acabar a estender a mão à caridade por amor de Deus; és um livre-pensador, um depravado; ora toma lá, seu versificador!»

— Ainda está a delirar, Semion Ivánovitch?

— Ouve lá — respondeu Semion Ivánovitch —, delirar é para os parvos, para os bebedolas, para os cães; sábio é quem serve a sensatez. Ouve lá, não sabes nada de sério, seu depravado, seu letrado, seu livro escrito! Mas espera-lhe pela volta que vais ficar calcinado, nem vais reparar que perdeste a cabeça no fogo, ouviste a história?

— Pois... ou seja, como é que... como é que o Semion Ivánovitch diz?... O que é isso de perder a cabeça no fogo?...

Mark Ivánovitch nem acabou de falar porque viu claramente, como todos viram, que Semion Ivánovitch ainda não estava em sua perfeita consciência, ainda delirava. A senhoria, porém, assim não entendeu e observou que, uns dias atrás, ardera uma casa da ruela Krivói por culpa da criada careca; que havia lá uma criada careca; que acendera uma vela e deitara fogo à cave; mas que em casa dela, Ustínia Fiodorovna, nada de semelhante aconteceria, toda a gente estava a salvo nos respetivos quartos.

— Oiça, Semion Ivánovitch! — gritou Zinóvi Prokofievitch, fora de si, interrompendo a senhoria. — O senhor, Semion Ivánovitch, é um homem antiquado e simplório e, neste momento, acha que estão a gozar consigo com isso da sua cunhada, de ser obrigado a fazer exame de dança na função pública, etc.? É isso? É isso o que o senhor pensa?

— Ouve agora tu — respondeu o nosso herói, juntando as últimas forças e soerguendo-se na cama, já definitivamente enraivecido com tanta mostra de simpatia dos seus colocatários. — Quem é aqui o bobo? O bobo és tu, o cão é bobo, mas eu não vou dançar às tuas ordens. Ouviste, moncoso, não sou teu criado!

Semion Ivánovitch ainda quis dizer mais, mas não conseguiu, afundou-se sem forças na cama. Os simpáticos companheiros ficaram perplexos e, boquiabertos, compreenderam enfim o que pisara os calos de Semion Ivánovitch, mas não sabiam como abordar o problema; de repente, a porta da cozinha rangeu, abriu-se e assomou por ela, timidamente, a cabeça do compincha bebedolas — ou seja, do senhor Zimovéikin —, farejando o terreno com cautela, como era seu hábito. De resto, parecia até que o esperavam com impaciência: começaram todos a abanar as mãos para ele,

convidando-o a entrar depressa, e o senhor Zimovéikin, contentíssimo, sem tirar o capote, passou por entre eles com prontidão e dirigiu-se à cama de Semion Ivánovitch.

Via-se logo que o senhor Zimovéikin passara toda a noite em branco e em tarefas importantes. Tinha um emplastro colado na face direita; as pálpebras inchadas supuravam; a casaca, assim como o resto do fato, estavam rotos, todo o lado esquerdo do seu vestuário parecia ter sido borrifado com qualquer coisa nojenta, talvez a lama de um charco. Transportava debaixo do braço o violino de alguém, para vender. Os companheiros do senhor Prokhártchin não se tinham enganado ao recorrerem à ajuda de Zimovéikin, já que este, ao saber do que se tratava, se dirigiu de imediato ao desvairado Semion Ivánovitch com ar de quem tinha ascendente sobre ele e, pelos vistos, conhecia um qualquer truque para o dominar. Disse-lhe: «Então, Senka? Levanta-te! Anda lá, Senka Prokhártchin, meu sábio, serve a sensatez! Senão arranco-te da cama à força, vê lá, não teimes comigo!» Este discurso, breve mas forte, espantou a assistência; mais espantada ficou ainda a assistência quando reparou que Semion Ivánovitch, ouvindo uma coisa daquelas e vendo à sua frente uma personalidade daquelas, ficou tão aturdido, embaraçado e tímido que só teve forças para balbuciar entre dentes a objeção necessária: «Vai-te embora, desgraçado! — disse. — Desgraçado, ladrão! Percebeste? És o ás, meu príncipe, és um homem de ás!»

— Não, meu amigo — respondeu Zimovéikin, arrastando as palavras e mantendo todo o domínio de si —, assim não está bem, amigo sábio Prokhártchin, raça de Prokhártchin! — continuou Zimovéikin, parodiando um pouco Semion Ivánovitch e olhando com prazer à sua volta. — Não teimes comigo! Resigna-te, Sénia, resigna-te, senão denuncio-te, conto tudo, meu amigo, ouviste?

Pareceu que Semion Ivánovitch compreendeu tudo porque estremeceu ao ouvir o final da admoestação e, com um ar abismado, logo se pôs a olhar à volta muito depressa. Contento com o efeito, o senhor Zimovéikin já ia continuar, mas Mark Ivánovitch cortou-lhe cerce o afinco e, aguardando até que Semion Ivánovitch se aquietasse, se acanhasse e quase se acalmasse, começou, sensata e prolixamente, a perorar para o doente: «Alimentar aquelas ideias que tinha na cabeça era, em primeiro lugar, inútil; em segundo lugar, não só era inútil como também era prejudicial; por último, não só era prejudicial como era, ainda mais, imoral; concluindo, a causa era

que Semion Ivánovitch estava a arrastar toda a gente para a tentação e a dar um mau exemplo.» Toda a gente esperava deste discurso um efeito razoável, até porque Semion Ivánovitch se mantinha agora muito quieto e objetava com moderação. Começou então uma discussão modesta. Foi perguntado a Semion Ivánovitch, em tom fraternal, por que razão se intimidara. Semion Ivánovitch respondeu, mas alegoricamente. Replicaram-lhe, Semion Ivánovitch replicou à réplica. Replicaram-se ainda mutuamente mais uma vez, depois intrometeram-se todos, velhos e novos, porque a conversa enveredou bruscamente por uma matéria tão estranha e extraordinária que ninguém fazia a mínima ideia de como exprimir o que era preciso exprimir. A discussão, por fim, atingiu as raias da impaciência, da impaciência passou aos gritos, dos gritos às lágrimas, a ponto de Mark Ivánovitch, enfurecido, espumando da boca, se ter afastado e declarado que nunca antes conhecera um teimoso como aquele. Oplevániev cuspiu, Okeánov assustou-se, Zinóvi Prokofievitch verteu uma lágrima; quanto a Ustínia Fiodorovna, desfez-se em uivos, repetindo que «o inquilino se ia embora, endoideceu, vai morrer disto, coitadinho, sem passaporte e sem avisar, e ela, Ustínia Fiodorovna, era uma órfã a quem a polícia ia dar cabo da vida». Enfim, todos viram claramente que a sementeira dera grão, que tudo o que se tinham lembrado de semear dava agora uma colheita cêntupla, que o solo era fértil e que Semion Ivánovitch, graças a eles, conseguira às mil maravilhas e de forma irreversível dar a volta à sua própria cabeça. Todos estavam calados e, se antes tinham notado que Semion Ivánovitch se intimidara com tudo isso, agora eram eles próprios quem se intimidava...

— Como! — exclamou Mark Ivánovitch. — Mas de que tem medo? Por que se lembrou de enlouquecer? Quem se importa consigo, meu caro senhor? Assistirá ao senhor o direito de ter medo? Quem é o senhor? O que é o senhor? É um zero, um zero redondo como um crepe, é o que o senhor é! O que é que o senhor está para aí a disparatar? Se atropelam uma campónia, significa que acontece o mesmo ao senhor? Se um bêbado qualquer guarda mal o seu bolso, significa que também vão cortar as abas da sua casaca? Arde uma casa, e a sua casa também vai arder? É assim que o senhor pensa? É assim, paizinho? É?

— És, pois és, és estúpido! — murmurava Semion Ivánovitch. — Ainda nos hão de arrancar o nariz e vamos comê-lo sem dar por isso...

— Tacão de bota, pois que seja! — gritava Mark Ivánovitch, sem dar atenção às palavras de Semion Ivánovitch. — Sou um tacão de bota, pois

que seja. Mas não preciso de fazer exame, nem de me casar, nem de aprender dança, o meu lugar no serviço não me foge, meu caro senhor. Então como é, paizinho? Tem falta de espaço? O chão vai-se-lhe abrir debaixo dos pés ou quê?

— Porquê? Alguém vai pedir a tua opinião? Fecham, e já não há mais nada.

— Já não há mais nada o quê... Fecham o quê?!... O que mais se passa na sua cabeça?

— O bebedolas foi posto na rua...

— Pois foi, mas ele é bebedolas, e eu e o senhor somos pessoas!

— Pois, pessoas. E aquilo é assim: hoje há, amanhã não...

— Não há o quê?!... Aquilo? Aquilo o quê?

— Aquilo, a repartição... a re-par-ti-ção!!!

— Oh, homem demente! Mas é necessária, a repartição...

— Necessária, vejam lá! Hoje é necessária, amanhã também, mas depois de amanhã, não sei como, já não é. Ouvi uma história...

— Mas aí dão-lhe o ordenado de um ano! Ah, ver para crer, Tomé incrédulo! Até porque lhe arranjam outra colocação, pela antiguidade...

— Ordenado? E se eu o gastar, se vierem os ladrões e me roubarem o dinheiro... e tenho a minha cunhada, ouviste? Cunhada! És uma moca...

— Cunhada! O senhor é um homem...

— Homem, sim; sou homem, e tu, letrado, és parvo, és uma moca, ouviste? Homem de moca, é o que tu és! Não falo assim porque tenha dado atenção às tuas brincadeiras, mas porque há um lugar no serviço que vai ser eliminado. E o Demid, ouviste?... o próprio Demid Vassilievitch diz que o lugar vai ser eliminado...

— Ah, meu caro senhor, o Demid, o Demid! Por amor de Deus, olhe que...

— Sim, zás-trás!, e pronto, ficas sem lugar; depois vais ver...

— O senhor, desculpe, ou mente com quantos dentes tem ou está mesmo maluco! Diga-nos lá, pura e simplesmente! Confesse, se for verdade! Por que não? Não tenha vergonha! Enlouqueceu, não foi, paizinho?

— Enlouqueceu! Deu em louco! — ouviu-se a toda a volta, torcendo todos as mãos de desespero, a senhoria até já se agarrava com as duas mãos a Mark Ivánovitch para impedir que este não despedaçasse Semion Ivánovitch de alguma maneira.

— És pagão, tens alma de pagão, és sábio! — implorava-lhe Zimovéikin. — Sénia, homem sem ressentimentos, homem querido, bem apessoado! És simples, és virtuoso... ouviste? Isto é tudo por causa da tua virtude, e eu sou um desvairado e um parvo, sou um pedinchão, mas, mesmo assim, o bom homem não me abandonou; os senhores também me honram muito, obrigado aos senhores e à senhoria; vejam, meus senhores, curvo-me numa vénia até ao chão, eis-me, aqui estou, assim; é o meu dever, é o meu dever, querida patroa! — Então, Zimovéikin executou a sua vénia diante de todos com uma espécie de dignidade pedante. Depois disto, Semion Ivánovitch quis continuar a falar, mas não o deixaram; puseram-se todos a implorar-lhe, a dar-lhe garantias disto e daquilo, a consolá-lo, e assim conseguiram fazer com que Semion Ivánovitch se envergonhasse muito e, em voz fraca, pedisse licença para esclarecer as coisas.

— Pois, assim está bem — disse —, sei que sou bem apessoado, submisso, bem vês, e sou virtuoso, fiel e abnegado; o sangue, estás a ver, a última gota, moncoso, seu ás... que o lugar se mantenha, mas eu sou pobre; mas se mo tirarem... ouviste, seu ás?... cala-te, ouve... tiram-mo e pronto... ele mantém-se e depois já não... percebem?... e pronto, vou pedir por amor de Deus, ouviste?

— Senka! — berrou num frenesi o senhor Zimovéikin, cobrindo com a sua voz todo o barulho à volta. — És um livre-pensador! Vou denunciar-te aqui! O que és tu? Quem és tu? És um amotinado, testa de carneiro? Ao desvairado e ao parvo correm com ele sem *Abschied*⁶, estás a ouvir? Afinal, quem és tu?!

— Então, é isso mesmo...

— Isso o quê?! Olha-me para este!...

— Mas olha o quê?

— Olha que ele é livre, e eu sou livre; mas quando ficamos deitados por muito tempo, então...

— Então o quê?

— Então, o livre-pensador...

— Livre-pen-sa-dor! Senka, és um livre-pensador!!

— Espera! — gritou o senhor Prokhártchin, abanando a mão e interrompendo a gritaria. — Não sou nada disso... Vê se entendes, seu carneiro: sou um homem quieto, hoje sou quieto, amanhã sou quieto, depois não sou, fico malcriado; toma lá, apanha com a fivela⁷, toma lá o livre-pensador!...

— Mas o que é que lhe deu? — estrondeou por fim Mark Ivánovitch, saltando da cadeira em que se sentara para descansar e precipitando-se para a cama, presa de emoção e frenesi, tremendo de desgosto e de fúria. — O que lhe deu? O senhor é um carneiro! Sem eira nem beira! Acha que é a única pessoa no mundo? Acha que o mundo foi criado para si? É algum Napoleão? O que é o senhor? Quem é o senhor? É Napoleão, é? É Napoleão ou não é Napoleão?! Diga, meu caro senhor, é Napoleão ou não é?...

Mas o senhor Prokhártchin já não respondeu a esta pergunta. Não por se ter envergonhado de ser eventualmente Napoleão, nem porque sentisse cobardia por assumir uma tal responsabilidade — não, calou-se porque já não podia argumentar nem dizer coisa com coisa... Seguiu-se uma crise. As lágrimas começaram-lhe de repente a correr dos olhos cinzentos e brilhantes de um fogo febril. Tapou a cabeça ardente com as mãos ossudas, emagrecidas pela doença, soergueu-se na cama e, soluçando, pôs-se a dizer que era muito pobre, que era um homem muito desgraçado, um homem simples, estúpido e ignorante, pedindo a toda aquela boa gente que lhe perdoasse e o protegesse, que o defendesse, lhe desse de comer e de beber, não o deixasse ficar mal, e sabe-se lá que mais coisas balbuciou Semion Ivánovitch. Enquanto assim balbuciava, olhava à sua volta com um medo louco, como se estivesse à espera que a qualquer momento lhe caísse o teto em cima ou se abrisse um buraco no chão. Todos, olhando para ele, sentiram pena do pobre do homem, todos os corações se enterneceram por ele. A senhoria, chorando como uma campônia e lamuriando-se, deitou o doente na cama. Mark Ivánovitch, vendo que era inútil invocar a memória de Napoleão, também entrou imediatamente em estado de benevolência e começou a ajudar como pôde. Outros, para fazerem também alguma coisa, sugeriram uma infusão de framboesa, dizendo que uma tal bebida tinha efeitos rápidos sobre todas as doenças e que, além disso, seria agradável para o enfermo; porém, Zimovéikin refutou de imediato toda a gente, declarando que no caso de Semion Ivánovitch não havia nada melhor do que um pouco de camomila em álcool. Quanto a Zinóvi Prokofievitch, como tinha um coração de oiro, banhava-se em pranto, arrependendo-se de ter assustado Semion Ivánovitch com várias patranhas, e, tocado pelas últimas palavras de Semion Ivánovitch quando disse que era pobre e pedia comida, pôs-se a fazer uma coleta, limitando-se de momento à área dos quartos alugados. Todos soltavam muitos «ah!» e muitos «oh!», todos tinham muita pena e se amarguravam, e, ao mesmo tempo, todos se

espantavam de como era possível um homem ter tanto medo. Semion Ivánovitch ficou tolhido de medo porquê? Ainda se tivesse um cargo importante, se tivesse mulher e prole numerosa! Ou se tivesse um processo em tribunal por qualquer transgressão! Mas não, ele era uma nulidade de homem, possuindo como únicos bens um baú e uma fechadura alemã, tendo passado mais de vinte anos deitado atrás dos biombos, calado, sem ver a luz nem a desgraça, como um rato, e, de súbito, por causa de uma qualquer palavra vulgar e oca, lembrou-se de se passar da cabeça, de ficar tolhido de medo, de repente, por ser difícil viver no mundo... E, raio do homem, não percebeu que isso é difícil para todos! «Se ele tivesse levado isso em conta — viria a dizer mais tarde Okeánov —, que era difícil para todos, a cabeça não lhe teria dado a volta, já não se desvairava assim e arranjaria maneira de viver como deve ser.» Durante todo o dia só se falou de Semion Ivánovitch. Semion Ivánovitch era visitado, consolado, perguntava-se por ele; porém, ao fim da tarde, o doente já não estava apto a ouvir consolações: começou a delirar de febre; perdeu o acordo de si, pelo que até quiseram ir buscar um médico; os inquilinos passaram palavra e combinaram entre si cuidar de Semion Ivánovitch e consolá-lo à vez, por turnos, durante toda a noite, e, se acontecesse alguma coisa, quem estivesse de vela deveria acordar os outros. Com este propósito e para não adormecerem, sentaram-se a jogar às cartas, deixando à cabeceira do doente o amigo bebedolas que, depois de estar todo o dia no apartamento deles, pediu licença para pernoitar. Como o jogo se fazia a crédito, não tinha interesse nenhum, e a companhia depressa se aborreceu. Largaram o jogo, começaram a discutir sobre qualquer coisa, a conversa foi redundando em barulheira, até que se dispersaram todos pelos seus cantos, continuando ainda por muito tempo a troca excitada de palavras; e como acabaram por se zangar uns com os outros, não quiseram fazer turnos e adormeceram. Não tardou a que reinasse nos quartos alugados o silêncio de cave vazia e, ainda por cima, estava um frio terrível. Um dos últimos a adormecer foi Okeánov, «e não sei se foi em sonho — como viria a dizer — ou se foi realidade, mas pareceu-me que perto de mim, já na hora do amanhecer, estavam duas pessoas a falar». Okeánov contou que reconhecera a voz de Zimovéikin a falar em sussurro com o seu velho amigo Remniov (tendo-o decerto acordado); depois, Zimovéikin saíra e ouvira-se a sua tentativa de abrir a porta da cozinha com a chave. Ora, a chave — como viria a contar mais tarde a senhoria — estava guardada debaixo da sua almofada e desapareceu

precisamente nessa noite. Finalmente — contaria Okeánov —, ouviu que ambos os homens entraram para trás dos biombos do doente e acenderam lá uma vela. Não sei mais nada — disse ele —, fecharam-se-me os olhos de sono; acordei ao mesmo tempo que os outros, quando um grito que faria estremecer um morto os fez saltar das camas a todos. Muitos deram-se conta de que a vela se apagara de repente no canto de Semion Ivánovitch. Criou-se um grande alarido e todos, com um aperto no coração, correram para o sítio donde viera o grito, e nisto, por trás dos biombos, começaram o rebuliço, a gritaria, as pragas e a briga. Acenderam a luz e descobriram que Zimovéikin e Remniov discutiam, acusando-se e insultando-se um ao outro. Quando se viram alumiados, um deles gritou: «Não fui eu, foi o bandido!», e o outro, Zimovéikin, gritou: «Não me toquem, estou inocente, juro!» Não tinham aspeto humano, os dois; mas no primeiro momento ninguém lhes prestou atenção: o doente não estava no seu lugar atrás dos biombos. Separaram de imediato os lutadores, arrastaram-nos para longe da cama e viram que o senhor Prokhártchin estava deitado debaixo da cama, pelos vistos sem sentidos, com a almofada e o cobertor em cima dele, apenas se vendo em cima da cama o colchão velho e seberto (nunca aquele colchão viu um lençol em cima dele). Tiraram Semion Ivánovitch, estenderam-no sobre o colchão, mas perceberam logo que era inútil mais trabalho, que aquilo era com certeza o fim: as mãos dele estavam a ficar hirtas, o fio da sua vida mal se mantinha. Ficaram parados ao lado dele; o corpo de Semion Ivánovitch ainda estremecia tenuemente, ele ainda se esforçava por fazer qualquer coisa com as mãos, não mexia a língua, mas pestanejava como — segundo dizem — pestaneja a cabeça ensanguentada e ainda quente e viva acabada de cair sob o machado do algoz.

Por fim, aquietou-se, cessaram-lhe os tremores e as convulsões da agonia: esticava as pernas o senhor Prokhártchin e partia para onde merecia consoante as suas boas ações e os seus pecados. Se Semion Ivánovitch se assustara com alguma coisa, se tivera um pesadelo, como viria a explicar mais tarde Remniov, se mais algum pecado acontecera ali — não se sabia; o importante era o seguinte: mesmo que aparecesse lá em casa o fiscal a informar pessoalmente Semion Ivánovitch do seu *Abschied*, livre-pensador, desordeiro e bêbado; mesmo que entrasse pela outra porta uma pedinte esfarrapada sob o título de cunhada de Semion Ivánovitch; mesmo que fossem concedidos na hora duzentos rublos de prémio a Semion Ivánovitch; mesmo que, finalmente, começasse um incêndio em casa e a sua cabeça

entrasse em combustão, talvez ele não se dignasse mexer um dedo perante tais extraordinárias notícias. Passado o primeiro aturdimento, quando os presentes recuperaram o dom da fala e começaram a atarefar-se, a fazer suposições, a levantar dúvidas e a gritar, quando Ustínia Fiodorovna puxava de baixo da cama o baú e apalpava com nervosismo atabalhado debaixo do colchão e da almofada, e procurava mesmo dentro das botas de Semion Ivánovitch, quando Remniov e Zimovéikin eram interrogados, o inquilino Okeánov, até então o inquilino de mais curta inteligência da casa, o mais resignado e quieto, ganhou ânimo de repente e revelou os seus dons e talentos: pegou no chapéu e, sem ninguém o ver, escapuliu-se do apartamento. Pouco depois, quando se manifestavam nos quartos emocionados os terrores da falta de alguém com autoridade para agir naquela situação, abriu-se de chofre a porta, como um raio caído do céu limpo, e apareceram: primeiro um senhor de aparência nobre, com cara severa mas descontente; atrás dele, Iaroslav Iliitch; e, atrás de Iaroslav Iliitch, todo o seu séquito; por fim, o confuso senhor Okeánov. O senhor de aparência severa mas nobre aproximou-se logo de Semion Ivánovitch, apalpou-o, fez uma careta, encolheu os ombros e anunciou o que já era o mais sabido, ou seja, que o defunto estava morto, acrescentando apenas da sua parte que, havia uns dias, acontecera a mesma coisa, durante o sono, a um senhor muito importante e respeitável que também morrera e pronto. Então, o senhor de porte nobre mas descontente afastou-se da cama, dizendo que tinha sido inútil incomodarem-no e saiu. Foi substituído de imediato por Iaroslav Iliitch (a propósito, Remniov e Zimovéikin tinham entretanto sido entregues a quem de direito) que interrogou uma ou outra pessoa, apoderou-se habilmente do baú que a senhoria já tentara abrir, repôs as botas no seu lugar, depois de ter feito a observação de que estavam todas esburacadas e não prestavam, exigiu a devolução da almofada, chamou Okeánov, pediu a chave do baú, que tinha sido encontrada no bolso do amigo bebedolas e, solenemente, na presença de quem de direito, abriu a propriedade de Semion Ivánovitch. Estava tudo no seu lugar: dois trapos, um par de peúgas, um lenço, um chapéu velho, vários botões, solas velhas, canos de botas — enfim, um conjunto completo de porcarias, velharias, lixo, tralha miúda, tudo a cheirar a bolor; só a fechadura alemã tinha valor. Chamaram Okeánov, falaram severamente com ele, mas Okeánov estava pronto a depor sob juramento. Mandaram trazer a almofada, examinaram-na: estava apenas suja, mas em todos os outros sentidos parecia uma

almofada. Passaram a examinar o colchão, quiseram levantá-lo, pararam para pensarem um pouco, e foi então que, súbita e inesperadamente, qualquer coisa pesada caiu ruidosamente no chão. Inclinaram-se, procuraram e viram um embrulho de papel, e, dentro do embrulho, uma dezena de rublos de prata. «Ena, ena, ena!», disse Iaroslav Iliitch apontando para um buraco no colchão donde saíam crina e flocos. Examinaram o buraco e descobriram que acabara de ser aberto à faca, sendo de meio côvado de comprido; meteram a mão dentro e tiraram uma faca de cozinha, pertença da senhoria, que a pessoa que rasgara o buraco, pelos vistos com a pressa, deixara dentro do colchão. Mal Iaroslav Iliitch tirou a faca do buraco e voltou a dizer «ena, ena, ena!», caiu outro embrulho, e atrás dele, uma a uma, rolaram duas moedas de cinquenta, uma de vinte e cinco, depois alguns cobs e uma enorme moeda de cinco copeques antiga. Apanharam logo tudo do chão. Perceberam então que não seria má ideia abrirem todo o colchão à tesourada. Pediram uma tesoura...

Entretanto, o coto de vela derretido alumiaava uma cena extremamente curiosa para quem a visse de fora: uma dezena de inquilinos agrupados junto à cama, vestidos de modo muito pitoresco, todos desgrehados, com as barbas por fazer, as caras por lavar, sonolentos, tal como eram quando se deitaram à noite. Alguns estavam muito pálidos, outros com a fronte banhada em suor, uns arrepiados de frio, outros febris. A senhoria, definitivamente pasmada, estava muito quieta, à espera de quaisquer benesses que pudessem calhar-lhe da parte de Iaroslav Iliitch. Do alto, do catre em cima do fogão, espreitavam com curiosidade assustada as cabeças da criada Avdótia e da gata favorita da senhoria; a toda a volta estavam espalhados fragmentos de biombos rotos e partidos; o baú aberto exhibia as suas entranhas ignóbeis; no chão estavam o cobertor e a almofada cobertos com os flocos do interior do colchão; e, finalmente, em cima de uma cadeira trípode de madeira, brilhava um montão de prata e outras moedas que ia crescendo cada vez mais. O único que mantinha o sangue-frio era Semion Ivánovitch, quieto na sua cama, sem se dar conta da sua ruína. Quando foi trazida a tesoura e o ajudante de Iaroslav Iliitch, num ímpeto de servilismo, sacudi o colchão com impaciência um pouco exagerada, para o tirar de baixo das costas do proprietário, Semion Ivánovitch, por delicadeza, cedeu primeiro um pouco de espaço rolando para o lado, de costas para os rebuscadores; depois, por força de outra sacudidela, pôs-se de bruços, cedeu mais um pouco e, como faltava à cama a última tábua lateral, mergulhou

inesperadamente de cabeça para baixo, deixando à vista apenas duas pernas ossudas, magras e azuis que se espetavam para cima como dois ramos de uma árvore queimada. Como já era a segunda vez nesta manhã que o senhor Prokhártchin se metia debaixo da cama, provocou suspeitas, e alguns inquilinos, sob a liderança de Zinóvi Prokofievitch, rastejaram também até lá, com a intenção de verem se estava lá escondida alguma coisa. Porém, os exploradores apenas chocaram com as testas inutilmente, e como Iaroslav Iliitch lhes gritou de imediato que libertassem Semion Ivánovitch daquele lugar indecente, dois dos mais sensatos pegaram cada qual numa perna do senhor Prokhártchin e puxaram o capitalista para a luz, colocando-o de través na cama. Entretanto, crina e flocos voavam por todo o quarto, o montão de prata crescia... Meu Deus, o que ali havia!... Moedas nobres de um rublo, moedas imponentes e sólidas de rublo e meio, uma linda moeda de cinquenta copeques, plebeias moedas de vinte e vinte e cinco copeques, até à pouca prometedora miuçalha das velhas — moedas de dez e cinco copeques de prata — tudo embrulhado em papelinhos especiais, tudo na mais metódica e respeitável das ordens. Havia também raridades: duas fichas quaisquer, um napoleão, uma moedinha desconhecida e muito rara... Algumas moedas russas eram também da mais profunda antiguidade: moedas gastas e cheias de mossas dos tempos da czarina Isabel e do czar Pedro, *o Grande*, táleres austríacos, moedas da época de Catarina II; havia também, por exemplo, moedas antigas e agora muito raras de quinze copeques, furadas para poderem ser usadas como brincos, amolgadas de todo mas com o número regulamentar de pontos; havia até moedas de cobre enferrujadas e com verdete... Foi encontrada uma nota de dez rublos — a única nota. Por fim, terminada a autópsia e sacudida várias vezes a cobertura do colchão, e tendo-se concluído que já nada mais tilintava, puseram todo o dinheiro em cima da mesa e começaram a contá-lo. O monte era tão grande que poderíamos deixar-nos levar pelo exagero e dizer que havia ali um milhão! Mas não era um milhão, embora o montante fosse considerável: dois mil e quatrocentos e noventa e sete rublos e cinquenta copeques, sendo que, se no dia anterior Zinóvi Prokofievitch tivesse levado a bom termo a sua coleta a receita subiria talvez aos dois mil e quinhentos rublos. O dinheirinho foi levado, o baú do falecido foi selado, as queixas da senhoria foram ouvidas e foi-lhe indicado onde e quando deveria apresentar a sua reclamação sobre a dívida do falecido. Quem tinha de assinar foi obrigado a assinar; alguém mencionou a cunhada mas, dada a convicção de

que, em certo sentido, a cunhada era um mito, ou seja, fruto da falta de imaginação de Semion Ivánovitch (facto que dera origem, até, a que o Semion Ivánovitch tivesse sido repreendido por várias vezes, segundo os testemunhos), a ideia da cunhada foi abandonada como inútil, nociva e prejudicial ao bom nome e à memória do senhor Prokhártchin; assim foi enterrado o problema. Ora, quando passou o primeiro susto, quando as pessoas caíram em si e perceberam quem na realidade era o defunto, houve muito acanhamento, muitos silêncios, os inquilinos começaram a olhar uns para os outros com certa desconfiança. Alguns levaram muito a peito o comportamento de Semion Ivánovitch e tomaram mesmo o ar de ofendidos... Um capital daqueles! O que o homem juntara! Mark Ivánovitch, sem perder o autodomínio, pôs-se a explicar por que razão o senhor Prokhártchin ficara, de repente, com tanto medo; mas já ninguém o ouvia. Zinóvi Prokofievitch estava estranhamente pensativo; Okeánov estava com os copos; os outros como que se encolhiam, e o homenzinho Kantariov, que se distinguia pelo seu nariz de pardal, logo no fim da tarde já se mudava para outra casa, tendo fechado e amarrado cuidadosamente os seus baús, e explicando com frieza aos curiosos que os tempos eram difíceis e a renda nesta casa era acima das suas possibilidades. A senhoria, entretanto, uivava sem parar, acusando repetidamente Semion Ivánovitch de ter ofendido a sua orfandade. Perguntaram a Mark Ivánovitch: por que razão o falecido não depositava o seu dinheiro no montepio? Porque era um simplório, mãezinha, faltava-lhe imaginação para isso — respondeu Mark Ivánovitch.

— Também vossemecê é uma simplória, mãezinha — introduziu Okeánov. — O homem aguentou-se em sua casa durante vinte anos até que levou um piparote que o abalou, mas vossa mercê nem teve tempo de reparar em nada, de tão ocupada que andava à volta das suas panelas!... Ah, mãezinha, mãezinha!...

— Oh, meu caro jovem! — disse a senhoria. — Qual montepio, qual quê! Trouxesse-me ele o seu punhado de moedinhas e dissesse-me: toma, cara Ustiniuchka, toma lá uma esmolinha misericordiosa e alimenta-me com o teu pão até que a terra me aguarde, então, juro-te diante do santo ícone que eu lhe daria de comer e de beber e que trataria dele. Ah, pecador, aldrabão! Enganou-me, aldrabou-me, a mim, uma órfã!...

Voltaram a aproximar-se da cama de Semion Ivánovitch. Agora estava deitado como devia ser, no seu melhor trajo, aliás o único, escondendo o

queixo inteiriçado atrás da gravata, posta de modo um tanto desajeitado, diga-se, lavado, penteado e apenas com a barba por fazer, já que não se encontrou navalha nos quartos alugados: a única que existia na casa, pertença de Zinóvi Prokofievitch, tinha ficado saturada de mossas já no ano transato e tinha sido vendida a bom preço na feira da ladra; os outros inquilinos iam ao barbeiro. O canto do defunto ainda não tinha sido posto em ordem. Os biombos desfeitos continuavam no chão e, ao porem a nu o retiro de Semion Ivánovitch, eram como que emblemas de que a morte arranca as cortinas de todos os nossos segredos, de todas as intrigas e rotinas. O recheio do colchão também não fora ainda arrumado, espalhava-se aos montões por todo o lado. O poeta poderia muito bem comparar todo este cantinho subitamente arrefecido com um ninho destruído de andorinha, dona de casa cuidadosa: desfeito, rasgado pela tempestade, as crias e a mãe mortas, a caminha quente de penas, penugem e estopa espalhada ao redor... Aliás, Semion Ivánovitch tinha, antes de mais nada, o aspeto de um velho egoísta e pardal malandro. Agora que se acalmara, parecia ocultar-se, como se não tivesse culpa de nada, como se não tivesse sido ele a armar artimanhas para aldrabar a boa gente, da forma mais desavergonhada e indecorosa. Já não ouvia sequer o choro da sua senhoria abandonada e ofendida. Pelo contrário, como um capitalista experiente e sabido, que nem no caixão estava para perder tempo de braços cruzados, parecia todo ele embrenhado em certos cálculos especulativos. Formara-se-lhe no rosto uma reflexão profunda, tinha os lábios cerrados com um ar significativo, um ar que, em vida de Semion Ivánovitch, ninguém poderia suspeitar que houvesse nele. Parecia ter ganhado inteligência. O seu olhinho direito estava apertado de forma marota; parecia que Semion Ivánovitch queria dizer alguma coisa, comunicar qualquer coisa muito necessária, esclarecer as coisas o mais depressa possível, sem perda de tempo, porque os problemas se impunham e não havia tempo a perder... Parecia ouvir-se dele: «Então, por que choras? Deixa-te disso, estás a ouvir, mulher estúpida? Não choramingues! Vai dormir, mãezinha, ouviste? Eu, como vês, morri; agora já não é preciso nada, não é verdade? É bom ficar deitado... Eu, como vês, nem sequer falo disso; tu, mulher, és um ás, és uma mulher de alto lá, estás a entender? Agora, como vês, morri; mas se eu, creio que não é possível, mas, enfim, se houvesse maneira de eu não estar morto... estás a ouvir, se me levantar, como é que será, hã?»

4 Bilhar chinês.

5 Cafetã de pano grosso usado pelos camponeses. (*NT*)

6 Aviso de despedimento (al.).

7 Trata-se, em linguagem popular, de um castigo: em vez de prisão ou castigo corporal, mandavam os homens para a tropa como soldados. (*NT*)

A SENHORIA

Novela

PRIMEIRA PARTE

Ordínov tomou finalmente a decisão de mudar de casa. A sua atual senhoria, viúva de um funcionário, pobre e idosa, a quem ele subalugara um quarto, partira por razões inesperadas de Petersburgo para a casa de uns parentes, numa província longínqua, sem esperar pelo fim do mês e fim do aluguer. O jovem ficou sozinho até ao fim do prazo, muito desgostoso, lamentando ter de abandonar o seu cantinho (a casa era cara, ele era pobre). No dia seguinte à partida da senhoria, pegou no boné e foi vaguear pelas vielas de Petersburgo, à procura de escritos e anúncios pregados nos portões dos prédios, tentando encontrar o mais enegrecido, o mais sobrepovoado, logo o mais propício a aluguer, onde tivesse mais possibilidade de subalugar um canto de quarto a uns quaisquer inquilinos pobres.

Andava à procura havia muito tempo já, com aplicação, mas depressa o dominaram outras sensações, novas e desconhecidas para ele. Primeiro olhava com distração e indiferença à sua volta, depois começou a prestar alguma atenção, por fim já tinha uma forte curiosidade. A multidão e a vida da rua, o barulho, o movimento, as coisas novas, a situação nova — toda esta insignificante vida e toda esta rotina quotidiana de que o homem prático e ocupado de Petersburgo está farto e de que tenta fugir, infrutífera mas atarefadamente, arranjando paz e sossego num qualquer ninho quente adquirido com o suor do rosto e de várias outras maneiras —, toda esta *prosa* vulgar e tediosa incitava em Ordínov, pelo contrário, uma sensação de alegria calma e luminosa. As faces pálidas de Ordínov começaram a cobrir-se de cores ligeiras, os olhos a brilhar-lhe como que alumados por uma nova esperança, e começou a inspirar com avidez o ar fresco e frio. Sentia uma leveza extraordinária.

Levava desde sempre uma vida sossegada e solitária. Havia três anos, depois de ter obtido o seu grau científico e se ter tornado relativamente livre, foi a casa de um velho que até então apenas conhecia pelo que diziam dele, e esperou muito tempo até que o criado grave de libré condescendesse em anunciá-lo ao seu senhor pela segunda vez. Depois entrou numa daquelas salas escuras, desertas, de teto alto e enfadonhas até mais não, como ainda se veem nas casas antigas poupadas pelo tempo que os fidalgos herdavam dos avós, e foi nessa sala que viu o velho carregado de condecorações e adornado por uma cabeleira branca, amigo e colega de seu pai e, também, tutor do jovem Ordínov. O velho entregou-lhe uma pitada de

dinheiro. A quantia era minúscula, tudo o que restava da herança do seu bisavô depois da venda em hasta pública. Ordínov, com indiferença, entrou na posse da herança, despediu-se para sempre do seu tutor e saiu para a rua. O fim de tarde era outonal, frio e ensombrado; o jovem caminhava pensativo, uma tristeza inconsciente apertava-lhe o coração. Os seus olhos ardiam, sentia-se febril, com arrepios de frio e sufocos de calor alternadamente. Pelo caminho foi fazendo contas e concluiu que talvez pudesse viver dois ou três anos com aquele dinheiro, mesmo quatro, se não se importasse de andar sempre meio faminto. Escurecia, chuviscava. Tomou de aluguer o primeiro quarto que lhe calhou e, meia hora depois, mudava-se. Meteu-se lá como num mosteiro, como se renegasse o mundo. Bastaram-lhe dois anos para se asselvajar por completo.

Asselvajou-se, tornou-se um bicho do buraco sem dar por isso, e já nem lhe passava pela cabeça que pudesse haver outra vida, uma vida ruidosa, trovejante, eternamente emocionada, eternamente em mudança, eternamente atrativa e sempre, mais cedo ou mais tarde, inevitável. Na verdade, não podia deixar de ouvir falar dessa vida, mas nunca a conheceu nem procurou. Vivía isolado de todos desde a infância mas, agora, o seu isolamento tomava uma forma definida. Devorava-o a mais profunda e insaciável paixão, uma paixão que exaure toda a vida de um homem e que, às pessoas como Ordínov, não deixa o mais pequeno cantinho para qualquer outra atividade, prática e quotidiana. Esta paixão era a ciência. Esgotava-lhe, hora após hora, a juventude, envenenava-lhe o sossego noturno com o seu veneno lento e delicioso, privava-o da comida saudável, roubava-lhe o ar puro, que nunca entrava no seu canto sufocante, e Ordínov, enleado na sua paixão, nem reparava em nada disso. Era jovem e, por enquanto, nada exigente. A paixão transformou-o numa criança em tudo o que tivesse a ver com a vida lá de fora e tornou-o para sempre incapaz de afastar do seu caminho certas pessoas que o impediam de ganhar pelo menos algum espaço próprio no meio delas. A ciência, nas mãos de certas pessoas espertas, é um capital, mas, para Ordínov, a sua paixão era uma arma apontada contra si próprio.

Havia nele uma aspiração inconsciente, mais do que um motivo lógico e claro, de aprender e saber, assim como para qualquer outra atividade a que se dedicasse, por mais insignificante. Já na infância tinha a fama de excêntrico e, de facto, era diferente dos seus companheiros. Não conhecia os pais e, pelo seu carácter insociável e estranho, era vítima do trato

desumano e grosseiro por parte das outras crianças, acabando por se isolar a pouco e pouco e se tornar, na verdade, insociável e soturno. Além disso, também nos seus trabalhos de solitário não havia qualquer ordem ou sistema determinado, mesmo agora; nele, o que contava era apenas o primeiro entusiasmo, o primeiro ardor, a primeira febre do artista. Digamos, porém, que ele ia criando um sistema próprio, só para si, ano após ano, e que na sua alma já se erguia a pouco e pouco uma imagem, ainda obscura e vaga, mas divinamente deleitosa, da sua ideia encarnada numa forma nova, luminosa; e essa forma como que queria saltar-lhe da alma e atormentava-lha. Era ainda timidamente que sentia a originalidade, a pureza e a verdade da sua ideia, e o trabalho criador já pedia o seu esforço, já se ia formando e consolidando. Mas a concretização estava longe, talvez muito longe, talvez a uma distância inatingível!

Caminhava agora pelas ruas como que alheado, como o eremita que saltou bruscamente do seu deserto mudo para uma cidade ruidosa. Tudo lhe parecia novo e estranho. Mas ia tão alheio ao mundo que estrondeava à sua volta que nem sequer a sua estranha sensação lhe causava espanto. Era como se não reparasse na sua essência selvagem; pelo contrário, nasceu nele um sentimento de alegria, uma espécie de embriaguez, como a do faminto a quem, depois de um longo jejum, deram de comer e de beber; embora fosse estranho, sem dúvida, que uma novidade tão insignificante como a mudança de casa pudesse emocionar um habitante de Petersburgo, mesmo sendo Ordínov esse habitante, também era verdade que até ao momento nunca lhe acontecera sair à rua *para tratar de um assunto*.

Gostava cada vez mais de vaguear pelas ruas. Pasmava-se com tudo, como um *flâneur*.

No entanto, mesmo agora, fiel ao seu hábito de sempre, lia no cenário que se lhe abria aos olhos como que nas entrelinhas de um livro. Tudo o espantava; não perdia uma única impressão, seguia com o olhar pensativo as caras dos transeuntes, perscrutava a fisionomia de tudo o que o rodeava, escutava com atenção e amor a fala do povo, como se quisesse averiguar em tudo isso as conclusões a que chegara no silêncio das suas noites solitárias. Muitas vezes, as coisas mais pequeninas impressionavam-no, geravam nele uma ideia, e sentiu pela primeira vez o desgosto de se ter enterrado vivo na sua cela. Aqui tudo era mais célere, sentia o pulso rápido e forte, e a cabeça, antes oprimida pela solidão e esmerilada por uma atividade tensa e exaltada, funcionava agora mais depressa, mais ousada e

mais calmamente. Ao mesmo tempo tinha a vontade inconsciente de se embrenhar também a si mesmo nesta vida que lhe era estranha, desta existência que, aliás, já conhecia, já pressentia pelo instinto artístico. A ânsia de amor e compaixão fez-lhe bater involuntariamente o coração. Perscrutava os rostos das pessoas que lhe passavam ao lado; mas as pessoas, preocupadas e pensativas, alheavam-se... Então, a pouco e pouco, a despreocupação de Ordínov foi-se apagando e já a realidade o oprimia, lhe incutia um medo involuntário. Como um doente que, pela primeira vez, deixa a cama alegremente depois da longa enfermidade e logo cai vencido pela luz, o brilho, o turbilhão da vida, pelo barulho e pela mistura de cores da multidão que passa a seu lado, e começa a ver tudo enevoadado, a ter vertigens com aquele movimento louco, também Ordínov começava a sentir-se cansado pelas impressões novas que o acometiam. Começou a invadi-lo a angústia e a tristeza. Começou a ter medo da vida, do trabalho, até do futuro. A ideia nova desassossejava-o. Passou-lhe de repente pela cabeça que em toda a sua vida tinha sido um solitário, que ninguém o amava, que ele também não tivera oportunidade de amar alguém. As pessoas com quem tentara meter conversa no início do seu passeio tinham olhado para ele de forma grosseira e estranha. Ordínov via que o tomavam por louco ou por um qualquer esquisitão original, o que, aliás, era perfeitamente justo. Lembrou que, desde sempre, as pessoas se sentiam mal na sua presença, que, já na infância, toda a gente o evitava por causa do seu carácter pensativo e teimoso, que a sua amostra de simpatia pelos outros era difícil, reprimida e quase impercetível, que talvez houvesse uma tal simpatia dentro dele mas nunca se entrevia nela uma igualdade moral, o que já em criança o atormentava quando não se via nada parecido às outras crianças da sua idade. Pois, recordava agora como, desde sempre, em todas as alturas da sua vida, toda a gente o abandonava e contornava.

Sem se dar conta, chegou a um recanto de Petersburgo afastado do centro. Depois de ter comido alguma coisa num restaurante solitário, continuou a andar. De novo passou por muitas ruas e praças. A seguir chegou a uma zona em que viu tapumes compridos, amarelos e cinzentos e, em vez de casas ricas, começaram a aparecer pequenas isbás decrepitas e, ao mesmo tempo, os enormes edifícios de fábricas, monstruosos, vermelhos, enegrecidos pelo fumo, com chaminés altas. À volta, era tudo deserto, o vazio, o aspeto de tudo era soturno e desagradável: pelo menos,

assim parecia a Ordínov. A tarde chegava já ao fim. Metendo por uma viela comprida, saiu para a praceta onde se encontrava a igreja da paróquia.

Distraído, entrou na igreja. O ofício acabara havia pouco; a igreja estava praticamente vazia, apenas duas velhas continuavam ainda ajoelhadas perto da porta. O sacristão, um velhinho de cabelos brancos, estava a apagar as velas. Os raios do ocaso vertiam-se num jorro largo, através da estreita janela da cúpula, e alumiam com um mar de brilho uma das naves; mas os raios ficavam cada vez mais fracos, e quanto mais escurecia a penumbra adensada sob o teto do templo mais brilhavam, nalgumas partes, os ícones dourados que as chamas tremeluzentes das velas e das lamparinas alumiam. Com um sentimento de opressão, num acesso de angústia profunda e emocionada, Ordínov encostou-se à parede no canto mais escuro da igreja e, por um momento, esqueceu-se de tudo. Caiu em si quando ouviu os passos ritmados e surdos de dois paroquianos que entravam. Ergueu os olhos para eles e foi atingido pela curiosidade. Eram um velho e uma mulher jovem. O velho era alto, ainda de costas direitas, enérgico, mas muito magro e de uma palidez doentia. Pelo aspeto podia ser um comerciante vindo de algum sítio longínquo. Vestia um cafetã comprido, preto, pelos vistos forrado de pele, um autêntico trajo de gala, desabotoado. Debaixo do cafetã deixava-se ver uma veste comprida, abotoada de baixo para cima, à maneira russa tradicional. No pescoço tinha um lenço vermelho-vivo atado com descuido; nas mãos um gorro de pele. Tinha barbas compridas, finas e grisalhas, que lhe caíam sobre o peito; sob as sobrancelhas hirsutas e escuras cintilavam-lhe uns olhos ígneos, inflamados de febre, altivos. A mulher teria os seus vinte anos e era divinamente bela. Trajava agasalho rico, azul-claro, ornado de pele, tinha a cabeça coberta com um lenço de cetim branco atado debaixo do queixo. Caminhava de olhos baixos e a imponente pensativa de toda a sua figura como que passava brusca e tristemente para os contornos ternos, deliciosos e meigos do seu rosto de traços infantis. Havia qualquer coisa de estranho naquele par inesperado.

O velho parou no meio da igreja e pôs-se a fazer vénias para os quatro pontos cardeais, embora a igreja estivesse completamente vazia. A sua acompanhante fez o mesmo. Depois o velho pegou-lhe na mão e levou-a até ao ícone grande da Mãe de Deus local, sem dúvida a padroeira do templo, um ícone que o brilho deslumbrante de luzes, refletindo-se na moldura de ouro e pedras preciosas, fazia realçar. O clérigo, o último a permanecer na

igreja, inclinou-se com respeito diante do velho; este acenou-lhe com a cabeça. A mulher caiu de joelhos perante o ícone. O velho pegou na ponta do manto que pendia do pedestal do ícone e cobriu-lhe a cabeça. Ouviu-se na igreja um choro abafado.

Ordínov ficou impressionado com a solenidade de toda esta cena e, com impaciência, ficou à espera do desenvolvimento. Dois minutos depois a mulher ergueu a cabeça e de novo a luz da lamparina lhe alumiu o rosto encantador. Ordínov estremeceu e deu um passo em frente. Ela já dava a mão ao velho e dirigiram-se ambos, em silêncio, para a saída da igreja. Luziam lágrimas nos olhos azul-escuros da jovem, orlados de pestanas longas que brilhavam na brancura leitosa do seu rosto, e corriam-lhe pelas faces pálidas. Nos seus lábios tremia um sorriso, mas no rosto distinguiam-se-lhe vestígios de um medo infantil e misterioso. Encostava-se timidamente ao velho e via-se que toda ela tremia de emoção.

Aturdido, fustigado por um sentimento incompreensível, delicioso e persistente, Ordínov foi rapidamente atrás deles e, no átrio da igreja, atravessou-se-lhes à frente. O velho deitou-lhe um olhar severo e hostil; ela também o olhou, mas sem curiosidade, distraída, como se a preocupasse alguma outra coisa, longínqua. Ordínov seguiu-os, sem ele próprio compreender o seu impulso. Já escurecia muito e Ordínov caminhava a uma grande distância deles. O velho e a jovem entraram numa rua larga, suja, atulhada de povo atarefado, com armazéns de farinha, estalagens, e que dava diretamente para as portas da cidade; dali viraram para uma ruela estreita e comprida, ladeada de tapumes e que acabava na enorme parede enegrecida de um prédio de três andares, de aluguer, com um arco que o atravessava e que dava saída para outra rua, também grande e populosa. Já se aproximavam do prédio. O velho voltou-se então bruscamente e olhou com impaciência para Ordínov. Ordínov parou, como que petrificado; pareceu estranho a si próprio o fascínio que o movia. O velho voltou-se mais uma vez para trás, como se verificasse se a sua ameaça surtira efeito, e depois, ele e a jovem entraram por um portão estreito no pátio do prédio. Ordínov deu meia-volta e foi-se embora.

Estava numa disposição de ânimo péssima, descontente consigo próprio, pensando que perdera inutilmente o dia, que se cansara para nada e que, ainda por cima, tudo culminara naquela estupidez de atribuir foros de aventura a uma ocorrência das mais vulgares.

Nessa manhã, por mais desgosto que a sua misantropia lhe desse, o instinto mandava-o fugir de tudo o que o distraísse, impressionasse ou abalasse no mundo exterior, desviando-o do seu mundo interior, artístico; e, agora, pensava com tristeza e com uma espécie de arrependimento no seu cantinho sereno; depois dominou-o a angústia e a preocupação por não ter resolvido o problema da casa e pelo que ainda tinha pela frente para o resolver, ao mesmo tempo que se desgostava por uma coisa tão comezinha o desconcertar assim tanto. Por fim, cansado e incapaz de ligar duas ideias que fossem, arrastou-se para casa, a uma hora já tardia, e, às tantas, reparou com espanto que tinha passado sem dar por isso pelo prédio em que vivia. Aturdido e abanando a cabeça distraída, atribuiu ao cansaço a sua distração, subiu as escadas e entrou finalmente nas águas-furtadas. Acendeu a vela e não tardou um minuto que não lhe viesse à memória a imagem da jovem a chorar. Era uma lembrança tão ardente, tão forte, o seu coração reconstituía com tanto amor os traços meigos e submissos da mulher, a ternura e o terror misteriosos que emanavam dela, o seu rosto banhado em lágrimas que tanto podiam ser de enlevo como de arrependimento infantil, que os olhos de Ordínov se turvaram e um calor de fogo lhe percorreu o corpo. Mas a visão não durou muito. À exaltação substituiu-se a reflexão, depois o desgosto, depois uma raiva impotente; sem se despir, deixou-se cair na cama rija e embrulhou-se no cobertor...

Já a manhã ia alta quando Ordínov acordou, num estado de espírito ao mesmo tempo irritado, tímido e opressivo; preparou-se à pressa, quase se obrigando a pensar nas suas prementes necessidades, e voltou à rua, desta vez seguindo na direção oposta do dia anterior; encontrou, finalmente, um poiso nas águas-furtadas de um alemão pobre de nome Spies, que tinha uma filha, Tichen. Spies, mal recebeu o sinal, tirou do portão o anúncio que lá pusera a pedir inquilinos, louvou Ordínov pelo seu amor às ciências e prometeu que aproveitaria para, na companhia dele, também estudar alguma coisa com aplicação. Ordínov informou que faria a mudança no próprio dia, da parte da tarde. Saiu de junto do alemão com o intuito de voltar a casa mas, pelo caminho, mudou de ideias e meteu noutra direção; sentia de novo a energia da véspera e — o que lhe pareceu divertido e o fez sorrir — uma grande curiosidade. Como estava impaciente, o caminho pareceu-lhe longo; por fim, chegou à igreja onde estivera na véspera. Decorria a missa da manhã. Escolheu um lugar donde podia ver quase toda a gente, mas não viu quem procurava. Depois de uma longa espera, saiu, todo corado.

Reprimindo um sentimento indefinível e involuntário, tentava com todo o afínco mudar o curso dos seus pensamentos. Chamou à cabeça coisas rotineiras, lembrou-se que era a hora do almoço e, sentindo fome de verdade, entrou no mesmo restaurante onde almoçara no dia anterior. Depois de comer, nem se deu conta de como saiu de lá. Caminhou durante muito tempo pelas ruas e ruelas movimentadas ou desertas, sem pensar em nada, e, finalmente, desembocou num subúrbio onde já não havia cidade e onde se lhe abriam diante dos olhos os campos amarelados; caiu em si quando foi atingido de súbito pelo silêncio de morte que ali reinava; logo uma sensação, ao mesmo tempo nova e antiga (havia muito que não a experimentava), tomou conta dele. O dia estava seco e frio, como acontece muitas vezes no outubro de Petersburgo. Perto, viu uma isbá e duas medas de feno ao lado; um cavalicoque, em que ressaltava o arco das costelas salientes, de cabeça baixa e beíço descaído, estava, desatrelado, junto de uma carripa de duas rodas, e parecia mergulhado em pensamentos. Um rafeiro rosnador roía um osso ao pé de uma roda partida, uma criança de três anos, apenas de bibe e coçando o loiro cabelo felpudo, olhava com espanto para o solitário adventício da cidade. Por trás da isbá estendiam-se campos e hortas. Na linha do horizonte, fundindo-se com o céu azul, lobrigavam-se vagas florestas negras e, do lado oposto, nuvens brancas e turvas que pareciam perseguir um bando de aves que, sem um grito, umas atrás das outras, navegavam pelo céu. Tudo era calmo, solenemente triste, imóvel, como que numa espera secreta... Ordínov avançou ainda para mais longe, mas aquela solidão deserta apenas o oprimia. Voltou para trás, na direção da cidade, donde lhe chegou de repente um surdo badalar de sinos convidando para o ofício da noite; Ordínov estugou o passo e, dentro em pouco, já entrava de novo no templo que, desde a véspera se lhe tornara já tão familiar.

A desconhecida estava lá.

Ajoelhada junto à porta, no meio da multidão de fiéis, lá estava ela. Ordínov furou por entre a massa compacta de pedintes, de velhas esfarrapadas, de doentes e aleijados que esperavam pela esmola no adro da igreja e ajoelhou-se ao pé da desconhecida. A roupa dele roçava a roupa dela, Ordínov ouvia a respiração irregular da mulher a dizer uma oração com ardor devoto. O seu rosto, como antes, comovia-se por uma fé infinita, estavam de novo a correr-lhe as lágrimas, que logo secavam nas faces quentes como se estivessem a lavar um crime terrível. No sítio onde

estavam os dois jovens fazia escuro, apenas de vez em quando a luz baça da lamparina baloiçada pelo vento que entrava pela estreita janela pincelava com brilho trémulo o rosto dela, e cada traço daquele rosto se talhava na memória do jovem, lhe turvava a vista e lhe rasgava o coração com uma dor surda e insuportável. Mas havia neste sofrimento o seu deleite extasiado. Por fim, não aguentou; num instante de ânsia, tremeu-lhe o peito com uma dor doce e desatou a chorar, encostando a cabeça ardente contra o soalho frio da igreja. Não ouvia nem sentia nada além da dor no coração que se esmorecia num sofrimento delicioso.

Fosse a solidão a extremar-lhe a sensibilidade, a nudez e desamparo dos sentimentos; fosse porque este ímpeto do coração pronto a rebentar e a desaguar já estava a ser preparado há muito tempo no silêncio extenuante, abafado e sem saída das suas noites sem sono, longas, no meio de aspirações inconscientes e comoções ansiosas do espírito; fosse porque se passava nele o mesmo que se passa num dia de calor abafado em que todo o céu enegrece subitamente e a tempestade rebenta derramando chuva e fogo na terra sedenta, pendura as pérolas de chuva nos ramos esmeraldinos, pisa as ervas, os campos, acachapa contra a terra os ternos cálices das flores para que depois, com os primeiros raios de sol, tudo se anime outra vez, se eleve num ímpeto ao encontro do sol e mande solenemente até ao céu o seu incenso luxuriante e odoroso, rejubilando com a sua vida renovada... Fosse o que fosse, Ordínov era incapaz, agora, de pensar no que se passava com ele: mal tinha consciência de si próprio...

Quase não reparou que a missa acabara e só caiu em si quando já abria caminho atrás da desconhecida pelo meio da multidão acumulada à saída. De vez em quando apanhava o olhar espantado e claro dela. Retida a cada passo pelo povo que saía da igreja, voltava muitas vezes a cabeça para ele; era visível que o seu espanto ia aumentando cada vez mais e, de chofre, o seu rosto como que se incendiou. Do meio da multidão, neste momento, saía o velho da véspera e pegava na mão dela. Ordínov voltou a encontrar o olhar bilioso e sarcástico do velho, e uma estranha raiva apertou-lhe de repente o coração. Por fim, Ordínov perdeu-os de vista na multidão; então, com um esforço sobre-humano, arrancou para a frente e saiu da igreja. Mas nem o ar da noite, muito frio, conseguiu refrescá-lo: oprimia-se-lhe a respiração no peito, o coração batia-lhe com força, como se quisesse furar-lhe o peito. Acabou por perceber que perdera os desconhecidos: não os viu na rua nem na ruela. Já surgia porém na cabeça de Ordínov uma ideia, um

daqueles planos decisivos e estranhos que, embora quase sempre aleatórios, também quase sempre têm êxito em casos semelhantes. No dia seguinte, às oito da manhã, aproximou-se do pátio das traseiras do prédio do fim da viela, um espaço estreitinho e imundo, espécie de lixeira de toda a casa. O guarda-portão, que estava lá ocupado em qualquer coisa, parou de trabalhar, fincou o queixo no cabo da pá, observou Ordínov da cabeça aos pés e perguntou-lhe o que queria.

O guarda-portão era um rapaz jovem, teria uns vinte anos, mas já de cara velha, enrugada, pequena, tártara.

— Procuro uma casa — respondeu Ordínov com impaciência.

— Qual? — quis saber o guarda-portão com ironia. Olhava para Ordínov como se estivesse a topar quais eram os seus propósitos.

— Subalugada — respondeu Ordínov.

— Naquele pátio não há — disse o homem misteriosamente.

— E neste?

— Também não. — E o guarda-portão voltou a pegar na pá.

— Talvez arranje uma — disse Ordínov, dando dez copeques ao homem.

O tártaro olhou para Ordínov, pegou na moeda, pegou de novo na pá e, depois de uma pausa, declarou que «não, não havia casa nenhuma». Mas o jovem já não o ouvia, ia a andar pelas tábuas podres e instáveis colocadas por cima do charco até à única saída deste pátio para o anexo do prédio, negro, sujo e como que afogado no charco. No rés do chão vivia um fabricante de caixões pobre. Passando ao lado da sua sofisticada oficina, Ordínov subiu por uma escada em caracol semidestruída e escorregadia até ao andar de cima, apalpou na escuridão uma porta grossa e desengonçada coberta por uma esteira em farrapos, encontrou a maçaneta e entreabriu a porta. Não se enganara: diante dele estava o velho, olhando-o fixamente com um espanto extremo.

— O que queres? — perguntou num quase sussurro entrecortado.

— Tem algum quarto para alugar?... — perguntou Ordínov, esquecendo-se de quase tudo o que queria dizer. Por trás do ombro do velho viu a sua desconhecida.

O velho, em silêncio, começou a fechar a porta, empurrando com ela o jovem.

— Há uma casa — ouviu de repente a voz carinhosa da jovem.

O velho largou a porta.

— Preciso de uma parte de quarto — disse Ordínov, entrando apressadamente e dirigindo-se à beldade.

Porém, estacou como que paralisado a olhar com pasmo para os seus futuros senhores: desenrolava-se diante dos seus olhos uma espantosa cena muda. O velho estava pálido como um morto, parecia à beira do desmaio. Dirigia um olhar de chumbo, imóvel e penetrante à mulher. Esta, no primeiro momento, também empalideceu, mas logo o seu rosto ganhou cor e os seus olhos cintilaram estranhamente. Levou Ordínov para outro cubículo.

Todo o apartamento se compunha de uma sala bastante espaçosa, dividida em três por divisórias; do átrio entrava-se para o vestíbulo estreito e escuro; em frente havia uma porta numa das divisões que dava para o quarto de dormir dos donos da casa, pelos vistos. À direita do vestíbulo havia passagem para o quarto que estava para alugar. Era estreito, apertado entre a divisória e duas janelas baixas. Estava tudo atulhado dos objetos indispensáveis em qualquer habitação; era tudo muito acanhado, muito pobre, mas limpo, na medida do possível. Os móveis eram: uma mesa branca, simples, duas cadeiras e bancos corridos ao longo de ambas as paredes. No canto, em cima de uma prateleira, estava um grande ícone antigo com coroa dourada; diante do ícone ardia uma lamparina. No quarto para alugar, ocupando também uma parte do vestíbulo, havia um enorme e deselegante fogão russo. Tornava-se claro que seria impossível viverem três pessoas neste apartamento.

Começaram os dois a combinar as condições, mas com incoerência, mal se entendendo um ao outro. Ordínov ouvia, a dois passos, como batia o coração dela; via-a a tremer de emoção e como que de medo. Por fim chegaram mais ou menos a acordo. Ordínov disse que se mudaria para ali imediatamente e olhou para o dono da casa. O velho estava à porta, ainda pálido, mas agora aflorava-lhe aos lábios um sorriso sereno, quase pensativo. Ao apanhar o olhar de Ordínov, voltou a carregar o sobrolho.

— Tem passaporte? — perguntou de rompante, em voz alta, no seu modo sacudido, abrindo-lhe a porta para o átrio.

— Tenho! — respondeu Ordínov, um pouco perplexo.

— Nome?

— Vassíli Ordínov, de condição nobre, não estou ao serviço, faço trabalho independente — respondeu Ordínov, imitando o tom do velho.

— Também eu — disse este. — Sou Iliá Múrin, popular⁸; chega para ti? Vai...

Uma hora depois, Ordínov já estava instalado na nova casa, para seu próprio espanto e para espanto do outro senhorio apalavrado, o alemão; este, juntamente com a submissa Tinchén, já começava a desconfiar que o inquilino recém-aparecido o tivesse enganado. Quanto a Ordínov, quase não percebia o que estava a acontecer, nem queria perceber, aliás...

⁸ Literalmente, não-nobre. Na Rússia daquele tempo, todos os funcionários públicos eram, por norma, de condição nobre, estando hierarquizados em catorze graus; depois havia os «populares», estrato composto pelos artesãos citadinos, comerciantes, etc.; no fim da escala social ficavam os mujiques (camponeses, mantidos servos da gleba até muito tarde na Rússia: 1861). (NT)

O coração batia-lhe muito, turvava-se-lhe a vista, andava-lhe a cabeça à roda. Começou, maquinalmente, a arrumar os seus modestos pertences na nova casa, desatou a trouxa em que transportara várias coisas necessárias, abriu o baú com livros e começou a pô-los em cima da mesa; mas, em breve, tudo lhe caía das mãos. A imagem luminosa da mulher passava-lhe a cada instante pela imaginação, via diante dos olhos o encontro que emocionou e abalou toda a sua vida, e esta imagem enchia-lhe o coração com um encantamento tão forte e irrefreável, punha-lhe tanta felicidade na sua vida miserável que os seus pensamentos escureciam, o seu espírito esmorecia de angústia e perturbação. Pegou no seu passaporte e levou-o ao senhorio, com a esperança de a ver. Mas Múrin apenas entreabriu uma nesga da porta e pegou no documento, dizendo: «Está bem, paz na tua vida», e voltou a fechar a porta. Um sentimento desagradável apoderou-se de Ordínov. Não sabia porquê, mas olhar para aquele velho tornou-se-lhe insuportável. Havia qualquer coisa de desprezo e maldade no olhar dele. Mas depressa se lhe dissipou esta impressão desagradável. Era já o terceiro dia em que Ordínov, em comparação com o seu modo de vida pacato anterior, vivia numa espécie de turbilhão; talvez por isso não fosse capaz, tivesse medo de raciocinar. Tudo se confundia e misturava na sua nova existência, sentia vagamente que toda a sua vida como que se cindira ao meio; apossara-se dele uma única ânsia, uma única expectativa, nenhuma outra ideia o preocupava.

Voltou, perplexo, para o seu quarto. Ali, junto ao fogão em que se preparava a comida, atarefava-se uma velhinha pequena e curvada, tão suja e vestida com uns farrapos tão abomináveis que metia pena olhar para ela. Parecia muito zangada e, de vez em quando, resmungava para si mesma, mexendo a boca desdentada. Era a criada do senhorio. Ordínov tentou meter conversa com ela, mas a velha, talvez por raiva, não lhe dava troco. Chegou finalmente a hora do almoço; a velha tirou de dentro do fogão sopa de repolho, pastéis e carne de vaca, e levou-os ao senhorio. Serviu a mesma coisa a Ordínov. Depois da refeição, caiu no apartamento um silêncio sepulcral.

Ordínov pegou num livro e, durante muito tempo, folheou-o, tentando encontrar sentido no que lá vinha escrito e que já tinha lido várias vezes. Impaciente, largou o livro e tentou de novo arrumar os seus pertences;

acabou por pegar no boné, vestir o capote e sair para a rua. Caminhando ao deus-dará, sem ver por onde ia, tentava concentrar-se na medida do possível, arrumar as ideias confusas e refletir, um pouco que fosse, sobre a sua situação. Mas o esforço apenas lhe dava sofrimento e tortura. Os calores e os arrepios de frio da febre apoderavam-se dele à vez, e tinha alturas em que o coração lhe começava a bater tanto e tão repentinamente que tinha de parar e apoiar-se à parede. «Não, era melhor morrer — pensava —, é melhor a morte», e sussurrava isto com os lábios inflamados e trementes, quase sem pensar no que dizia. Andou durante muito tempo; por fim, reparando pela primeira vez na chuva que caía em bátegas e ao sentir que estava encharcado até aos ossos, voltou para casa. Perto da casa viu o guarda-portão. Pareceu-lhe que o tártaro olhava para ele com insistência, observando-o com curiosidade, mas, quando reparou que tinha sido visto, seguiu o seu caminho.

— Boa tarde — disse Ordínov, tendo-o apanhado. — Como te chamas?

— Guarda-portão — respondeu ele, arreganhando os dentes.

— Há muito que trabalhas aqui?

— Há muito.

— O meu senhorio é mesmo da condição popular?

— É, já que ele o disse.

— O que é que ele faz?

— Doente; vai vivendo, reza a Deus... é isso.

— E ela, é a mulher dele?

— Qual mulher?

— Aquela, a que vive com ele.

— Mulher, já que ele o disse. Adeus, meu amo.

O tártaro tocou no chapéu e entrou no seu cubículo.

Ordínov entrou no seu apartamento. A velha, ciciando e resmungando, abriu-lhe a porta, voltou a fechá-la com a tranqueta e trepou para cima do fogão, deitando-se no catre onde dormia o resto dos seus dias. Caía o crepúsculo. Ordínov foi procurar lume e viu que a porta do senhorio estava fechada a cadeado. Ordínov gritou à velha, e esta, soerguendo-se sobre o cotovelo e olhando para ele de cima com atenção e como que admirada com o que estaria o inquilino a fazer ao pé do cadeado dos patrões, atirou-lhe uma caixa de fósforos. Ordínov voltou para o seu quarto e, pela centésima vez, começou a arrumar as suas coisas e os seus livros. Porém, sem perceber o que estava a fazer, sentou-se no banco e pareceu-lhe que

adormecia. De vez em quando voltava a si e percebia que aquilo não era sono mas uma modorra torturante e doentia. Ouviu a porta bater e abrir-se e percebeu que os senhorios tinham voltado do ofício noturno na igreja. Depois, por qualquer razão, achou que tinha de ir vê-los. Soergueu-se e pensou que já estava a ir para lá, mas tropeçou e caiu em cima da lenha que a velha deixara no meio do quarto. Então perdeu o acordo completo de si, e mais tarde, muito mais tarde, abriu os olhos e compreendeu, espantado, que estava deitado exatamente da mesma maneira, no mesmo banco corrido, na mesma vestido, e que, por cima dele, com terna preocupação, estava inclinado o rosto da mulher, divinamente belo e banhado de silenciosas lágrimas maternais. Sentiu que lhe metiam uma almofada debaixo da cabeça e o cobriam com qualquer coisa quente, e que uma mão carinhosa se pousava na sua testa ardente. Queria agradecer, queria pegar naquela mão e levá-la aos seus lábios gretados, queria derramar as lágrimas naquela mão, beijá-la, beijá-la por toda a eternidade. Gostaria de dizer muita coisa — mas o quê? Não sabia e, naquele instante, apeteceu-lhe morrer. Quis mexer as mãos mas pareciam de chumbo, não se moviam, a língua também não e, mudo, apenas sentia correr o sangue por todas as veias, parecendo erguê-lo na cama. Alguém lhe deu água... Perdeu os sentidos.

Acordou de manhã, cerca das oito. O sol derramava-se em feixes dourados através das janelas do seu quarto, verdes, cobertas de bolor. Percorria-lhe o corpo todo uma sensação agradável. Estava calmo, infinitamente feliz. Pareceu-lhe que estava alguém à sua cabeceira. Acordou procurando cuidadosamente à sua volta a criatura invisível que pressentia. Apetecia-lhe muito abraçar aquele seu amigo e dizer pela primeira vez na vida: «Olá, viva, querido amigo, bom dia.»

— Há tanto tempo que dormes! — disse uma terna voz feminina. Ordínov olhou, e já se reclinava sobre ele, com um sorriso simpático e claro como o sol, o rosto da sua bela senhoria. — Há tanto tempo que estás doente — dizia ela —, já chega, levanta-te; para que teimas em ficares aqui fechado? A liberdade é mais doce que o pão, mais linda que o sol. Levanta-te, pombinho, levanta-te.

Ordínov agarrou e apertou com força a mão dela. Parecia-lhe que estava ainda a sonhar.

— Espera, estava a preparar-te chá; queres chá? Vá, bebe, faz-te bem. Eu também estive doente e sei como isto é.

— Sim, dá-me chá, tenho sede — disse Ordínov em voz fraca e pôs-se de pé. Estava muito debilitado. Um calafrio percorreu-lhe as costas, doía-lhe o corpo todo, parecia que tinha os membros quebrados. Mas tinha o coração leve, e os raios de sol pareciam aquecê-lo com uma alegria solene e luminosa. Sentia que começava para ele uma vida nova, forte, desconhecida. Teve umas vertigens suaves.

— Chamas-te Vassíli, não é? — perguntou ela. — Não estou enganada? Pareceu-me que ontem o meu patrão te chamou assim.

— Sim, Vassíli. E tu, como te chamas? — perguntou Ordínov, aproximando-se dela e mal se aguentando nas pernas. Cambaleou. Ela agarrou-o pelas mãos e riu-se.

— Sou Katerina — disse, fitando no rosto dele os seus grandes olhos azul-claros e límpidos. Seguravam as mãos um do outro.

— Queres dizer-me alguma coisa? — perguntou ela por fim.

— Não sei — respondeu Ordínov. Turvou-se-lhe a vista.

— Ah, como tu és. Deixa lá isso, meu pombinho, deixa; não te aflijas, não fiques triste; senta-te aqui ao sol, à mesa; fica quieto, não andes atrás de mim — acrescentou, vendo que o rapaz fazia um movimento para tentar retê-la. — Eu já volto para o pé de ti, ainda vais ter muito tempo de olhar para mim. — Um minuto depois já lhe trazia o chá, que pôs na mesa, e sentou-se em frente dele.

— Toma, bebe — disse ela. — Então, dói-te a cabeça?

— Não, agora não dói — disse Ordínov. — Não sei, talvez doa... não quero... mas chega, chega!... Nem sei o que se passa comigo — continuou, ofegando, conseguindo finalmente pegar na mão dela. — Fica aqui, não me abandones; dá cá, dá cá outra vez a tua mão... Turva-se-me a vista, olho para ti como para o sol — disse ele, como se estivesse a arrancar as palavras do coração, desfalecendo de enlevo enquanto as dizia. O choro apertava-se-lhe na garganta.

— Pobre coitado! Significa que nunca viveste com uma boa pessoa. És um solitário. Não tens família?

— Não tenho ninguém, estou sozinho... Não importa, deixa lá! Agora é melhor... agora estou bem! — disse Ordínov como que a delirar. Parecia-lhe que o quarto girava à sua volta.

— Eu também não vejo pessoas há muitos anos. Olhas para mim com uns olhos... — disse ela, depois de uma grande pausa.

— Com uns olhos... como?

— Como se os meus olhos te aquecessem! Sabes, quando a gente ama... Recebi-te no meu coração desde as primeiras palavras. Se voltares a adoecer, volto a cuidar de ti. Mas não fiques mais doente, está bem? Quando te levatares, vamos viver como irmãos. Queres? É que é difícil arranjar-se uma irmã se Deus não a fez nascer.

— Quem és tu? Onde és? — perguntou Ordínov em voz fraca.

— Não sou daqui... Para que queres saber? Conta o povo que viviam doze irmãos numa floresta escura e que se perdeu uma moça linda nessa floresta. Ela entrou na casa deles, arrumou-lhes a casa toda, e fez tudo com amor. Voltaram os irmãos e perceberam que a irmã passara o dia em casa deles. Começaram a chamá-la, e ela apareceu. Chamaram-lhe irmã, deram-lhe toda a liberdade e ela ficou com eles em pé de igualdade. Conheces a história?

— Conheço — sussurrou Ordínov.

— É bom viver; gostas de viver neste mundo?

— Sim, sim, viver a vida, viver muito tempo — respondeu Ordínov.

— Não sei — disse Katerina, pensativa. — Eu também desejaria a morte. É bom gostar da vida e gostar das pessoas boas, mas... Olha para ti, estás outra vez branco como a farinha!

— Sim, a cabeça anda-me à roda...

— Espera, eu trago-te a minha cama e outra almofada; faço-te aqui a cama. Adormeces e vais sonhar comigo; então, a doença larga-te. A nossa velha também está doente...

Sempre a falar, começou a fazer a cama lançando, de vez em quando olhares por cima do ombro para Ordínov.

— Tantos livros que tens! — disse ela, afastando o baú.

Aproximou-se dele, amparou-o com o braço, levou-o para a cama, deitou-o e agasalhou-o com o cobertor.

— Dizem que os livros estragam o homem — disse ela, abanando pensativamente a cabeça. — Gostas de ler livros?

— Gosto — respondeu Ordínov sem saber se estava a sonhar e apertando com força a mão de Katerina para se convencer de que não sonhava.

— O meu patrão tem muitos livros, são estes, estás a ver? Ele diz que são sagrados. Lê-me sempre passagens desses livros. Depois mostro-te, e tu explicas-me que coisas são essas que ele me lê.

— Explico — sussurrou Ordínov, sem desviar os olhos dela.

— Gostas de rezar? — perguntou ela pouco depois. — Sabes, tenho medo, tenho sempre medo...

Não acabou, parecia refletir em qualquer coisa. Ordínov levou finalmente a mão dela aos lábios.

— Por que me beijas a mão? (E as faces dela coraram.) Está bem, toma, beija-a — continuou, rindo-se e dando-lhe ambas as mãos; depois libertou uma e pousou-a na testa quente de Ordínov; começou a desembaraçar e a alisar o cabelo dele. Ficava cada vez mais corada. Acabou por se sentar no chão junto à cama e apertou a sua face contra a dele; a respiração tépida e húmida da jovem afluía o rosto dele... De repente, Ordínov sentiu que jorravam lágrimas quentes dos olhos de Katerina, caindo como chumbo fundido na cara dele. Ordínov ia ficando cada vez mais fraco, já nem conseguia mexer a mão. Nisto ouviu-se a porta a bater, depois o barulho da tranqueta. Ordínov ainda ouviu o barulho do velho senhorio a entrar no seu quarto. Ouviu depois Katerina a levantar-se, sem pressa, sem se embaraçar, e a pegar nos livros do velho; sentiu que a rapariga o benzia antes de sair; fechou os olhos. De repente, um beijo quente e longo incendiou-lhe os lábios inflamados — foi como uma picada no coração. Soltou um grito fraco e perdeu os sentidos...

Uma vida estranha começou então para ele.

Por vezes, nos momentos de consciência, embora vaga, cintilava-lhe na cabeça a ideia de que era obrigado a viver um sonho longo, infindável, cheio de estranhas, estereis inquietações, cheio de luta e sofrimentos. Aterrorizado, tentava revoltar-se contra o fatalismo que o oprimia e, no meio da mais tensa e desesperada luta, uma força desconhecida voltava a vencê-lo, e então ele sentia-se claramente a perder a consciência, sentia-se a entrar de novo numas trevas insondáveis, abissais, e ele atirava-se para o abismo com um grito de angústia e desespero. De vez em quando relanceavam-lhe pelos olhos momentos de uma felicidade insuportável, arrasadora, como quando a vida se intensifica espasmodicamente em todo o nosso ser, quando o passado se torna mais claro, o presente, luminoso e solene, soa à alegria, quando o futuro desconhecido soa a real; quando uma esperança indescritível se forma como orvalho vivificante na alma; quando nos apetece gritar de fascínio; quando sentimos que o corpo de carne é impotente perante essas sensações esmagadoras, quando o fio da existência se rasga e, ao mesmo tempo, saudamos toda a nossa vida renovada e ressuscitada. Depois caía de novo na inconsciência, e tudo o que lhe

acontecera nos últimos dias se repetia e se apresentava à sua mente num enxame confuso e inquieto; a visão de tudo isso, entretanto, assumia forma estranha, enigmática. O doente perdia por vezes a memória do que lhe acontecera e surpreendia-se por não estar na sua antiga casa, com a sua velha senhoria. Não podia compreender por que não ia a velha, como antes, sempre na hora tardia do crepúsculo, para junto do fogão em que as últimas brasas já se apagavam, lançando um clarão fraco e tremeluzente no escuro do quarto, e por que não aquecia as mãos ossudas e trementes enquanto esperava que o lume se apagasse de todo, sempre a falar e a resmungar para si mesma, lançando de vez em quando olhares perplexos para ele, o seu esquisito inquilino que ela considerava maluquinho da cabeça porque passava a vida agarrado aos livros. Outras vezes lembrava-se de que mudara de casa, mas não sabia mais nada: como o fizera, a razão por que tivera de se mudar, o que acontecia com ele, embora o seu espírito se enchesse de um ímpeto novo, permanente e irrefreável... Mas não sabia, na realidade, o que o atormentava, que apelo o chamava, quem lançara dentro dele aquele fogo insuportável que o asfixiava e lhe devorava o sangue. Muitas vezes era como se tentasse agarrar com as mãos uma sombra qualquer, parecia-lhe ouvir o roçar de passos próximos e leves ao lado da sua cama, o sussurro delicioso como música de palavras carinhosas, ternas; e sentia a respiração de alguém, húmida e irregular, que deslizava pelo seu rosto e fazia com que todo o seu ser se movesse de amor; e lágrimas quentes de alguém queimavam-lhe muitas vezes as faces ardentes; e, de súbito, um beijo longo e terno pousava-lhe nos lábios. Assim se enchia a sua vida de um tormento inapagável; era como se, à volta, toda a existência e todo o mundo parassem, morressem, e uma noite longa e milenária pairasse por cima de tudo...

Outras vezes parecia voltar aos tenros e despreocupados anos da primeira infância, à alegria pura desses tempos, à felicidade indelével, ao primeiro e delicioso espanto perante a vida, com enxames de espíritos claros que esvoaçavam sob cada flor que ele colhia, espíritos que brincavam com ele no prado riquíssimo que se estendia diante da sua pequena casa rodeada de acácias; eles sorriam-lhe da beira do lago cristalino, onde ele se sentava horas a fio tão-só a escutar o marulho da água; eles farfalhavam à sua volta com as asas, embalando amorosamente o seu berço com sonhos claros e felizes quando a mãe, inclinando-se sobre ele, o benzia, o beijava e lhe cantava baixinho uma cantiga de embalar nas noites longas e serenas. A

certa altura começou a aparecer-lhe de repente uma criatura que lhe metia um pavor nada infantil e que vertia na sua vida o primeiro veneno lento de amargura e lágrimas. Ordínov sentia vagamente que o velho desconhecido tinha em seu poder todo o futuro da sua vida e, tremendo, não conseguia desviar os olhos dele. O velho maldoso seguia-o por todo o lado. Espreitava-o por detrás de cada arbusto do bosque e acenava-lhe enganosamente com a cabeça; ria-se dele, zombava, transformava-se nos seus bonecos de brincar, fazendo caretas e gargalhando nas suas mãos como um anão maldoso, perverso; incitava contra ele cada um dos seus colegas de escola desumanos, ou sentando ao lado dos alunos nas carteiras, espreitava com trejeitos soezes de trás de cada letra da sua gramática. Depois, durante o sono, o velho malévolos sentava-se à cabeceira dele... Enxotou os enxames de espíritos puros que esvoaçavam com o seu barulho de asas de ouro e safira à volta do seu berço, levou para sempre a sua pobre mãe e, noites a fio, contava-lhe uma história longa e prodigiosa, incompreensível para o seu coração pequenino mas que o martirizava com o seu terror e a sua paixão nada infantil. Mas o velho maldoso não dava ouvidos ao seu choro e às suas súplicas e continuava a falar, a falar, até que a criança ficava hirta, inconsciente. Depois a criança acordava de repente, já homem: tinham corrido impercetivelmente anos e anos da sua vida. Tomava a súbita consciência da sua situação real, começava a perceber que era um solitário e um estranho ao mundo, sozinho num canto alheio, no meio de pessoas misteriosas e suspeitas, no meio de inimigos que se juntavam e cochichavam no seu quarto escuro e acenavam com as cabeças à velha sentada de cócoras junto ao lume, aquecendo as suas mãos de velha e apontando para ele. Entrava em inquietação, entrava em pânico; queria saber quem eram aquelas pessoas, o que estavam ali a fazer e porquê, e por que era que ele próprio estava ali, naquele quarto, e adivinhava que tinha ido parar a uma espelunca obscura e criminosa, atraído por algo de poderoso e desconhecido, sem antes ter visto bem quem e como eram os locatários daquela casa e quem era o seu senhorio. Começava a atormentá-lo a desconfiança — e de repente, na escuridão da noite, recomeçou um conto de fadas sussurrado em voz baixinha, como de si para si, quase impercetivelmente, por uma velha que abanava tristemente a cabeça branca diante das brasas quase apagadas. Então — e o terror voltava a apoderar-se dele — a história encarnava-se em formas e rostos diante dos seus olhos. Via que tudo — o que vinha dos seus sonhos vagos de criança, todos os

seus pensamentos e sonhos, o que vivera na realidade, o que lera nos livros, o que havia esquecido — se personificava, ganhava forma, se encarnava, se levantava diante dele em figuras e imagens colossais, andava, enxameava à volta dele; via como se escancaravam diante dele os jardins prodigiosos e luxuriantes, como se erguiam e destruíam a seus olhos cidades inteiras; como os cemitérios lhe enviavam os seus mortos que renasciam e começavam nova vida; como nasciam e se extinguíam tribos e povos inteiros; como tomava corpo, mesmo ao lado da sua cama, cada ideia, cada seu sonho imaterial, no momento, quase, da concepção; como, finalmente, o seu pensamento não era feito de ideias incorpóreas mas de mundos inteiros, de criações inteiras; como ele voava, qual grão de pó, por todo este mundo infinito, estranho, sem saída, e como toda esta vida, com a sua independência conturbada, o oprimia, o esmagava, o perseguia com a sua ironia eterna e infinita; sentia a sua própria morte, sentia que se esboroava em pó e cinzas, sem ressurreição, para todo o sempre; queria fugir, mas não havia em todo o universo um canto para o abrigar. Por fim, num acesso de desespero, fez um esforço enorme, soltou um grito e acordou...

Acordou todo banhado em suor frio, gelado. A toda a volta era o silêncio, um silêncio dos mortos; era a noite profunda. Mas continuava a parecer-lhe que, algures, a sua história mágica prosseguia, que a voz rouca de alguém contava realmente uma longa história que lhe era familiar. Ouvia falar de florestas escuras, de bandidos audazes, de um valentão, talvez o próprio Stenka Rázin², de gente bêbada e alegre que puxava os barcos à sirga, de uma bela moça, do lindo rio Volga. Não era uma fantasia? Seria real que estava a ouvi-la? Durante uma hora continuou deitado com os olhos abertos, sem se mexer, numa paralisia torturante. Por fim soergueu-se com cuidado, ganhou ânimo, sentindo algumas forças no corpo, sentindo que a doença implacável não lhe sugara todas as forças. Acabava o delírio, começava a realidade. Reparou que ainda estava com a mesma roupa que vestia aquando da conversa com Katerina e que, por conseguinte, não se passara muito tempo desde que ela saíra do quarto. O fogo da ousadia correu pelas veias de Ordínov. Apalpou com as mãos, maquinalmente, uma cavilha que, sabia-se lá porquê, tinham pregado no alto da divisória, ao rés do sítio onde Katerina lhe tinha feito a cama; agarrou-se à cavilha e, apoiando nela todo o peso do corpo, içou-se até à frincha por onde entrava no seu quarto uma luz quase indistinta. Aproximou o olho da frincha e, quase sem respirar de emoção, pôs-se a espreitar.

No canto do cubículo do senhorio estava a cama, em frente da cama uma mesa coberta com um tapete e atulhada de livros: livros de formato grande, à antiga, encadernados à maneira dos livros santos. No canto havia um ícone tão velho como o do seu quarto e, diante do ícone, ardia uma lamparina. Na cama estava deitado o velho Múrin, doente, extenuado pelo sofrimento e branco como um lençol, agasalhado com uma pele. Sobre os joelhos tinha um livro aberto. No banco corrido ao lado da cama estava deitada Katerina, abraçando o peito do velho e com a cabeça no seu ombro. Cravava nele uns olhos atentos, infantilmente espantados e, com uma curiosidade inesgotável, retendo a respiração, ouvia o que Múrin lhe contava. De vez em quando o narrador levantava a voz, refletia-se no seu rosto branco a inspiração; carregava o sobrolho, os seus olhos começavam a cintilar, e Katerina parecia empalidecer de medo e emoção. Aparecia então uma espécie de sorriso na cara do velho, e Katerina começava a rir-se baixinho. Às vezes brilhavam lágrimas nos olhos dela; então o velho afagava-lhe carinhosamente a cabeça, como a uma criança, e ela envolvia-lhe com mais força o peito com o seu braço nu, brilhante como a neve, e apertava-se ao peito dele com mais amor ainda.

Por momentos, Ordínov pensou que continuava a sonhar, chegou mesmo a convencer-se disso; mas subiu-lhe o sangue à cabeça e sentiu as veias tensas das têmporas a palpitarem de dor. Largou-se da cavilha, levantou-se da cama e, cambaleando, arrastou-se como um sonâmbulo, sem compreender que impulso lhe incendiava o sangue, e aproximando-se da porta do senhorio, empurrou-a com força; a tranqueta enferrujada cedeu e caiu de vez, e Ordínov, de rompante, fazendo ranger a porta com barulho, viu-se dentro do quarto do senhorio. Viu como Katerina estremeceu, como os olhos do velho brilharam de raiva sob o cenho franzido e como, de repente, a fúria lhe desfigurou a cara. Viu que o velho, sem desviar os olhos dele, apalpava apressadamente a parede, procurando a espingarda pendurada; viu depois como brilhava o cano apontado ao seu peito pela mão incerta e tremente de fúria do velho... Soou o tiro, soou um grito terrível, quase sobre-humano, e, quando o fumo se dissipou, um espetáculo assustador pasmou Ordínov. Com o corpo todo a tremer, inclinou-se sobre o velho. Múrin estava deitado no chão; debatia-se em convulsões, a sua cara estava desfigurada pelo sofrimento, tinha os lábios contorcidos cobertos de espuma. Ordínov percebeu que o desgraçado tivera um fortíssimo ataque do mal-caduco. Com Katerina, apressou-se a ajudá-lo...

[9](#) Stepan Rázin (1630-1671), líder dos rebeldes durante a Guerra Camponesa de 1670-1671. (NT)

3

Passou toda a noite num desassossego. No dia seguinte, Ordínov saiu de casa de manhã cedo, apesar de fraco e ainda com uma febre que não havia meio de baixar. No pátio voltou a encontrar o guarda-portão. Desta vez, ainda de longe, o tártaro tirou o boné e ficou a olhar para Ordínov com curiosidade. Depois, como se tivesse caído bruscamente em si, voltou a varrer, lançando de soslaio olhares para Ordínov, que se aproximava dele.

— Então, não ouviste nada esta noite? — perguntou Ordínov.

— Ouvi.

— Que homem é este? Quem é ele?

— Tu é que alugaste o quarto, tu é que tens de saber. Eu sou um estranho.

— Vais falar ou não vais? — gritou-lhe Ordínov fora de si, num acesso de irritação doentia.

— O que é que eu fiz? A culpa é tua: assustaste os inquilinos. Em baixo vive o homem dos caixões, que é surdo mas ouviu tudo, e a mulher dele, que é tão surda como ele, também ouviu. No outro pátio, que é longe, também ouviram. Vou à polícia.

— Eu próprio vou lá — respondeu Ordínov, dirigindo-se para o portão.

— Como queiras; tu é que alugaste... Ouve, meu amo, ouve, espera aí!

Ordínov voltou a cabeça; o guarda-portão tocou educadamente no boné.

— Então?

— Se fores lá, eu vou ao senhório.

— E depois?

— É melhor mudares-te daqui.

— És parvo — disse Ordínov e seguiu o seu caminho.

— Meu amo, espera! — O guarda-portão voltou a tocar no boné e arreganhou os dentes. — Ouve, meu amo, tem coração; para que havias de ofender um pobre? Ofender um pobre é pecado. Deus não o permite... ouviste?

— Ouve agora tu, e toma lá. Então, quem é ele?

— Quem é?

— Sim, quem é ele?

— Posso dizer-to sem dinheiro.

Então o guarda-portão pegou na vassoura, deu duas varredelas, depois parou e olhou para Ordínov com atenção e solenidade.

— És um bom patrão. Se não quiseses viver com um bom homem, é contigo; é isto que eu te digo.

O tártaro olhou para Ordínov de maneira ainda mais expressiva e, como que se tivesse ficado zangado de repente, voltou a pegar na vassoura e a varrer. Depois, como quem já acabou o trabalho, aproximou-se de Ordínov com um ar enigmático e, com um gesto muito expressivo, disse:

— É isso!

— É isso o quê? O que queres dizer?

— Não tem juízo.

— O quê?

— Fugiu-lhe. Sim, fugiu! — repetiu num tom ainda mais enigmático. — Está doente. Tinha um barco, um grande barco, e mais um, e um terceiro barco, e andava no Volga, eu próprio sou do Volga; ainda tinha uma fábrica, mas ardeu, e ele sem cabeça.

— É louco?

— Não!... Não! — respondeu pausadamente o tártaro. — Louco, não. Muito inteligente. Sabe tudo, lia muito livro, lia, lia, lia, lia sempre e dizia a verdade aos outros. E as pessoas apareciam: dois rublos, três rublos, quarenta rublos, e quem não quisesse, como quisesse; ele olhava para o livro e dizia a verdade, toda a verdade. E o dinheiro a entrar, punham-no em cima da mesa, sem dinheiro nada feito!

O tártaro, que pelos vistos defendia do fundo do coração os interesses de Múrin, até se riu de alegria.

— Como era que ele fazia a bruxaria, lia a sina?

— Humm... — fez o guarda-portão, acenando com a cabeça. — Dizia a verdade. Muita reza a Deus, muita reza. Mas, às vezes, dá-lhe isto — e fez de novo o seu gesto expressivo.

Neste momento alguém chamou o tártaro do outro pátio, e logo apareceu um homem pequeno, curvado, grisalho, de samarra. Caminhava gemendo, tropeçando, olhando para o chão e sussurrando qualquer coisa para si mesmo. Parecia que o homem, por senilidade, tinha perdido o tino.

— É o patrão, o patrão! — sussurrou o guarda-portão a Ordínov, acenando-lhe apressadamente com a cabeça e, tirando o chapéu, desatou a correr ao encontro do velho. A cara do velho parecia familiar a Ordínov, pelo menos achava que o tinha visto recentemente em qualquer lado. Achando, porém, que não havia nada de espantoso nisso, deu meia-volta e saiu do pátio. Quanto ao guarda-portão, parecia-lhe um grande e descarado

malandro. «Até parecia que ao parasita se estava a fazer caro comigo! — pensava Ordínov. — Só Deus sabe o que se passa aqui!»

Pronunciou estas palavras quando já ia a andar pela rua.

A pouco e pouco começaram a ocupar-lhe a cabeça outros pensamentos. O seu estado de espírito era desagradável: o dia estava cinzento e frio, a neve voava no ar. Ordínov, cheio de arrepios, sentia já uma grande quebreira no corpo todo e a terra como que a balançar debaixo dos seus pés. De repente, uma voz familiar, trémula, em tom de tenor meloso e desagradável, deu-lhe os bons-dias.

— Iaroslav Iliitch! — disse Ordínov.

Diante dele estava um homem enérgico, de faces vermelhas, dos seus trinta anos, estatura média, com uns olhinhos cinzentos e oleosos, com um sorrisinho nos lábios, vestido... vestido como se vestia desde sempre Iaroslav Iliitch. Estendeu a mão a Ordínov, com o ar mais afável deste mundo. Ordínov conhecera Iaroslav Iliitch um ano atrás, absolutamente por acaso, era quase um conhecimento de rua. Para facilitar um tal conhecimento contribuiu, mais do que tudo, além do acaso, a extraordinária propensão de Iaroslav Iliitch para encontrar por todo o lado pessoas bondosas, nobres, sobretudo cultas e que, pelo seu talento e, pelo menos, boas maneiras, fossem dignas de pertencer à alta sociedade. Embora Iaroslav Iliitch tivesse uma voz de tenor extremamente melosa, transparecia-lhe dessa voz, mesmo nas conversas com os amigos mais íntimos, qualquer coisa de extraordinariamente clara, poderosa e autoritária, que não prometia contemplações e que, possivelmente, era consequência do seu hábito de sempre.

— Como é que o encontro aqui? — exclamou Iaroslav Iliitch num tom de alegria muito sincera e entusiasmada.

— Moro cá.

— Desde quando? — continuou Iaroslav Iliitch, subindo cada vez mais o tom de voz. — Não sabia! Então somos vizinhos! Eu, agora, presto serviço numa delegação daqui. Voltei há um mês da província de Riazan. Ora veja lá, como eu o apanhei aqui, meu velho e nobilíssimo amigo! — E Iaroslav Iliitch riu-se da maneira mais benévola que imaginar se possa.

— Serguéev! — gritou com inspiração. — Espera por mim em casa de Tarásov, e que não toquem nos sacos sem eu estar presente. E dá lá também um empurrão ao guarda-portão de Olsúfiev, diz-lhe que compareça imediatamente no escritório. Eu estarei lá dentro de uma hora...

Depois destas ordens rápidas, o delicado Iaroslav Iliitch pegou em Ordínov pelo braço e levou-o para o restaurante mais próximo.

— Depois de uma separação tão longa, não o deixo ir sem trocarmos duas palavras a sós. Então, como vai o seu trabalho? — continuou num tom de quase veneração e baixando enigmaticamente a voz. — Sempre nas ciências?

— Sim, como dantes — respondeu Ordínov, iluminado por uma súbita ideia.

— É nobre, Vassíli Mikhailovitch, é um trabalho nobre! — E, aqui, Iaroslav Iliitch apertou com força a mão de Ordínov. — Será o orgulho da nossa sociedade. Que Deus lhe aponte o caminho mais feliz para a sua carreira... Meu Deus! Que contente eu estou por o ter encontrado! Tenho-me lembrado tantas vezes de si, e perguntava sempre: por onde andará ele, o nosso bondoso, o nosso generoso, o nosso espirituoso Vassíli Mikhailovitch?

Ocuparam um reservado. Iaroslav Iliitch pediu petiscos, vodca e, com muito sentimento, olhou para Ordínov.

— Li muito nos últimos tempos — começou em voz tímida, insinuante. — Li todo o Púchkin.

Ordínov olhou, distraído, para ele.

— É espantosa nele a descrição da paixão humana. Mas, antes de mais nada, permita que lhe exprima a minha gratidão. Fez tanto por mim no que se refere ao ensinamento nobre da justiça no modo de pensar...

— Por amor de Deus!

— Não, desculpe, é verdade. Gosto sempre de ser justo e orgulho-me de que este sentimento, pelo menos este, ainda não tenha desaparecido em mim.

— Por amor de Deus, o senhor está a ser injusto para consigo mesmo, eu, francamente...

— Não, estou a ser perfeitamente justo — objetou Iaroslav Iliitch com grande ardor. — O que sou eu em comparação consigo? É ou não é verdade?

— Ah, meu Deus!

— Pois...

Seguiu-se um silêncio.

— Segui os seus conselhos e cortei relações com gente grosseira e, em parte, consegui suavizar os meus hábitos rudes — recomeçou Iaroslav

Iliitch no seu tom um tudo-nada tímido e insinuante. — Nos tempos livres do serviço passo a maior parte do tempo em casa; à noite leio um livro benéfico e... tenho um só desejo, Vassíli Mikhailovitch: ser, na medida das minhas forças, útil à pátria...

— Eu sempre o considereei um homem nobilíssimo, Iaroslav Iliitch.

— Oh, sempre a derramar o seu bálsamo... meu jovem e nobre senhor...

Iaroslav Iliitch, com ardor, apertou a mão de Ordínov.

— Não bebe? — reparou ele, tendo acalmado um pouco a sua emoção.

— Não posso, estou doente.

— Doente? Olhe que isto! Há muito? E como, de que maneira adoeceu? Se quiser, falo com... que médico anda a tratar de si? Se quiser, falo imediatamente com o médico da nossa delegação. Vou falar pessoalmente com ele. É um artista!

Iaroslav Iliitch já pegava no chapéu.

— Muito obrigado, mas não me trato com médicos nem gosto de médicos...

— Como? Será possível? Mas ele é um grande artista na sua profissão! — continuou Iaroslav Iliitch num tom suplicante. — Há dias (permita que lhe conte isto, meu caro Vassíli Mikhailovitch), há dias apareceu um serralheiro pobre, que disse: «Feri a mão com uma ferramenta, cure-me...» Semion Pafnúitch, vendo que o desgraçado corria o risco de a ferida lhe gangrenar, resolveu amputar de imediato o membro afetado. Fê-lo na minha presença. Mas fê-lo de uma maneira tão nob... ou seja, de forma tão magnífica que, francamente, se não fosse a compaixão pelo ser humano em sofrimento, até seria agradável vê-lo, simplesmente, trabalhar, só por curiosidade. Mas onde apanhou a sua doença?

— Quando mudava de casa... Acabo de levantar-me da cama.

— Mas então ainda está bastante debilitado e não deveria ter saído. Portanto, já mora noutra casa? Mas o que o obrigou a mudar?

— A minha antiga senhoria saiu de Petersburgo.

— Domna Sávichna? Não me diga!... Uma velha bondosa, verdadeiramente nobre! Sabia que eu sentia por ela um respeito quase filial? Qualquer coisa sublime da época dos nossos bisavós luzia naquela vida quase no seu término; olhando para ela, parece que vemos um encarnação da nossa antiguidade encanecida, majestosa... ou seja, uma coisa... qualquer coisa assim, como hei de dizer, poética!... — concluiu Iaroslav Iliitch com dificuldade, definitivamente intimidado e corando até às orelhas.

— Sim, era bondosa.

— Mas permita-me a pergunta: onde é que se instalou agora?

— Aqui perto, no prédio de Kochmárov.

— Conheço-o. Um velho majestoso! Pode mesmo dizer-se que sou amigo íntimo dele. Uma velhice nobre!

Os lábios de Iaroslav Iliitch quase tremiam de ternura alegre. Pediu mais um cálice de vodka e um cachimbo.

— Alugou apartamento?

— Não, tomei de subaluguer a um inquilino.

— A quem? Talvez também o conheça.

— A Múrin, um popular; é um velho alto...

— Múrin, Múrin... espere, não é nas traseiras, por cima do fabricante de caixões?

— É, é mesmo aí, nas traseiras.

— Humm... e a casa é sossegada?

— Não sei, acabei de me mudar.

— Humm... queria apenas dizer, humm... aliás, não reparou em nada de especial?

— Francamente...

— Não, ou seja, tenho a certeza de que vai ficar bem em casa dele se o quarto o satisfizer... nem é disso que estou a falar, mas... como conheço o carácter do senhor... O que acha desse velho popular?

— Parece um homem muito doente.

— Sim, sofre muito... Mas não reparou em nada de especial? Falou com ele?

— Muito pouco, é insociável e bilioso...

— Humm... — Iaroslav Iliitch ficou pensativo. — Um homem desgraçado! — disse por fim.

— Ele?

— Sim, desgraçado e, ao mesmo tempo, incrivelmente estranho e curioso. Aliás, se não o incomoda... Desculpe ter chamado a sua atenção para este assunto, mas a minha curiosidade...

— Na verdade, acaba de provocar também a minha... Eu gostaria muito de saber quem ele é. Até porque vivo em casa dele...

— Veja: dizem que, dantes, o homem era muito rico. Fazia comércio, como, de resto, o senhor já deve ter ouvido dizer. Em virtude de várias circunstâncias infelizes, ficou pobre: uma tempestade destruiu-lhe os

barcos, com a carga. Tinha uma fábrica, que confiara a um parente próximo e querido, que acabou também de maneira terrível, consumida por um incêndio, onde, aliás, o parente dele também pereceu. Tem de concordar que foi uma perda tremenda! Depois, segundo dizem, o Múrin entrou num desespero deplorável, até se chegou a temer pela sanidade mental dele, e, de facto, numa zanga com outro comerciante, também proprietário de barcos no Volga, manifestou traços de carácter tão estranhos e inesperados que não se podia explicar o incidente de outro modo que não fosse como consequência de loucura dele, hipótese que eu também estou pronto a subscrever. Ouvi pormenores sobre algumas das esquisitices dele; por fim, deu-se um acontecimento muito estranho, por assim dizer fatídico, que não é possível explicar a não ser por influência hostil de um destino enfurecido.

— Que acontecimento? — perguntou Ordínov.

— Dizem que, num ataque de loucura, atentou contra a vida de um jovem comerciante de quem antes gostava muito. Quando voltou a si depois do ataque ficou tão abalado que esteve a ponto de se suicidar: pelo menos, é assim que contam esta história. Não sei exactamente o que aconteceu depois, o certo foi que, durante vários anos, ele tem andado a penitenciar-se... Mas o que tem, Vassíli Mikhailovitch, a minha narração não estará a ser demasiado cansativa para si?

— Oh, não, por amor de Deus... Diz que ele se penitencia; mas não está sozinho.

— Não sei, disseram-me que estava sozinho. Pelo menos, não havia mais ninguém implicado no caso. De resto, sobre o que se passou a seguir não ouvi nada, apenas sei que...

— O quê?

— Sei apenas... ou antes, não queria acrescentar mais nada... quero apenas dizer (se o senhor acha que há qualquer coisa de extraordinário nisto, ou fora do vulgar) que tudo aconteceu unicamente em consequência das desgraças que se abateram sobre ele, umas atrás das outras...

— Pois, ele é um homem muito religioso, um grande beato...

— Não acho, Vassíli Mikhailovitch; o homem sofreu muito e parece-me de coração puro.

— Agora não parece louco, parece estar bem.

— Não, não é louco, posso garantir-lho, até sob juramento, se for necessário: está na posse plena das suas capacidades mentais. Apenas se mostra muitíssimo estranho e demasiado religioso, como o senhor observou

de passagem. Mas é um homem de grande sensatez. Fala com habilidade e arrojo, e com grande argúcia. Ainda se notam na cara dele as marcas da sua vida tempestuosa passada. É um homem curioso e de grandes leituras.

— Mas parece que lê apenas livros religiosos, não é?

— Sim, é um místico.

— Como?

— Místico. Mas isto fica entre nós. Digo-lhe ainda, também em segredo, que durante algum tempo estive sob forte vigilância. O homem exercia uma influência tremenda sobre todos os que iam falar com ele.

— Que influência?

— Nem vai acreditar. Naquela altura ele ainda não vivia neste bairro. Pois bem, o Aleksandr Ignátitch, cidadão de honra, um homem importante e respeitado por todos, foi visitá-lo por curiosidade, acompanhado por um tenente. Chegaram lá, foram recebidos. Então, esse homem estranho, começou a estudar-lhes as fisionomias. Tinha o hábito de perscrutar as caras das pessoas quando decidia ajudá-las, ser-lhes útil; quando não aceitava, mandava o visitante embora de maneira bastante indelicada, segundo dizem. Perguntou-lhes: o que desejam os senhores? Tal e tal, respondeu-lhe Aleksandr Ignátitch, o seu dom pode elucidá-lo sem precisar de falar. Nesse caso, disse o homem, faça o favor de vir comigo a outra sala, e, então, mandou entrar para outra sala precisamente a ele, porque era ele quem, de facto, precisava de ajuda. Aleksandr Ignátitch não contou o que se passou a seguir, mas dizem que saiu de lá branco como um lençol. A mesma coisa aconteceu a uma senhora nobre da alta sociedade: também saiu de lá muito branca, banhada em lágrimas e espantada com os vaticínios e a eloquência do velho.

— É estranho. E agora, já não se dedica a isso?

— Foi-lhe rigorosamente proibido. Havia casos estranhíssimos. Um jovem alferes de cavalaria, flor e esperança da sua família aristocrática, soltou uma risada olhando para ele. «Por que te ris? — zangou-se o velho.

— Dentro de três dias serás isto!», e cruzou os braços no peito, num gesto que significava a morte.

— E depois?

— Não me atrevo a acreditar, mas dizem que o presságio se cumpriu. O homem tem o dom, Vassíli Mikhailovitch... Vi que o senhor sorriu ao ouvir o meu relato ingénuo. Sei que o senhor, em comparação comigo, está muito

à frente em cultura; mas acredito nele: não é um charlatão. O próprio Púchkin menciona qualquer coisa semelhante nas suas obras.

— Humm. Não pretendo contradizê-lo. Parece-me que o senhor disse que o homem não vivia sozinho.

— Não sei... tem uma filha com ele, parece.

— Filha?

— Sim, ou talvez mulher; sei apenas que está uma mulher com ele. Vi de relance e não prestei atenção.

— Humm. É estranho.

Ordínov ficou pensativo, Iaroslav Iliitch mergulhou numa terna contemplação. Estava comovido, tanto por ter encontrado o velho amigo como por ter contado razoavelmente bem uma história interessante. Estava sentado sem desviar os olhos de Vassíli Mikhailovitch, fumando o seu cachimbo; de repente saltou do lugar, todo azafamado.

— Já passou uma hora, até me esqueci do tempo! Caro Vassíli Mikhailovitch, volto a agradecer ao destino por nos ter juntado hoje, mas tenho de me ir embora. Dar-me-á licença de o visitar no seu abrigo científico?

— Quando quiser, terei todo o gosto. Também o visitarei quando tiver tempo livre.

— Será que posso acreditar em tal notícia feliz? Será um prazer indizível! Nem imagina como estou entusiasmado!

Saíram do restaurante. Serguéev já corria ao encontro deles e, de rajada, fez a Iaroslav Iliitch o relatório verbal dos acontecimentos e disse que vinha na charrete o próprio Vilm Emeliánovitch. De facto, via-se ao longe uma parelha de valentes baios atrelados a uma bela charrete. Era notável, sobretudo, um dos cavalos. Iaroslav Iliitch apertou a mão, com a força de tenazes, ao melhor dos seus amigos, levou a mão ao chapéu e correu ao encontro da charrete. Antes de lá chegar, voltou por duas vezes a cabeça e acenou a Ordínov em sinal de despedida.

Ordínov sentia um cansaço tão grande, sobretudo nas pernas e nos braços, que mal conseguia arrastar os pés. Foi a grande custo que chegou a casa. Ao lado do portão recebeu-o o mesmo guarda-portão que, aliás, tinha observado com grande atenção a despedida de Iaroslav Iliitch e, ainda de longe, lhe fez um sinal convidativo qualquer. Mas o jovem passou ao lado. À porta, esbarrou contra uma pequena figura encanecida que, de olhos baixos, saía do apartamento de Múrin.

— Meu Deus, perdoai os meus pecados! — sussurrou o homem, saltando para o lado como uma rolha.

— Não o magoei?

— Não, meu senhor, agradeço humildemente a sua atenção... Oh, meu Deus, meu Deus!

O pacato homenzinho, gemendo, suspirando e sussurrando para si mesmo um sermão qualquer, começou a descer com cuidado as escadas. Era o proprietário do prédio, que tanto assustara o guarda-portão. Só então Ordínov se lembrou de que o vira pela primeira vez naquele mesmo lugar, em casa de Múrin, quando fazia a mudança para o novo alojamento.

Sentia-se irritado e abalado; sabia que a sua fantasia e sensibilidade estavam exacerbadas, e decidiu não confiar muito em si mesmo. A pouco e pouco, caiu numa espécie de paralisia. Um sentimento pesado oprimia-lhe o peito. Doía-lhe o coração como se lho corroessem, tinha a alma cheia de lágrimas surdas, inesgotáveis.

Voltou a deitar-se na cama que ela lhe fizera e pôs-se à escuta. Ouvia duas respirações: uma grave, doentia, entrecortada; outra quase inaudível mas irregular, e também como que emocionada, como se, ali dentro, batessem os corações com a mesma ânsia, com a mesma paixão. Ordínov ouviu por momentos o roçar do seu vestido, o leve barulho dos seus passos suaves, vagarosos, e até os passos dela ecoavam com uma dor surda e torturante, mas deliciosamente torturante. Por fim, pareceu-lhe que a ouviu chorar, que ouviu um suspiro dela e, finalmente, uma reza. Sabia que ela estava ajoelhada diante do ícone, torcendo as mãos num desespero frenético!... Quem é ela? Por quem reza? Que impossível paixão lhe perturba o coração? Por que se angustiará tanto o seu coração, por que derrama estas lágrimas ardentes e desesperadas?...

Pôs-se a recordar as palavras dela. Tudo o que ela lhe tinha dito ainda soava nos seus ouvidos como música e, a cada recordação, o seu coração respondia com um golpe surdo e pesado, e repetia cada palavra dela religiosamente... Por um instante, relampejou-lhe na cabeça a ideia de que tudo aquilo não passara de um sonho. Mas logo desfaleceu de angústia quando a memória lhe trouxe a respiração quente dela, as suas palavras, o seu beijo. Fechou os olhos e caiu em modorra. Algures, um relógio bateu as horas; a tarde acabava; caía o crepúsculo.

Pareceu-lhe de súbito que ela se inclinava de novo sobre ele, que o fitava com os seus olhos divinamente límpidos, húmidos das lágrimas brilhantes

de alegria clara, despreocupada, uns olhos serenos e claros como a infinita cúpula cor de turquesa num meio-dia de calor. E o rosto dela irradiava uma tranquilidade tão solene, o sorriso dela ardia numa promessa de felicidade tão infinita, inclinou-se para o ombro dele com um ímpeto tão infantil que a alegria arrancou um gemido do peito exausto de Ordínov. Ela queria dizer-lhe alguma coisa; confiava-lhe carinhosamente um segredo. De novo inundou o ouvido de Ordínov uma música. Bebia com avidez o ar aquecido e eletrizado pela respiração dela. Cheio de angústia, estendeu as mãos, suspirou, abriu os olhos... Ela estava diante dele, inclinando-se-lhe para a cara, toda pálida como se tivesse apanhado um susto, banhada em lágrimas, a tremer de emoção. Estava a dizer-lhe qualquer coisa, a suplicar-lhe qualquer coisa, torcendo as mãos, erguendo-as em prece. Ordínov envolveu-a nos braços, ela tremia, toda apertada contra o seu peito...

SEGUNDA PARTE

— O que é? O que tens? — dizia Ordínov, já completamente acordado e apertando-a ainda num abraço forte e caloroso. — O que tens, Katerina? Diz, meu amor!

Katerina chorava em silêncio, baixando os olhos e escondendo o rosto ardente no seu peito. Ainda não conseguia falar muito e, presa de um qualquer medo, tremia toda.

— Não sei, não sei — disse por fim, numa voz quase impercetível, sufocando e não conseguindo articular bem as palavras —, nem me lembro como entrei aqui... — Apertou-se ainda mais contra ele, e, num ímpeto convulso, irrefreável, pôs-se-lhe a beijar os ombros, as mãos, o peito; por último, num gesto de desespero, tapou a cara com as mãos, ajoelhou-se e escondeu-a nos joelhos dele. Quando Ordínov, numa angústia indescritível, a levantou com impaciência e a sentou a seu lado, o rosto dela ardia no fogo da vergonha, os seus olhos chorosos suplicavam misericórdia, e um sorriso forçado tentava reprimir aquele novo e poderoso sentimento. O medo voltava a tomar conta dela e, afastando Ordínov com a mão, desconfiada, mal olhava para ele e respondia às suas perguntas ansiosas com a cabeça baixa e um sussurro assustado.

— Se calhar tiveste um pesadelo — dizia-lhe Ordínov —, foi alguma coisa que te apareceu em sonho... não foi? Foi talvez *ele* que te assustou?... Como está a delirar, inconsciente, disse talvez qualquer coisa que não devias ouvir, não foi?... Ouviste alguma coisa, foi?

— Não, eu não estava a dormir — respondeu Katerina, reprimindo a grande custo a emoção. — Eu não conseguia adormecer. *Ele* estava sempre calado e só me chamou uma vez. Eu chegava-me várias vezes à cama dele, chamava-o, falava com ele. Estava cheia de medo, mas ele não acordava nem me ouvia. Está muito doente, Deus o ajude! Foi quando comecei a sentir esta mágoa no coração, esta amargura! Pus-me a rezar, a rezar, sempre a rezar, e fiquei neste estado.

— Deixa lá, Katerina, não te aflijas, minha vida! Foi tudo porque ontem te assustaste...

— Não, ontem não me assustei!...

— Isto já te acontecia antes?

— Sim, já acontecia. — Começou de novo a tremer e apertou-se a ele com força, como uma criança assustada. — Bem vês — disse ela, parando

de chorar —, não vim ter contigo por acaso, não, foi porque era muito penoso para mim estar sozinha — e apertava as mãos dele com gratidão. — Não chores pela desgraça alheia! Guarda as lágrimas para o momento difícil em que também te vais sentir sozinho e amargurado e não vais ter ninguém ao pé de ti!... Ouve, nunca tiveste uma amada?

— Não... antes de ti não conheci ninguém...

— Antes de mim... Estás a chamar-me tua amada?

Olhou bruscamente para ele, tomada de espanto, quis dizer qualquer coisa mas não disse, baixou os olhos. A pouco e pouco, a cara dela começou de novo a arder; os olhos brilharam-lhe mais através das lágrimas esquecidas nas pestanas, adivinhava-se uma pergunta a remexer-se nos lábios de Katerina. Por duas vezes olhou para ele de relance, com manha e também vergonha, e voltou a baixar os olhos.

— Não, o destino não quer que eu seja a tua primeira amada — disse ela —, não, não — repetia, abanando a cabeça pensativamente, enquanto lhe aflorava de novo nos lábios um sorriso. — Não — disse por fim, já a rir-se —, não posso ser a tua amada, meu querido.

Olhou para ele, mas com tanta tristeza, com uma amargura tão desalentada, com os traços de súbito tão alterados pelo desespero que lhe fervilhou no coração que Ordínov foi dominado por um sentimento incompreensível e doloroso de compaixão e olhou para Katerina com incrível sofrimento.

— Ouve o que te vou dizer... — A voz de Katerina atravessava-lhe o coração, apertava as mãos dele, tentava reprimir o choro. — Ouve-me bem, ouve, minha vida! Doma o teu coração e não deixes que ele me ame agora como me ama. Alivia o teu coração e ficarás a salvo do inimigo cruel, e terás em mim uma irmã querida. Eu venho ver-te na mesma, se quiseses, vou acarinhar-te sem me cobrir de vergonha por ter amor contigo. Já estive contigo naqueles dois dias em que estiveste doente! Aceita-me como irmã! Não foi por acaso que tu e eu nos tornámos fraternos, não foi por acaso que eu rezei à Mãe de Deus por ti! Nunca terás outra como eu! Se o teu coração te pede uma amada, podes calcorrear todos os caminhos do mundo, podes ver toda a Terra que não encontrarás outra amada como eu! Vou amar-te com ardor, como agora te amo, porque tens uma alma pura, límpida e transparente; porque, quando olhei para ti pela primeira vez, vi logo que eras bem-vindo a minha casa, que eras desejado; e que não foi por acaso que pediste para viver aqui connosco; vou amar-te porque, quando olhas, os

teus olhos amam e falam-me do teu coração, e quando falam fico logo a saber tudo o que há dentro de ti e tenho vontade de dar a vida pelo teu amor, de dar toda a minha liberdade, porque é doce ser escrava daquele a quem encontrei o coração... mas a minha vida não é minha, não é a mim que pertence, não tenho liberdade! Por isso vê-me como irmã e sê um irmão para mim; recebe-me no teu coração quando me assediar de novo a angústia, esta doença cruel; mas faz com que não seja vergonha para mim vir encontrar-me contigo, ficar contigo toda a longa noite, como agora. Ouviste? Abriste-me o teu coração? Percebeste o que te disse?... — Katerina queria continuar, olhou para ele, pôs-lhe a mão no ombro e, por fim, caiu sem forças no seu peito. A sua voz foi esmorecendo no meio de um choro convulso e apaixonado, o seu peito erguia-se e baixava-se, a sua cara ardia como o sol-poente.

— Minha vida! — sussurrou Ordínov, sentindo a vista a ofuscar-se e a respiração presa. — Minha alegria! — dizia ele, sem consciência do que estava a dizer, com medo de, com um sopro, destruir o encanto, destruir tudo aquilo por que estava a passar e que ele tomava mais por uma visão do que pela realidade, de tal modo tudo se lhe enevoava diante dos olhos! — Não te conheço, não te compreendo, não me lembro do que acabaste de dizer, a minha mente parece embaciada, o coração dói-me dentro do peito, minha rainha!...

A emoção cortou-lhe de novo a voz. Katerina apertava-se cada vez mais contra o seu peito, cada vez com mais ardor. Ordínov soergueu-se e, sem forças, sem tentar reprimir o seu enleio, caiu de joelhos. Soltou-se-lhe do peito um choro convulso e doloroso e, numa voz que lhe saía direita do coração, tremente como uma corda, moldada por toda a plenitude de um fascínio e de um deleite misteriosos, disse:

— Quem és, quem és tu, minha querida? Onde vieste, pombinha? — Ao mesmo tempo que falava, tentava conter os soluços. — De que céu voaste para vires ter comigo? Parece que estou a sonhar, não consigo acreditar na tua existência. Não me repreendas... deixa-me falar, deixa que te diga tudo, tudo!... Há muito que quero falar... Quem és, quem és tu, minha alegria?... Como encontraste o meu coração? Diz-me quando ficaste minha irmã!... Conta-me tudo de ti: onde estiveste até agora... diz-me como se chama o sítio donde vieste, o que te alegrava lá e o que te fazia triste!... O ar lá era quentinho e o céu limpo?... Quem era lá querido para ti, quem te amou antes de mim, quem atraiu pela primeira vez a tua alma?... Tiveste uma mãe

que cuidou de ti desde pequenina ou, como eu, foi sozinha que deitaste o teu primeiro olhar ao mundo? Diz-me: foste sempre como és agora? Com que sonhaste, o que tentaste imaginar do futuro, o que se cumpriu e o que não se cumpriu na tua vida? Diz-me tudo... Por quem foi que o teu coração virginal sofreu pela primeira vez? E por que o entregaste a alguém? Diz-me, o que posso eu dar pelo teu coração, o que posso dar por ti?... Diz-me, minha linda, minha luz, minha irmã, diz-me: como posso ganhar o teu coração?...

Voltou a esgotar-se-lhe a voz, baixou a cabeça. Mas quando levantou os olhos, um terror mudo regelou-o de chofre, puseram-se-lhe os cabelos em pé.

Katerina estava branca como um lençol. Olhava para o nada, com os olhos parados, turvados por um sofrimento mudo, insuportável de ver, tinha os lábios mais azuis que os de uma morta. Levantou-se devagar, deu dois passos e, com um grito estridente, caiu de joelhos diante de um ícone... Saíam-lhe do peito palavras incoerentes. Perdeu os sentidos. Louco de pavor, Ordínov levantou-a e levou-a para a cama, e ali ficou, ao pé dela, perdendo o sentido da realidade. Um minuto depois ela abriu os olhos, soergueu-se na cama, olhou em volta e agarrou-se à mão dele. Puxou-o para si, tentando sussurrar qualquer coisa com os lábios ainda brancos, mas a voz não lhe obedecia. Desatou a chorar, as suas lágrimas quentes queimavam a mão gélida de Ordínov.

— Estou mal, muito mal, está a chegar a minha última hora! — acabou por dizer, no meio de um sofrimento desesperado.

Tentava continuar a falar, mas a língua não lhe obedecia. Desesperada, olhava para Ordínov, que não percebia o que ela tentava dizer. Inclinou-se para mais perto dela, à escuta... Por fim, ouviu-a sussurrar com clareza:

— Estou toda estragada, estragaram-me, fizeram a minha perdição!

Ordínov ergueu a cabeça para ela num espanto louco. Passou-lhe uma ideia monstruosa pela cabeça. Katerina viu como a cara dele se franzia numa dor convulsa.

— Sim! Estragaram-me — continuou Katerina —, um homem maldoso estragou-me... *ele*, o meu génio mau!... Vendi-lhe a alma... Porquê, por que falaste na minha mãe? Por que querias fazer-me sofrer? Que Deus te perdoe por isso!...

Começou a chorar; o coração de Ordínov palpitava numa mágoa mortal.

— Diz ele — sussurrava ela numa voz contida, misteriosa — que, quando morrer, virá buscar a minha alma pecadora... Pertença-lhe, vendi-lhe a alma... Faz-me sofrer tanto, lê-me os livros... Toma, vê, vê o livro dele! É o livro dele. Diz ele que eu cometi um pecado mortal... Olha, vê, vê...

Mostrava-lhe um livro; Ordínov não percebeu como apareceu ali aquele livro. Pegou nele automaticamente: estava escrito à mão, como os antigos livros dos fiéis da Velha Crença ortodoxa que já antes tivera oportunidade de ver. Mas agora era incapaz de concentrar a atenção fosse no que fosse. O livro caiu das mãos de Ordínov. Abraçou Katerina com cuidado, tentando chamá-la à razão.

— Deixa, deixa lá isso! — dizia. — Assustaram-te, mas eu estou aqui contigo, descansa aqui ao pé de mim, minha alminha, meu amor, minha luz!

— Tu não sabes nada, nada! — dizia ela, apertando-lhe as mãos com força. — Eu sou sempre assim!... Tenho sempre medo... Deixa de me atormentar!...

Um minuto depois, recuperado o fôlego, Katerina recomeçou a falar: — Quando vou ter com ele, ou me enfeitiça, simplesmente, com as suas palavras, ou pega no livro, o maior e lê para cima de mim aquelas palavras. Lê-me sempre coisas severas, ameaçadoras! Não sei bem o que ele lê, não compreendo as palavras todas; mas fico apavorada só ao som da voz dele, parece-me que não é ele quem fala, mas outro ser, malévolo, a quem é impossível abrandar, a quem é inútil suplicar... então é uma grande dor na alma, a minha alma queima-se... É pior do que quando começou a angústia!

— Então não te aproximes dele! Para que vais ter com ele? — dizia Ordínov, quase sem ter consciência do que dizia.

— E para que vim ter contigo? Também não sei... Ele diz-me sempre: reza, reza! Às vezes está noite escura e eu levanto-me e rezo horas a fio; outras vezes tenho muito sono, mas o medo acorda-me, acorda-me sempre, parece-me que está a preparar-se uma tempestade à minha volta, que estou ameaçada, que vão despedaçar-me, que há pessoas más prontas a martirizar-me, que os santos não vão atender às minhas súplicas e não me salvarão da desgraça cruel. É como se a minha alma se rasgasse quando choro e o meu corpo estivesse prestes a partir-se aos bocados... Então rezo de novo, rezo e rezo até que a Rainha dos Céus comece a olhar-me do ícone com mais carinho. Levanto-me, deito-me e, por fim, adormeço como uma pedra; às vezes adormeço no chão, ajoelhada diante do ícone. Muitas vezes ele

acorda, chama-me, põe-se a acarinhar-me e a consolar-me, e eu sinto-me aliviada, ao pé dele não tenho medo de qualquer desgraça. Ele tem poder! É grande a palavra dele!

— Desgraça? Que desgraça, qual é a tua desgraça? — E Ordínov torcia as mãos de desespero.

Katerina empalideceu muito. Pôs-se a olhar para ele como uma condenada à morte que não tem esperança de indulto.

— Que desgraça?... Sou uma filha maldita, sou assassina, a minha mãe amaldiçoou-me! Causei a morte da minha própria mãe!...

Ordínov abraçou-a em silêncio. Ela apertou-se contra ele, toda a tremer. Ele sentia aquele tremor de Katerina a percorrer-lhe o corpo e parecia que a alma dela se despedia do corpo.

— Enterrei-a, enterrei a minha mãe — dizia ela, perturbada pelas suas recordações, mergulhada nas visões do seu passado inelutável. — Há muito que quero falar, mas ele proíbe-me de toda a maneira, com súplicas, com repreensões, com palavras iradas, mas ele próprio é que cria em mim esta angústia, como meu inimigo e meu carrasco. Mas aquilo vem sempre à minha cabeça, como esta noite... Ouve, ouve! Aconteceu há muito, muito tempo, nem me lembro quando foi, mas estou sempre a vê-lo como se fosse ontem, como se fosse um sonho de ontem que me sugou toda a noite o coração; e a mágoa parece que prolonga o tempo para o dobro. Senta-te, senta-te aqui ao meu lado, que eu conto-te a desgraça que me devora, maldita que sou, pela maldição materna... Confio-te a minha vida...

Ordínov queria fazê-la parar, mas Katerina juntou as mãos numa súplica, em nome do seu amor, e quis continuar, ainda mais emocionada. O que ela contava era incoerente, uma tempestade da alma, mas Ordínov compreendia tudo porque a vida dela se tornou a vida dele, a desgraça dela a sua desgraça; e porque o inimigo dele estava agora ali diante dele, ao vivo, encarnava-se e crescia a cada palavra de Katerina, e parecia esmagar com uma força implacável o coração de Ordínov, escarnecendo da sua raiva. O seu sangue fervia, arrasava-lhe o coração e confundia-lhe as ideias. O velho maldoso com que sonhara (acreditava Ordínov) estava diante dele na realidade.

— Era uma noite como a de hoje — começou Katerina —, só que mais terrível, e o vento uivava na nossa floresta como nunca o tinha visto uivar... ou então foi mesmo nessa noite que começou a minha perda! Mesmo ao pé da nossa janela rachou-se um carvalho, e chegou à nossa casa um velho

pedinte de cabelo branco que disse lembrar-se daquele carvalho ainda de criança, e que, no momento em que foi quebrado pelo vento, estava exatamente igual ao que ele vira em criança. Na mesma noite — lembro-me como se fosse hoje! — a tempestade destruiu no rio os barcos do meu pai, e ele, embora a doença lhe quebrasse o corpo, foi para o rio mal chegaram à nossa fábrica os pescadores. Eu e a minha mãe ficámos sozinhas em casa; eu a dormir, e ela triste e a chorar de amargura... e eu sabia porquê! Ela saíra de uma doença havia pouco, andava muito pálida e estava sempre a dizer-me que lhe preparasse a mortalha... De repente, em plena noite, alguém bateu ao portão; o sangue afluíu-me ao coração com força, saltei do lugar; a mãezinha soltou um grito... e eu nem olhei para ela, estava com medo, peguei na lanterna e eu própria fui abrir o portão... Era *ele*! Fiquei com medo, como sempre ficava quando ele ia à nossa casa, era assim desde pequenina, desde que me lembro de mim! Naquela altura, ele ainda não tinha o cabelo branco, a sua barba era negra de azeviche, os seus olhos ardiam como brasas e nunca olhavam para mim com carinho. Perguntou se a minha mãe estava em casa. Eu já ia fechar a cancela, dizendo que «o meu pai não estava em casa». Ele disse «eu sei», e de repente olhou para mim de uma maneira, de uma maneira... era a primeira vez que ele me olhava assim. Comecei a andar, mas ele continuava ali parado. «Por que não vens?» — «Estou a pensar.» Entrámos em casa e já estávamos a subir as escadas. «Por que me disseste que o teu pai não estava em casa, quando eu perguntei pela tua mãe?» Eu calei-me... A mãezinha ficou petrificada ao vê-lo... depois precipitou-se para ele... mas ele mal olhou para ela... e eu a ver tudo. Estava encharcado, cheio de frio: andou vinte *verstás* debaixo da intempérie... havia nove semanas que não o víamos, mas donde viera e por onde andara, isso nunca soubemos, nem eu nem a mãezinha... atirou com o chapéu, descalçou as luvas... não se benzeu diante dos ícones, não saudou as donas da casa com uma vénia... sentou-se ao lume...

Katerina passou a mão pela cara, como se alguma coisa estivesse a oprimi-la, mas um minuto depois voltou a erguer a cabeça e recomeçou a falar:

— Começou a falar em tártaro com a minha mãe. A minha mãe falava tártaro, mas eu não percebia uma palavra. Dantes, quando ele chegava, mandavam-me sair; dessa vez, não, a minha mãe não se atreveu a dizer uma palavra que fosse à filha. Esse diabo comprava a minha alma, e eu, orgulhosa de mim, olhava para a minha mãe. Vi que ele olhava para mim e

falava de mim; ela começou a chorar; vi que ele punha a mão na faca que tinha à cinta, e já não era a primeira vez que, na minha presença, ele levava a mão à faca quando falava com a minha mãe. Levantei-me e agarrei-me ao cinto dele, queria arrancar-lhe aquela faca impura. Ele rangeu os dentes, gritou-me e quis afastar-me: deu-me uma pancada no peito com a mão mas não me arredou. Eu pensei que ia morrer, turvaram-se-me os olhos, caí no chão, mas não gritei. Olhei para ele e pus toda a minha força naquele olhar: ele tirou o cinturão, deu-me a faca, arregaçou a manga da mão com que me batera e disse: «Toma, corta-me a mão, vinga-te da ofensa que te fiz, eu, orgulhoso como sou, mesmo assim vou curvar-me numa vénia até ao chão diante de ti.» Arredei a faca para o lado: o sangue latejava-me nas veias, sufocava-me, nem olhei para ele... Lembro-me de que sorri sem descerrar os lábios e olhei a minha mãe nos seus olhos tristes, a direito, sem parar de me rir descaradamente; a minha mãe estava ali sentada, pálida, lívida...

Ordínov ouvia o relato incoerente de Katerina com um ar tenso e concentrado. A pouco e pouco, porém, a inquietação dela abrandou; a fala tornou-se mais calma; as recordações apossaram-se da pobre mulher e espalharam-lhe a angústia por todo o seu ser como por um mar infinito.

— Pegou no chapéu, não fez vénia nenhuma. Voltei a pegar na lanterna para o acompanhar até à saída, em vez da mãezinha que, apesar de doente, queria levá-lo à porta. Chegámos ao portão, e eu, sempre calada, abri-lhe a cancela, enxotei os cães. Vejo então que ele tira o chapéu e me faz uma vénia. Depois, mete a mão no casaco e tira uma caixa vermelha de marroquim, abre o fecho. E vejo o quê? Pérolas grandes, uma prenda para mim. Diz ele: «Tenho querida nos arrabaldes, a prenda era para ela, mas já não é; toma, minha moça bonita, acarinha a tua beleza e, nem que depois as pises aos pés, aceita.» Peguei nelas, mas não as pisei, seria honra de mais para ele. Como uma víbora, peguei nelas sem dizer palavra. Voltei para casa e pus a caixa em cima da mesa diante da minha mãe — foi só para isso que aceitei aquela prenda. A mãezinha ficou uns momentos calada, muito branca e como se estivesse com medo de falar comigo. «O que é isto, Kátia?» E eu: «Foi para ti que o comerciante a trouxe, não sei mais nada.» Parece que estou a vê-la: apareceram-lhe as lágrimas nos olhos, prendeu-se-lhe a respiração. «Isto não é para mim, Kátia, isto não é para mim, filha maldosa.» Lembro-me que disse isto com tanta amargura como se lhe saísse em lágrimas do fundo da alma. Ergui os olhos, queria rojar-me aos pés dela, mas o Diabo sussurrou-me aos ouvidos palavras de resposta: «Pois, mãe, se

não fiques com isto, dou-o ao paizinho, se ele voltar; digo-lhe: passaram por aqui os comerciantes, esqueceram-se da mercadoria aqui...» Ela desatou a chorar... «Não, eu própria lhe digo quais os comerciantes que passaram por aqui e que mercadoria vieram cá buscar... Digo-lhe de quem és filha, sua depravada! Agora já não és minha filha, és uma víbora maldita! És uma filha amaldiçoada!» Eu calei-me, não me corriam as lágrimas... Ah, parecia que tinha morrido tudo em mim... Fui para o meu quarto e durante toda a noite remoí os meus pensamentos ao som da tempestade.

Entretanto, passaram-se cinco dias. Uma noite chegou o meu pai, sombrio e severo. Venceu-o a doença pelo caminho. Trazia um braço ao peito, depreendi que se lhe tinha atravessado um inimigo no caminho que o extenuou e o fez ficar muito doente. Sabia também quem era esse inimigo, sabia tudo. O meu pai não disse uma palavra à minha mãe, não perguntou nada de mim, chamou todos os homens à sua presença, mandou parar a fábrica e proteger a casa do mau-olhado. Naquela noite, também o meu coração sentiu que havia qualquer coisa na nossa casa que não estava bem. Ficámos à espera, a noite passou-se, também tempestuosa, com nevascas violentas. Entrou-me a inquietação na alma. Abri a janela; a minha cara queimava, choravam-me os olhos, o meu coração não se deixava abrandar e ardia também — toda eu estava em chamas: apetecia-me fugir de casa, ir para longe, para o fim do mundo, onde nascem os relâmpagos e a tempestade. O meu peito jovem ondulava... De repente, já era tarde, caí em modorra, ou então foi a minha alma que se cobriu de névoa e a minha mente se turvou, quando ouvi baterem à janela: «abre!» Um homem trepara por uma corda até à janela. Reconheci logo quem assim me visitava, abri a janela e deixei-o entrar no meu quarto solitário. Era *ele*! Não tirou o chapéu, sentou-se no banco, a ofegar e com dificuldade de recuperar o fôlego, como se viesse fugido de uma perseguição. Meti-me num canto e sentia que estava toda pálida. «O teu pai está em casa?» — «Está.» — «E a tua mãe?» — «Também.» — «Agora, cala-te... Estás a ouvir?» — «Estou.» — «O que ouves?» — «Um assobio debaixo da janela.» — «Agora, minha linda, o que queres fazer? Chamar o teu pai e levar o teu inimigo à morte e à perdição da alma? Não vou opor-me à tua vontade, moça inocente; está aqui a corda, amarra-me, se o teu coração exigir que vingues a tua ofensa.» E eu, calada. «Então? Diz lá, meu amor!» — «O que queres fazer?» — «Quero dar cabo do meu inimigo, despedir-me da minha velha amada e inclinar-me com toda a alma diante da nova, jovem como tu, minha linda...» Riu-se. Também me

ri; eu própria não sei como as suas palavras impuras me entraram no coração. «Então, minha linda, deixa-me ir por aquela escada abaixo, pôr à prova o meu coração, fazer uma vénia aos donos da casa.» Eu tremia, batia os dentes, mas o meu coração era como aço temperado. Abri-lhe a porta e deixei-o descer para lá, mas disse-lhe, a muito custo: «Toma as tuas pérolas e nunca mais me dês prendas», e atirei-lhe a caixa às costas.

Neste ponto da narração, Katerina parou, para recuperar o fôlego; ora estremecia como uma folha e empalidecia, ora o sangue lhe subia à cabeça e lhe fazia arder a cara como fogo; os seus olhos brilhavam das lágrimas e a respiração, difícil e entrecortada, fazia-lhe ondular o peito. De repente voltou a ficar muito branca, a voz dela esmoreceu e ficou tremente de inquietação e tristeza.

— Fiquei então sozinha e foi como se uma tempestade me abraçasse de todos os lados. De súbito ouvi gritos e as pessoas em tropel a correrem na direção da fábrica e a gritarem: «A fábrica está a arder!» Eu escondi-me. Toda a gente tinha saído de casa, só fiquei eu e a mãezinha. Eu sabia que ela estava às portas da morte, já ia no terceiro dia que não podia levantar-se da cama, a agonizar. Eu, filha maldita, sabia isso!... De repente ouvi um grito vindo de baixo, um grito fraco, como o da criança que se assusta durante o sono. Depois foi o silêncio total. Estava gelada, apaguei a vela, tapei a cara com as mãos e, às tantas, ouvi o tropel das pessoas que voltavam da fábrica a correr. Espreitei pela janela: traziam o meu pai morto. As pessoas diziam umas às outras que «tropeçou e caiu na caldeira a ferver; foi o próprio Diabo que o empurrou para lá». Atirei-me para cima da cama e fiquei à espera, sem me mexer, sem saber de quem e do que estava à espera. Só sei que foi uma espera muito penosa. Não me lembro de quanto tempo esperei, mas senti como se estivessem a abanar-me, a cabeça pesada, o fumo a morder-me os olhos. E como estava contente por sentir que estava a aproximar-se o meu fim! Senti então que alguém me pegava por debaixo dos braços e me levantava. Olhei: era ele, todo queimado, com o cafetã a fumejar.

«Vim buscar-te, linda moça; leva-me para longe da desgraça, tal como antes me trouxeste para a desgraça; por ti, causei a perdição da minha alma. Nunca poderei redimir esta noite maldita! Só se rezarmos juntos!» E ele ria-se, ria-se, o homem perverso! «Mostra-me como se sai daqui para longe das pessoas!» Peguei-lhe na mão e levei-o comigo. Passámos pelo corredor (eu tinha as chaves), abri a porta da despensa e mostrei-lhe a janela. Essa janela

dava para o jardim. Levantou-me nos seus braços fortes, abraçou-se a mim e saltou comigo da janela. Corremos de mãos dadas, corremos durante muito tempo. Quando demos por nós estávamos numa floresta escura e espessa. Ele pôs-se à escuta: «Estão a perseguir-nos, Kátia, vêm atrás de nós, linda moça, mas ainda não chegou a hora da nossa morte! Beija-me, minha linda, em nome do amor e da eterna felicidade!» — «Mas por que tens as mãos ensanguentadas?» — «Por que tenho sangue nas mãos, minha querida? Foi porque esfaqueei os vossos cães, estavam a ladrar muito ao visitante noturno. Vamos!» Voltámos a fugir; na vereda encontrámos o cavalo do meu pai, que tinha rasgado a rédea e fugido da cavalariça, para não morrer no fogo! «Salta comigo para o cavalo, Kátia! O nosso Deus mandou-nos ajuda!» Não respondi. «Não queres? Eu não sou um infiel qualquer, não sou o Diabo; posso benzer-me, se quiseres», e fez o sinal da Cruz. Sentei-me, apertei-me contra ele e deixei-me ficar meio inconsciente, encostada ao seu peito, como se tivesse sucumbido a uma espécie de sono. Quando voltei a mim, vi que estávamos à beira de um rio largo. Ele apeou-se, tirou-me do cavalo e foi para o meio dos juncos: tinha lá um barco escondido. Fomos sentar-nos para o barco. «Adeus, cavalo, procura um novo dono, os velhos abandonam-te todos!» Fui despedir-me do cavalo do meu pai, abracei-o com força. Depois sentámo-nos, ele pegou nos remos e não tardou a que as margens nos desaparecessem da vista. Quando deixámos de ver as margens, ele pousou os remos e pôs-se a olhar a água à sua volta.

Disse: «Boa noite, mãezinha Volga, rio tempestuoso, que sacias a sede da gente boa e a mim dás o alimento! Diz lá se guardaste bem a minha riqueza, se as minhas mercadorias estão salvas!» Eu, calada, baixei os olhos, ardia-me a cara de vergonha. E ele: «Podes levar tudo, rio tempestuoso e insaciável, mas promete-me que guardarás com carinho a minha pérola preciosa! Então, linda moça, diz uma só palavra, sê o sol no meio da tempestade, dissipa a noite escura com a tua luz!» Ele falava e ria-se. O coração dele queimava-me, mas o gozo dele era insuportável para a minha vergonha; quis dizer-lhe qualquer coisa, mas intimidei-me, calei-me. «Pois bem, seja!», respondeu ele ao meu pensamento tímido, como se o fizesse com amargura, com tristeza. «Quer isso dizer que não se consegue nada à força. Pois que assim seja, minha pombinha altiva, minha linda moça! Deve ser muito forte o teu ódio por mim, ou, então, são os teus olhos que não gostam mesmo de mim.» Ouvi-o e senti raiva, raiva de amor; mas dominei

o meu coração e disse-lhe: «Se és querido para mim ou não és, não posso sabê-lo eu, mas outra qualquer, uma estúpida, uma desavergonhada que cobriu de vergonha o seu quarto de moça casta, que vendeu a alma em pecado mortal e não soube dominar o seu coração louco; e sabem-no também as minhas lágrimas amargas e aquele que se gaba com indecência da desgraça alheia, que goza com o coração de uma moça!» Disse-lhe isto e não aguentei mais, desatei a chorar. Ele calou-se por um momento e olhou para mim de uma maneira que me deixou a tremer como uma palha. «Então, ouve, linda moça — disse-me, e os olhos dele ardiam estranhamente —, não te direi agora uma palavra oca, mas uma grande palavra: quanta mais felicidade me ofereceres, mais serei o teu senhor; mas, se me tiveres ódio, não digas nada, escusas de te dar ao trabalho, move apenas a tua sobrancelha, o teu olho negro, mexe apenas o dedo mindinho e eu devolvo-te de imediato o teu amor e a tua liberdade dourada; só que nisso, minha linda orgulhosa, estará contido o fim da minha vida!» Ao ouvir estas palavras, todo o meu corpo lhe sorriu...

Uma profunda emoção fez interromper o relato de Katerina. Depois de ter recuperado o fôlego, sorriu a um novo pensamento que lhe aflorou e já ia continuar mas, de súbito, os seus olhos brilhantes cruzaram-se com o olhar inflamado de Ordínov cravado nela. Estremeceu, quis dizer qualquer coisa, mas o sangue afluíu-lhe ao rosto... Abalada, tapou a cara com as mãos e enterrou-a na almofada. Tudo se perturbou em Ordínov! Um sentimento torturante, uma comoção irracional, insuportável, corriam como veneno por todas as suas veias e cresciam a cada palavra de Katerina: uma ânsia sem saída, uma paixão ávida e insuportável apoderaram-se da sua mente, turvavam-lhe os sentimentos. Mas, ao mesmo tempo, uma grave tristeza apertava-lhe cada vez mais o coração. Por momentos, apeteceu-me gritar a Katerina que se calasse, tinha vontade de se lhe rojar aos pés e lhe implorar em lágrimas que lhe devolvesse os seus antigos sentimentos de amor, a sua antiga ânsia inconsciente e pura, e lamentava que já não tivesse lágrimas, secas há muito. Doía-lhe o coração afogado em sangue, mas a sua alma ferida já não dava lágrimas. Compreendia o que Katerina estava a dizer-lhe, o seu amor temia o sentimento que abalava aquela pobre mulher. Neste instante, Ordínov amaldiçoava a sua paixão: era uma paixão que o sufocava, o atormentava, o fazia sentir que, em vez de sangue, lhe corria nas veias chumbo fundido.

— Ah, mas a minha desgraça não está nisto — disse Katerina, erguendo subitamente a cabeça —, a minha desgraça não está no que acabei de te contar — continuou Katerina, e sentia-se-lhe na voz um sentimento novo e inesperado e que, no meio dos seus rasgões da alma e das lágrimas ocultas e sem saída, soava como cobre. — A minha desgraça, a minha dor e o meu tormento não estão nisto! Que importância tem para mim a minha mãe, embora não arranje outra mãe querida em todo o mundo? Que importa que ela me tenha amaldiçoado na sua última hora? O que importa a minha antiga vida dourada, o meu quarto quentinho, a minha liberdade jovem? Que importa que eu me tenha vendido ao Diabo e entregado a minha alma ao facínora, que, pela felicidade, tenha cometido um pecado eterno? Ah, não é esta a minha desgraça, embora tudo isto chegue e sobre para a minha perdição! A amargura que me rasga o coração é ser escrava dele e cobrir-me de ignomínia, e que a ignomínia e a vergonha me sejam queridas, e que o meu coração goste de se lembrar com avidez da sua desgraça, como se ela fosse a alegria e a felicidade, e que o meu coração não alimente a força da raiva para com a ofensa dele!...

A respiração da pobre mulher entrecortou-se, o choro convulso e histérico não a deixou continuar. A respiração quente e impetuosa queimava-lhe os lábios, o seu peito erguia-se e baixava-se, nos olhos brilhava-lhe uma indignação indizível. Mas isto dourou-lhe com tanto encanto o rosto, pôs nele uma corrente tão forte de sentimento, cada traço, cada músculo dele tremia com uma beleza tão inédita e insuportável que, no peito de Ordínov, se calaram os pensamentos negros e a tristeza exacerbada. O seu coração aspirava a enlaçar-se no coração dela e, com ele, aprofundar-se no esquecimento, bater em uníssono na mesma tempestade, no mesmo ímpeto de paixão desconhecida; ansiava até que o seu coração parasse juntamente com o dela. Katerina apanhou o olhar turvado de Ordínov e sorriu-lhe — um sorriso que espertou o fogo que queimava o coração de Ordínov. Ordínov estava fora de si.

— Tem pena de mim, poupa-me! — sussurrava ele, tentando conter a voz trememente, inclinando-se para ela, apoiando a mão no ombro dela e olhando-a nos olhos de muito perto, a ponto de as suas respirações se fundirem numa só. — Destruíste a minha vida! Não compreendo a tua desgraça, a minha alma está confusa... Não quero saber por que chora o teu coração! Diz-me o que queres... faço tudo. Vem comigo, vem, não me mates, não me tortures!...

Katerina fixava nele um olhar imóvel; as lágrimas tinham secado nas suas faces quentes. Queria interrompê-lo, pegou-lhe na mão, queria falar mas parecia não encontrar as palavras. Um sorriso estranho aflorou-lhe aos lábios, ou antes, irrompeu-lhe dos lábios.

— Não te contei ainda tudo — acabou por dizer, em voz entrecortada. — Tenho mais coisas para contar, mas será que vais ouvir, coração exaltado? Ouve a tua irmã! Ainda conheces pouco da desgraça dela! Queria contar-te como vivi um ano com ele, mas não vale a pena... Pois bem, passou-se aquele ano e ele partiu com os seus companheiros rio abaixo, e eu fiquei com a mãe adotiva dele, instaladas perto do cais, à espera. Esperei um mês, outro mês... Acabei por me encontrar um dia, num arrabalde, com um jovem comerciante. Olhei para ele e recordei os meus anos de ouro. «Querida irmã! — disse ele, depois de umas palavras de circunstância. — Sou Aliocha, o teu noivo escolhido, éramos crianças quando os nossos velhos fizeram o contrato do nosso casamento; se me esqueceste, lembra-te agora de mim, somos da mesma terra...» — «E o que dizem de mim lá na terra?» — «O povo, lá, diz que perdeste a honra, que esqueceste o teu pudor de moça, que te juntaste ao bandido e assassino» — disse Aliocha, rindo-se. — «E tu, o que dizes de mim?» — «Queria dizer muita coisa quando cheguei cá — ficou confuso —, tinha vontade de te dizer muita coisa, mas agora, mal te vi, a minha alma ficou mortificada; causaste a minha perdição!... Então, compra também a minha alma, toma-a; se quiseres, goza com o meu coração, com o meu amor, linda moça. Agora sou órfão, senhor de mim, a minha alma é minha, pertence-me, não a vendi a ninguém, como fez aquela que apagou a memória, mas o meu coração não está à venda, dou-o de graça, porque se arranja sempre outro!» Ri-me. Não falou comigo apenas uma vez ou duas, mas durante um mês; largou o comércio, meteu-se em casa, mandou embora toda a gente, ficou sozinho. As suas lágrimas órfãs davam-me tanta pena! Então, disse-lhe eu uma manhã: «Quando escurecer, espera por mim, Aliocha, lá mais abaixo, no cais; vou contigo para onde quiseres! Estou farta da minha vida amarga!» Chegou a noite, fiz a trouxa, de alma muito agitada. De repente, não sei como nem porquê, entra o meu senhor, sem ser esperado. «Boa noite, vamos, vai haver tempestade no rio, não há tempo a perder.» E eu lá fui atrás dele. Chegámos ao rio, mas os nossos já estavam muito longe para podermos navegar até eles. Vimos então um barco em que o remador nos era familiar e parecia estar ali à espera de alguém. «Boa noite, Aliocha, Deus te ajude! Então?

Também chegaste atrasado ao cais e queres juntar-te aos teus barcos? Leva-me, bom homem, a mim e à patroa, até onde está a nossa gente; o barco afastou-se e eu não sei nadar.» — «Entra — disse Aliocha, e toda a alma me doeu quando o ouvi. — Senta-te, tu e mais a patroa; o vento é de todos, e no meu palácio haverá lugar também para vós.» Sentámo-nos no barco. A noite estava escura, as estrelas tinham-se escondido, o vento uivava, o rio estava encrespado. Já vogávamos a uma *verstá* da margem. Íamos os três calados.

«Tempestade! — disse o meu senhor. — Este temporal não vem por bem! Nunca na vida se viu uma tempestade como esta que vai aí rebentar! É peso de mais para a nossa barça, não vai aguentar com três pessoas!» — «Pois, não vai aguentar — respondeu Aliocha —, o que significa que um de nós está a mais.» Disse isto com a voz a tremer como uma corda. «Então, Aliocha... Conheci-te ainda pequeno, convivias com o teu paizinho, partilhávamos o pão e o sal... Diz-me, Aliocha, chegas sem o barco até à outra margem ou vais morrer inutilmente, por nada, vais dar cabo da tua vida?» — «Não, não chego lá!... E tu, bom homem, se te estiver destinado beberes desta água, achas que chegas lá ou não?» — «Não, não chego, será o fim da minha vida, este rio revoltado não me vai poupar!... Ouve então, Katerina, minha pérola preciosa! Lembro-me de uma noite como esta, só que não se agitavam as ondas, brilhavam as estrelas e luzia a lua... Quero, simplesmente, perguntar-te: não te esqueceste?» — «Lembro-me» — disse eu... — «Já que não te esqueceste dessa noite, lembras-te também do acordo: como um homem valente ensinava uma linda moça a roubar a sua liberdade ao não amado... lembras-te?» — «Também não me esqueci disso», anuí, mais morta do que viva. — «Então, não te esqueceste! Pois é, mas agora o nosso barco vai pesado. Não terá chegado a hora de alguém? Diz, minha alminha, diz, minha pombinha, arrulha-nos a tua palavra preciosa»...

— Eu não cheguei a dizer a minha palavra! — sussurrou Katerina, empalidecendo... E Katerina mais não disse porque:

— Katerina! — ouviu-se por cima deles um voz rouca e abafada.

Ordínov estremeceu. À porta estava Múrin. Mal coberto pela manta de peles, pálido como um morto, lançava sobre eles um olhar enlouquecido. Katerina foi empalidecendo e, imóvel, não tirava os olhos dele, como que enfeitiçada.

— Vem, Katerina! — sussurrou o doente, quase inaudivelmente, e saiu do quarto. Katerina ficou ainda a olhar para o espaço vazio, como se o velho continuasse ali à frente dela. Uma vermelhidão inundou-lhe bruscamente a cara, levantou-se devagar da cama. Ordínov lembrou-se do primeiro encontro entre eles.

— Pronto, ficam para amanhã as minhas lágrimas — disse ela com um sorriso estranho. — Não te esqueças do ponto em que eu tinha ficado: «Escolhe entre os dois, linda moça, diz quem te é querido e quem te não é!» Não te esqueces disto durante a noite? — disse ela, pondo-lhe as mãos nos ombros e olhando para ele com carinho.

— Katerina, não vás, não dês cabo de ti! Ele é louco! — sussurrou Ordínov, tremendo por ela.

— Katerina! — ouviu-se por trás da divisória.

— Porquê? Achas que ele me vai esfaquear? — disse Katerina, rindo-se. — Boa noite para ti, meu coração querido, meu pombinho ardoroso, meu rico irmão! — dizia ela, apertando com carinho a cabeça dele ao seu peito; as lágrimas voltaram a molhar-lhe o rosto. — São as últimas lágrimas. Tenta apagar a tua amargura com o sono, meu irmão, meu querido. Amanhã acordarás para a alegria. — E beijou-o apaixonadamente.

— Katerina! Katerina! — sussurrava Ordínov, ajoelhando-se diante dela e tentando retê-la. — Katerina!

Ela voltou-se para ele, acenou-lhe com a cabeça e, sorrindo-lhe, saiu do quarto. Ordínov ouviu-a a entrar no quarto de Múrin; reteve a respiração, à escuta; mas não ouviu mais qualquer som. O velho mantinha-se calado, ou talvez tivesse voltado a perder os sentidos... Ordínov já queria ir ter com ela, mas não se aguentou nas pernas... Muito fraco, sentou-se na cama...

Quando acordou, ficou durante muito tempo sem perceber que horas eram. Ou era o crepúsculo do amanhecer ou o da noite: o quarto ainda estava escuro. Ordínov não conseguia perceber quantas horas dormira, mas sentia que tinha acordado de um sono muito doentio. Passou a mão pela cara, como que para a limpar da sonolência e das visões noturnas. Quando quis pôr os pés no chão, sentiu que o seu corpo como que se desconjuntava e os membros extenuados se recusavam a obedecer-lhe. Andava-lhe a cabeça à roda e doía-lhe; ora lhe tremia o corpo todo, em tremores miudinhos, ora lhe ardia em febre. Juntamente com a consciência, voltou-lhe a memória das coisas, e o seu coração estremeceu quando reviveu, num instante, toda a noite passada. Como que movido pelas suas reflexões e sensações, tão quentes e atuais, como se tivesse passado um minuto sobre elas e não longas horas da noite, desde que Katerina saíra do quarto, o seu coração batia com força. Sentia que as lágrimas ainda não tinham secado nos seus olhos — ou seriam lágrimas novas que jorravam, como de uma nascente, da sua alma em fogo? E, coisa estranha: eram-lhe deliciosos os seus tormentos, embora pressentisse vagamente com todo o seu ser que não aguentaria mais essa violência. Houve um momento em que chegou mesmo a sentir a aproximação da morte e ficou pronto a recebê-la como a uma visitante desejada. Tão tensas eram as suas sensações, tão forte era o impulso que o fazia ferver de paixão quando acordou, tanto enleio havia na sua alma que a vida, no seu ímpeto vertiginoso, parecia pronta a interromper-se, a ruir, a decompor-se num instante e a apagar-se... Quase no mesmo momento, como que em resposta à saudade do seu coração tremendo, soou-lhe aos ouvidos a voz familiar — como uma música íntima da alma na hora da alegria e da vida, na hora da felicidade serena —, a voz cheia e argêntea de Katerina. Katerina, à sua cabeceira, muito perto, entoava uma canção, a princípio baixinho, uma canção triste... A sua voz ora se levantava, ora caía, esmorecendo como se quisesse esconder e aconchegar o tormento rebelde do seu desejo insaciável, oprimido no fundo sem saída do seu coração; depois voltava a espriar-se num trino de rouxinol e, tremendo, ardendo de paixão já incontida, derramava-se num mar de êxtase, num mar de sons poderosos, infinitos como o primeiro instante das delícias de amor. Ordínov distinguia também as palavras: eram simples, sentidas, antigas, calmas, puras e claras. Mas ele esquecia as

palavras, ouvia apenas os sons. Através dos versos simples e ingênuos da canção, brilhavam para ele outras palavras que soavam com a mesma ânsia que lhe enchia o peito, que faziam eco às sinuosidades secretas (nem ele as conhecia) da sua paixão e que lhe traziam a consciência nítida dessa paixão. Ora ouvia o derradeiro gemido do coração desesperadamente desfalecido, ora a alegria da liberdade e do espírito que despedaçou as suas correntes e correu, luminoso e livre, para o mar infinito do amor sem limites; ora ouvia o primeiro juramento da amante com o pudor fragrante das primeiras cores na face, com súplicas e lágrimas, com os sussurros tímidos e misteriosos; ora era o desejo de uma bacante, orgulhoso e feliz da sua força, sem véus, sem mistério, passando em volta o seu olhar embriagado e fazendo soar o seu riso esfuziante...

Ordínov não aguentou até ao fim da cantiga e levantou-se da cama. O canto calou-se de imediato.

— O bom dia e a boa tarde já passaram, meu querido — ouviu-se a voz de Katerina do outro quarto. — Boa noite para ti! Levanta-te, vem cá, acorda para a alegria clara; esperamos-te, eu e o meu senhor, que somos boa gente e obedecemos à tua vontade; apaga o ódio com o amor, se tiveres ainda no coração a dor da ofensa. Diz uma palavra de carinho!...

A estas primeiras palavras de convite, Ordínov saiu do quarto e mal se apercebeu de que já entrara no quarto do senhorio. Abriu-se a porta e, claro como o sol, brilhou para ele o sorriso dourado da sua divina senhoria. Neste instante, não via nem ouvia nada além dela. Foi um instante em que, no seu coração, toda a vida e toda a alegria se materializaram na imagem luminosa da sua Katerina.

— Passou o amanhecer e o ocaso — disse ela, estendendo-lhe as mãos — desde que nos despedimos; o ocaso está agora a findar, olha pela janela. São as duas luzes da alma da moça — ria-se Katerina: uma é a que tinge o rosto do primeiro pudor quando pela primeira vez palpita no peito o coração da moça; a outra é quando a moça esquece o seu primeiro pudor, e esta luz arde como uma chama, oprime o peito e faz subir ao rosto o sangue vermelho... Bem-vindo, caro senhor! Por que paraste à porta? Honra e amor para ti, são os votos dos donos da casa!

Com um riso sonoro como música, pegou na mão de Ordínov e fê-lo entrar no quarto. Tomado de timidez, todo o fogo, todo o incêndio que lhe ardiam no peito como que se extinguíram num instante, mas também só por um instante; embaraçado, baixou os olhos e até tinha medo de olhar para

ela. Sentia que ela era tão divinamente bela que o seu coração não aguentaria o calor daqueles olhos. Nunca vira a sua Katerina como agora. Brilhavam-lhe pela primeira vez na cara o riso e a alegria, secando-lhe as lágrimas da tristeza nas pestanas negras. A mão de Ordínov tremia na mão dela. E, se levantasse os olhos, veria que Katerina, com um sorriso triunfante, não desviava os olhos da cara dele, enevoada pelo embaraço e pela paixão.

— Levanta-te, velho! — disse ela por fim, como se caísse em si. — Diz ao convidado uma palavra carinhosa. O convidado é como um irmão querido! Levanta-te, velho indomável e arrogante, faz-lhe uma vénia, leva o convidado pela mão até à mesa.

Ordínov, como se caísse em si apenas nesse instante, levantou os olhos. Só então atentou em Múrin. Os olhos do velho, que pareciam estar a extinguir-se na agonia da morte próxima, olhavam para Ordínov com fixidez, e foi como se Ordínov, com a alma dorida, revisse o olhar igual que, noutra ocasião, cintilara debaixo do sobrolho negro e hirsuto do velho, um olhar carregado de mágoa e raiva, como agora. Sentiu vertigens. Olhou à sua volta e só então teve a percepção clara de tudo. Múrin estava deitado na cama mas vestido com quase toda a roupa, como se já se tivesse levantado antes e saído. Tinha um lenço vermelho ao pescoço, como antes, e as chinelas calçadas. Ultrapassara, pelos vistos, o ataque da sua doença, apenas a cara estava ainda coberta de uma terrível palidez amarelada. Katerina estava junto à cama, apoiando-se com a mão na mesa, e olhava com atenção para ambos. Não lhe saía do rosto um sorriso afável. Parecia que tudo se passava por sua ordem.

— Pois, és tu! — disse Múrin, levantando-se e sentando-se na cama. — És o meu inquilino. Sou culpado para contigo, senhor meu, cometi um pecado e ofendi-te sem razão, fiz asneira com a espingarda. Como podia eu saber que também tens ataques da mesma doença? Eu tenho-os às vezes — acrescentou em voz rouca e doentia, carregando o sobrolho e desviando os olhos da cara de Ordínov. — A desgraça, quando vem, não bate à porta, entra sorrateiramente como um ladrão! Também a ela, por pouco não lhe espetei a faca no peito... — disse, apontando com a cabeça para Katerina. — Sou um doente, sofro de ataques, e para ti basta! Senta-te, sê bem-vindo!

Ordínov continuava a olhar fixamente para ele.

— Senta-te, anda! — gritou o velho com impaciência. — Senta-te, já que ela assim quer! Olhai para vós, tornastes-vos irmãos! Afeiçoastes-vos como

amantes!

Ordínov sentou-se.

— Olha que rica irmã! — continuou o velho, rindo e mostrando duas filas de dentes brancos, todos impecáveis. — Namoriscas, meus queridos! É bela a tua mana, não é, meu amo? Diz lá, responde! Olha como ardem as bochechas dela. Vira a cabeça, honra esta beldade perante o mundo! Mostra que te dói a alma por ela!

Ordínov carregou o sobrolho e lançou ao velho um olhar raivoso. Este estremeceu. Uma fúria cega ferveu no peito de Ordínov. Por um qualquer instinto animal, farejava o inimigo mortal junto de si. Não se dava conta do que lhe estava a acontecer, a razão recusava-se a servi-lo.

— Não olhes! — ouviu atrás dele. Ordínov voltou a cabeça para trás.

— Não olhes, não olhes quando o Diabo te incita, tem pena da tua amada — dizia Katerina, rindo-se, e tapou-lhe os olhos por trás com as mãos; depois afastou as mãos e tapou com elas o próprio rosto. Mas por entre os dedos luzia-lhe a vermelhidão. Afastou as mãos e, toda a arder, preparou-se para enfrentar com despreocupação e sem medo o riso e os olhares curiosos dos homens. Porém, ambos olhavam para ela em silêncio — Ordínov com um espanto de amor, como se fosse a primeira vez que aquela beleza assustadora lhe atravessava o coração; o velho com frieza e atenção. Nada se exprimia no seu rosto pálido; apenas os lábios, azulados, lhe tremiam levemente.

Katerina aproximou-se da mesa, já sem se rir, e começou a tirar os livros, os papéis, o tinteiro — tudo o que estava ali; pôs tudo no peitoril da janela. Tinha a respiração rápida, entrecortada, de vez em quando sorvia o ar com avidez, como se tivesse um aperto no coração. Pesadamente, como a onda a bater na costa, o seu peito subia e baixava. Baixou as pálpebras, e as suas pestanas negras como breu brilharam como agulhas nas suas faces claras...

— Czarina! — disse o velho.

— Minha rainha! — sussurrou Ordínov, estremecendo com todo o corpo. Caiu em si ao sentir o olhar do velho, um olhar rápido que brilhou como um relâmpago, ávido, maldoso, carregado de desprezo frio. Ordínov soergueu-se, para se levantar, mas parecia que uma força invisível lhe prendia as pernas. Voltou a sentar-se. De vez em quando cerrava o punho com força, como se não acreditasse que tudo aquilo fosse real. Parecia que um pesadelo o sufocava e que ainda estava a delirar e que o sonho torturante e

doentio ainda lhe enevoava os olhos. Mas, coisa estranha! Não lhe apetecia acordar...

Katerina tirou de cima da mesa o tapete velho, abriu a arca, tirou uma toalha preciosa, toda bordada a seda de cores vivas e a ouro, e cobriu a mesa; depois tirou do armário uma caixa de loiça antiga, ancestral, toda em prata, pô-la no centro da mesa e tirou dela três copos de prata: para o senhor, para o convidado e para si; depois pousou os olhos sérios, quase sonhadores, no velho e no convidado.

— Quem, de entre nós, é querido ou não é querido para outro? — perguntou ela. — Se alguém não gosta aqui de outro, desse outro gosto eu e esse irá beber comigo. Ora como, para mim, ambos me são queridos e amados, então bebamos todos em amor e concórdia!

— Beber e afogar o pensamento negro no vinho! — disse o velho, numa voz transfigurada. — Serve o vinho, Katerina!

— E tu, também me mandas servir o vinho? — perguntou Katerina, olhando para Ordínov.

Ordínov, em silêncio, aproximou dela o seu copo.

— Esperai! Se alguém tiver um sonho e um desejo, que esse desejo se cumpra! — disse o velho, erguendo o seu copo.

Os três tocaram-se os copos, brindando.

— Bebamos agora os dois, meu velho! — disse Katerina, dirigindo-se ao seu senhor. — Se o teu coração tem carinho por mim, bebamos! Bebamos pela felicidade vivida, façamos uma saudação em prol da felicidade e do amor! Se o teu coração guarda calor por mim, manda encher os copos!

— O teu vinho é forte, pombinha, mas tu apenas molhas os lábios! — disse o velho, rindo-se e estendendo-lhe o seu copo.

— Eu dou só um gole, mas tu bebe até ao fim!... Meu velho, para quê viver arrastando atrás de nós pensamentos penosos? Um pensamento penoso apenas nos faz doer o coração! O pensamento provém da desgraça, o pensamento chama a desgraça, mas na felicidade vive-se sem pensar! Bebe, meu velho! Afoga no vinho o teu pensamento!

— Quer isso dizer que acumulaste muita desgraça, já que queres tanto mal à desgraça! Quer isso dizer que queres acabar com ela de vez, minha pombinha branca. Bebo contigo, Kátia! E tu, meu amo, tens alguma desgraça, se me é permitida a pergunta?

— O que tenho, é comigo — sussurrou Ordínov sem desviar os olhos de Katerina.

— Ouviste, meu velho? Durante muito tempo, não conhecia a mim própria, mas chegou a hora, e conheço-me e recordo tudo; revivo com a alma insaciada todo o passado.

— Sim, é amargo quando começamos a viver apenas do passado — disse o velho, pensativo. — O que passou é como o vinho já bebido! Que felicidade há no passado? O cafetã gasto deita-se fora...

— E precisamos de um novo! — secundou-o Katerina, com um riso forçado, enquanto duas lágrimas, grandes como diamantes, lhe brilhavam nas pestanas longas. — Vejo que não podemos reviver toda a vida num minuto; também o coração da moça é vivaz, ninguém o pode acompanhar! Percebeste, meu velho? Olha, guardei a minha lágrima no teu copo!

— E por quanta felicidade compraste a tua desgraça? — perguntou-lhe Ordínov, e a sua voz tremia de comoção.

— Vejo, meu amo, que tens muita felicidade à venda — respondeu o velho —, já que te metes onde não és chamado. — E desatou num grande riso silencioso, olhando com descaro para Ordínov.

— Paguei com tanta felicidade quanta a que tinha — respondeu Katerina com uma voz de desagrado, como que ofendida. — A mim parecerá muito, a outro pouco. Há quem queira dar tudo mas que não tem nada do que desejamos; e há quem não prometa nada mas o coração, obediente, vai atrás dele! Mas não censure ninguém — acrescentou, olhando com tristeza para Ordínov. — Um é assim, outro é assado, mas não sabemos por que é que a alma escolhe este e não outro! Enche então o copo, meu velho! Brinda pela felicidade da tua filha querida, da tua escrava meiga, submissa, tal como no princípio, quando te conheceu. Ergue o teu copo!

— De acordo! Enche o teu! — disse o velho, pegando no copo.

— Espera, meu velho! Não bebas ainda, deixa que eu diga uma palavra!...

Katerina apoiou as mãos na mesa e olhou na cara o velho, com uns olhos ardentes, excitados. Brilhava naqueles olhos uma firmeza estranha. Todos os seus movimentos eram inquietos, os gestos bruscos, inesperados, rápidos. Estava como que a arder, e era maravilhosa. A sua beleza parecia crescer juntamente com a emoção e a inspiração. Dos seus lábios entreabertos num sorriso, com duas filas de dentes perfeitos, brancos como pérolas, saía a respiração entrecortada, dilatando-lhe ligeiramente as narinas. O seu peito ondulava; a trança, enrolada três vezes na nuca, caiu-

lhe para a orelha esquerda, cobrindo-lhe uma parte da face ardente. Orlava-lhe as têmporas um ligeiro suor.

— Lê-me a sina, meu velho! Lê-me a sina, querido, antes de afogares o juízo no vinho; aqui tens a palma da minha mão branca! Não foi por acaso que as pessoas te chamaram bruxo. Aprendeste nos livros e conheces toda a arte negra! Olha então, meu velho, e conta-me todo o meu destino amargo; mas não mintas! Diz à tua filha, como tu sabes, se ela será feliz ou, pelo contrário, não vais ter pena dela e vais chamar uma desgraça cruel para lhe pôr no caminho. Diz-me se haverá calor no abrigo onde assentarei, ou se, como um pássaro vagabundo, vou passar o resto da minha vida a procurar o lugar órfão entre a boa gente. Diz-me quem é meu inimigo, quem quer o meu mal, e diz quem prepara amor para mim. Diz-me se o meu coração jovem e quente terá de viver sempre solitário e mirrar prematuramente, ou encontrará companheiro e baterá ao mesmo ritmo dele... até uma nova desgraça! Adivinha de uma vez por todas, meu velho, em que céu azul, atrás de que mares e florestas vive o meu gavião querido, em que lugar ele procura a sua bem-amada com os seus olhos penetrantes, e se a espera com amor, e se a amará muito, se se vai desapaixonar dela rapidamente, se a engana ou não. E, já que estamos nisto, diz-me também, meu velho, pela derradeira vez, se teremos ainda muito de vida conjunta, eu e tu, neste canto miserável, lendo livros negros; e quando vou despedir-me de ti, meu velho, com uma vénia profunda, agradecendo-te o pão e o sal, e o teres-me alimentado e contado histórias... E vê lá se me dizes toda a verdade, se não mentes; chegou a hora, mostra como és!

A sua excitação foi crescendo até à última palavra que pronunciou e, de súbito, entrecortou-se-lhe a voz; parecia que um turbilhão lhe envolvia o coração. Brilharam-lhe os olhos, tremeu-lhe o lábio superior. Sentia-se um gozo perverso a serpentear em cada uma das suas palavras, mas no seu riso também ecoava choro. Inclinou-se por cima da mesa até perto do velho e perscrutou com uma atenção ávida os olhos turvos dele. Ordínov ouviu de repente o coração dela a bater muito quando Katerina acabou de falar, soltou um grito de espanto quando olhou para ela, soergueu-se no banco. Porém, o olhar rápido do velho cravou-o de novo ao lugar. Naquele olhar instantâneo do velho luzia uma mistura estranha de desprezo, ironia, impaciência desgostosa e inquieta e, ao mesmo tempo, uma curiosidade malévola e manhosa; tudo isso fez estremecer Ordínov e encheu-lhe o coração de fel, desgosto e raiva impotente.

Para a sua Katerina, o velho, pensativo, olhou com uma triste curiosidade. O seu coração estava ferido, as palavras tinham sido ditas. Mas nem pestanejou! Quando Katerina acabou de falar, ele apenas sorriu.

— Queres saber muito de uma vez, meu passarinho emplumado e pronto para voar! Enche-me então um copo bem cheio; bebamos primeiro à concórdia e à boa vontade, senão estrago os meus votos com o olhar negro e impuro de alguém. O Diabo é forte! Pecar não é difícil!

Levantou o seu copo e bebeu. Quanto mais bebia, mais pálido se tornava. Os seus olhos ficaram vermelhos como brasas. Via-se que o brilho febril dos seus olhos e a súbita e mortal lividez do seu rosto prediziam um ataque iminente da sua doença. O vinho era forte, e os olhos de Ordínov, depois do único copo que bebeu, tornavam-se cada vez mais turvos. Todo o seu sangue, como que inflamado pela febre e inundando o seu coração, lhe turvava e confundia a mente. A sua inquietação não parava de crescer. Encheu de novo o seu copo e bebeu um gole, sem sequer dar por isso, sem saber como acalmar a sua emoção crescente; o sangue a corria-lhe ainda mais rápido pelas veias. Estava como que em delírio e, por mais que esforçasse a atenção, mal conseguia ver o que se passava com os seus estranhos senhórios.

O velho bateu com o copo de prata na mesa.

— Serve o vinho, Katerina! — gritou. — Serve o vinho, filha maldosa, embebeda-me até à morte! Faz com que o velho tombe, chega para ele! Assim mesmo, enche-me o copo, enche-o, minha linda! Bebamos os dois! Por que bebestes tão pouco? Julgas que eu não vi?...

Katerina respondeu-lhe qualquer coisa, Ordínov não percebeu o quê; o velho não a deixou acabar de falar, agarrou-se-lhe à mão, como se fosse incapaz de conter tudo o que se acumulara no seu peito. Tinha a cara muito branca, os olhos ora se lhe turvavam, ora se lhe acendiam com um fogo vivo; tremiam-lhe os lábios brancos e, numa voz irregular e agitada em que cintilava por momentos um estranho êxtase, disse-lhe:

— Dá cá a tua mão, minha linda! Vou ler-te o futuro, vou dizer-te toda a verdade. Sou mesmo um bruxo, Katerina, não te enganaste. O teu coração de ouro falou verdade quando disse que, para ele, eu sou o único bruxo e que não esconderei a verdade do seu coração simples e ingénuo! Só houve uma coisa que não percebeste: não sou eu o bruxo que te pode dar lições! A moça não é senhora da sua razão: ouve toda a verdade, mas parece não a ouvir nem entender! A tua própria cabeça é uma víbora manhosa, embora o

teu coração se banhe em lágrimas. A víbora encontrará sozinha o seu caminho, rastejará no meio das desgraças, protegerá a sua vontade cheia de manha! Ora vencerá com a cabeça, ora, se não for com a cabeça, embriagará com a beleza, com o seu olho negro, porque a beleza é mais forte do que a cabeça; um coração de ferro irá dessoldar-se ao meio! Se vais ter tristeza e amargura? É penosa a tristeza humana! Mas para um coração fraco não há desgraça! A desgraça só trava conhecimento com corações fortes, verte discretamente lágrimas de sangue, recusa-se a revelar à gente boa a sua vergonha deleitosa; mas a tua desgraça, minha moça, é como uma pegada na areia: a chuva lava-a, o sol seca-a, o vento leva-a, varre-a! Digo-te ainda mais, faço feitiços: se alguém se apaixonar por ti, serás escrava dele, entregar-lhe-ás a tua liberdade, pô-la-ás nos penhores, mas já não a recuperarás; não conseguirás desapaixonar-te a tempo, semearás uma semente e o teu facínora colherá uma espiga inteira! Minha terna filha, cabecinha de ouro, escondeste no meu copo a lágrima de pérola, mas não suportaste as saudades dessa lágrima, logo a seguir derramaste mais cem lágrimas, deixaste escapar a palavra de ouro e vangloriaste-te da tua desgraça! Não tens nada que te amargar pela tua lágrima, um orvalho do céu! Ela voltará a ti centuplicada, essa tua lágrima de pérola, na noite longa, noite amarga, quando começar a morder-te a tristeza cruel, o pensamento impuro — então cairá no teu coração, por essa mesma lágrima, uma lágrima de outro qualquer, uma lágrima de sangue ainda mais quente, como se fosse de chumbo derretido; vai queimar-te o peito branco até sangrar, e então vais dar voltas e mais voltas na tua cama até à manhã triste e sombria dos dias de intempérie, e vais sangrar, e não vais curar a tua ferida até que chegue a manhã! Serve mais vinho, Katerina, serve, minha pombinha, segue o meu conselho sábio; e não vale a pena desperdiçar mais palavras...

A voz dele enfraqueceu e tremeu; parecia que um soluço estava pronto a arrancar-se-lhe do peito... Encheu o copo e bebeu-o avidamente; depois bateu de novo com o copo na mesa. O seu olhar turvo voltou de novo a incendiar-se.

— Ah, vivamos como podemos! — gritou. — Que o que passou seja esquecido! Dá-me mais vinho, dá-me um copo cheio que me arranque a cabeça dos ombros, que toda a alma se mortifique ao bebê-lo! Deita-me para a noite longa e sem amanhecer, e que toda a memória desapareça! O que foi bebido foi vivido! Significa que, se o comerciante entrega a sua mercadoria de graça, foi porque a teve parada tempo de mais! Mas não a

venderia a preço mais baixo do que o seu valor; seria derramado sangue inimigo, seria derramado também sangue inocente, e o comprador entregaria a sua alma perdida! Dá-me mais vinho, Katerina!...

Porém, a mão dele que segurava o copo parecia paralisada; respirava com dificuldade, a cabeça pendia-lhe para o peito. Pela derradeira vez, fixou o seu olhar turvo em Ordínov, mas também este olhar acabou por se apagar e as suas pálpebras, como se fossem de chumbo, fecharam-se. Espalhou-se-lhe pela cara uma lividez de morte. Durante algum tempo ainda se viam os seus lábios a mexer e a tremer, como se quisessem falar. De repente, uma lágrima grande caiu-lhe das pestanas e correu-lhe devagar pela face pálida... Ordínov não aguentou. Levantou-se e, cambaleando, deu um passo em frente, aproximou-se de Katerina e pegou-lhe na mão; ela nem sequer olhou para ele, como se não reparasse nele nem o reconhecesse...

Dava a impressão de que também ela ia perder os sentidos, parecia concentrada numa única ideia fixa. Apertou-se contra o peito do velho adormecido, envolveu-lhe o pescoço com o seu braço branco e pôs-se a olhar fixamente para ele, com os olhos vermelhos, inflamados. Parecia não sentir que Ordínov lhe pegara na mão. Por fim, voltou para ele a cabeça e fitou-o com intensidade, com um olhar longo e penetrante, como se compreendesse finalmente, e um sorriso difícil, espantado, desprendeceu-se dos seus lábios...

— Vai, vai-te embora — sussurrou —, estás bêbado e raivoso! Para mim, não és bem-vindo!... — Voltando-se de novo para o velho, não tirou mais os olhos dele.

Era como se vigiasse cada suspiro do velho e lhe acariciasse o sono com o olhar. Parecia ter medo até de respirar, reprimindo o coração fervente. E havia tanta admiração frenética no seu coração que o desespero, a fúria e uma raiva inesgotável se apossaram definitivamente do coração de Ordínov...

— Katerina, Katerina! — disse, apertando as mãos dela como em tenazes.

Um esgar de dor percorreu a cara da mulher; voltou a levantar a cabeça e olhou para ele com tanta ironia, com tanto desprezo descarado que ele mal conseguiu manter-se de pé. Depois ela apontou para o velho adormecido e — como se todo o gozo do inimigo dele tivesse passado para os seus olhos — deitou um olhar torturante e gélido a Ordínov.

— O que é? Achas que ele te vai degolar? — disse Ordínov, fora de si de raiva.

Foi como se um diabo lhe sussurrasse ao ouvido que a compreendera... E todo o seu coração se riu ao imaginar o pensamento de Katerina...

— Está bem, minha beldade, vou comprar-te ao teu mercador, já que queres a minha alma! Então, já ele não te degola!...

Aquele riso parado que não saía da cara de Katerina mortificava Ordínov. Um gozo inesgotável rasgou-lhe o coração. Sem ter uma verdadeira consciência do que estava a fazer, apoiou-se na parede e tirou do prego a faca antiga e valiosa do velho. No rosto de Katerina refletiu-se uma espécie de espanto; mas, nos olhos dela, havia ainda mais raiva e desprezo. Ordínov, olhando para ela, sentiu vertigens... Era como se qualquer coisa lhe empurrasse a mão, lha incitasse a cometer a loucura; tirou a faca da bainha... Katerina seguia-o com o olhar fixo e era como se não respirasse...

Ordínov olhou para o velho.

Neste momento pareceu-lhe que um olho do velho estava a abrir-se muito lentamente e, risonho, olhava para ele. Ordínov não desviou os olhos durante uns momentos... De repente, pareceu-lhe que já era toda a cara do velho que se ria e que aquele riso diabólico, torturante e gélido soava por todo o quarto. Uma ideia monstruosa, negra como uma víbora, serpenteou na cabeça de Ordínov. Tremeu, a faca caiu-lhe da mão e, tinindo, caiu no chão. Katerina soltou um grito, como se acordasse depois de um pesadelo... O velho, pálido, levantou-se devagar da cama e, com raiva, pontapeou a faca para um canto. Katerina estava branca, lívida, paralisada. Fechou os olhos, via-se-lhe na cara uma dor surda e insuportável; tapou-a com as mãos e, com um grito dilacerante, sem respirar, deixou-se cair aos pés do velho...

— Aliocha, Aliocha! — soltou-se do peito oprimido de Katerina.

O velho envolveu-a com os braços fortes e apertou-a muito contra o peito, como se a quisesse esmagar; e quando ela escondeu a cara no seu peito, cada traço do rosto do velho ria com tanto descaramento que Ordínov se sentiu tomado de pavor. Engano, calculismo, tirania gelada e ciumenta, o horror imposto ao pobre coração despedaçado de Katerina — foi tudo isto que Ordínov distinguiu neste riso escancarado do velho...

Perto das oito da manhã do dia seguinte, quando Ordínov, pálido, preocupado, ainda sob a impressão do abalo da véspera, abriu a porta da casa de Iaroslav Iliitch a quem visitava (sem saber porquê, aliás), recuou, pasmado, e ficou paralisado à porta: na sala de Iaroslav Iliitch estava Múrin. O velho estava ainda mais pálido do que Ordínov e parecia mal se aguentar nas pernas por causa da doença; mas recusava sentar-se, apesar da insistência de Iaroslav Iliitch, muito feliz com tal visita. Iaroslav Iliitch soltou um grito ao ver Ordínov, mas a demonstração de alegria depressa esmoreceu e Iaroslav Iliitch, atingido de repente embaraço, sim, repentino, absolutamente — estacou a meio caminho entre a mesa e a cadeira. Era evidente que não sabia o que dizer, o que fazer, tendo apenas consciência de que era de todo inconveniente, naquele momento, deixando de lado o visitante, chupar o seu cachimbo; no entanto (tão grande era a sua confusão), chupava o cachimbo com toda a força e quase numa espécie de inspiração. Ordínov entrou, finalmente, na sala. Lançou um olhar rápido a Múrin. Viu-lhe a deslizar pela cara qualquer coisa semelhante ao sorriso maldoso da véspera, o que de imediato provocou um estremecimento e muita indignação a Ordínov. De resto, toda a sua hostilidade desapareceu, se apagou de repente, e a cara do velho tornou-se fechada e inacessível. Fez uma vénia profunda ao seu inquilino... Toda esta cena despertou, finalmente, a consciência de Ordínov. Olhou com atenção para Iaroslav Iliitch, tentando perceber a situação. Iaroslav Iliitch agitou-se, atrapalhado.

— Entre, entre — acabou por pronunciar —, entre meu caríssimo Vassíli Mikhailovitch, dê-nos o prazer da sua visita e ponha o selo... em todos estes objetos vulgares... — disse Iaroslav Iliitch, apontando para um canto da sala e corando como uma rosa, muito atrapalhado, e zangado porque se atolara num frase que queria solene. Com estrondo, pousou a cadeira no centro da sala.

— Não venho incomodar, Iaroslav Iliitch?... Queria apenas... dois minutos.

— Por amor de Deus! Como é que o senhor poderia incomodar... Vassíli Mikhailovitch! Mas... faça o favor, tome um chazinho! Eh, soldado... Tenho a certeza de que vossa mercê também tomará mais uma chávena!

Múrin acenou que sim com a cabeça.

Iaroslav Iliitch, com severidade, gritou ao soldado que acabara de entrar que servisse mais três copos de chá; depois sentou-se ao lado de Ordínov. Ficou durante algum tempo a virar a cabeça para a esquerda e para a direita, como um gatinho de gesso, de Múrin para Ordínov, de Ordínov para Múrin. A sua situação era, de facto, muito desagradável. Pelos vistos, ansiava por dizer qualquer coisa que fosse muito delicada, pelo menos para uma das partes, mas, por mais que se esforçasse, não lhe saía nada... Ordínov também dava ares de grande perplexidade. Depois do silêncio, houve um instante em que começaram a falar os dois ao mesmo tempo... O taciturno Múrin, que os observava com curiosidade, abriu devagar a boca e pôs à mostra os dentes todos...

— Vim aqui para lhe comunicar — começou Ordínov de chofre — que, por motivo de uma situação muito desagradável, sou obrigado a abandonar a casa atual e...

— Mas que estranho, imagine! — interrompeu-o Iaroslav Iliitch bruscamente. — Confesso que fiquei aturdido de espanto quando este respeitável senhor me informou hoje de manhã da sua decisão. Mas...

— *Ele* informou-o? — perguntou Ordínov, pasmado, olhando para Múrin.

Múrin alisou a barba e riu-se, tapando a boca com a manga.

— Pois — continuou Iaroslav Iliitch —, mas posso estar enganado, aliás. Mas posso garantir sem medo de errar (e mesmo jurá-lo sob palavra de honra) que, nas palavras deste respeitável senhor, não havia sombra de ofensa no que a si diz respeito!...

Iaroslav Iliitch corou e foi com dificuldade que conteve a sua emoção. Múrin, como se já estivesse farto de se divertir com o embaraço do dono da casa e do visitante, deu um passo em frente.

— O que eu quero dizer a vossa senhoria — começou Múrin, dirigindo-se a Ordínov com uma vénia respeitosa — é que tomei a liberdade de incomodar sua senhoria por causa de si... Acontece que, meu caro senhor... o senhor bem sabe... tanto eu como a minha patroa até estaríamos contentes, e com toda a alma, e não teríamos uma palavra contra... mas a minha vida... o senhor sabe como é, o senhor vê bem como é a minha vida! A sério, Deus nosso Senhor ainda me vai deixando vivo, por agora, pelo que dou graças e rezo à santa vontade d'Ele, mas, quanto ao resto, o senhor bem vê, só me resta uivar... — Neste ponto, Múrin voltou a passar a manga pela barba.

Ordínov sentiu-se mal.

— Sim, sim, eu próprio já lhe tinha falado dele: está doente, ou seja, é um *malheur*... ou seja, eu gostaria de exprimir-me em francês, mas, desculpe, não me sinto muito à vontade em francês, ou seja...

— Pois...

— Pois, ou seja...

Ordínov e Iaroslav Iliitch, enquanto iam falando nestes termos, trocavam meias vénias, cada qual sentado um pouco de lado na sua cadeira, tentando ambos disfarçar a perplexidade com risos de desculpa. Iaroslav Iliitch, porém, como homem prático que era, corrigiu-se logo a seguir.

— Eu, aliás, interroguei em pormenor este homem honesto sobre a sua vida — disse ele —, e ele disse-me que a doença daquela mulher...

Aqui, o escrupuloso Iaroslav Iliitch, querendo pelos vistos esconder a pequena perplexidade que de novo lhe pareceu na cara, dirigiu um olhar rápido e interrogativo a Múrin.

— Pois, da minha patroa...

O delicado Iaroslav Iliitch não insistiu.

— Pois, da patroa, ou seja, da sua antiga senhoria, é que eu, francamente... pois, está bem! Ela, está a ver, é uma doente. Ele diz que ela incomoda o senhor... no seu trabalho, e também ele, seu senhorio... Vassíli Mikhailovitch, o senhor escondeu de mim um facto importante!

— Que facto?

— A espingarda — disse Iaroslav Iliitch quase num sussurro, numa voz muito condescendente, apenas com um milionésimo de repreensão a soar ternamente no seu tenor amigável. — Porém — acrescentou muito depressa —, eu sei tudo, ele contou-me tudo, e o senhor, ao perdoar a falta involuntária dele, procedeu com nobreza. Juro, vi lágrimas nos olhos deste velho!

Iaroslav Iliitch voltou a corar e, com os olhos a luzir, virou-se na cadeira com profundo sentimento.

— Eu, ou seja, nós, meu caro senhor, ou seja, eu e também, digamos, a minha patroa, não paramos de rezar a Deus por si — começou Múrin, dirigindo-se a Ordínov, enquanto Iaroslav Iliitch lutava contra a sua habitual emoção, olhando, perscrutador, para o jovem. — O senhor, aliás, também sabe muito bem que ela é uma mulher estúpida, doentia, eu próprio mal me aguento nas pernas...

— Muito bem, está feito — disse Ordínov com impaciência. — E deixe-se de coisas, por favor; saia de sua casa, e é para já!...

— Não, isto é, meu querido senhor, estamos muito contentes consigo (Múrin fez uma vénia profunda). Não me refiro a isso, meu senhor. Queria só dizer uma coisa: é que ela é quase minha parente, ou seja, uma parente afastada, por parte de Adão e Eva, como se costuma dizer; ou seja, não despreza as nossas palavras, meu senhor, somos gente ignorante... ela é assim desde criança! Tem a cabecinha doente, sem uso da razão, cresceu no meio da mata, como campônia, entre remadores de barcos e fabricantes; de repente, a casa deles ardeu, e a mãe dela, meu querido senhor, morreu no incêndio; o pai perdeu a alma no fogo... e agora, ela conta cada coisa... Eu não me meto nisso, mas em Moscovo foi examinada por um conselho cirúrgico... ou seja, meu senhor, ficou completamente mal da cabeça! Já não tem ninguém de família, só eu, é comigo que vive. Vivemos, rezamos a Deus, acreditamos na vontade do Senhor; eu não a contradigo em nada...

A cara de Ordínov transfigurou-se. Iaroslav Iliitch olhava ora para um, ora para outro.

— Mas não é a isso que eu me refiro, meu senhor... não! — emendou Múrin, abanando a cabeça com ar importante. — Ela, diga-se, é um furacão, um turbilhão, só tem amores na cabeça desvairada, dá-lhe na bolha e pronto, exige um namorado (peço desculpa pela palavra), um amado para o seu coração: é esta a loucura dela. E eu sempre a acalmá-la, a tentar convencê-la com histórias. É que eu, meu senhor (desculpe as minhas palavras estúpidas), bem vi como ela namorava consigo — continuou Múrin, sempre às vénias e a limpar a barba com a manga. — O senhor também, diga-se, ou seja, vossa nobreza, desejou aproximar-se dela em termos de amor...

Iaroslav Iliitch corou e olhou com censura para Múrin. Ordínov mal conseguia ficar quieto na cadeira.

— Não... ou seja, meu senhor, não era a isso que eu me referia... eu, meu senhor, falo de maneira simples, e nós, mujiques, obedecemos à sua vontade... somos gente ignorante, é claro, somos seus criados — acrescentou, fazendo uma grande vénia —, e vamos rezar tanto por si, eu e a minha mulher!... Não queremos muito: apenas que haja o pão nosso de cada dia e saúde; queixar-nos não nos queixamos; mas o que quer que eu faça, meu senhor, que me enforque ou quê? O senhor bem sabe, meu senhor, são coisas da vida, tenha pena de nós, senão o que vai ser de nós quando, ainda por cima, houver um amante!... Perdoe-me, meu senhor, foi uma palavra grosseira... sou um mujique, meu senhor, e o senhor é um

fidalgo... Vossa nobreza é um homem jovem, orgulhoso, fogoso, e ela, meu senhor, é uma criança pequena, sem juízo... pode haver pecado! É uma mulher de corpo cheio, de boas cores, bonita, e eu sou um velho doente. O que se passou? É de supor que o Diabo tenha tentado vossa mercê! Conto-lhe muitas histórias, a ela, para a chamar à razão. Nós, eu e a mulher, rezaremos por si a Deus! Vamos rezar muito por si! Além disso, para que é que vossa nobreza a quer se, mesmo bonita, não passa de uma campónia, de uma aldeã imunda, estúpida? Só comigo, que sou mujique, é que ela pode fazer par! Não é digno de si, meu senhor, meter-se com campónias! Nós, eu e ela, vamos então rezar por si a Deus, vamos rezar muito!

Múrin fez então uma vénia profunda e demorou muito a endireitar as costas, sempre a limpar a barba com a manga. Iaroslav Iliitch estava embaraçadíssimo.

— Pois é, este bom homem — observou ele, todo confuso — falou-me de algumas alterações entre os senhores; não me atrevo a acreditar, Vassíli Mikhailovitch... Ouvi dizer que o senhor ainda está doente, Vassíli Mikhailovitch — apressou-se a dizer com emoção, quase com as lágrimas nos olhos, olhando para Ordínov com o mesmo ar embaraçado.

— Pois... Quanto lhe devo? — perguntou bruscamente Ordínov a Múrin.

— Ora essa, meu senhor! Deixe lá! Não somos uns judas quaisquer. Não nos ofenda, meu senhor! Tenha vergonha: que ofensa lhe fizemos, eu e a minha esposa? Por amor de Deus!

— Isto é um pouco estranho, meu amigo, vejamos: se o senhor lhe alugou a casa, tem de sentir que o ofende recusando-se a aceitar o pagamento — intrometeu-se Iaroslav Iliitch, considerando seu dever mostrar a Múrin toda a estranheza e indelicadeza das suas palavras.

— Por amor de Deus, paizinho! Como pode ser, meu amo? Por amor de Deus! Em que foi que não agradámos a vossa nobreza? Fazíamos tudo por si, não poupámos forças! Deixe isso, meu amo, e que Deus lhe perdoe! Será que não somos cristãos? Que vivesse connosco, que comesse o nosso alimento simples de campónio, que caísse de cama em nossa casa... tudo bem, não lhe diríamos nada; mas o Diabo meteu a mãozinha, eu sou um homem doente, a minha patroa também... nada a fazer! Não há ninguém para servir o senhor, embora tivéssemos muito prazer, do fundo do coração. Mas vamos rezar por si, eu e a minha patroa, ah, como vamos rezar por si!

Múrin fez mais uma vénia. Nos olhos fascinados de Iaroslav Iliitch surgiu uma lágrima. Olhou com entusiasmo para Ordínov.

— Veja só que traço de caráter tão nobre! Que santa hospitalidade reside na alma do povo russo!

Ordínov olhou como um louco para Iaroslav Iliitch. Estava quase horrorizado... e pôs-se a examinar Iaroslav Iliitch da cabeça aos pés.

— É verdade, meu senhor, hospitalidade, e respeito, ou seja, temos muito respeito, meu senhor! — apoiou Múrin, tapando a barba com a manga. — Para falar verdade, estava agora mesmo a pensar: por que não ficaria hospedado em nossa casa ainda mais um pouco, meu senhor? Por que não? — continuou ele, aproximando-se de Ordínov. — Da minha parte, não faria mal nenhum, não estaria contra em que ficasse mais um dia ou dois. Mas, veja só a desgraça, a minha patroa está doente! Se não fosse isso! Se eu, por exemplo, vivesse sozinho, prestaria todos os respeitos a vossa mercê, cuidaria de si com todo o zelo! Quem pode merecer mais respeito do que vossa mercê? Eu poderia até curar o senhor, juro que o curaria, conheço um remédio... Juro que poderia continuar lá como hóspede, dou-lhe a minha grande palavra de honra!...

— Na verdade, talvez haja algum remédio, não é?... — perguntou Iaroslav Iliitch... e não acabou de falar.

Ordínov fez mal em ter examinado neste momento Iaroslav Iliitch dos pés à cabeça. Este era com certeza um honestíssimo e nobilíssimo homem, que já percebera tudo mas estava numa situação embaraçosa. Estava prestes, como se costuma dizer, a rebentar de riso! Se pudesse estar a sós com Ordínov — dois grandes amigos que eram! — é claro que Iaroslav Iliitch não aguentaria e se entregaria irrefreavelmente a um acesso de alegria. Em todo o caso, fá-lo-ia com dignidade e nobreza, apertaria com sentimento a mão de Ordínov depois de se ter rido e assegurar-lhe-ia que sentia por ele um duplo respeito e, em qualquer caso, o justificava... pois, afinal de contas, nada tinha a ver com a juventude de Ordínov. Agora, porém, com a sua bem conhecida delicadeza, encontrava-se na mais complicada das situações e não sabia onde se havia de meter.

— Um remédio, ou seja, um remédio curativo — disse Múrin, cujo rosto estremeceu à pergunta inconveniente de Iaroslav Iliitch. — Eu, meu senhor, na minha estupidez de campónio, diria o seguinte — continuou Múrin, dando mais um passo em frente —: leu livros de mais, tresleu; direi que ficou esperto de mais, ou, como se diz à nossa maneira russa, de mujique, que se passou da cabeça...

— Chega! — disse severamente Iaroslav Iliitch.

— Vou-me embora — disse Ordínov. — Obrigado, Iaroslav Iliitch; eu visito-o, eu depois visito-o sem falta — disse ele em resposta às palavras educadíssimas de Iaroslav Iliitch, já incapaz de reter Ordínov por mais tempo. — Adeus, adeus...

— Adeus a vossa senhoria, adeus, meu senhor, não se esqueça de nós, visite-nos, gente simples que somos.

Ordínov já não ouvia, saiu como um tresloucado.

Era incapaz de suportar mais aquela situação, estava mortificado, tinha a consciência como que paralisada. No fundo, sentia que era a sua doença que o sufocava, mas um desespero frio também lhe dominava a alma, uma dor aguda como que lhe esmagava, oprimia, sugava o peito. As pernas enfraqueceram-lhe, sentou-se, encostado a uma cerca, sem dar atenção às pessoas que passavam a seu lado nem das que começavam a juntar-se ao pé dele, nem às perguntas que os mais curiosos lhe faziam. De repente, no meio de todas aquelas vozes, distinguiu a de Múrin, por cima dele. Ordínov levantou a cabeça. Lá estava o velho, junto dele, com a cara pálida séria e pensativa. Era agora uma pessoa muito diferente da que tinha escarnecido tão grosseiramente dele no gabinete de Iaroslav Iliitch. Ordínov tentou levantar-se; Múrin pegou-lhe na mão e levou-o para fora da multidão que entretanto se juntara ali...

— Ainda tens de ir buscar a tua tralha — disse, lançando a Ordínov um olhar de soslaio. — Não te apoquentes, meu amo! — gritou-lhe. — És jovem, para quê essa tristeza!

Ordínov não respondeu.

— Estás ofendido, meu amo? Há muito rancor dentro de ti, é por isso... mas não vale a pena, cada qual guarda o que tem!

— Não o conheço — disse Ordínov —, nem quero conhecer os seus segredos. Mas ela! Ela!... — exclamou, e as lágrimas correram-lhe dos olhos e o vento ia-lhas espalhando pela cara, uma a uma... Ordínov limpava-as com a mão. Os seus gestos, o seu olhar, os movimentos descontrolados dos seus lábios azuláceos — tudo prenunciava a loucura.

— Já te expliquei — disse Múrin, carregando o sobrolho — que ela é uma tresloucada! A razão por que enlouqueceu, isso não é contigo. Mas, mesmo no seu estado, é querida para mim! Amo-a mais do que à vida e não a dou a ninguém. Percebeste?

O fogo brilhou por um instante nos olhos de Ordínov.

— Mas por que é que eu, agora... por que é que eu é como se perdesse a vida? Por que me dói o coração? Para que conheci Katerina?

— Para quê? — Múrin soltou uma risada e ficou pensativo. — Para quê... eu próprio não sei para quê — disse por fim. — O feitio feminino não é o mar profundo, podemos conhecê-lo, mas é manhoso, resistente, vivaz! Já que o quero, então dá cá! Pois, meu senhor, e o que ela queria era abandonar-me e ir consigo — continuou, pensativo. — Desdenha do velho, já esgotou tudo o que era possível fazer vivendo com ele! Ou seja, gostou muito do senhor no início! Ou tanto lhe faz, talvez, seja o senhor ou outro qualquer... É que eu não lhe recuso nada; se lhe apetecer leite das aves, arranjo-lhe leite das aves; eu próprio crio uma ave que dê leite, se não as houver assim no mundo! Ela é vaidosa! Anseia pela liberdade, mas ela própria não sabe qual é o capricho do seu coração. Acabou por ficar claro que era melhor deixar tudo como estava! Eh, meu senhor! És jovem de mais! O teu coração é ainda tão fogo como o da rapariga abandonada que limpa as lágrimas com a manga! Fica sabendo, meu amo: um homem fraco não aguenta sozinho! Dá tudo a esse homem, e ele virá devolver tudo; dá-lhe meio reino da terra, tenta fazê-lo... e o que achas que acontecerá? O fraco esconder-se-á dentro do sapato, de tão apoquentado que fica. Dá ao fraco a liberdade, e ele próprio a amarrará pelas mãos e a trará de volta. Para o coração estúpido, a liberdade não traz proveito! Com um feitio assim não é possível viver! Estou a dizer-te isto tudo para nada, és jovem de mais. Quem és tu para mim? Vieste e partiste, tu ou outro, tanto me faz. Eu sabia desde o princípio que isto ia acontecer. Mas não podia ir contra, não se pode dizer uma palavra contra se se quiser conservar a nossa felicidade. É que, sabias, meu senhor? — continuou Múrin a filosofar —, dizem que acontece no mundo cada coisa! Zangado, o homem pega numa faca, ou mesmo desarmado, e, feito parvo, ataca de mãos nuas o seu inimigo e rasga-lhe a garganta com os dentes. Mas se lhe derem a faca para as mãos e o seu inimigo lhe puser o peito à mercê, ele desiste, de certeza!

Entraram no pátio. O tártaro viu Múrin ainda de longe, tirou-lhe o chapéu numa saudação e olhou manhosa e fixamente para Ordínov.

— A tua mãe? Está em casa?

— Está.

— Diz-lhe que o ajude a tirar a tralha dele! E tu mexe-te também, ouviste?

Subiram as escadas. A velha criada de Múrin que, afinal, era a mãe do guarda-portão, atarefava-se com os haveres do ex-inquilino e, resmungando, atava-os numa grande trouxa.

— Espera aí, vou trazer mais uma coisa tua, ficou lá...

Múrin entrou no seu quarto. Um minuto depois saiu e entregou a Ordínov uma rica almofada, toda bordada a seda e a lã retorcida — aquela mesma almofada que Katerina lhe pusera debaixo da cabeça quando ele adoeceu.

— É ela que ta manda — disse Múrin. — E agora vai-te embora por bem, e vê lá, não me apareças mais aqui — acrescentou a meia-voz, num tom paternal —, senão...

Via-se que não queria ofender o inquilino. Porém, quando lhe lançou o último olhar, era visível que lhe fervia no rosto uma raiva inesgotável. Quase com repugnância, fechou a porta nas costas de Ordínov.

Duas horas depois já Ordínov se mudava para casa do alemão Spies. Tichen soltou um «ah!» quando o viu à sua frente. Interrogou-o de imediato sobre a sua saúde e aprontou-se para tratar dele. O velho alemão, todo vaidoso, informou o inquilino de que já se preparava para ir colocar de novo o anúncio no portão, uma vez que o sinal pago por Ordínov caducava nesse dia. O velho alemão não se esquecera de louvar, com perspicácia, a meticulosidade e a honestidade alemãs. No mesmo dia, Ordínov sentiu-se pior e só três dias depois conseguiu levantar-se da cama.

Pouco a pouco, convalesceu e começou a sair. A vida em casa do senhorio era monótona e calma. O alemão era de caráter bastante tranquilo; a bonita Tichen, sem prejuízo da moral, era rapariga para todo o serviço — mas para Ordínov era como se a vida tivesse perdido toda a cor! Tornou-se pensativo, irritadiço, com uma sensibilidade doentia e, muitas vezes, ataques de forte e cruel hipocondria. Passava semanas a fio sem abrir um livro. Era como se o futuro se tivesse fechado para ele, o dinheiro esgotava-se, mas Ordínov baixara já os braços, nem sequer pensava no futuro. Por vezes ainda lhe vinham à mente, com vivacidade, o antigo ardor pela ciência, as antigas imagens criadas por ele, mas apenas o oprimiam e lhe sufocavam a energia. O seu pensamento não se transformava em obra, o trabalho criador parara. Era como se todas essas imagens apenas lhe viessem à cabeça, gigantescas, para se rirem da impotência do seu criador. Nos momentos tristes fazia mentalmente uma involuntária comparação de si mesmo com aquele aprendiz de feiticeiro que, tendo roubado a palavra mágica ao mestre, mandou que a vassoura lhe trouxesse água e afogou-se

nela, porque se esquecera como se dizia «chega!». Talvez tivesse podido realizar uma ideia original, autêntica, íntegra. Talvez lhe estivesse destinado ser um artista na ciência. Pelo menos, ele dantes acreditava nisso. Uma fé sincera é, só por si, um garante de futuro. Mas, agora, ele próprio se ria da sua convicção cega e... não fazia progressos.

Meio ano antes, quando ainda tinha juventude e momentos de repouso, concebera, criara e pusera no papel um harmonioso esboço em que depositava esperanças perfeitamente materiais. A obra dizia respeito à história da Igreja, e a sua pena era movida por convicções calorosas. Agora, ao reler o seu plano, quis refazê-lo. Pensava muito nele, lia-o, reconsiderava, removia os materiais; por fim, abandonou a sua ideia sem ter construído nada sobre aquelas ruínas. Substituiu o pensamento pela espécie de misticismo, de predeterminação e mistério que começava a infiltrar-se-lhe na alma. O desgraçado sofria e pedia a Deus que o curasse. A criada do alemão, uma velha russa muito devota, gostava de contar como o pacato inquilino rezava e como, horas a fio, ficava deitado, como um morto, no soalho da igreja...

Ordínov não contava a ninguém o que lhe acontecera. Nalguns momentos, porém, sobretudo ao crepúsculo, na hora em que o badalar dos sinos lhe lembrava o momento em que, pela primeira vez, o seu peito tremera e doera com um sentimento que nunca antes conhecera ao ajoelhar-se ao lado dela no templo de Deus, esquecido de tudo, ouvindo apenas como palpitava o coração tímido dela, quando banhara de lágrimas maravilhosas e felizes a nova e luminosa esperança que vislumbrava na sua vida solitária — então, nesses momentos crepusculares, rebentava uma tempestade na sua alma ferida para sempre. Então o seu espírito estremecia e o tormento do amor voltava a arder dolorosamente no seu peito. Então, o seu coração doía com tristeza e paixão e parecia-lhe que o amor lhe crescia juntamente com a tristeza. Muitas vezes ficava horas inteiras esquecido de si próprio e de toda a vida quotidiana, esquecido de tudo; ficava assim, sentado imóvel, tristonho, abanando desesperadamente a cabeça e vertendo lágrimas silenciosas, e sussurrava: «Katerina! Minha pombinha preciosa! Minha irmã solitária...»

Uma ideia monstruosa começava a atormentá-lo cada vez mais, a persegui-lo com uma insistência cada vez maior e, a cada dia que passava, ia-se transformando numa probabilidade real. Parecia-lhe — e acabou por acreditar nisso — que a mente de Katerina era lúcida, mas que Múrin, à sua

maneira, tinha razão ao atribuir-lhe um coração fraco. Imaginava que haveria algum segredo que a ligava ao velho, mas que Katerina, sem ter tido consciência do crime, se entregara ao poder de Múrin continuando pura como uma pomba. Quem são eles? Não sabia. Porém, afigurava-se-lhe que havia ali, desde sempre, uma tirania profunda e irremediável sobre uma criatura desgraçada e indefesa; e, confuso, com uma indignação impotente, batia-lhe com força no peito o coração. Era como se, diante dos olhos assustados da sua alma, de repente abertos, se apresentassem com perfídia a queda de Katerina e torturassem perfidamente o seu pobre coração *fraco*, lhe interpretassem erradamente a verdade, a mantivessem intencionalmente na cegueira, lhe lisonjeassem com manha as inclinações inexperientes do coração impetuoso e perturbado quando tinham necessidade disso e como, a pouco e pouco, lhe cortassem as asas da alma livre, já incapaz de revolta e do ímpeto para a verdadeira vida...

A pouco e pouco, Ordínov tornou-se ainda mais asselvajado do que antes, coisa a que, aliás, os seus alemães não punham quaisquer obstáculos. Gostava de vaguear pelas ruas longamente, sem objetivo. Escolhia de preferência a hora do crepúsculo e os lugares mais desertos e afastados onde raramente encontrava pessoas. Num fim de uma tarde de primavera malsã, por um tempo péssimo, encontrou-se num desses lugares com Iaroslav Iliitch.

Iaroslav Iliitch emagrecera muito, os seus olhos afáveis tinham-se embaciado, todo ele parecia desiludido. Ofegante, apressava-se a cumprir um qualquer serviço inadiável, todo encharcado, enlameado e com uma gota de chuva na ponta do seu nariz bastante decente mas agora azulado, ali mantida de maneira quase fantástica durante toda a tarde. Além disso, deixara crescer suíças. Estas suíças e o facto de Iaroslav Iliitch olhar para ele como se quisesse evitar o encontro com o seu velho amigo quase espantaram Ordínov... Coisa estranha: Ordínov, que até então não procurava a compaixão de ninguém, até ficou ofendido. Sim, o Iaroslav Iliitch de outrora era-lhe mais agradável: simples, benévolo, ingénuo e — digamo-lo finalmente, com sinceridade — um pouquinho estúpido, mas sem pretensões de, desiludido, se tornar mais inteligente. Ora, é desagradável, mas mesmo desagradável, quando um homem *estúpido* de quem gostávamos antes (talvez, precisamente, pela sua estupidez), *quer ficar de chofre mais inteligente*. Aliás, a desconfiança com que ele olhava para Ordínov desapareceu de imediato. Apesar de todo o desencanto que sofrera

na vida, Iaroslav Iliitch não perdera o seu velho feitio, já que a pessoa, como se sabe, vai para a cova com o feitio com que nasce, começando, portanto, a insinuar-se de bom grado na alma do amigo Ordínov. Começou por observar que estava muito atarefado, depois que não se viam desde havia muito; de repente, a conversa tomou um rumo estranho. Iaroslav Iliitch pôs-se a falar do caráter mentiroso das pessoas em geral, da instabilidade do bom viver neste mundo, da vaidade das vaidades, e não se esqueceu, de passagem, de mencionar Púchkin, mas de uma forma mais do que indiferente; depois mencionou, com certo cinismo, os bons amigos, e, em conclusão, insinuou mesmo a falsidade e a perfídia daqueles que, em sociedade, são chamados amigos, quando não há no mundo uma verdadeira amizade. Enfim, Iaroslav Iliitch ganhara inteligência. Ordínov não o contradisse em nada, mas sentiu-se indizivelmente triste: como se enterrasse o seu melhor amigo!

— Ah, imagine... ia-me esquecendo de lhe contar — disse de repente Iaroslav Iliitch, como se acabasse de se lembrar de uma coisa interessantíssima. — Tenho uma novidade fresca! É segredo, mas vou dizer-lha. Lembra-se da casa onde vivia?

Ordínov estremeceu e ficou pálido.

— Imagine então que se descobriu há pouco tempo, no prédio, uma corja de ladrões, isto é, caro senhor, um bando, e era lá o seu antro; contrabandistas, vígaros, sei lá! Alguns foram apanhados, outros andam a monte e procuram-nos, foram dadas ordens rigorosíssimas nesse sentido. E, imagine: lembra-se do dono do prédio, aquele velho muito religioso, respeitável, aparentemente nobre...

— E então?

— Depois disso, vá-se lá ajuizar sobre o género humano! Era precisamente ele o cabecilha da corja, o chefe! Não acha absurdo?

Iaroslav Iliitch falava com profundo sentimento e, a pretexto daquele homem, condenou toda a humanidade, já que Iaroslav Iliitch nem sequer poderia proceder de outra maneira: era esse o seu caráter.

— E aqueles... o Múrin? — perguntou Ordínov num sussurro.

— Ah, o Múrin! Pois, o Múrin! Não, esse é um velho respeitável, digno e nobre. Aliás, espere... o senhor está a lançar uma nova luz sobre...

— Porquê? Também era membro da corja?

O coração de Ordínov, de impaciência, por pouco não lhe rebentava no peito.

— Aliás, como era que podia ser... — acrescentou Iaroslav Iliitch, fixando com atenção os olhos plúmbeos em Ordínov, sinal de que estava a raciocinar. — O Múrin não podia ser cúmplice deles. Três semanas antes, juntamente com a mulher, partiu para a terra dele... Eu soube disso pelo guarda-portão... o tártaro, lembra-se?

POLZUNKOV

Comecei por observar o homem. Logo no seu aspeto físico havia alguma coisa de muito especial que, por mais distraídos que fôssemos, nos obrigava a fixar nele o olhar e, logo a seguir, a desatar num riso incontível. Foi o que me aconteceu. É de notar que os olhos do homenzinho eram muitíssimo buliçosos, ou então ele próprio era tão sensível ao magnetismo que qualquer olhar que lhe dirigissem o fazia adivinhar por instinto que estava a ser observado, e então, de imediato, voltava-se para o observador e, com inquietação, estudava o olhar que lhe deitavam. Era tanta e tão constante a sua mobilidade que parecia um cata-vento. E havia nele isto de estranho: embora ganhasse praticamente o seu pão de cada dia fazendo o papel de bobo aos olhos de toda a gente, expondo a cabeça submissa a todos os piparotes, no sentido moral e até físico (consoante a companhia), tinha medo de ser alvo de troça. Os bobos assumidos nem sequer são dignos de compaixão, mas reparei logo que esta criatura estranha, este homenzinho ridículo, não era um bobo profissional. Ainda persistia nele alguma nobreza. A sua inquietação, a eterna preocupação pela sua pessoa já testemunhavam a favor dele. Dava-me a impressão de que o seu desejo de agradar lhe vinha mais do coração bondoso do que do interesse material. Deixava de bom grado que se rissem dele às gargalhadas e, até com o maior descaramento, na sua cara, mas, ao mesmo tempo — e posso jurar que era verdade — o seu coração doía-se e banhava-se em sangue à ideia de que os seus interlocutores fossem tão ignóbeis e cruéis que se rissem, não dos seus ditos e facécias, mas dele próprio, da sua pessoa, da sua cabeça, do seu coração, do seu aspeto físico, do seu corpo e sangue. Tenho a certeza de que, nessas alturas, ele sentia toda a estupidez da sua situação; porém, logo a seguir, todo o protesto possível lhe morria no peito, embora, de cada vez, tal protesto se formasse dentro dele com toda a dignidade. Tenho também a certeza de que tudo isso acontecia exclusivamente por causa do seu coração bondoso e não pela desvantagem material de ser corrido aos empurrões antes de conseguir o almejado empréstimo: é que este senhor passava a vida a pedir dinheiro emprestado, isto é, no fundo a pedir esmola quando, de certo modo, se achava com direito a ela depois das caretas que fizera e de ter feito rir as pessoas. Mas, meu Deus, que empréstimo esse! E o ar com que ele o pedia! Eu não imaginava que num espaço tão pequeno como era a cara encarquilhada e angulosa do homenzinho pudessem caber ao mesmo

tempo tantas caretas e tão diferentes, tantas sensações das mais diversas e estranhas, tantas impressões mortificantes. O que não havia naquela cara! A vergonha, o descaramento fingido, o profundo desgosto (com um súbito corar das faces), a ira, o medo de falhar, a súplica de perdão por se ter atrevido a incomodar os outros, a consciência da sua dignidade própria, a consciência plena de ser um miserável — tudo isso lhe passava pela cara como relâmpagos. Durante seis anos desenvencilhara-se na vida desta maneira, sem nunca conseguir, no momento crucial do pedido de empréstimo, aquele ar conveniente do habituado! Tornava-se evidente que não era capaz de ficar insensível e que não era, definitivamente, um indecente bajulador. O seu coração era demasiado impressionável e ardoroso! Digo mais: ele era, na minha opinião, o mais honesto e digno homem do mundo, apenas com um pequeno fraquinho: bajular ao mais pequeno impulso que, benévola e desinteressadamente, o tocasse, mas apenas para agradar aos outros. Numa palavra, ele era, como se costuma dizer, um banazola completo. Nele, o mais cómico era vestir-se como toda a gente, nem pior nem melhor, com asseio e até com algum esmero e certas pretensões à imponência digna. Esta igualdade exterior e desigualdade interior, a sua preocupação consigo e, ao mesmo tempo, a sua permanente auto-humilhação constituíam um brusco contraste e eram, ao mesmo tempo, dignos de riso e de piedade. Se ele tivesse a certeza, do fundo do coração (apesar da experiência, chegava mesmo a acreditar nisso por momentos) que todos os seus ouvintes eram as pessoas mais bondosas do mundo que apenas se riam do que ele contava e não da sua pessoa irremediavelmente perdida, despiria com grande prazer a casaca e, vestindo-a do avesso, andaria nesse preparo por todas as ruas, para agradar aos outros e para seu próprio deleite, apenas para fazer rir os seus protetores e dar prazer a todos. Porém, nunca e em nada ele conseguia a igualdade com os outros. Mais um traço do seu caráter: este esquisitão tinha amor-próprio, e por vezes, por impulso, quando não lhe parecia perigoso, até era magnânimo. Era um espetáculo digno de se ver e ouvir quando descompunha (sem por vezes se poupar a si próprio) algum dos seus *protetores* que o enfurecera de mais, arriscando-se quase heroicamente a perdê-lo. Mas era uma descompostura muito momentânea... Resumindo, ele era um mártir no sentido pleno da palavra, mas o mais inútil e, por conseguinte, o mais cómico dos mártires.

Desencadeou-se entre os convidados uma discussão geral. De repente vi que o meu esquisitão saltava para cima de uma cadeira e gritava a plenos

pulmões que lhe dessem a palavra.

— Ouça-o — sussurrou-me o dono da casa. — Ele às vezes conta coisas curiosíssimas... Interessa-lhe?

Fiz que sim com a cabeça e meti-me no meio dos ouvintes.

De facto, o senhor decentemente vestido que saltara para cima da cadeira aos gritos despertava o interesse geral. Muitas das pessoas, que não conheciam o excêntrico homem, trocavam olhares perplexos, outras já se riam às gargalhadas.

— Conheço o Fedossei Nikoláitch! Conheço melhor do que toda a gente o Fedossei Nikoláitch! — gritava o homem das suas alturas. — Meus senhores, deixem-me falar. Vou contar uma linda história sobre o Fedossei Nikoláitch! Conheço uma história do Fedossei Nikoláitch que é uma maravilha!

— Conte, Óssip Mikháilitch, conte.

— Conta!!

— Então, oiçam...

— Oiçam, oiçam!!!

— Vou então começar. Meus senhores, é uma história muito especial...

— Está bem, está bem!

— É uma história cómica.

— Melhor ainda, ótimo, excelente... vá lá!

— É um episódio da vida deste vosso criado...

— Para que se dá ao trabalho de anunciar que a história é cómica?

— E até um pouco trágica!

— ????

— Enfim, uma história que dá aos senhores aqui presentes o prazer de me ouvirem agora é uma história com interesse porque tem como consequência eu ter vindo parar a uma companhia com tanto *interesse* para mim.

— Sem trocadilhos!

— Uma história que...

— Em resumo, é uma história (acabe lá com o apólogo o mais depressa possível), uma história que tem o seu valor — intrometeu-se um jovem senhor de cabelo loiro encaracolado, bigode e voz rouca, metendo uma mão no bolso da sobrecasaca, e tirando de lá, como que sem querer, o porta-moedas em vez do lenço.

— Uma história, meus caros senhores, depois da qual desejaria ver muitos dos presentes no meu lugar. E, finalmente, é uma história que teve como consequência eu não me ter casado!

— Casar-se!... Casamento!... Polzunkov queria casar-se!!

— A sério, gostava de ver agora *Madame* Polzunkova!

— Permite que lhe pergunte como se chamava a não realizada *Madame* Polzunkova? — piou um jovem, tentando furar para chegar mais perto do narrador.

— Portanto, primeiro capítulo, meus senhores: foi precisamente há seis anos, na primavera, no dia 31 de março (reparem bem na data, meus senhores), na véspera do...

— Do primeiro de abril! — gritou o jovem dos caracóis.

— O senhor é incrivelmente perspicaz. Era ao fim da tarde, adensava-se o crepúsculo sobre o centro distrital de N..., a lua preparava-se para sair... e assim por diante, como deve ser. Então, em pleno crepúsculo, saí à socapa do meu pequeno apartamento, tendo-me despedido da minha avó tapada, hoje falecida. Peço desculpa, meus senhores, por utilizar esta expressão moderna que ouvi no decurso da minha última visita a Nikolai Nikoláitch. A verdade era que a minha avó era completamente *tapada*: cega, muda, surda, parva... tudo o que quiserem!... Confesso que estava a tremer, preparava-me para uma coisa em grande; o meu coração palpitava como o de um gatinho quando uma mão ossuda o agarra pelo cachaço.

— Dê-me licença, *Monsieur* Polzunkov!

— O que deseja o senhor?

— Conte isso sem rodeios; por favor, deixe-se de tantos esmeros!

— Com certeza — disse Óssip Mikháilitch, ligeiramente embaraçado. — Entrei na casinha de Fedossei Nikoláitch (propriedade por ele adquirida). Fedossei Nikoláitch, como se sabe, não é bem meu colega mas mais o meu chefe. Anunciaram-me e introduziram-me no gabinete dele. Parece que estou a ver tudo como se fosse hoje: uma sala quase às escuras, mas não acendiam as velas. Vejo que entra Fedossei Nikoláitch. Portanto, ali estávamos os dois na escuridão...

— O que aconteceu então entre os dois? — perguntou um oficial.

— O que acha? — perguntou Polzunkov, dirigindo-se de imediato, com um trejeito convulso, ao jovem dos caracóis. — Ocorreu então, meus senhores, uma coisa estranha. Ou melhor, não houve nada de especial nisso,

mas apenas o que se chama coisas da vida: tirei do meu bolso um maço de papéis, e ele tirou do bolso dele um maço de notas, só que...

— Notas bancárias?

— Dessas mesmas, e fizemos a troca.

— Cheira-me a suborno, posso apostar — disse um jovem senhor de trajo e penteado muito formais.

— Ora, suborno! — exclamou Polzunkov. — Ora, ora!

Que eu seja um liberal,

como tantos que já vi,

se o senhor, caso lhe calhasse prestar serviço na província, também não aqueceria as mãozinhas... sobre o fogo da lareira pátria... Porque, como disse um literato:

O próprio fumo da pátria nos é doce e agradável!

A nossa pátria é a nossa mãe, meus senhores, e nós somos as crias dela, é nela que mamamos!...

Risada geral.

— Só que, meus senhores, e não sei se vão acreditar, nunca aceitei qualquer suborno — disse Polzunkov, passando um olhar desconfiado pela assistência.

Um riso homérico, irrefreável, como uma canhonada, abafou as palavras de Polzunkov.

— Mas é a pura das verdades, meus senhores...

Então Polzunkov parou de falar, continuando a olhar para todos com uma estranha expressão na cara. Talvez — quem sabe? —, talvez naquele momento lhe passasse pela cabeça que era mais honesto do que muitos dos que estavam naquela assistência honesta... A seriedade não lhe abandonou a cara até ao fim da alegria geral.

— Portanto — recomeçou Polzunkov quando todos se calaram —, embora nunca tenha aceite um suborno, daquela vez pequei: meti ao bolso o suborno... do corrupto... Ou seja, eu tinha nas mãos alguns papéis que, se os mandasse a quem de direito, trariam muitos sarilhos a Fedosseï Nikoláitch.

— Quer isso dizer que ele os resgatou?

— Resgatou.

— Pagou muito?

— Pagou tanto quanto algumas pessoas, nos nossos tempos, cobrariam pela venda da sua consciência toda, com todas as variações... se acaso lhes propusessem um tal negócio. Só que eu, ao meter o dinheiro no bolso,

parecia que me queimava. A sério, meus senhores, não sei por que é que se passa sempre isto comigo, desde sempre... mas fiquei mais morto do que vivo, a mascar em seco, com as pernas a tremer; culpado, culpado, sentia-me mesmo culpado, envergonhado, pronto a pedir desculpa a Fedossei Nikoláitch...

— E então, ele perdoou-lhe?

— Não cheguei a pedir-lhe desculpa... estou apenas a dizer que me sentia assim, isto é, acontece que tenho um coração feroso. Pois bem, o que eu vejo é que ele me está a olhar nos olhos:

«— O senhor, Óssip Mikháitch, não tem temor a Deus.

«Então, o que foi que eu fiz? Abri os braços, assim, para manter as conveniências, e inclinei a cabeça para o lado. “Por que é que acha que não tenho temor a Deus, Fedossei Nikoláitch?...” Eu disse-lhe aquilo apenas para manter as conveniências, porque o que me apetecia era ter um buraco no chão e desaparecer por ele.

«— Tanto tempo que o senhor foi amigo da nossa família, era como um filho, pode dizer-se... mas quem sabe quais são os desígnios dos céus, Óssip Mikháitch! Agora, assim de repente, imagine-se: uma denúncia, prepara-nos uma denúncia!... Depois disto, o que se pode pensar das pessoas, Óssip Mikháitch?

«Como ele falou, o sermão que ele me pregou. “Oíça, Óssip Mikháitch — disse ele —, diga-me o que, depois disto, devo pensar das pessoas?” Pensar o quê? — disse eu de mim para comigo. Até senti uma irritação na garganta, a voz tremeu-me, senti que o meu caráter não prestava mesmo para nada e peguei rapidamente no chapéu...

«— Aonde é que vai, Óssip Mikháitch? Será que, na véspera de um dia como este... Será que continua a guardar-me rancor? Que mal lhe fiz eu?

«— Fedossei Nikoláitch, oh, Fedossei Nikoláitch! — disse-lhe eu.

«Ou seja, derreti-me todo, meus senhores, derreti-me como açúcar molhado. Irra! Até o envelope das notas que eu tinha no bolso parecia gritar-me: bandido ingrato, ladrão maldito... parecia pesar cinco arrobas... (E se pesasse na verdade cinco arrobas?...)

«— Estou a ver — disse Fedossei Nikoláitch —, vejo o seu arrependimento... sabe que amanhã...

«— Maria Egipcíaca...

«— Vá lá, não chores — disse Fedossei Nikoláitch —, deixa lá: foi pecar e arrepender-se! Vamos! Talvez consiga fazê-lo voltar ao caminho da

verdade... Se calhar, os meus modestos penates (exprimiui-se exatamente assim, o malandro, “penates”) voltarão a aquecer o seu coração endure... não direi “endurecido”, mas, digamos, desviado do caminho...»

— Pegou-me então pela mão, meus senhores, e levou-me até junto da sua família. Eu tremia, passou-me um calafrio pelas costas! Pensei cá para mim: e agora, com que cara lhes vou aparecer?... É que, meus senhores, saibam que havia naquilo um aspeto delicado!

— Não diga que se tratava da senhora Polzunkova?

— Mária Fedosséevna... só que não lhe estava destinado tornar-se a senhora Polzunkova, como os senhores dizem, não chegou a ter essa honra! Como veem, Fedossei Nikoláitch tinha razão quando disse que eu, em casa dele, era um filho. Ainda meio ano atrás era mesmo assim, quando era vivo um tal *Junker* na reserva de nome Mikhailo Maksímitch Dvigáilov. Só que, por vontade de Deus, ele faleceu, mas, enquanto vivo, deixou no tinteiro o testamento; ora, quando morreu, bem procuraram, mas não encontraram o testamento em tinteiro nenhum...

— Uuh!!!

— Meus senhores, desculpem... saiu-me um fraco trocadilho, nada a fazer, mas se fosse apenas o ser fraco, vá que não vá... o pior foi quando fiquei a zero em perspetivas, por assim dizer, e foi pena, porque o *Junker* na reserva (em cuja casa, aliás, eu não tinha entrada), como tinha a mão ágil acumulara um belo pé de meia, e, talvez sem qualquer eufemismo, também me considerava seu filho.

— Aah!!

— Pois, tal e qual! A partir daí começaram a mostrar-me má cara em casa de Fedossei Nikoláitch. Eu olhava para aquilo tudo, ia aguentando, aguentando, até que, para minha desgraça (ou talvez para minha felicidade), chegou à nossa cidadezinha um oficial para comprar cavalos para a tropa. Nada de sério, é claro, o homem estava de passagem, coisas de hussardos... só que esse, pesado como um morteiro, agarrou-se à casa de Fedossei Nikoláitch cá de uma maneira! E eu, então, com este meu feitio ignóbil, disse-lhe indiretamente, baixinho: «Então, como é, Fedossei Nikoláitch, por que me ofende? Eu, em certo sentido, já sou seu filho... Quanto tempo mais vou esperar pelos favores paternos?...» E ele vá de me responder, meus senhores, cá de uma maneira, assim a falar e tal, como quem recita um poema em doze cantos, tudo em verso, que é de um homem se lambar e abrir os braços de doçura; mas aquilo tudo dava em nada, ou seja, não tinha

qualquer sentido, não se percebia nadinha... e eu ali feito parvo; e ele só levantava poeira, esquivava-se como um peixe: talento, puro talento, até metia medo! Comecei a azafamar-me, tentei tudo: ele eram romanças e confeitos, ele eram trocadilhos que fazia para ela, suspiros, falava-lhe da dor do coração por causa do amor e tal, desatava a chorar, até arranjei uma conversa em segredo com ela! É que sou mesmo parvo! É que não verifiquei no registo do sacristão que já tinha trinta anos... Qual quê! Meti-me em manhas e artimanhas! Nada feito: falhei em tudo, o resultado foi só risos e gozos para comigo... Então, fiquei furioso, enraiveci-me cá de uma maneira que... bati com a porta e não pus mais os pés em casa deles... Depois pensei, pensei e escrevi uma denúncia! Bem sei, confesso, trair um amigo é ignomínia. Quanto ao material da denúncia, havia muito, um rico material, um caso importante! O material todo e mais a denúncia renderam-me em notas bancárias o equivalente a mil e quinhentos rublos em prata!

— Ora bem, aí está o suborno!

— Sim senhor, e foi um belo suborno, o querido corrupto pagou e pagou bem! (E não é pecado, juro que não é pecado!) Agora, a continuação: se bem se lembram, estava eu mais morto do que vivo; ele, então, levou-me para a sua sala de chá. Ali, pareceu-me que toda a gente estava ofendida, ou antes, não era bem ofendida, mas triste até um tal ponto que... Pronto, estavam todos mortificados, verdadeiramente mortificados, e no entanto brilhava em todas as caras uma solenidade muito decorosa, havia seriedade em todos os olhares, havia qualquer coisa de paternal, de parental, como se tivesse voltado a casa o filho pródigo... pois, era um ambiente que chegava até este ponto! Mandaram-me sentar à mesa do chá, mas quem parecia ter um samovar a ferver no peito era eu, mas os pés gelados: apoquentei-me, acobardei-me! Mária Fomínichna, esposa dele, que na altura era conselheiro áulico e agora é conselheiro de colégio, começou logo de início a tratar-me por *tu*: «Por que emagreceste tanto, paizinho?» — «Nada de especial, estou um pouco adoentado, Mária Fomínichna...» E a voz tremia-me! Então, ela, assim sem mais nem menos, porque já tinha a palavrinha dela engatilhada, a víbora, disse-me isto: «Se calhar, os remorsos não estão à medida da tua alma, Óssip Mikháílitch, meu paizinho! A hospitalidade da nossa família gritou alto de mais à tua consciência! As minhas lágrimas sangrentas estão portanto a queimar-te!» Juro perante Deus que ela utilizou precisamente estas palavras, não teve vergonha; é natural, é mulher para isso, é uma fera! E ali estava ela sentada, a servir o chá. Se estivesse no mercado — pensei

eu —, tu, minha pombinha, gritarias mais alto do que todas as peixeiras juntas. Era desse calibre, a nossa conselheira áulica! Nisto, para minha desgraça, Mária Fedosséevna, a filha, entra com todas as suas inocências e um pouquinho pálida, com os olhitos vermelhos das lágrimas... e eu, feito parvo ali naquele sítio, completamente arrumado: viria a verificar-se mais tarde que era por causa do oficial que ela chorava; o homem tinha fugido, esgueirara-se a tempo, porque, por assim dizer (falando agora a propósito), já precisava mesmo de se ir embora, tinha-se esgotado o prazo dele, e não se pode dizer que fosse um prazo oficial! Era apenas... bom, mas só mais tarde é que os queridos pais acordaram, souberam do segredo, mas já não havia nada a fazer e esconderam a desgraça familiar bem escondida!... Eu é que, mal olhei para ela, fiquei desfeito, completamente perdido, e pus-me logo a olhar de lado para o meu chapéu, para ver se pegava nele o mais depressa possível; mas não, guardaram-me o chapéu... Confesso que já estava disposto a sair mesmo sem chapéu... está bem, pensei, vou... mas nem isso, tinham fechado a porta com a tranca. Então começaram as risotas amigáveis, as piscadelas de olho, as insinuações amorosas, e eu, muito confuso, pus-me a dizer uns disparates quaisquer, pus-me com tagarelices amorosas; e ela, a minha pombinha, sentou-se ao clavicórdio e cantou a canção do hussardo que se apoiava no sabre¹⁰, num tom ofendido... aquilo foi mortífero para mim! «Muito bem — diz Fedosseï Nikoláitch —, está tudo esquecido, vem cá... abraça-me!» E eu, má raça a minha, lá apertei a cara contra o colete dele. «Meu benfeitor, meu pai querido!», disse-lhe eu e, então, desfiz-me em lágrimas! Meu Deus, o que se levantou então naquela sala! Fedosseï Nikoláitch a chorar, a patroa dele também, a Máchenka também... até havia uma loirinha qualquer que também desatou a chorar... e mais: saídas de todos os cantos, apareceram as criancinhas (Deus tinha abençoado Fedosseï Nikoláitch com uma prole numerosa!), também a chorarem... enfim, só lágrimas, tantas lágrimas, ou melhor, tanta ternura, tanta alegria pela recuperação do filho pródigo! Aquilo era como se fosse um soldado que regressara à pátria! Depois serviram as iguarias, começaram a jogar «às prendas»: oh, dói! O que dói? O coração. Por quem? E ela cora, a pombinha! Eu e o velho bebemos ponche... pronto, foi assim, conquistaram-me, aliciaram-me por completo...

Voltei para a minha avó. A cabeça andava-me à roda, ri-me sozinho durante todo o caminho, em casa andei duas horas à volta do quarto, acordei a velha, contei-lhe da minha sorte. «Mas ele deu-te dinheiro, esse

malandro?» — «Deu, avó, deu, minha querida, a felicidade sorriu-nos, abre a porta à felicidade!» — «Agora já podes casar-te, e casa-te, não te atrases — disse-me a velha — isto é, Deus ouviu as minhas preces!» Acordei o Sofron. «Sofron, tira-me as botas, é o que eu te digo.» Sofron começou a tirar-me as botas. «Pois é, Sofron, agora dá-me os parabéns, beija-me! Vou-me casar, meu amigo, vou-me casar mesmo, embebeda-te amanhã, vai para a pândega: o teu amo vai-se casar!» O meu coração brincava e ria!... Comecei a adormecer, mas não, havia qualquer coisa, sentei-me, pus-me a pensar; de repente, bate-me na cabeça: amanhã é o primeiro de abril, um dia alegre, jocosos... o que é que eu poderia inventar?... E inventei! Então, meus senhores, saltei da cama, sentei-me em trajes menores à mesa de trabalho... ou seja, fiquei desvairado, entrei em exageros, sabem como é, a exaltação, não é? Mergulhei de cabeça na lama! Vejam lá que raio de feitio: tiram-nos uma coisa, ainda damos outra por cima! Batem-nos numa face, e nós, todos contentes, oferecemos também as costas, aliciam-nos como a um cão, com guloseimas, e nós, de todo o coração e toda a alma, pomo-nos às lambidelas e aos abraços estúpidos com as patas! Por exemplo, agora, meus senhores! Estão a rir-se e a cochichar, eu bem vejo! E, depois de eu lhes ter contado todos os meus segredos íntimos, vão pôr-se a gozar, a escarnecer de mim, eu sei isso, mas continuo a falar, a falar, a falar! Quem me manda ser assim? Quem me incita? Quem está atrás das minhas costas a sussurrar-me: fala, fala, conta? Mas continuo a falar, a contar as minhas coisas, a abrir-lhes a minha alma, como se os senhores fossem meus irmãos, meus amigos íntimos... ah!...

O riso que começou a levantar-se de todos os lados abafou finalmente e por completo a voz do narrador que, de facto, estava como que em êxtase; calou-se, passando o olhar pela assistência durante uns momentos, e depois, como que embrulhado no meio de um turbilhão, abanou as mãos, riu-se sozinho, como se achasse realmente muito cómica a sua situação, e voltou à sua história:

— Nessa noite quase não dormi, meus senhores, passei a noite a escrever. É que, meus senhores, eu tinha inventado uma brincadeira! Eh, meus senhores, ainda hoje, quando me lembro disso, sinto vergonha! Se fosse apenas de noite, menos mal: disparei por embriaguez, fiz asneira... mas não! De manhã, depois de ter dormido apenas uma ou duas horas, acordei cedo e voltei à mesma! Vesti-me, lavei-me, frisei o cabelo, untei-o com pomada, enfiei a casaca nova e fui direito à festa de Fedosseí Nikoláitch,

com o papel escondido no chapéu. Fedosseï Nikoláitch recebeu-me pessoalmente, de braços abertos, e mais uma vez me ofereceu o seu colete paternal! Eu dava-me ares importantes, a minha cabeça ainda estava cheia do que acontecera na véspera! Recuei um passo e disse: «Não, não, Fedosseï Nikoláitch, leia antes este papel», e entreguei-lhe o papel e mais um requerimento. E sabem o que constava do meu requerimento? Era o seguinte: eu, Óssip Mikháilitch tal, dadas as circunstâncias tais e tais, solicito a minha demissão do serviço tal e tal; e assinava o requerimento segundo todas as regras formais, com indicação do grau, categoria, etc., etc. Já viram para que fantasia me havia de dar, meu Deus! Não tinha encontrado nada de mais inteligente! Pensei: pronto, é o primeiro de abril, a minha brincadeira é fingir que a minha ofensa ainda se mantém, que mudei de ideias durante a noite, que repensei, que me ericei, que fiquei ainda mais ofendido e, portanto, tomai lá, meus benfeitores, não quero saber de vós nem da vossa filha; ontem meti o dinheirinho ao bolso, estou abastecido, por isso aqui vai o meu pedido de demissão. Não quero ter Fedosseï Nikoláitch como chefe! Mudo de serviço, depois logo se vê, talvez ainda faça a denúncia. Foi assim que eu me apresentei, como um ser ignóbil, só para os assustar! E o que eu fui arranjar para lhes meter medo! Então, meus senhores? É lindo, não é? Ou seja, desde a véspera eu ficara caído de ternura por eles, e então apeteceu-me fazer uma brincadeira familiar, brincar um pouco com o coração paternal de Fedosseï Nikoláitch...

Mal Fedosseï Nikoláitch pegou no papel e o desdobrou, vi que a cara dele estremecia. «O que é isto, Óssip Mikháilitch?» E eu, feito parvo: «Primeiro de abril! Boas festas, Fedosseï Nikoláitch!», isto é, agi tal qual o garoto que se esconde por trás da poltrona da avó e depois lhe grita ao ouvido para a assustar! Pois... até tenho vergonha de contar isto, meus senhores! Não! Não vou continuar!

— O quê? Não, continue. O que aconteceu a seguir?

— Não, não, conte! Já agora conte tudo! — ouviu-se por toda a sala.

— Pois bem, começaram as conversas e os rumores, e os oh!, e os ah!, e que eu era um traquinas, e que eu era um brincalhão, que os tinha assustado, e era tudo conversa tão doce para os meus ouvidos que até estava envergonhado e a pensar: como é que este lugar tão santo aguenta um pecador como eu? «Irra, meu caro — guinchou a conselheira —, assustaste-me de tal maneira que ainda me tremem as pernas, mal me aguento em cima delas! Tinha corrido como uma tresloucada ao pé da minha filha e disse-lhe:

Máchenka, o que vai ser de nós? Olha só para ele, olha como ele é afinal, *o teu!* Sim, pequei, por isso perdoa-me, querido, que sou uma velha e só faço disparates! Pensei assim: quando ontem ele saiu daqui e chegou à casa dele, já tarde, deve ter começado a matutar e lá lhe pareceu que nós estávamos a acarinhá-lo e a aliciá-lo com segundas intenções, que o queríamos enganar... Pois é, pensei nisso e fiquei muito transtornada! Deixa lá, Máchenka, não me pisques o olho, o Óssip Mikháílitch não é um estranho para nós. Eu sou tua mãe, não digo nada de mal! Graças a Deus que não vivo neste mundo há vinte anos, mas há quarenta e cinco completos!...»

Pois é, meus senhores, por pouco não me rojei aos pés dela! E lá começaram outra vez as lágrimas, e lá começaram os beijos! E começaram as brincadeiras! Fedosseï Nikoláitch, como era o primeiro de abril, também se dignou inventar uma piada! Apareceu aqui, disse ele, um pássaro de fogo com bico de diamante que trazia uma carta no bico! Era o dia dos enganos e ele também queria enganar... e que fartote de riso, que ternura se criou ali! Fu! Até tenho vergonha de contar isto!

Ora bem, meus benfeitores, agora já nos aproximamos do final! Passou um dia, passou outro, passou o terceiro, passou uma semana, e lá andava eu, como um verdadeiro noivo! Palavras para quê! Foram encomendadas as alianças, foi marcado o dia, só que eles não queriam tornar o noivado público, diziam que era preciso esperar pela visita do inspetor. E eu, portanto, também fiquei ansiosamente à espera dele, a minha felicidade estava a ser adiada por causa dele! É preciso despachar isto o mais depressa possível, pensava eu. Ora, o Fedosseï Nikoláitch, feliz como estava e no meio daquela azáfama toda, encarregou-me de todo o trabalho: contas, relatórios, verificação dos livros, o balanço, e foi aí que eu vi que aquilo estava numa desordem completa, estava uma confusão, havia complicações e erros por todo o lado! Pois seja, pensei eu, pelo meu querido sogro bem posso fazer um esforço! Entretanto, Fedosseï Nikoláitch adoeceu, deu-lhe uma maleita qualquer, e ia piorando a cada dia que passava. Eu próprio, de tanto trabalho, também estava magro como um fósforo, não dormia, até tinha medo de cair para o chão de um momento para o outro! Mas lá acabei o trabalho e ficou um trabalho bem feito! Ficou tudo despachado a tempo! De repente, mandaram-me chamar por um mensageiro, que disse: «Depressa, o Fedosseï Nikoláitch está muito mal!» Corri para junto dele a sete pés. O que se passava? Olhei para ele: lá estava o meu Fedosseï Nikoláitch sentado com uns pachos de vinagre na cabeça, a fazer trejeitos

de dor, a gemer, oh!, oh! «Meu caro, meu querido — disse-me ele —, então eu morro e deixo-vos desamparados, meus filhos!» A mulher e os filhos também estavam à cabeceira dele, a Máchenka a chorar, eu próprio a choramingar. Disse ele: «Não, Deus é misericordioso, não vos vai castigar por causa dos meus pecados!» Nisto, mandou toda a gente embora, deu ordens para trancar a porta e ficámos sozinhos, eu e ele. «Tenho um pedido a fazer-te!» — «Que pedido?» — «Tal e tal, meu amigo, nem no leito de morte eu tenho sossego, caí numa grande enrascada!» — «Como assim?» Corei, nem as palavras me saíam. «Aconteceu isto assim e assim, meu amigo, vi-me obrigado a repor umas falhas de tesouraria do meu próprio dinheiro; é que eu, meu amigo, quando se trata do bem público, não me poupo em nada, não poupo a minha própria vida! Não penses que há qualquer coisa por trás disto! Para mim é muito triste que os caluniadores me tenham denegrido aos teus olhos... Estavas enganado, e a minha amargura é tão grande que até me faz cabelos brancos! De um momento para o outro chega o inspetor, ora o Matvéev tem um buraco de sete mil rublos, e a responsabilidade é toda minha... de quem mais pode ser? É certo e sabido, vão acusar-me de falta de controlo! Que culpa tem o Matvéev? Já sem isso sofre muito, não é justo pô-lo em maus lençóis!» Meu Deus do céu, penso eu, eis um homem virtuoso! Uma alma pura! E ele: «Pois é, não quero mexer no dote da minha filha, é dinheiro sagrado! É certo que tenho alguma coisa de meu, tenho dinheiro, mas anda todo emprestado, e agora já não há tempo de o recuperar!» Eu, então, caí de joelhos aos seus pés. Gritei: «Meu benfeitor, insultei-te, ofendi-te, os caluniadores denunciaram-te falsamente, não me mortifiques, toma lá o teu dinheiro!» Ele olhava para mim e corriam-lhe as lágrimas dos olhos. «Era isto que eu esperava de ti, meu filho! Levanta-te, naquele dia perdoei-te em nome das lágrimas da minha filha! Agora o meu coração também te perdoa. Curaste as minhas chagas! Abençoo-te para todo o sempre!», disse ele. Depois de ele me ter abençoado, corri quanto pude até minha casa, peguei no dinheiro e voltei para lho entregar: «Aqui está, paizinho, gastei apenas quarenta rublos!» — Não faz mal — disse ele —, mas agora cada tostão conta, dada a urgência. Então, escreve já uma declaração com data anterior segundo a qual, por necessidade, pediste cinquenta rublos adiantados sobre o teu ordenado. E eu digo aos chefes que recebeste esse dinheiro adiantado...» E então eu, o que é que acham, meus senhores?, apressei-me a escrever a declaração!

— E depois... e então, como foi que acabou tudo isso?

— Escrevi a declaração, meus senhores, e acabou tudo da maneira que vou contar. Logo no dia seguinte, de manhã cedo, recebi um sobrescrito com selo oficial. Abri-o... e o que vejo? Uma carta de despedimento! Entregar todos os papéis, acertar contas e ala, embora!

— Como assim?

— Pois, também eu gritei, desesperado: como assim?! Sentia um zumbido nos ouvidos! Pensava que aquilo talvez não fosse a sério, mas era. Chegou o inspetor. O meu coração tremia de medo! Não, pensei, não foi por acaso! E logo a seguir fui ter com Fedossei Nikoláitch. «O que significa isto?» — perguntei. «O que é que se passa?» — perguntou ele por sua vez. «Mas isto aqui é uma carta de despedimento!» — «Que despedimento?» — «Isto!» — «Pois, é mesmo uma demissão!» — «Mas como? Eu não pedi a demissão!» — «Isso é que pediu, entregou a carta no dia 1 de abril» (eu, naquele dia, não recuperara o papel!). «Fedossei Nikoláitch, será que estou a ouvi-lo bem, será que estou a vê-lo com estes meus olhos?» — «Sim, sou mesmo eu, porquê?» — «Meu Deus!» — «É pena, meu caro senhor, é uma grande pena ter decidido abandonar o serviço tão cedo! Um jovem tem de persistir no serviço, mas o senhor é um cabeça de vento. Quanto às recomendações, fique descansado: eu trato disso. O senhor recomenda-se sempre muito bem!» — «Mas aquilo foi uma brincadeira, Fedossei Nikoláitch, eu não queria despedir-me, entreguei-lhe aquele papel apenas para seu divertimento e prazer paternal!...» — «Como assim? Qual brincadeira, meu caro senhor? Então o senhor acha que papéis desses são para brincadeiras? Por brincadeiras dessas ainda um dia vai parar à Sibéria. Agora, adeus, estou ocupado, temos cá o inspetor, as obrigações de serviço estão em primeiro lugar. O senhor agora pode mandriar, mas nós temos o nosso trabalho. Deixe lá, eu vou fazer-lhe uma recomendação como deve ser. Mais uma coisa: comprei a casa do Matvéev, dentro de dias mudamos para lá; então, espero bem que não tenhamos a presença do senhor na festa de inauguração da nova casa. Adeuzinho e boa viagem!» Corri para casa: «Estamos liquidados, avó!» Ela, coitada, até uivou. Nisto, vimos que chega a correr o criado de Fedossei Nikoláitch, com um bilhete e a gaiola com o estorninho (eu, a transbordar de sentimentos, tinha oferecido à noiva um estorninho falador); no bilhete estava apenas escrito «primeiro de abril» e mais nada. É isto, meus senhores, o que acham?

— Mas o que aconteceu depois???

— O que podia acontecer? Uma ocasião encontrei Fedossei Nikoláitch na rua e quis dar-lhe uma desanda, chamar-lhe canalha na cara...

— E então?

— Não me saiu uma palavra da boca, meus senhores!

10 Canção muito popular, com a poesia «Separação», do poeta russo K. Bátiuchkov, a apoiar a melodia. (NT)

CORAÇÃO FRACO

Novela

Sob o mesmo teto, no mesmo terceiro andar, no mesmo apartamento, viviam dois jovens colegas, Arkádi Ivánovitch Nefedévitch e Vássia Chumkov... O autor, obviamente, sente a necessidade de explicar ao leitor por que é que um herói é grafado com o nome completo e o outro com o nome diminuído, e isto para que, digamos, ninguém considere esta forma de apresentação como tratamento inconveniente e mesmo familiar de uma pessoa. Para tal, no entanto, seria necessário explicar e descrever previamente a idade, a graduação, a condição social, o cargo e, finalmente, os caracteres das personagens; mas como há muitos escritores que começam a narração precisamente assim, o autor da novela aqui presente, unicamente para não se parecer com esses escritores (ou seja, como alguém talvez dirá, por causa do seu amor-próprio ilimitado), resolve começar diretamente com a descrição dos acontecimentos. Findo o preâmbulo, o autor começa.

Na tarde da véspera do Ano Novo, já passava das cinco, Chumkov voltou para casa. Arkádi Ivánovitch, que estava deitado na cama, acordou e, com os olhos semicerrados, olhou para o seu companheiro. Viu que este envergava o seu melhor fato e um peitilho limpíssimo. Ficou, evidentemente, espantado. «Para onde irá o Vássia assim ataviado?? E também não almoçou em casa!» Chumkov, entretanto, acendeu uma vela, e Arkádi Ivánovitch adivinhou de imediato que o amigo se preparava, como se fosse sem querer, para o acordar. De facto, Vássia tossiu duas vezes, passeou-se duas vezes pelo quarto e, finalmente, por puro azar, deixou cair das mãos o cachimbo que começara a encher no cantinho ao lado do fogão. Arkádi Ivánovitch teve vontade de rir.

— Vássia, deixa-te de cenas! — disse ele.

— Arkacha, não estás a dormir?

— Francamente, não sei, parece-me que não.

— Ah, Arkacha! Viva, meu caro! Meu amigo, meu amigo!... Nem imaginas o que tenho para te dizer!

— Não imagino mesmo. Chega-te cá.

Vássia parecia estar à espera disso. Aproximou-se de imediato, não prevendo qualquer perfídia da parte de Arkádi Ivánovitch. Este agarrou-o

habilmente pelos braços, virou-o, tombou-o e começou a fazer-lhe o que se chama o «estrangulamento da vítima», o que parecia dar enorme prazer ao divertido Arkádi Ivánovitch.

— Apanhei-te! — gritava. — Apanhei-te!

— Arkacha, Arkacha, o que estás a fazer? Larga-me, larga-me, por amor de Deus, sujás-me a casaca!...

— Não faz mal, para que precisas da casaca? Por que és tão crédulo que te deixas apanhar? Diz: onde foste? Onde almoçaste?

— Arkacha, larga-me, por favor!

— Onde almoçaste?

— Mas é isso mesmo que te queria contar.

— Então conta.

— Larga-me primeiro.

— Não, não te largo enquanto não contares!

— Arkacha, Arkacha! Não vês que assim não posso? — gritava o fracalhote Vássia debatendo-se nas patas fortes do seu adversário. — Porque há certas matérias que...

— Quais matérias?

— Matérias que, se falarmos delas nesta situação, só nos fazem perder a dignidade; não posso assim, é ridículo... mas não é um assunto cómico, é sério.

— Que se amole, o sério! Que ideia! Conta-me de maneira a que eu me ria, entendeste? Não quero ouvir nada sério... senão, que raio de amigo és tu? Diz lá, és meu amigo? Diz!

— Arkacha, juro que não posso!

— Nem quero ouvir...

— Muito bem, Arkacha! — começou Vássia, deitado de través na cama e fazendo todos os esforços para dar o máximo de seriedade às suas palavras.

— Arkacha, está bem, eu digo, só que...

— Só que o quê?

— Pronto, é que pedi uma pessoa em casamento!

Arkádi Ivánovitch, sem perder mais tempo com palavras vãs, pegou em Vássia ao colo como a uma criancinha, apesar de Vássia ser bastante matulão, embora magro, e começou a andar com ele pelo quarto, fingindo que o embalava.

— Agora vou pôr-te as fraldas, seu noivo — dizia ele. Mas, vendo que Vássia se deixava estar nos seus braços sem se mexer nem dizer mais nada,

repensou e percebeu que tinha ido longe de mais com a sua brincadeira; pô-lo de pé no meio do quarto e deu-lhe um beijo muito sincero e amigável na bochecha.

— Não estás zangado, Vássia?...

— Arkacha, ouve...

— Não te zangues, é a passagem de ano.

— Por mim, tudo bem; mas por que és tão maluco, tão gozão? Tantas vezes já te disse que isso não tem graça nenhuma, a sério, não tem graça!

— Mas não ficas zangado?

— Não, não faz mal, alguma vez me zanguiei contigo? Mas é triste o que fizeste, estás a ver?

— Triste? Como é isso?

— Vim ter contigo como amigo, com o coração a transbordar, para te abrir a minha alma, contar-te a minha felicidade...

— Mas que felicidade? Por que não dizes?

— É que me vou casar, bolas! — respondeu Vássia com desgosto, porque estava de facto um pouco irritado.

— Tu! Casares-te! Com que então é verdade! — gritou Arkacha a plenos pulmões. — Não, não... mas o que é isto? Diz uma coisa destas e correm-lhe as lágrimas pela cara!... Vássia, Vassiuk, filho, deixa-te disso! Mas será verdade? — E Arkádi Ivánovitch voltou a abraçá-lo impetuosamente.

— Percebes agora porquê? — disse Vássia. — És boa pessoa, bem sei que és meu amigo. Então, venho ter contigo todo contente, com a alma num enleio, para te abrir o meu coração, para te contar toda a minha felicidade, a minha alegria, e tenho de o fazer deitado de través na cama, sem dignidade nenhuma... Estás a ver, Arkacha — continuou Vássia, agora quase a rir-se —, a palhaçada que isso foi; é que eu, de certa maneira, naquele momento não era senhor de mim. Não podia deixar cair uma coisa destas na humilhação... Às tantas, só faltava perguntares, quando estava naquele preparo: como é que ela se chama? Juro que não responderia, nem que me matasses.

— Mas, Vássia, por que te calaste? Se me tivesse dito antes, já eu não fazia essa asneira — gritou Arkádi Ivánovitch num verdadeiro desespero.

— Está bem, deixa lá! Não te digo isto por estar zangado... Bem sabes por que é que fico assim... é que tenho um coração mole. Foi por isso que fiquei aborrecido quando não consegui partilhar a minha alegria, dar-te também prazer, contar tudo de uma maneira decente... A sério, Arkacha,

gosto tanto de ti que, se não existisses, parece que nem me casava e que, de uma maneira geral, nem sequer viveria neste mundo!

Arkádi Ivánovitch, homem extremamente sensível, ria e chorava ao ouvir Vássia. Vássia também. Voltaram a abraçar-se e esqueceram o mal-entendido.

— Mas como, como foi? Conta-me tudo, Vássia. Eu, meu amigo, desculpa mas estou banzado, para mim é como um raio caído do céu, palavra! Não, não, inventaste isso, é mentira, pois! — gritou Arkádi Ivánovitch, olhando mesmo com sincera desconfiança para a cara de Vássia; mas, vendo naquela cara a clara confirmação de um desejo premente de casamento o mais breve possível, atirou-se para cima da cama e pôs-se às cambalhotas com tanto entusiasmo que até as paredes tremiam.

— Vássia, senta-te aqui — gritou, sentando-se finalmente na cama.

— Eu, amigo, nem sei por onde começar!

Olhavam-se, numa emoção feliz.

— Quem é ela, Vássia?

— É da família Artémiev!... — disse Vássia com a voz debilitada pela felicidade.

— Não me digas!

— Já te enchi os ouvidos com os Artémiev, depois deixei de falar, mas tu nem reparaste em nada. Ah, Arkacha, o que me tem custado guardar segredo contigo! É que tinha medo de falar! Receava que falhasse tudo, e eu tão apaixonado, Arkacha! Meu Deus, meu Deus! Bem, as coisas passaram-se assim — começou a contar, interrompendo-se a cada instante por causa da emoção. — Faz um ano, ainda ela tinha um noivo, mas de repente foi mandado para uma comissão de serviço; por acaso eu conheci-o, é um homem que, francamente... mas Deus lhe perdoe! Bem, deixou de escrever à noiva, desapareceu. Ainda esperaram muito tempo por ele, a pensarem no que se passava, no que teria acontecido... De repente, há uns quatro meses, voltou... casado, e nem os visitou nem uma vez. Foi uma grosseria para com os Artémiev, uma infâmia, mas quem os poderia defender? E ela, coitada, a chorar, sempre a chorar, e eu apaixonei-me... aliás, já estava apaixonado por ela há muito tempo! Consolava-a, ia a casa deles muitas vezes... bem, não sei como tudo aconteceu, francamente, mas ela também se apaixonou por mim. Então, há uma semana, passou-se que eu não aguentei, desatei a chorar à frente dela e disse-lhe tudo... ou seja, que a amava... enfim, tudo!... «Eu também estou pronta a amá-lo, Vassíli

Petróvitch, mas sou uma rapariga pobre, por isso não brinque comigo. Nem sequer me atrevo a amar alguém.» Então, amigo, pronto... percebes, percebes?... Ficámos noivos do pé para a mão, entre nós. Depois pensei, pensei, e disse cá para comigo: como é que havemos de dar a notícia à mãe? Diz ela: é difícil, espere um pouco, a mãezinha ficou com medo e agora é capaz de não me dar ao senhor. E desata a chorar. Mas eu, sem a avisar, falei com a velha. A Lísanka caiu-lhe aos pés, eu também... e a velha abençoou-nos. Arkacha, Arkacha! Alminha! Vamos viver todos juntos. Nunca me separo de ti!

— Vássia, chixa, por mais que olhe para ti não acredito, juro-te. Francamente, continua a parecer-me que... Como é que te vais casar?... Como foi possível eu não saber de nada? Para te falar com franqueza, Vássia, confesso que eu próprio pensava em casar; mas como agora és tu quem se vai casar, tanto me faz! Bom, felicidades para ti, que sejas muito feliz!...

— Meu amigo, é tanto o deleite no meu coração, a minha alma está tão leve!... — disse Vássia, levantando-se e começando a andar, emocionado, pelo quarto. — Não é verdade, não é? Não o sentes, também? Vamos viver na pobreza, é claro, mas seremos felizes; e não é uma quimera, a nossa felicidade não é dos livros: vamos ser felizes no real!

— Vássia, Vássia, ouve!

— O quê? — perguntou Vássia, parando em frente de Arkádi Ivánovitch.

— Pensei numa coisa, mas nem tenho coragem para te dizer!... Desculpa, mas tens de me tirar as dúvidas. Com que vais viver? Estou muito contente por te casares, é claro, é claro que estou contentíssimo, perco a cabeça de alegria, mas... com que recursos, Fedosseí Nikoláitch, vais viver?

— Ah, meu Deus, meu Deus! Como tu és, Artkacha! — disse Vássia, olhando para Nefedévitch com grande espanto. — Com franqueza, mas o que foste tu buscar? A própria velha, quando lhe expus tudo ponto por ponto, não teve sequer dois minutos de dúvidas. Pergunta-me antes como viviam eles! Viviam apenas com quinhentos rublos por ano para os três: a pensão que lhes foi atribuída depois da morte do pai. Ela, a velha e o irmãozinho pequeno vivem com isso, e o dinheiro ainda dá para pagar a escola dele... vês agora como eles vivem? Só nós é que somos capitalistas, amigo, tu e eu! Eu, estás a ver, em anos de sorte até chego aos setecentos!

— Vássia, desculpa, tens de me ouvir; não te digo isto por mal, não quero amargurar-te, mas... quais setecentos? Não passa dos trezentos...

— Ora, trezentos!... E o Iulian Mastákovitch? Estás a esquecer-te?

— Iulian Mastákovitch! Mas isso é incerto, meu amigo, não é o mesmo que os trezentos que tens de ordenado certinho, em que cada rublo é um fiel amigo. Iulian Mastákovitch, é claro, pois, ele até é um grande homem, respeito-o muito, compreendo-o, não é por acaso que ocupa um cargo tão alto, e, juro, até gosto dele, porque ele gosta de ti e até te paga prémios pelo trabalho quando podia não o fazer e encarregar um funcionário desse serviço... mas, tens de concordar, Vássia... Ouve: não estou a falar por falar; não nego que não se encontra em Petersburgo uma caligrafia como a tua, de acordo — disse Nefedévitch com entusiasmo —, mas se acontecer (Deus nos guarde disso!) que ele deixe de gostar, que não lhe agrade, ou se, de repente, não tiver trabalho para ti, ou encarregar outro de o fazer... sabe-se lá o que pode acontecer! Iulian Mastákovitch pode estar vivo hoje e amanhã já não, Vássia...

— Ouve, Arkacha, por essa ordem de ideias pode cair-nos o teto em cima...

— É claro, é claro... não digo nada...

— Não, ouve, ouve-me... Como é que ele pode recusar-me o trabalho? Não, ouve, ouve... É que eu cumprio tudo pontualmente; ele é tão bondoso, Arkacha, ainda hoje me deu cinquenta rublos de prata!

— Não me digas! Recebeste hoje o prémio, foi?

— Qual prémio! Deu-mo do seu próprio bolso. Disse: meu amigo, já vai no quinto mês que não recebes; toma lá, aceita; e obrigado, disse ele, obrigado, estou satisfeito contigo... juro que foi assim! Não podes trabalhar de graça para mim... juro que foi exatamente isso que ele me disse. Até me vieram as lágrimas aos olhos, Arkacha. Oh, meu Deus!

— Ouve, Vássia, acabaste aqueles papéis?...

— Não, ainda não acabei.

— Vas-sin-ka! Meu anjo! O que é que tu andas a fazer?!

— Arkádi, não faz mal, ainda tenho dois dias, tenho tempo...

— Significa que não trabalhaste?...

— Essa agora! Estás a olhar para mim com um ar tão aflito que sinto tudo a revirar-se cá por dentro e até me dói o coração! E é sempre isto, é sempre desta maneira que me matas! Pões-te logo a gritar: ai, ai, ai!!! Se pensares bem, não há problema nenhum! Acabo o trabalho, juro que acabo...

— E se não acabares? — gritou Arkádi Ivánovitch, saltando do lugar. — E ele já te deu hoje o prémio! E vais-te casar... Ah!...

— Não há problema! — exclamou Chumkov. — Já me vou sentar a trabalhar, já vou. Não há problema nenhum.

— Como foi que te descuidaste dessa maneira, Vassiútka?

— Ah, Arkacha! Então achas que eu me aguentava sentado? Sabes como eu estava? Mal me aguentava dentro do escritório, o meu coração não deixava!... Ah! Agora vou trabalhar toda a noite, depois mais uma noite, outra depois de amanhã... e acabo!

— Falta-te muito?

— Não incomodes, por amor de Deus, cala-te...

Arkádi Ivánovitch aproximou-se da cama em bicos de pés e sentou-se; depois, ia já levantar-se mas obrigou-se a ficar porque se lembrou de que poderia incomodar, apesar de, com tanta emoção, fosse difícil para ele estar sentado: era visível que a notícia o pasmara, e o seu primeiro entusiasmo ainda não esmorecera. Olhou para Chumkov, Chumkov olhou para ele, levantou um dedo e depois, carregando terrivelmente o sobrolho (como se nisso residisse toda a força e todo o êxito do trabalho), fixou os olhos nos papéis.

Parecia também não ter ultrapassado ainda a emoção: mudava as penas, mexia-se na cadeira, recomeçava a escrever, mas a sua mão tremia, recusava-se a trabalhar.

— Arkacha! Falei-lhes de ti — gritou de repente, como se tivesse acabado de se lembrar daquilo.

— Falaste? — exclamou Arkádi Ivánovitch. — Eu já queria perguntar-te isso. E então?

— Então? Eu depois conto! A culpa é minha, juro, esqueci-me de que tinha prometido não falar antes de escrever quatro folhas; mas lembrei-me de ti e deles. Sabes, amigo, não consigo escrever: estou sempre a pensar em vós... — Vássia sorriu.

Silêncio.

— Fu, que pena mais horrível! — gritou Chumkov, batendo irritadamente com a pena na mesa. Pegou noutra.

— Vássia! Ouve! Só uma palavra...

— Diz lá, depressa e pela última vez.

— Falta-te muito?

— Ah, amigo!... — Vássia fez um tal esgar que parecia não haver nada de mais terrível e mortífero do que aquela pergunta. — Muito, muitíssimo!

— Sabes, tive uma ideia...

— Qual?

— Não, é melhor trabalhares, escreve, escreve...

— Diz lá qual é a ideia!

— Já passa das seis, Vássia!

Nefedévitch sorriu com manha e piscou o olho, embora com certa timidez porque não sabia como o amigo iria aceitar aquilo.

— Vá, diz! — disse Vássia, deixando de escrever e olhando Arkádi Ivánovitch nos olhos, pálido de expectativa.

— Ouve...

— Diz, por amor de Deus! O quê?

— Ouve... Estás numa tal comoção que não consegues fazer muito... Espera, espera, espera... já sei, já sei, ouve! — disse Nefedévitch, saltando da cama e interrompendo Vássia, que já abria a boca para falar, e tentando refutar todas as possíveis objeções deste. — Antes de mais, precisas de te acalmar, de recuperar o ânimo, não é verdade?

— Arkacha! Arkacha! — gritou Vássia, saltando da cadeira. — Fico a trabalhar toda a noite, juro!

— É claro, é claro! Deitas-te só de manhã...

— Não me deito, nem durmo...

— Não, assim não; tens de dormir alguma coisa. Deitas-te às cinco da manhã, às oito acordo-te. Como amanhã é feriado, sentas-te e trabalhas todo o dia... Depois, mais uma noite e... mas falta-te muito?...

— Isto, isto!...

Vássia, tremendo de exaltação e expectativa, brandiu um caderno.

— Isto!...

— Ouve, meu amigo, não é muito...

— Mas, meu caro... não é só isto — disse Vássia, olhando com muita timidez para Nefedévitch, como se dele dependesse a decisão de saírem ou não saírem nessa noite.

— Quanto?

— Mais duas... folhas...

— E então? Ouve! Temos tempo de acabar, com certeza que temos!

— Arkacha!

— Vássia, ouve! Hoje é a passagem de ano, toda a gente se reúne em família, só tu e eu é que somos órfãos, solitários... Ui! Vássenka!...

Nefedévitch abraçou Vássia e apertou-o nas suas patas de leão.

— Está decidido, Arkádi!

— Era só isto que te queria dizer! Vassiuk, meu cambado, bem vês! Ouve, ouve! É que...

Arkádi Ivánovitch ficou parado de boca aberta porque, de alegria, não conseguia falar. Vássia segurava-o pelos ombros, olhava-o nos olhos e mexia os lábios como se quisesse acabar a frase por ele.

— Então? — disse por fim.

— Vais-me apresentar hoje a família!

— Arkádi! Sim, vamos lá tomar chá! Sabes, sabes? Nem ficamos até ao Ano Novo, vimos embora antes — gritou Vássia numa verdadeira inspiração.

— Pronto, duas horas, nem mais, nem menos!...

— À saída despeço-me deles até terminar o trabalho!...

— Vassiuk!

— Arkádi!

Em três minutos, Arkádi Ivánovitch vestiu-se de gala. Vássia limitou-se a escovar o fato porque não o despira quando se sentara a trabalhar, tal fora o seu afínco naquele momento.

Saíram rapidamente para a rua, ambos alegres. O seu percurso era do Bairro Peterbúrgskaia até Kolomna. Arkádi Ivánovitch caminhava em passos enérgicos, e até por aquela passada se via como estava contente por Vássia que, por seu lado, estava cada vez mais feliz. Vássia troteava num passo mais curto mas sem perder a dignidade, isso não, e Arkádi Ivánovitch nunca o vira com melhor aspeto. Até o estava a respeitar mais, e um certo defeito físico de Vássia que o leitor ainda não conhece (Vássia tinha o tronco um pouco torto), que sempre despertava um sentimento de profundo amor e compaixão no bondoso coração de Arkádi Ivánovitch, contribuía agora ainda mais para a ternura que ele sentia por Vássia e que, sem dúvida, Vássia merecia em todos os aspetos. Até apetecia a Arkádi Ivánovitch chorar de felicidade, porém continha-se.

— Por onde vais, Vássia? É mais perto por aqui! — exclamou, vendo que Vássia fazia tenção de virar para a avenida Voznessênski.

— Cala-te, Arkacha, não digas nada...

— Juro que é mais perto, Vássia...

— É que, sabes, Arkacha? — começou Vássia num tom enigmático e quase a desfalecer de alegria. — Sabes, é que gostava de levar uma prendinha à Lísanka...

— Que prendinha?

— Aqui à esquina há uma loja maravilhosa, a loja de *Madame Leroux*!

— Sim, e então?

— Uma touca, alminha, uma touca; hoje vi uma touca muito querida e pedi para ver: é o modelo Manon Lescaut... uma maravilha! Laços cor de ginja, e se não for muito cara... Nem que seja cara!...

— Tu, Vássia, na minha opinião és superior a todos os poetas! Vamos!...

Correram para lá e dois minutos depois já entravam na loja. Recebeu-os uma francesa de olhos negros e cabelo aos caracóis que, mal olhou para os clientes, se tornou logo tão alegre e feliz como eles, ainda mais feliz, diga-se. Vássia estava pronto a cobrir *Madame Leroux* de beijos.

— Arkacha! — disse ele a meia-voz, lançando olhares (fingidamente indiferentes) para as maravilhas expostas nos cabides em cima do enorme balcão. — Prodigioso! O que é isto? Mas o que é isto? Olha só para este *bonbon*, por exemplo, estás a ver? — sussurrou Vássia apontando para uma bonita touca na extremidade do balcão mas que, no entanto, não era a touca que queria comprar, pois já de longe vira e devorara com os olhos a da sua escolha, a famosa, na extremidade oposta do balcão. Olhava para ela como se alguém lhe pudesse roubar de repente, ou como se a própria touca, para não ser de Vássia, fosse capaz de esvoaçar e desaparecer.

— Esta — disse Arkádi Ivánovitch, apontando para uma touca —, esta é boa, na minha opinião.

— Ena, Arkacha! Olha que isso honra-te mesmo, Arkacha! A sério, começo a ter em alta consideração o teu bom gosto — disse Vássia com muita ternura cordial para com Arkacha, mas usando de manha —, a tua touca é um encanto... mas anda cá!

— Vá, onde é que está então melhor do que isto, meu amigo?

— Olha aqui!

— Esta? — disse Arkádi Ivánovitch cheio de dúvidas.

Mas quando Vássia, incapaz de se conter por mais tempo, a tirou do cabide, pareceu que a touca voou sozinha para as suas mãos, como se rejubilasse por lhe ter calhado um comprador tão bom depois da longa espera. Depois de ter assistido a todo o frufu de laços, folhos e rendinhas da touca, soltou-se de repente do peito forte de Arkádi Ivánovitch um grito

de admiração. A própria *Madame Leroux*, que durante todo o processo da escolha esteve calada por mera condescendência e manteve a sua dignidade e incontestável superioridade no tocante às questões de bom gosto, no fim agraciou Vássia com um sorriso de plena aprovação, pelo que tudo nela — o olhar, o gesto e o sorriso — foi como se dissesse: sim, o senhor acertou e é digno da felicidade que o espera.

— Estava ali feita coquete, feita coquete no seu esconderijozinho! — gritou Vássia, transferindo o seu amor para a touca tão bonita. — Escondia-se de propósito, a malandrecinha, a minha querida! — E beijou-a, ou seja, beijou o ar que rodeava a touca, porque não se atrevia a tocar na sua joia.

— Assim se esconde o verdadeiro mérito e a autêntica virtude — acrescentou Arkádi Ivánovitch todo alegre, citando por brincadeira a frase de um jornal espirituoso que costumava ler de manhã.

— Então, Vássia, como é?

— Boa, Arkacha! Hoje estás com piada, vais lá fazer *fureur*, como dizem as senhoras, vais ver. *Madame Leroux*, *Madame Leroux*!

— Diga, senhor!

— *Madame Leroux*, alminha!

Madame Leroux olhou para Arkádi Ivánovitch e sorriu com condescendência.

— Não imagina como a adoro neste momento... Permita que lhe dê um beijo... — E Vássia beijou a lojista.

Realmente, foi preciso a *Madame Leroux* invocar toda a sua dignidade para, num momento assim, não a perder com aquele estróina. Afirmo porém que também foi necessária toda a sua amabilidade e graça inatas e sinceras para *Madame Leroux* aceitar o arrebatamento de Vássia. Perdoou-lhe, e com que esperteza e elegância ela soube comportar-se nesta situação! Além disso, como seria possível zangar-se com Vássia?

— Qual é o preço, *Madame Leroux*?

— Esta é cinco rublos de prata — respondeu ela, recompondo-se, com um novo sorriso.

— E esta, *Madame Leroux*? — perguntou Arkádi Ivánovitch, apontando para a touca da sua escolha.

— Esta, oito rublos de prata.

— Mas, por favor! Por favor, concorde, *Madame Leroux*: qual das duas é a melhor, a mais elegante, a mais querida, a mais parecida consigo?

— Aquela é mais cara, mas a escolha do senhor *c'est plus coquet*⁴¹.

— Pois então será essa mesma que levamos!

Madame Leroux pegou numa folha de papel de embrulho muito fino, fechou e prendeu o embrulho com um alfinete, e pareceu que o papel que envolvia a touca se tornara mais leve do que antes, sem a touca. Vássia pegou no embrulho com cuidado, sustendo a respiração, fez uma vénia a *Madame* Leroux, disse-lhe uma amabilidade e saiu da loja.

— Sou um *viveur*⁴², Arkacha, nasci para ser *viveur*! — disse Vássia por entre um riso gargalhado mas baixinho, miúdo e sacudido, nervoso, contornando de longe os transeuntes de quem suspeitava (ou seja, todos) que lhe queriam amarrotar a preciosa touca!

— Ouve, Arkádi, ouve! — começou um minuto depois, e algo de solene e indizivelmente repleto de amor lhe soava na voz. — Arkádi, estou tão feliz, tão feliz!...

— Vássenka, então e eu, como estou feliz, alminha!

— Não, Arkacha, não; sei que o teu amor por mim é infinito, mas não podes sentir uma centésima parte do que eu sinto neste momento. O meu coração está tão cheio, tão cheio! Arkacha! Não mereço esta felicidade! Sinto-o. Por que mérito é que a tenho? — dizia ele, por entre soluços abafados. — O que é que eu fiz de especial para a merecer? Olha tanta gente, tantas lágrimas, tanta vida sem festa! Mas eu! Há uma rapariga que me ama... e que rapariga! A mim... mas tu já vais vê-la daqui a pouco, vais avaliar tu próprio aquele coração nobre. Eu sou de origem baixa, mas agora atingi uma graduação, sou independente, tenho o meu vencimento. Nasci com um defeito físico, tenho a coluna um pouco torta. E olha que ela me ama tal como sou. Hoje, o Iulian Mastákovitch foi tão carinhoso, tão atento para comigo, tão educado; por norma, ele poucas vezes fala comigo; mas hoje aproximou-se de mim: «Então, Vássia (juro, tratou-me por Vássia), vais para a pândega nas festas ou quê?», e riu-se.

«Tal e coisa — digo eu —, saiba vossa excelência que tenho um assunto para tratar —, mas nisto animei-me e disse: — talvez também me vá divertir, excelência.» Juro que foi tal e qual! Então ele deu-me o dinheiro, depois ainda me disse mais umas palavras. E eu chorei, meu amigo, juro que me vieram as lágrimas aos olhos, e ele, ao que parece, também se comoveu, deu-me palmadinhas no ombro e disse: «Continua a sentir as coisas assim, Vássia, como estás a senti-las agora...»

Vássia calou-se por um instante. Arkádi Ivánovitch virou-se dele e também limpou uma lágrima com a mão.

— E mais, e mais... — continuou Vássia. — Ainda nunca te disse, Arkádi... Arkádi! Fazes-me tão feliz com a tua amizade, sem ti eu não viveria neste mundo... não, não digas nada, Arkacha! Deixa-me apertar-te a mão, deixa-me agra-de-cer-te!... — A voz de Vássia de novo se entrecortava.

Arkádi Ivánovitch queria atirar-se ao pescoço de Vássia, mas como estavam a atravessar a rua e quase em cima deles se ouviu uma voz estridente: «arreda, toca a arredar!», ambos correram para o passeio, emocionados e assustados. Arkádi Ivánovitch até ficou contente com isso: bastavam-lhe as emoções do presente momento para justificar os agradecimentos de Vássia. Entretanto, sentia um certo desgosto. Sentia que tinha feito muito pouco por Vássia. Sentiu mesmo vergonha quando Vássia lhe começou a agradecer por uma insignificância daquelas! Porém, ainda tinham os dois uma vida pela frente, e Arkádi Ivánovitch suspirou de alívio...

Não esperavam por eles! A prova: estavam à mesa de chá! Mas, com toda a franqueza, às vezes uma pessoa idosa é mais perspicaz do que os jovens! É que Lísanka afirmava, toda convicta, que Vássia não apareceria: «ele não vem, mãezinha; o coração diz-me que ele não vem»; mas a mãezinha não se cansava de dizer que o seu coração, pelo contrário, sentia que ele ia aparecer sem falta, que não ia aguentar e correria para casa deles, que nem sequer tinha de ir ao serviço, que era a passagem de ano! Lísanka, mesmo quando abria a porta, não o esperava: não acreditou nos seus próprios olhos, e ofegante, com o coração a palpitar como o de um passarinho apanhado, recebeu os dois jovens, tão corada como a baga de ginja com que se parecia muito. Meu Deus, que surpresa a dela! Que «ah!» tão alegre se lhe soltou da boca! «Mentiroso! Meu pombinho!», exclamou ela, envolvendo o pescoço de Vássia... Mas imaginem o espanto dela, a sua vergonha súbita: como que a esconder-se por trás das costas de Vássia, estava, um pouco embaraçado, Arkádi Ivánovitch. É de notar que ele era desajeitado com as mulheres, mesmo muito desajeitado, acontecendo até que uma ocasião... Mas disso falamos depois. Seja como for, imaginem a situação dele, sem graça nenhuma: ali parado no vestíbulo, de galochas, capote, gorro de orelhas que se apressou a tirar, um cachecol de malha monstruoso, amarelo, enrolado à volta do pescoço e, para maior efeito, atado atrás. Era preciso desemaranhar aquilo tudo e tirá-lo o mais depressa possível para se apresentar sob um aspeto mais vantajoso. Mas aqui o

Vássia, o terrível e insuportável Vássia (embora, é claro, o mesmo querido e bondoso Vássia de sempre), mesmo assim insuportável e impiedoso, grita: «Cá está ele, Lísanka, o meu Arkádi! Estás a olhar bem para ele? É o meu melhor amigo, abraça-o, beija-o, Lísanka, dá-lhe um beijo já, depois vais conhecê-lo melhor, e vais ser tu própria a querer beijá-lo...» E então? E então, pergunto eu, o que podia Arkádi Ivánovitch fazer? Ainda nem metade do cachecol desenrolara! A sério, às vezes a exagerada emotividade do Vássia até me envergonha; revela bondade de coração, é verdade, mas... não é conveniente, não está bem assim!

Finalmente, entraram. A mãe disse a Arkádi Ivánovitch que estava indizivelmente feliz por conhecê-lo; tinha ouvido falar tanto dele e... Não acabou. Um «ah!» admirado e sonoro que se ouviu na sala interrompeu-lhe a frase a meio. Meu Deus! Lísanka tinha diante de si a touca desembrulhada, juntava ingenuamente as mãos e sorria, sorria de tal maneira que... Meu Deus, por que não tinha a *Madame* Leroux uma touca ainda melhor!

Porém, Deus meu, seria possível arranjar uma touca ainda melhor? Essa já não teria qualificação! Onde encontrar uma melhor? Falo a sério! Credo, que a ingratidão de certos apaixonados até me deixa de algum modo indignado! Vejam, meus senhores, por favor olhem bem: haverá coisinha melhor do que esta touca angelical? Olhem para ela... Mas não, não, as minhas lamentações são despropositadas, já toda a gente está de acordo comigo, foi um erro pontual, uma neblina, foram sentimentos febris, estou pronto a perdoar-lhes... Mas olhem (desculpem, meus senhores, estou ainda a falar desta touca: em tule, leve, levezinha, uma fita larga cor de ginja e rendada passa entre a copa e o folho, e por trás há duas fitas largas e compridas: vão cair um pouco abaixo da nuca, sobre o pescoço... Há que pôr na cabeça a touca um pouco derribada sobre a nuca; e depois, digam-me! Depois disso, o que me dirão?!... Mas parece-me que os senhores não estão a olhar!... Até parece que isto não lhes interessa! Estão a olhar para outra coisa... Olham para as duas lágrimas grandes como pérolas que num instante marejaram aqueles olhos negros como breu, que tremeluziram durante um segundo nas pestanas compridas e depois gotejaram sobre o tule, ou antes, sobre o ar de que era feita a touca de *Madame* Leroux!... Mais um desgosto para mim: as duas lágrimas não caíram por causa da touca!... Oh, não: fosse oferecida uma prenda daquelas com sangue-frio, e

então seria possível dar-lhe o devido valor! Mas confesso, meus senhores, que a mim a touca é que interessa!

Sentaram-se — Vássia com Lísanka, a velha com Arkádi Ivánovitch; começaram a conversa e Arkádi Ivánovitch estava a comportar-se lindamente. Com muito prazer lhe faço jus. Era mesmo difícil esperar dele tanta perfeição. Depois de duas palavras sobre Vássia, falou magnificamente de Iulian Mastákovitch, benfeitor deste. E falou de uma maneira tão inteligente, tão inteligente que, juro, o assunto deu conversa para uma hora. Haviam de ver a mestria, a delicadeza com que Arkádi Ivánovitch aflorou certas particularidades de Iulian Mastákovitch que tinham direta ou indiretamente a ver com a atitude de Iulian Mastákovitch para com Vássia. A velha estava encantada, verdadeiramente encantada: ela própria o confessou, chamou expressamente Vássia de lado e disse-lhe que o seu amigo era um excelentíssimo e amabilíssimo jovem e, sobretudo, muito sério, mesmo sisudo. De tanto prazer, Vássia por pouco não se riu. Lembrou-se de como o sisudo Arkacha o rebolou um quarto de hora na cama! Depois a velha piscou o olho a Vássia e convidou-o, em segredo, para outra sala. É de confessar que teve um procedimento um pouco incorreto no tocante a Lísanka: traiu-a e mostrou a Vássia — é evidente que o fez porque o seu coração transbordava —, mas traiu-a e mostrou a Vássia um presentinho que Lísanka lhe preparara para a passagem do ano. Era uma carteira bordada a fio de ouro, com missangas e um excelente ornamento: de um lado uma rena a correr muito depressa, como que ao vivo, e tão parecida, tão natural!; e do outro lado o retrato de um famoso general, também executado com muita excelência e parecença. Não vou falar da admiração de Vássia. Entretanto, também na sala o tempo não foi desperdiçado. Lísanka aproximou-se de Arkádi Ivánovitch. Pegou nas mãos dele e agradeceu-lhe qualquer coisa que Arkádi Ivánovitch acabou finalmente por perceber tratar-se do preciosíssimo Vássia. Lísanka estava profundamente comovida: já ouvira dizer que Arkádi Ivánovitch era um amigo tão fiel do seu noivo, gostava tanto dele, cuidava-o tanto, dava-lhe a cada passo tantos conselhos inapreciáveis que Lísanka, em boa verdade, não podia deixar de lhe agradecer, não podia reprimir as palavras de gratidão que lhe iam na alma, com a esperança, também, de que Arkádi Ivánovitch lhe desse, também a ela, nem que fosse metade do amor que dava a Vássia. Pôs-se-lhe depois a fazer perguntas sobre Vássia, se Vássia tratava bem da sua saúde, exprimindo neste ponto certos receios

relativamente à fogosidade do seu caráter e ao seu insuficiente conhecimento das pessoas e da vida prática; disse que ia tratar dele religiosamente, protegê-lo e mimá-lo, e que tinha a esperança de que Arkádi Ivánovitch não só não os abandonasse como vivesse com eles sob o mesmo teto.

— Seremos três pessoas numa só! — exclamou ela com ingênuo entusiasmo.

Entretanto, eram horas de eles se irem embora. As donas de casa começaram a tentar retê-los, é claro, mas Vássia disse resolutamente que não podia ser. Arkádi Ivánovitch confirmou. Elas perguntaram porquê, como é óbvio, e logo lhes foi dito que havia um trabalho confiado a Vássia por Iulian Mastákovitch, urgentíssimo e extremamente necessário que era preciso entregar dali a dois dias, de manhã, e que não só não estava acabado como muito atrasado por descuido. A mãezinha soltou um «ah!» quando tal ouviu; quanto a Lísanka até se assustou e pôs-se a mandar embora o Vássia. O último beijo não perdeu nada com isso: foi mais curto e apressado mas, em compensação, foi mais caloroso e forte. Por fim despediram-se, e os dois amigos puseram-se a caminho de casa.

Mal saíram para a rua, começaram logo a partilhar as suas impressões. Não admira: Arkádi Ivánovitch estava mortalmente apaixonado por Lísanka! E a quem era melhor revelá-lo senão ao próprio feliz Vássia? Foi isso que fez: sem medo, confessou-o a Vássia. Vássia riu-se muito e até ficou contente, observando que ainda bem, que agora seriam ainda mais amigos. «Vássia, como tu me compreendeste, sim! — disse Arkádi Ivánovitch. — Gosto dela como gosto de ti, será meu anjo da guarda tal como será o teu, porque a vossa felicidade também vai jorrar sobre mim, também me vai aquecer. Será também a minha patroa, Vássia, a minha felicidade também vai estar nas mãos dela; que ela mande em ti e mande em mim também. Sim, a minha amizade por ti é a minha amizade por ela; agora sois os dois inseparáveis para mim; agora, em vez de uma criatura como tu, terei duas criaturas como tu...» Arkádi calou-se porque os seus sentimentos se extravasavam; Vássia ficou impressionado até ao fundo da alma com as palavras do amigo. É que nunca teria esperado aquelas palavras de Arkacha. Arkádi Ivánovitch, em geral, não sabia falar nem gostava de sonhar; mas agora mergulhava nos sonhos mais alegres, frescos e luminosos! «Vou guardar-vos a ambos, mimar-vos — prosseguiu com o seu discurso. — Em primeiro lugar, Vássia, serei padrinho de todos os teus

filhos, absolutamente de todos; em segundo lugar, Vássia, é preciso tratar também do futuro. É preciso comprar móveis, é preciso alugar uma casa, de modo a haver quartos individuais para ela, para ti e para mim. Sabes, Vássia, amanhã mesmo vou ver os anúncios nos portões. Três quartos... não, dois, não precisamos de mais. Acho mesmo que até disparei, Vássia, acho que o dinheiro até chega; é que, mal olhei para os olhos dela, vi logo que o dinheiro chegava. Tudo para ela! Ui, como vamos trabalhar! Para já, Vássia, podemos arriscar e pagar vinte e cinco rublos pelo apartamento. O apartamento, meu amigo, é tudo! Bons quartos... onde a pessoa se sinta animada e tenha sonhos felizes! Em segundo lugar, Lísanka será a nossa contabilista, dos dois: nem um copeque a mais! Achas que vou agora a correr para o restaurante? Mas quem me julgas tu? Nunca na vida! Depois havemos de ser aumentados, haverá prémios, porque vamos trabalhar com zelo... se vamos! Trabalhar como bois!... Imagina agora — e a voz de Arkádi Ivánovitch esmoreceu de prazer —, imagina agora que, de repente, sem esperarmos, nos calhava agora vinte e cinco ou trinta rublos a cada um!... Porque, com cada prémio, ora será uma touca, ora será um cachecol, ora umas meias! Ela tem de me tricotar um cachecol, sem falta, olha que horrível é o meu: amarelo, nojento, que vergonha eu tive hoje por causa disto! E tu, Vássia, também és maldoso; imagina, estou eu com esta coelheira no pescoço... mas isso não interessa! Eu, nota bem, encarrego-me de comprar toda a prataria! É que tenho obrigação de vos dar uma prendinha... é uma questão de honra, do meu amor-próprio!... O meu prémio não foge: não o vão dar a Skorokhódov, pois não? Essa cegonha ia desbaratá-lo num instante. Compro-vos colheres de prata e facas boas, meu amigo... não vão ser facas de prata, mas boas, e compro um colete... ou seja, o colete é para mim: afinal, eu é que vou ser o teu *Schaffer*! Só que agora atenção, amigo, atenção, hoje e amanhã fico toda a noite em cima de ti com uma moca, não te largo, tens de acabar o trabalho! Termina o trabalho o mais depressa possível, meu amigo! Depois vamos lá de visita mais uma vez, e voltaremos a ser felizes... sentados todos juntos, à noite, a jogar ao loto... ah, que bom! Chiça, que desgraça que eu não te possa ajudar. Pegava nisso tudo e escrevia-o por ti... Por que é que não temos a letra igual?

— Sim! — respondeu Vássia. — É necessário avançar com isto. Acho que já são onze horas, é preciso avançar... Mãos à obra! — E, ao dizer isto, Vássia, que até então ora sorria, ora tentava interromper com alguma observação entusiasmada o desabafo sentimental e amigável de Arkádi,

enfim, que se mostrava animadíssimo, ficou de repente macambúzio, calado e quase deitou a correr pela rua fora. Parecia que uma qualquer ideia penosa lhe regelara de súbito a cabeça ardente; parecia que alguma coisa lhe apertava o coração.

Arkádi Ivánovitch ficou até preocupado: Vássia quase não lhe respondia às perguntas, limitando-se a soltar uma ou outra palavra, uma exclamação, monossílabos, muitas vezes coisas sem sentido. «Mas o que é que tens, Vássia? — gritou finalmente Arkádi, apanhando-o a grande custo. — Estás assim tão preocupado?...» — «Ah, amigo, deixa-te de tagarelices», respondeu Vássia num tom desgostoso. «Não te apoquentes, Vássia, não vale a pena — interrompeu-o Arkádi —, já te vi escrever muito mais do que aquilo num prazo mais curto... Aquilo para ti não é nada! Tens talento para isso! Em último caso, aceleras, escreves ao correr da pena: aquilo não é para cópias litográficas de caligrafia. Tens tempo!... O que tu estás é muito emocionado, distraído, e assim é mais difícil trabalhar...» Vássia não respondeu, ou murmurou qualquer coisa para si mesmo, e os dois amigos entraram em casa cheios de preocupação.

Vássia sentou-se imediatamente a escrever. Arkádi, mole e acanhado, despiu-se em silêncio e deitou-se na cama sem tirar os olhos de Vássia. Dominava-o um medo incompreensível... «O que é que ele tem? — pensou, olhando para a cara empalidecida de Vássia, para os seus olhos ardentes, para a inquietação que cada movimento do amigo traía. — Treme-lhe a mão... ora, mas que coisa, francamente! Não seria melhor eu dizer-lhe para dormir duas horitas? Se dormisse passava-lhe a irritação.» Vássia, entretanto, acabou uma página, ergueu os olhos, olhou por acaso para Arkádi, e logo baixou a cabeça e pegou de novo na pena.

— Ouve, Vássia — disse de repente Arkádi Ivánovitch —, não será melhor dormires um bocadinho? Olha, parece que estás com febre...

Vássia olhou para Arkádi com desagrado, até com raiva, e não respondeu.

— Vássia, o que se passa contigo?...

Vássia caiu em si.

— E se bebêssemos um chá, Arkacha? — disse.

— Porquê? Para quê?

— Dá forças. Eu não quero dormir, não vou dormir! Não vou parar de escrever. Mas agora descansava um bocadinho a tomar chá, e esta hora crítica também passava.

— Ótimo, amigo, ótimo! É isso mesmo, eu próprio já to queria dizer. Não percebo é como me esqueci disso. Mas sabes uma coisa? A esta hora a Mavra já não se levanta, não acorda...

— Pois...

— Mas não faz mal, que disparate! — gritou Arkádi Ivánovitch, saltando da cama para o chão com os pés descalços. — Eu próprio aqueço o samovar. Não é a primeira vez...

Arkádi Ivánovitch correu à cozinha e pôs-se a tratar do samovar; Vássia, entretanto, trabalhava. Arkádi Ivánovitch vestiu-se e foi à padaria, para que Vássia pudesse reconfortar-se e ter forças para trabalhar à noite. Um quarto de hora depois o samovar estava em cima da mesa. Começaram a tomar chá, mas a conversa não pegava. Vássia estava distraído.

— Bolas — disse ele por fim, lembrando-se —, amanhã é preciso ir dar as felicitações...

— Não é obrigatório ires.

— Não, amigo, tem de ser — disse Vássia.

— Eu passo pelas casas e assino por ti em todas... por que é que tens de ir? Amanhã, trabalha. Hoje trabalhavas, digamos, até às cinco, depois dormias. Senão como é que podes trabalhar amanhã? Eu acordava-te às oito em ponto...

— Achas que não faz mal se assinares por mim? — perguntou Vássia, quase a ceder.

— Por que não? Se toda a gente faz isso, não é?...

— Tenho um certo receio, a sério...

— Receio de quê?

— Sabes, com os outros, está bem, mas com Iulian Mastákovitch, como ele é o meu benfeitor, se descobre que não é a minha letra...

— Como é que ele descobre? Ah, como tu és, Vassiuk! Como é que ele pode descobrir isso?... Eu até sei imitar bem a tua letra, e faço uma rubrica exatamente como a tua, juro. A sério, não duvides! Ninguém repara em nada!...

Vássia não respondeu e acabou apressadamente o seu chá... Depois abanou a cabeça, cheio de dúvidas.

— Vássia, alminha! Ah, seria tão bom se conseguíssemos! Vássia, mas o que é que tu tens? Estás a assustar-me! Sabes, Vássia, eu não vou deitar-me, não durmo. Mostra lá, falta-te muito?

Vássia olhou para ele de uma maneira tal que o coração de Arkádi Ivánovitch estremeceu e a língua se paralisou.

— Vássia, o que tens? O que se passa contigo? Por que olhas assim para mim?

— Arkádi, a sério, amanhã vou felicitar Iulian Mastákovitch.

— Se queres ir, vai! — disse Arkádi, olhando para ele numa expectativa penosa. — Ouve, Vássia, faz isso a despachar, e olha que não te estou a aconselhar nada de mal, acredita! O próprio Iulian Mastákovitch já te disse muitas vezes que o que ele mais aprecia na tua letra é a nitidez! Só o Skropliókhin é que gosta que, além da nitidez, o trabalho seja um modelo de caligrafia, para depois, ao fim e ao cabo, roubar o papel e levá-lo para casa para os filhos copiarem; ele não pode comprar modelos de caligrafia, esse parvalhão? Mas a única coisa que Iulian Mastákovitch exige é a nitidez, a nitidez, a nitidez!... Então, qual é o problema? Credo, Vássia, já nem sei como hei de falar contigo... Até tenho medo... Esse teu estado de aflição está a dar cabo de mim.

— Não é nada, não é nada! — disse Vássia e, de repente, prostrou-se na cadeira, extenuado. Arkádi alarmou-se.

— Queres água? Vássia! Vássia!

— Calma, calma — disse Vássia, apertando-lhe a mão. — Não é nada, é só uma tristeza qualquer que eu sinto, Arkádi. Nem te sei dizer o que é. Ouve, fala de outra coisa, não estejas sempre a lembrar-me isto...

— Acalma-te, por amor de Deus, acalma-te, Vássia. Tu consegues, Vássia, tu consegues acabar, juro! Mesmo que não acabes, não é desgraça nenhuma! Não é crime!

— Arkádi — disse Vássia, olhando para o amigo de uma maneira que o assustou; é que nunca vira o Vássia preocupado de uma maneira tão terrível. — Se eu estivesse sozinho como antes... Não! Não é isso. Apetece-me dizer-te tudo, confessar-me a ti como amigo... Aliás, não quero preocupar-te. Estás a ver, Arkádi, uns têm tudo, é-lhes dado muito, Arkádi, outros fazem o trabalhinho pequeno, como eu. Então, se te exigem gratidão... e não puderes manifestá-la?...

— Vássia! Não percebo o que estás a dizer!

— Nunca fui ingrato — continuou Vássia baixinho, como que a raciocinar para si próprio. — Mas se não for capaz de exprimir tudo o que sinto, então, Arkádi, parece que... as pessoas ficam com a ideia de que sou realmente ingrato, e isso mortifica-me, Arkádi.

— Mas que é isso? Que coisa! Será que a gratidão consiste em acabares o trabalho a tempo? Pensa, Vássia, pensa no que estás a dizer! Será que a gratidão se resume a isso?

Vássia calou-se, olhou com os olhos muito abertos para Arkádi, como se o argumento deste lhe destruísse todas as dúvidas. Chegou mesmo a sorrir, mas logo retornou à expressão pensativa. Arkádi, interpretando aquele sorriso como o fim de todos os medos de Vássia, e a preocupação que de novo lhe ensombrou a cara como a decisão de fazer alguma coisa melhor, animou-se muito.

— Amigo Arkacha — disse Vássia —, se estiveres acordado, olha para mim; se eu adormeço é uma desgraça. Agora vou trabalhar... Arkacha?

— O que é?

— Nada, nada de especial, só... queria...

Vássia sentou-se e calou-se. Arkádi deitou-se. Nenhum deles voltou a dizer uma palavra que fosse sobre a família de Kolomna. Se calhar ambos se sentiam culpados por terem ido à festa. Não tardou muito a que Arkádi Ivánovitch adormecesse, sempre preocupado com Vássia. Para seu espanto, quando acordou já passava das sete da manhã. Vássia, sentado na cadeira, com a pena na mão, pálido e extenuado, dormia; a vela extinguiu-se. Na cozinha, Mavra atarefava-se com o samovar.

— Vássia, Vássia! — gritou Arkádi cheio de medo. — Quando adormeceste?

Vássia abriu os olhos e saltou da cadeira.

— Ah! — disse ele. — Adormeci!...

Atirou-se aos papéis: nada de mal acontecera, estava tudo em ordem, sem manchas de tinta nem de cera.

— Acho que adormeci às seis horas — disse Vássia. — Faz tanto frio à noite! Vamos tomar chá, depois volto a...

— Descansaste alguma coisa?

— Sim, sim, agora estou bem!...

— Feliz Ano Novo, amigo Vássia.

— Para ti também, meu amigo, bom dia...

Abraçaram-se. Vássia tinha o queixo a tremer e os olhos húmidos. Arkádi Ivánovitch não disse nada, mas sentia-se amargurado. Tomaram chá à pressa...

— Arkádi! Tomei uma decisão: vou eu mesmo felicitar Iulian Mastákovitch...

— Não, ele não vai reparar em nada...

— Mas sinto quase remorsos, amigo...

— Mas se é para ele que estás aqui a trabalhar, é para ele que estás a dar cabo de ti! Deixa... E outra coisa, amigo, eu passo por lá...

— Por onde? — perguntou Vássia.

— Por casa dos Artémiev, dou-lhes as boas-festas da minha parte e da tua.

— Meu caro, meu amigo! Está bem: eu fico aqui; vejo que tomaste uma boa decisão; e eu fico aqui, trabalho, não fico de braços cruzados! Espera um pouco, escrevo-lhes umas palavrinhas.

— Escreve, amigo, escreve, tens tempo, eu ainda me vou lavar, fazer a barba, limpar a casaca. Então, amigo Vássia, ficaremos contentes e felizes! Abraça-me, Vássia!

— Oxalá, amigo!...

— É aqui que mora o senhor funcionário Chumkov? — ouviu-se uma vozinha infantil nas escadas.

— Aqui, paizinho, aqui — respondeu Mavra, deixando passar o visitante.

— O que é? Quem é, quem? — gritou Vássia, precipitando-se para o vestíbulo. — Pétenka, és tu?

— Bom dia, Vassíli Petróvitch, tenho a honra de o felicitar pelo novo ano — disse um bonito rapaz de dez anos, de caracóis negros. — A minha irmã manda-lhe cumprimentos, a minha mãezinha também, e a mana mandou-me também dar-lhe beijinhos da parte dela...

Vássia levantou o mensageiro ao ar e espetou-lhe nos lábios, muito parecidos com os de Lísanka, um beijo longo, doce e fascinado.

— Beija-o, Arkádi! — disse Vássia, entregando-lhe Pétia, e Pétia, sem tocar no chão, passou para os braços potentes e ávidos, no pleno sentido da palavra, de Arkádi Ivánovitch.

— Meu queridinho, queres chá?

— Agradeço muito! Nós, aliás, já tomámos chá! Hoje. Levantámo-nos cedo. Fomos à missa. A minha irmã passou duas horas a frisar-me o cabelo, a pôr-me pomada, a lavar-me a cara, a remendar-me as calças, porque eu rasguei-as ontem com o Sachka, na rua: andámos a atirar bolas de neve...

— E mais, e mais?

— Foi a arranjar-me para eu vir aqui ao senhor; depois pôs-me pomada, depois nunca mais parava de me beijar e disse: «Vai lá dar as boas-festas a Vássia e pergunta se ele está bem, se dormiu bem», e também... ah, tinha

mais uma coisa para perguntar... ah, pois, e também se já terminou aquele trabalho... aquele trabalho que o senhor ontem... não sei o quê... tenho aqui escrito — disse o garoto, lendo um papel que tirou do bolso —, ah, sim, que ela estava preocupada.

— Hei de acabar! Vou acabá-lo! Diz-lhe assim mesmo, que será tudo feito como deve ser, sem falta, palavra de honra!

— E também... ah, já me esquecia! A minha irmã manda-lhe aqui um bilhete, ia-me esquecendo!...

— Meu Deus!... Ah, meu anjinho! Onde... onde está? É este?! Olha, amigo, o que ela me escreve. Minha querida, minha alma! Sabes, eu ontem vi a minha prenda, a carteira, ela ainda não a acabou, então, diz ela aqui, mando-lhe uma madeixa do meu cabelo, e a carteira também não lhe foge. Olha, amigo, olha!

E Vássia, fascinado, mostrava a Arkádi um caracol do mais espesso e negro cabelo do mundo; depois beijou-o com ardor e guardou-o no bolso, mais perto do coração.

— Vássia! Vou encomendar um medalhão para esta madeixa! — disse resolutamente Arkádi Ivánovitch.

— Hoje vai ser carne de vitela ao almoço, e amanhã moelas; a mãezinha também quer fazer biscoitos... mas papas de painço não — disse o rapaz, depois de pensar como finalizar o seu relato.

— Ui, que rapazinho tão querido! — gritou Arkádi Ivánovitch. — Vássia, és o mais feliz dos mortais!

O garoto bebeu chá, recebeu o bilhete de resposta, mil beijos e saiu, alegre e animado.

— Então, amigo, vêes que bom é tudo isto, vêes? — disse Arkádi Ivánovitch alegremente. — Está a correr tudo pelo melhor, não te apoquentes, não estejas triste! Força! Acaba o trabalho, Vássia, acaba! Volto às duas; passo pelos Artémiev, depois vou ao Iulian Mastákovitch...

— Até logo, amigo, até logo... Ah, se Deus quiser... Está bem, vai, vai — disse Vássia. — Eu, meu amigo, já decidi que não vou a casa de Iulian Mastákovitch.

— Até logo!

— Espera, amigo, espera; diz-lhes... bom, tu bem sabes o que lhes hás de dizer; dá-lhe um beijinho, a ela... e depois conta-me tudo, meu amigo...

— Está bem, está bem, eu lá lhe digo tudo, não te preocupes! A felicidade é que te pôs assim revoltado! E isso foi porque tudo aconteceu tão

inesperadamente. Desde ontem que andas assim aturdido. Ainda não voltaste a ti desde as sensações de ontem. Pronto, mas já chega! Acalma-te, amigo Vássia! Até logo!

Os amigos, finalmente, despediram-se. Arkádi Ivánovitch passou toda a manhã distraído e só pensava em Vássia. Conhecia bem o caráter fraco e irritadiço do amigo. «Foi a felicidade que o abalou, não me engano! — dizia de si para si. — Meu Deus, e contagiou-me com a sua aflição. E é capaz de fazer uma tragédia com cada ninharia, este homem! Como está febril! É preciso salvá-lo, é preciso salvá-lo!», disse Arkádi sem se dar conta de que, no seu coração, já transformava em desgraça pequenos azares domésticos por certo insignificantes. Chegou ao átrio da casa de Iulian Mastákovitch apenas às onze horas, para juntar o seu modesto nome a uma longa lista de pessoas respeitáveis na folha de papel toda manchada de tinta. Qual não foi o seu espanto quando lhe relampejou aos olhos a assinatura de Vássia Chumkov! Ficou consternado. «O que se passa com ele?», pensou. Arkádi Ivánovitch, que havia ainda pouco se sentia animado de alguma esperança, saiu para a rua num desconcerto. De facto, estava iminente uma desgraça. Mas onde? E que desgraça?

Chegou a Kolomna mergulhado em pensamentos sombrios e, no princípio, esteve distraído; depois de ter falado com Lísanka, despediu-se com as lágrimas nos olhos porque estava definitivamente assustado por Vássia. Foi a correr para casa e, junto ao Nevá, esbarrou com Chumkov. Este também corria.

— Aonde vais? — gritou Arkádi Ivánovitch.

Vássia estacou, com ar de ter sido apanhado em flagrante.

— Vim simplesmente dar uma volta, amigo.

— Não aguentaste, não foi? Ias a Kolomna! Ah, Vássia, Vássia! E, diz-me lá, por que foste a casa de Iulian Mastákovitch?

Vássia não respondeu. Depois abanou a mão e disse:

— Arkádi! Não sei o que se passa comigo! Eu...

— Calma, Vássia, calma! Sei muito bem o que é isso! Estás em grande comoção, estás abalado desde ontem! Pensa melhor: por que fazes disto uma desgraça insuportável? Toda a gente gosta de ti, todos se preocupam contigo, o teu trabalho avança, de certeza que o vais acabar a tempo, eu sei; acho que fantasiaste qualquer coisa, que andas com uns medos quaisquer...

— Não, não é nada...

— Lembra-te, Vássia, lembra-te, olha que isso já te aconteceu uma vez, lembraste? Quando te deram a graduação, e tu, para mostrares o teu agradecimento e a tua felicidade, trabalhavas duas vezes mais e, durante uma semana, estragavas o trabalho todo. Agora é a mesma coisa...

— Sim, sim, Arkádi, mas agora é outra coisa, muito diferente...

— Diferente como, por amor Deus! O trabalho até é capaz de não ser urgente, e tu a mortificares-te...

— Não, não há problema. Vamos!

— E agora vais para casa, não vais vê-los?

— Não, meu amigo, com que cara é que eu ia aparecer lá?... Mudei de ideias. Saí porque sozinho não podia, não aguentava sem ti; mas agora estás comigo e eu vou trabalhar. Vamos!

Puseram-se a caminho, calados durante algum tempo. Vássia tinha pressa.

— Por que não me perguntas nada sobre eles? — disse Arkádi Ivánovitch.

— Ah, pois! Conta lá então, Arkáchenka!

— Vássia, nem pareces tu!

— Não, não tem importância. Vá lá, conta-me tudo, Arkacha! — disse Vássia em tom de súplica, como se quisesse esquivar-se a esclarecimentos. Arkádi Ivánovitch suspirou. Olhava para Vássia com um ar confuso de todo.

Mas o relato sobre os de Kolomna animou-o. Ficou loquaz. Almoçaram. A velha dera-lhe tantos biscoitos que chegaram para lhe encher um bolso, e os amigos, comendo-os, ficaram mais animados. Depois do almoço, Vássia prometeu dormir um pouco, para depois poder trabalhar toda a noite. E, de facto, deitou-se. Nessa manhã, alguém, a quem era impossível recusar, tinha convidado Arkádi Ivánovitch para o chá. Os amigos separaram-se. Arkádi decidiu voltar o mais cedo possível, talvez às oito. Aquelas três horas de separação passaram por ele como três anos. Por fim conseguiu despedir-se e correu para junto de Vássia. A primeira coisa que notou ao entrar no quarto foi que não havia luz. Vássia não estava em casa. Perguntou à Mavra, que disse que o senhor estivera sempre a escrever e não tinha dormido nada; que depois se pôs a andar para trás e para diante no quarto; que depois tinha saído, dizendo que voltava dali a meia hora; «e quando o Arkádi Ivánovitch vier, minha velha, diz-lhe que eu fui passear, disse ele — concluiu Mavra —, e repetiu-lho três ou quatro vezes».

«Foi aos Artémiev!», pensou Arkádi Ivánovitch e abanou a cabeça.

Um minuto depois até deu um salto, cheio de esperança. Às tantas, pura e simplesmente, tinha acabado o trabalho, por isso saiu, não aguentou, foi para lá. Não, não pode ser! Tinha esperado por mim... Vou ver o que ele fez!

Acendeu a vela e dirigiu-se à mesa de trabalho de Vássia: o trabalho tinha avançado bem e, ao que parecia, não faltava muito para terminar. Arkádi Ivánovitch quis ver melhor, mas de súbito entrou Vássia.

— Ah, já cá estás? — exclamou, estremecendo de susto.

Arkádi Ivánovitch calou-se. Estava com medo de lhe perguntar. Vássia baixou os olhos e, também em silêncio, começou a pôr os papéis em ordem. Os seus olhares acabaram por se cruzar: o de Vássia era tão suplicante, lastimoso, mortificado que Arkádi tremeu. Bateu-lhe com força o coração...

— Vássia, amigo, o que se passa? O quê, diz! — gritou, atirando-se a ele e apertando-o nos braços. — Explica-me tudo. Não te compreendo, não compreendo a tua mágoa; o que tens tu, meu sofredor? O quê? Diz-me tudo até ao fim. Não pode ser que seja só isso...

Vássia apertou-se com força contra ele e foi incapaz de falar. Tinha a respiração entrecortada.

— Calma, Vássia, calma! Não acabas, e depois, qual é o problema? Não te compreendo, explica-me o que te atormenta. Bem vês, eu, por ti, estou disposto... Ah, meu Deus, meu Deus! — dizia ele, cirandando pelo quarto e agarrando-se a tudo o que calhava, como se à procura de um remédio imediato para Vássia. — Eu próprio vou falar amanhã com Iulian Mastákovitch, e peço-lhe, imploro-lhe que te dê mais um dia. Explico-lhe tudo, tudo, se for só isso que te aflige...

— Deus te livre! — gritou Vássia, branco como a cal. Mal se segurava nas pernas.

— Vássia, Vássia!...

Vássia caiu em si. Tremiam-lhe os lábios, queria falar mas apenas apertava a mão de Arkádi Ivánovitch numa convulsão... A mão de Vássia estava gelada. Arkádi olhava para ele numa atitude de espera triste e dolorosa. Vássia ergueu de novo os olhos.

— Vássia, por amor de Deus, Vássia! Despedaças-me o coração, amigo querido.

Jorraram as lágrimas dos olhos de Vássia, atirou-se ao peito de Arkádi.

— Enganei-te, Arkádi! — disse. — Enganei-te, perdoa-me, perdoa-me! Enganei a tua amizade!...

— Como, Vássia? O que foi? — perguntou Arkádi absolutamente apavorado.

— Olha!...

E Vássia, com um gesto desesperado, tirou da gaveta seis cadernos grossos, iguais ao que estava a copiar, e atirou-os para cima da mesa.

— O que é isso?

— Era isto que tinha de preparar para depois de amanhã. Até agora fiz menos de uma quarta parte! Não me perguntes, não me perguntes... como foi que isso aconteceu! — continuou Vássia a falar do que, afinal, tanto o atormentava. — Arkádi, meu amigo! Não sei o que me aconteceu! Parece que estou a acordar de um sonho. Desperdicei três semanas inteiras. Eu... eu... pronto, ia sempre visitá-la... Doía o coração, era uma tortura para mim aquela incerteza... e ficava incapaz de trabalhar. Nem sequer pensava nisso. Só agora que a felicidade despontou para mim é que acordei.

— Vássia! — disse Arkádi Ivánovitch com uma determinação resoluta. — Vássia, eu salvo-te! Agora compreendo tudo muito bem. A situação é séria, mas eu salvo-te! Ouve, ouve-me: amanhã mesmo vou falar com Iulian Mastákovitch... Não abanes a cabeça, não, ouve! Conto-lhe tudo, digo-lhe o que aconteceu; deixa-me fazer isso... Explico-lhe... estou pronto para tudo! Digo-lhe como estás aflito, como te atormentas.

— Sabes que é como se já estivesse a matar-me? — disse Vássia, gelado de medo.

Arkádi Ivánovitch empalideceu, mas logo reagiu e riu-se.

— Só por isso? Só? — disse ele. — Por amor de Deus, Vássia, tem vergonha! Ouve-me, vá! Vejo que te estou a entristecer. Repara, eu até te compreendo, sei o que se passa contigo. Vivemos há cinco anos juntos, graças a Deus! És bondoso, és meigo, mas muito fraco. A própria Lisaveta Mikháilovna reparou nisso. Além do mais, és um sonhador, o que também não está bem: assim pode-se enlouquecer, meu amigo! Ouve, eu sei o que tu queres! Queres, por exemplo, que Iulian Mastákovitch fique fora de si de alegria, e, inclusive, dê um baile porque te vais casar... Espera, espera! Escusas de franzir a cara. Estás a ver, basta eu dizer uma palavrinha e sentes logo isso como uma ofensa ao teu Iulian Mastákovitch! Está bem, não falo mais dele. Fica sabendo que eu também o respeito, não menos do que tu! Mas não me vais convencer nem me vais proibir de pensar que tu querias

que, uma vez que te vais casar, não houvesse ninguém infeliz neste mundo... Pois é, amigo, tens de concordar, que gostavas que eu, por exemplo, aqui o teu amigo, tivesse de repente cem mil rublos de capital; que todos os inimigos deste mundo, sem mais nem menos, fizessem de repente as pazes, que todos se abraçassem de alegria nas ruas e, depois, viessem aqui visitar-te. Meu amigo, meu caro amigo! Não estou a brincar, é assim; tu próprio me tens revelado tudo isto de várias maneiras. Como estás feliz, gostarias que toda a gente, absolutamente toda, ficasse feliz de uma vez. Dói-te, aflige-te seres o único feliz! Por isso queres ser digno dessa felicidade, a toda a força, e, talvez para ficares de consciência tranquila, saíres-te com um grande feito qualquer! Então, compreendo que passes por um martírio porque, quando devias mostrar zelo, habilidade... gratidão, se quiseses, como tu dizes, foste desleixado! Sentes muita amargura ao pensares que Iulian Mastákovitch é capaz de franzir o sobrolho ou até de se zangar quando descobrir que não correspondeste às expetativas dele. Dói-te quando pensas que vais ouvir admoestações da parte daquele que consideras teu benfeitor... ainda por cima num momento destes! Num momento em que tens o coração a transbordar de felicidade e quando não sabes a quem mais exprimir a tua gratidão... É assim, não é verdade? Não é assim?

Arkádi Ivánovitch, que no fim do seu discurso já falava com voz trémula, calou-se e recuperou o fôlego.

Vássia olhava com amor para o seu amigo. Um sorriso aflorou-lhe aos lábios.

Parecia que uma certa esperança lhe animava o rosto.

— Então, ouve — recomeçou Arkádi ainda mais esperançado. — Não se pode permitir que Iulian Mastákovitch te recuse os seus favores. É isso ou não é, querido amigo? É este o problema? Pois se é assim, então — e Arkádi saltou do seu lugar —, vou sacrificar-me por ti. Amanhã mesmo vou a casa de Iulian Mastákovitch... E não me contraries! Tu, Vássia, vais ao ponto de considerar um crime o que fizeste. Mas ele, o Iulian Mastákovitch, é magnânimo e misericordioso e, além disso, não é como tu! Ele, amigo Vássia, vai ouvir-nos e vai salvar-nos da desgraça. Então? Já te acalmaste?

Vássia, com as lágrimas nos olhos, apertou a mão de Arkádi.

— Chega, Arkádi, chega — disse ele —, está decidido. Não acabei o trabalho, e pronto, não há problema. E não tens nada que ir lá: eu próprio

vou e conto-lhe tudo. Já me acalmei, estou perfeitamente calmo; mas não vás lá... Ouve-me.

— Vássia, meu caro! — gritou Arkádi com alegria. — Falei assim porque estava preocupado com o que tu dizias; agora estou contente por teres ganhado juízo e ânimo. Mas, aconteça o que acontecer, passe-se o que se passar contigo, lembra-te que podes contar comigo! Vejo que te magoa o meu desejo de falar com Iulian Mastákovitch... pronto, então não vou falar com ele, não lhe digo nada, tu próprio falas com ele. Ouve: amanhã vais lá... ou não, não vais, ficas aqui a trabalhar, entendes? E eu, entretanto, vou lá informar-me que trabalho é este, se é ou não muito urgente, qual é o prazo, o que acontece se te atrasares. Depois venho ter contigo... Entendes? Há sempre uma esperança: imagina que o trabalho não é urgente... então, desenvencilhamo-nos... Iulian Mastákovitch pode nem te falar nisso e estará tudo salvo.

Vássia abanou a cabeça, com dúvidas. Mas não desviava o olhar agradecido da cara do amigo.

— Está bem, chega, chega! Estou tão fraco, tão cansado — disse ele, respirando com dificuldade —, e também não me apetece pensar nisso. Falemos de outra coisa! Acho que nem sequer vou escrever muito agora, vou só acabar duas páginas, até chegar a um ponto. Ouve... há muito que quero perguntar-te uma coisa: como é que me conheces tão bem?

As lágrimas caíam dos olhos de Vássia para as mãos de Arkádi.

— Se soubesses como gosto de ti não me perguntavas isso, Vássia!

— Pois, pois, Arkádi, não o sei porque... porque também não sei por que te afeiçoaste tanto a mim! Sim, Arkádi, sabes que o teu amor também me tem mortificado muito? Quantas vezes, ao deitar-me e ao pensar em ti (porque eu penso sempre em ti antes de adormecer) eu fico banhado em lágrimas e com o coração a tremer porque... porque... tu gostas tanto de mim e não há nada que me alivie o coração, não tenho maneira de te agradecer com alguma coisa...

— Estás a ver como tu és, Vássia?... Estás a ver como estás perturbado — disse Arkádi, com a alma dorida porque, de chofre, lhe veio à memória a cena do dia anterior, na rua.

— Basta. Tu queres que eu me acalme, mas nunca estive tão calmo e tão feliz como agora! Sabes... Eu gostaria de te contar tudo, mas tenho muito medo de te angustiar... Tu ficas logo desvairado e gritas-me; e eu assusto-me... olha como eu estou a tremer, não sei porquê. O que eu te quero dizer é

o seguinte: até ontem parece que não me conhecia a mim próprio, e parece que foi só ontem que conheci outras pessoas. Eu não sentia as coisas, amigo, não dava o devido valor. O coração... o meu coração era duro... Bem vêes que eu não fiz qualquer bem a ninguém no mundo, porque não o podia fazer... até o meu aspeto físico é desagradável... E a mim toda a gente me fazia bem! Tu, em primeiro lugar: achas que não vejo? Eu bem via, só que não dizia nada!

— Vássia, deixa-te disso!

— Então, Arkacha! Então!... — interrompeu-o Vássia, mal conseguindo articular as palavras por causa das lágrimas. — Não é nada... Ontem falei-te de Iulian Mastákovitch. Sabes tão bem como eu que ele é rigoroso, é muito severo, tu próprio já foste várias vezes admoestado por ele, mas comigo ele, ontem, lembrou-se de brincar, de me acarinhar e abriu-me o seu coração bondoso, que ele esconde com sensatez de toda a gente.

— E depois, Vássia? Isso só mostra que mereces a tua felicidade.

— Ah, Arkacha! Como eu gostaria de acabar este trabalho!... Mas não, destruirei a minha felicidade! Tenho um pressentimento! Não, não é por causa disso — interrompeu-se Vássia, vendo que Arkádi olhava de soslaio para o trabalho enorme e urgente que estava em cima da mesa —, isso não interessa, não passa de papéis com letras... não interessa! Quanto a isso já está tudo resolvido... eu... Arkacha, hoje fui lá, a casa deles... mas não entrei... Senti-me mal, com uma amargura! Fiquei lá parado à porta. Ela estava a tocar piano, e eu ali a ouvir. Como vêes, Arkádi — disse ele baixando a voz —, não me atrevi a entrar...

— Vássia, o que é que tu tens? Por que olhas assim para mim?

— O quê? Eu, nada... Sinto-me um pouco indisposto, tremem-me as pernas, foi por ter trabalhado à noite... Turvam-se-me os olhos. Tenho aqui, tenho aqui...

Apontava para o coração. Desmaiou.

Quando recuperou os sentidos, Arkádi queria tomar medidas drásticas. Queria deitá-lo à força na cama. Vássia não concordava. Chorava, torcia as mãos, queria escrever, queria acabar obrigatoriamente as suas duas páginas. Para não o excitar, Arkádi deixou-o sentar-se à mesa com os papéis.

— Ficas a saber — disse Vássia, sentando-se — que também tive uma ideia, e tenho esperança que resulte.

Sorriu para Arkádi, com um rosto pálido que parecia realmente iluminado por um raio de esperança.

— É assim: amanhã entrego-lhe só uma parte. E sobre o resto vou mentir, digo que se queimou, ou que lhe caiu água em cima, ou que o perdi... ou então digo que não acabei, pronto, não sei mentir... Eu próprio lhe explico... explico-lhe tudo; digo-lhe: tal e tal, não pude... conto-lhe sobre o meu amor, ele próprio se casou há pouco, vai compreender! Digo-lhe tudo com franqueza, com respeito, com resignação, ele vê as minhas lágrimas e fica comovido...

— Sim, pois, vai lá e explica-lhe tudo... nem precisas de chorar! Chorar para quê? A sério, Vássia, tu às vezes assustas-me completamente.

— Sim, vou, vou lá. Mas agora deixa-me escrever, deixa-me escrever, Arkacha. Não incomodo ninguém, deixa-me escrever!

Arkádi atirou-se para cima da cama. Não confiava em Vássia, absolutamente. Vássia era capaz de tudo. Mas pedir desculpa? Porquê, e como iria fazê-lo? A questão não era essa. A questão era que o Vássia não tinha cumprido as suas obrigações e estava a sentir-se culpado *consigo próprio*, a sentir-se ingrato em relação ao seu destino, estava oprimido e abalado pela felicidade e considerava-se indigno dela, e, com tal felicidade inesperada perdera o sentido das coisas e ainda não tinha caído em si desde o dia anterior.. «É isso que se está a passar! — pensou Arkádi Ivánovitch. — É preciso salvá-lo. É preciso reconciliá-lo consigo próprio.» Pensou, pensou e, por fim, resolveu ir falar com Iulian Mastákovitch já no dia seguinte e contar-lhe tudo.

Vássia estava sentado a escrever. Arkádi Ivánovitch, extenuado, deitou-se para refletir mais uma vez no assunto e acordou quase ao alvorecer.

— Oh, diabo! Outra vez! — gritou, vendo Vássia, que continuava sentado a escrever.

Arkádi foi logo ter com ele, abraçou-o e meteu-o à força na cama. Vássia sorria, os olhos cerravam-se-lhe de fraqueza. Quase não conseguia falar.

— Eu próprio já me queria deitar — disse. — Sabes, Arkádi, estou convencido de uma coisa: acabo o trabalho. *Acelerei a mão!* Mas agora já não podia mais; acorda-me às oito horas...

Nem acabou de falar, adormeceu como uma pedra.

— Mavra! — disse Arkádi Ivánovitch num sussurro a Mavra que entrava com o chá. — Ele pediu que o acordassem daqui a uma hora. De maneira nenhuma, nem penses! Que ele durma nem que sejam dez horas seguidas, entendeste?

— Entendo, meu amo.

— Não faças o almoço, não mexas na lenha, não faças barulho, ouviste? Se ele perguntar por mim, diz-lhe que fui ao serviço, percebes?

— Percebo sim, meu amo; que ele durma à vontade, por mim tudo bem! Fico contente quando o senhor dorme; e cuido bem das coisas dos senhores. Há dias, quando o amo me censurou por eu ter partido a chávena, não fui eu, foi a gata, não a vigiei bem; vai-te embora, maldita, disse-lhe eu...

— Chiu, cala-te, cala-te!

Arkádi Ivánovitch expulsou Mavra para a cozinha, tirou-lhe a chave e fechou-a lá. Depois foi ao serviço. Pelo caminho foi sempre a matutar na melhor maneira de conseguir audiência com Iulian Mastákovitch. Seria conveniente, não seria demasiado atrevido? Entrou no departamento com timidez e perguntou, também com timidez, se sua excelência estava; responderam-lhe que não, e que não estaria. Arkádi Ivánovitch quis ir de imediato a casa de Iulian Mastákovitch, mas logo percebeu que, se este não estava no departamento, então estava ocupado em casa. Ficou no serviço. As horas pareciam-lhe intermináveis. Informou-se também, cautelosamente, sobre o trabalho de que fora encarregado Chumkov. Ninguém sabia de nada. Apenas sabiam que Iulian Mastákovitch dava a Chumkov trabalhos especiais, mas quais trabalhos, não sabiam. O relógio bateu finalmente as três horas e Arkádi Ivánovitch correu para a saída, com a intenção de ir o mais rapidamente possível para casa. No vestíbulo, um escrivão disse-lhe que Vassíli Petróvitch estivera lá no departamento por volta da uma da tarde e perguntara se Arkádi Ivánovitch estava; e também se Iulian Mastákovitch se encontrava ali, acrescentou o escrivão. Arkádi Ivánovitch, perturbado de medo, apanhou um coche e foi para casa.

Chumkov estava em casa. Andava pelo quarto, emocionadíssimo. Mal deu de caras com Arkádi Ivánovitch, pareceu recompor-se, cair em si, e apressou-se a disfarçar o seu nervosismo. Sentou-se, em silêncio, a escrever. Dava todos os sinais de que não queria que o amigo lhe fizesse perguntas, que as perguntas o incomodariam, que já teria concebido um qualquer plano e decidira não falar disso porque, agora, não podia confiar nem na amizade. Tudo isso causou muita impressão em Arkádi, o coração como que se lhe rasgou com uma dor forte, aguda. Sentou-se na cama e abriu um pequeno livro, o único que havia lá em casa, mas não tirava os olhos de Vássia. Vássia, entretanto, guardava um silêncio inquebrantável, sempre a escrever, sem levantar a cabeça. Assim se passaram várias horas, e o sofrimento de Arkádi atingiu um ponto crítico. Finalmente, passava já das

dez, Vássia levantou a cabeça e lançou a Arkádi um olhar embotado, imóvel. Arkádi esperava. Passaram-se dois ou três minutos, Vássia continuava calado. «Vássia! — gritou Arkádi. Vássia não respondeu. — Vássia! — repetiu Arkádi, saltando da cama. — Vássia, o que se passa? O quê?», gritou ainda mais alto, aproximando-se do amigo. Vássia levantou a cabeça e fixou nele o mesmo olhar embotado e imóvel. «Ficou tolhido!», pensou Arkádi, a tremer de medo. Pegou no jarro da água, soergueu Vássia, molhou-lhe a cabeça, as têmporas, esfregou-lhe as mãos, e Vássia voltou a si. «Vássia, Vássia! — gritava Arkádi, chorando desesperadamente, já sem tentar dominar-se. — Vássia, não te percas, acorda, acorda!...» Não conseguiu dizer mais nada e abraçou o amigo com força. Uma sensação penosa percorreu a cara de Vássia; esfregou a testa e agarrou a cabeça com as mãos, como se temesse que ela rebentasse.

— Não sei o que se passa comigo — murmurou finalmente. — Parece que tenho um esgotamento. Não tem importância, não é nada. Não fiques triste, Arkádi, não vale a pena! — disse, olhando-o com uns olhos tristes e extenuados. — Preocupas-te porquê? Não vale a pena!

— E estás tu próprio a consolar-me! — gritou Arkádi, aflito. — Vássia — disse por fim —, deita-te, dorme um pouco, sim? Não te tortures inutilmente! É melhor trabalhares depois!

— Está bem, está bem! — concordou Vássia. — Tens razão! Eu deito-me, está bem, eu deito-me! Eu queria acabar, bem vês, mas agora reconsiderarei, sim...

Arkádi arrastou-o para a cama.

— Ouve, Vássia — disse-lhe com firmeza —, é preciso resolver esta coisa de uma vez por todas! Diz-me: o que te vai na cabeça?

— Ah! — disse Vássia, abanando a mão com moleza e virando a cara para o outro lado.

— Deixa, Vássia, deixa! Toma uma decisão. Não quero ser o teu assassino: não posso continuar calado. Se não tomas uma decisão não adormeces, eu sei.

— Como queiras, como queiras — repetiu Vássia enigmaticamente.

«Está a ceder!», pensou Arkádi Ivánovitch.

— Tens de me dar ouvidos, Vássia — disse ele. Lembra-te do que eu te disse: amanhã salvo-te, amanhã resolvo o teu destino! Mas o que estou eu a dizer, o destino! Assustaste-me tanto, Vássia, que já falo a tua linguagem. Qual destino, qual quê! Bagatelas, uma insignificância. Não queres perder a

simpatia e, digamos, o amor de Iulian Mastákovitch, não é? Pois não perderás, vais ver... Eu...

Arkádi Ivánovitch teria falado ainda durante muito tempo, mas Vássia interrompeu-o. Soergueu-se na cama, abraçou em silêncio o pescoço do amigo e beijou-o.

— Basta! — disse em voz fraca. — Não fales mais disso!

E virou-se de novo para a parede.

«Meu Deus! — pensou Arkádi. — Meu Deus! O que tem ele? Está completamente confuso. Qual é a ideia dele? Caminha para a destruição.»

Olhava com desespero para o amigo.

«Se calhar até era melhor que ele adoecesse — pensava. — A doença substituía-lhe a preocupação, e depois poderíamos resolver tudo perfeitamente. Mas que disparates eu estou para aqui a pensar! Oh, Deus, nosso Criador!...»

Entretanto, Vássia parecia ter caído em modorra. Arkádi Ivánovitch ficou contente com isso. «É bom sinal!», pensou. Resolveu velá-lo toda a noite. Mas Vássia estava inquieto. Estremecia a cada momento, dava voltas na cama, abria os olhos, fechava-os logo. Por fim, o cansaço levou a melhor: parecia profundamente adormecido. Eram cerca das duas da manhã, Arkádi Ivánovitch dormitava sentado na cadeira, com os cotovelos fincados na mesa e a cabeça apoiada nas mãos.

Era um sonho desassossegado e estranho, mas pensava que estava sempre acordado e que Vássia continuava na cama. Mas, coisa estranha: parecia-lhe ao mesmo tempo que Vássia se fingia adormecido, que estava a enganá-lo e que, a qualquer momento, se levantaria devagarinho, olhando para ele de lado, e voltaria para a mesa de trabalho. Uma dor mordente penetrava o coração de Arkádi; era-lhe penoso, triste, insuportável ver Vássia que não confiava nele, se escondia dele. Queria abraçá-lo, gritar, levá-lo para a cama... Então Vássia soltava um grito nos braços dele, e Arkádi levava para a cama já um cadáver inanimado. Um suor frio perlava a testa de Arkádi, o coração batia-lhe terrivelmente. Abriu os olhos e acordou. Vássia estava sentado diante dele à mesa e escrevia.

Arkádi não queria acreditar nos seus próprios olhos, olhou para a cama: Vássia não estava lá. Assustado, Arkádi levantou-se, ainda sob o efeito do sonho. Vássia não se mexeu. Escrevia. De repente, apavorado, Arkádi reparou que Vássia rabiscava velozmente no papel com a pena seca, virando as páginas brancas, apressando-se, apressando-se muito por

preencher o papel, como se estivesse a fazer um trabalho perfeito e bem-sucedido! «Não, aquilo não é só o estar tolhido! — pensou Arkádi Ivánovitch e todo o corpo lhe tremeu. — Vássia, Vássia! Fala comigo!», gritou, sacudindo-o pelo ombro. Mas Vássia calava-se e continuava a rabiscar com a pena seca no papel.

— Finalmente, *acelerei* a mão — murmurou sem levantar a cabeça.

Arkádi agarrou-lhe na mão e arrancou-lhe a pena.

Saiu um gemido do peito de Vássia. Retirou a mão e fixou o olhar em Arkádi; depois, com um esgar de sofrimento e angústia, passou a mão pela testa, como se quisesse alijar dali um peso, um qualquer bloco de chumbo que estava a oprimir todo o seu ser, e baixou a cabeça para o peito como se estivesse pensativo.

— Vássia, Vássia! — gritava Arkádi Ivánovitch num desespero. — Vássia!

Transcorrido um minuto, Vássia olhou para ele. As lágrimas inundavam-lhe os olhos grandes e azuis, a sua cara branca e meiga era só sofrimento, um sofrimento infinito... Pôs-se a sussurrar.

— O quê, o quê? — gritava Arkádi, inclinando-se para ele.

— Porquê, por que culpa? — sussurrava Vássia. — Porquê, o que é que eu fiz?

— Vássia? O que tens? Do que tens medo? Vássia, de que é que...? — perguntava Arkádi, torcendo as mãos.

— Por que culpa me mandam para o batalhão correcional? — disse Vássia, olhando o amigo nos olhos com muita fixidez. — Porquê, o que é que eu fiz?

A Arkádi até se lhe puseram os cabelos em pé; não queria acreditar. Estava destroçado.

Passou-se um minuto, Arkádi caiu em si. «Não é nada, é passageiro!», repetia a si mesmo, com a cara branca e os lábios azulados e trementes; vestiu-se muito depressa. Queria ir chamar o médico. De repente, Vássia chamou-o; Arkádi correu para ele, agarrou-o como uma mãe a quem estão a tirar o filho querido...

— Arkádi, Arkádi, não digas a ninguém! É a minha desgraça! Que eu carregue sozinho com ela.

— O que estás a dizer? Acorda, Vássia, acorda!

Vássia suspirou, lágrimas silenciosas corriam-lhe pela cara.

— Qual é a culpa dela para a fazer sofrer? Que culpa tem ela, ela?... — murmurou com uma voz de dilacerar a alma. — É meu, é meu o pecado!...

Calou-se por uns momentos.

— Adeus, meu amor! Adeus, meu amor! — sussurrava, abanando a pobre cabeça. Arkádi estremeceu, caiu em si e queria era sair o mais depressa possível e voltar com um doutor. — Vamos! São horas! — gritou Vássia, estimulado pelo último movimento de Arkádi. — Vamos, meu amigo, vamos, estou pronto! Acompanha-me! — Calou-se e, sombrio e desconfiado, pôs-se a olhar para Arkádi.

— Vássia, não venhas atrás de mim, por amor de Deus! Espera por mim aqui. Eu já volto, já venho ter contigo — dizia Arkádi Ivánovitch, de cabeça perdida e apanhando o boné para correr à procura do médico. Vássia sentou-se; estava quieto e obediente, apenas nos olhos lhe luzia um arrojo qualquer. Reentrou Arkádi no quarto, retirou de cima da mesa um canivete aberto, olhou pela última vez para o desgraçado e precipitou-se para a rua.

Passava das sete. Dentro do quarto, a luz começava a dispersar a penumbra.

Arkádi não encontrou ninguém. Havia já uma hora que corria por todo o lado. Perguntando aos guarda-portões se vivia algum médico no prédio ou perto, arranjou várias moradas deles, mas já todos tinham saído, ou para os respetivos serviços, ou para tratarem dos seus assuntos pessoais. Finalmente, encontrou um que dava consultas em casa. O médico tomou o seu tempo a perguntar ao criado que lhe anunciou Nefedévitch, com todos os pormenores: quem era, mandado por quem, por que viera, qual a necessidade, e, inclusive, que aspeto tinha tão matinal visitante. Acabou por concluir que não, não lhe era possível ver o doente, tinha muito trabalho e, além disso, doentes daqueles deveriam ser levados para o hospital.

Então, Arkádi, desfeito, abalado, não estando à espera de um resultado daqueles, desistiu de tudo, de todos os doutores do mundo, e correu para casa, morto de medo por Vássia. Irrompeu pela casa dentro. Mavra, na maior das calmas, varria o chão, partia cavacos para o lume e preparava-se para acender o fogão. Arkádi entrou no quarto: Vássia não estava, saíra.

«Para onde foi? Onde é que estará? Por onde andará a correr esse desgraçado?», pensou Arkádi, gelando de pavor. Começou a interrogar Mavra. Mavra não sabia de nada, nem tinha dado por o senhor sair, não sabia de nadinha, que Deus lhe perdoasse! Nefedévitch correu para a Kolomna.

Ele podia lá estar, passou-lhe pela cabeça, sabia-se lá porquê.

Já passava das nove quando Arkádi chegou a Kolomna. Não esperavam vê-lo, foi uma surpresa, não sabiam absolutamente nada. Arkádi, especado diante deles, assustado, confuso, começou por perguntar: o Vássia? A velha enfraqueceram as pernas, tombou no divã. Lísanka, a tremer de medo, perguntou o que tinha acontecido. O que lhe podia dizer? Arkádi Ivánovitch, à pressa, inventou uma balela qualquer, em que ninguém acreditou, evidentemente, e fugiu, deixando a família abalada. Deitou a correr para o seu serviço, para poder chegar a tempo de dar o alerta e de serem tomadas medidas. Pelo caminho passou-lhe pela cabeça que Vássia poderia estar em casa de Iulian Mastákovitch. Aliás, era o mais provável: Arkádi até pensara nisso antes de ter ido a Kolomna. Quando, numa carruagem de praça, passava ao lado de casa de sua excelência, quis parar, mas repensou e mandou seguir. Decidiu informar-se se teria acontecido alguma coisa no departamento, e depois, se não encontrasse lá o Vássia, ir a casa de sua excelência, pelo menos como portador da notícia sobre Vássia. Afinal, alguém tinha de informar sobre o que aconteceu!

Logo na sala de espera rodearam-no os colegas mais novos, na sua maioria da mesma graduação que ele, perguntando todos: o que aconteceu a Vássia? Foram acrescentando que Vássia tinha enlouquecido e estava com a mania de que o queriam mandar para o batalhão correcional por desleixo no cumprimento dos seus deveres laborais. Arkádi Ivánovitch respondeu, virando-se para todos os lados, ou melhor, não respondendo a ninguém em particular, ansiando por entrar rapidamente nas salas do fundo. Pelo caminho soube que Vássia estava no gabinete de Iulian Mastákovitch, que toda a gente tinha ido para lá e que Esper Ivánovitch também estava lá. Parou, indeciso. Um dos chefes perguntou-lhe para onde ia e o que desejava. Sem reconhecer sequer o rosto do funcionário, Arkádi murmurou qualquer coisa sobre Vássia e foi direito ao gabinete de sua excelência. Já se ouvia a voz de Iulian Mastákovitch. «Onde vai o senhor?», perguntou-lhe alguém à porta do gabinete. Arkádi Ivánovitch embaraçou-se e fez menção de voltar para trás, mas viu pela porta entreaberta o seu pobre Vássia. Então abriu a porta e, a custo, furou pelo meio dos funcionários. Reinava ali grande consternação e perplexidade porque Iulian Mastákovitch, pelos vistos, estava triste. Ao lado dele estavam os chefes mais importantes, discutindo e não chegando a qualquer conclusão. Um pouco mais afastado estava Vássia. Quando Arkádi olhou para ele, parou-lhe o coração. Vássia

estava em posição de sentido, pálido, de cabeça erguida. Olhava a direito nos olhos de Iulian Mastákovitch. Repararam de imediato na presença de Nefedévitch, e alguém, que sabia que ele morava com Vássia, comunicou o facto a sua excelência. Arkádi foi levado junto de sua excelência. Arkádi bem queria responder às perguntas que lhe faziam, mas, olhando para Iulian Mastákovitch, viu tanta compaixão sincera no rosto de sua excelência que desatou a tremer e a chorar como uma criança. E mais: correu para sua excelência, pegou-lhe na mão e levou-a aos seus olhos, banhando-a de lágrimas, pelo que o próprio Iulian Mastákovitch se viu obrigado a retirar a mão e a dizer: «Chega, chega, meu amigo, vejo que tens bom coração.» Arkádi chorava, deitava olhares suplicantes a todos. Parecia-lhe que todos ali eram irmãos do seu pobre Vássia, que todos também se afligiam e choravam a desgraça de Vássia. «Como é possível, como foi que isso lhe aconteceu? — dizia Iulian Mastákovitch. — E enlouqueceu porquê?»

— Por gra-ti-dão! — conseguiu apenas balbuciar Arkádi Ivánovitch.

Todos ficaram perplexos com aquela resposta, a todos pareceu estranha e inverosímil: como é que uma pessoa pode enlouquecer por gratidão? Explicou-o Arkádi na medida do possível.

— Santo Deus, mas que pena! — disse no fim Iulian Mastákovitch. — Ainda por cima, o trabalho de que o encarreguei de modo nenhum era importante nem urgente. Assim um homem se destrói, por nada, absolutamente por nada! Nada a fazer, levem-no!... — Então, Iulian Mastákovitch voltou a dirigir-se a Arkádi Ivánovitch, com perguntas. «Ele pede — disse ele, apontando para Vássia —, que não digam nada a uma rapariga qualquer; é a noiva dele, não é?»

Arkádi explicou. Entretanto, Vássia parecia matutar em qualquer coisa, como se tentasse recordar com grande esforço um assunto importante e necessário que seria útil para o momento. De vez em quando olhava à roda com ar sofredor, como se tivesse a esperança de que alguém ajudasse a lembrar-lhe o que esquecera. Espetou os olhos em Arkádi. Por fim, relampejou-lhe pelos olhos uma espécie de esperança, avançou o pé esquerdo, deu três passos, esforçando-se por que fossem regulares, bateu mesmo com a bota direita, como fazem os soldados quando se aproximam do oficial que os chama. Estava toda a gente na expetativa do que iria acontecer.

— Saiba vossa excelência que tenho um defeito físico, sou fraco e pequeno, inapto para o serviço militar — disse sincopadamente.

Todos os presentes sentiram um aperto no coração, e o próprio Iulian Mastákovitch, por mais firme que fosse o seu caráter, deixou cair uma lágrima. «Levem-no», disse, abanando a mão.

— A testa! — disse Vássia a meia-voz, volveu meia-volta à esquerda e saiu da sala. Todos aqueles a quem o destino de Vássia interessava saíram atrás dele. Arkádi tentava passar para a frente dos outros. Sentaram Vássia na sala de espera, aguardando as ordens e a carruagem para o levar para o hospital. Vássia estava calado e, aparentemente, roía-o uma preocupação qualquer. Quando reconhecia alguém, acenava-lhe com a cabeça, como se se despedisse. Olhava a cada instante para a porta, à espera de ouvir: «Vamos, são horas.» Apertava-se à volta dele um magote de pessoas, todas lamentando, todas abanando as cabeças. Muitos ficaram impressionados com a história de Vássia, aliás já conhecida de todos; uns faziam comentários, outros exprimiam a sua pena e louvavam Vássia, dizendo que sempre tinha sido um jovem modesto e calmo, que prometia muito; contavam que aprendia com aplicação, que tinha muita curiosidade, muita ânsia de instrução. «Saiu da sua condição baixa à força de pulso!», observou alguém. Falavam com enternecimento da afeição que sua excelência tinha por ele. Houve quem se metesse a explicar o processo do enlouquecimento de Vássia, de que maneira lhe entrara na cabeça a ideia de que o mandariam para o batalhão correcional por não ter terminado o trabalho. Abordou-se o facto de o desgraçado ter saído havia pouco da sua baixa condição social, e apenas graças à solicitude de Iulian Mastákovitch, que sabia dar valor ao talento, à obediência e à invulgar brandura do jovem, obtivera a primeira graduação. Enfim, eram muitas as considerações e opiniões. Entre os mais consternados destacava-se sobremaneira um colega de Vássia Chumkov, homem de muito pequena estatura. Não era lá muito jovem, já ia nos trinta. Estava branco como a cal, tremia-lhe o corpo todo e sorria de modo estranho: talvez porque o caso escandaloso ou a cena terrível assusta, sim, mas ao mesmo tempo diverte um pouco quem está de fora. Este funcionário não parava de cirandar à volta do círculo que rodeava Chumkov e, como era pequeno, levantava-se nas pontas dos pés, agarrava pelo botão ora uma, ora outra pessoa (isto é, aqueles a quem tinha o direito de agarrar) e não parava de dizer que sabia por que razão tinha acontecido aquilo tudo, que não se tratava de um caso simples mas antes bastante complexo e que não se podia deixar as coisas assim; depois punha-se de novo em bicos de pés, cochichava ao ouvido deste e daquele, acenava duas

vezes com a cabeça e passava adiante. Por fim, tudo acabou: chegou o guarda e o auxiliar-médico do hospital, aproximaram-se de Vássia, disseram-lhe que chegara a hora. Vássia levantou-se de um salto e, todo afobado, foi com eles, olhando à sua volta. Procurava alguém com os olhos. «Vássia, Vássia!», gritou Arkádi Ivánovitch, a chorar. Vássia parou, e Arkádi conseguiu finalmente chegar ao pé dele furando através do aperto de gente. Caíram nos braços um do outro e, pela derradeira vez, abraçaram-se com amargura... Metia pena vê-los. Que quimérica desgraça arrancava lágrimas dos olhos de ambos? De que choravam? Em que consistia aquela desgraça? Por que não se compreendiam um ao outro?...

— Toma, toma! Guarda isto — disse Chumkov metendo um papelinho na mão de Arkádi. — Senão, tiram-mo. Traz-mo depois, depois; guarda-mo... — Vássia não acabou de dizer o que queria, chamavam-no. Correu apressadamente pelas escadas abaixo, acenando a todos com a cabeça, despedindo-se de todos. Lia-se-lhe o desespero no rosto. Por último, sentaram-no na carruagem e levaram-no. Arkádi abriu o papelinho: era a madeixa negra do cabelo de Lisa, que Chumkov trazia sempre consigo. Lágrimas ardentes jorraram dos olhos de Arkádi. «Ah, pobre Lisa!»

No final do dia de trabalho, foi a Kolomna. Do que se passou lá... nem vale a pena falar! Até Pétia, o pequeno Pétia, que não percebia bem o que acontecera a Vássia, se meteu num canto a chorar com toda a força do seu coração infantil, tapando a carinha com as mãos. Já caía o crepúsculo quando Arkádi se encaminhou para casa. Chegado à beira do Nevá, parou por um instante e lançou um olhar penetrante ao longo do rio, para o horizonte nebuloso, gélido e turvo que, de súbito, se tingiu com a última cor púrpura do ocaso sanguíneo a extinguir-se no firmamento brumoso. A noite caía sobre a cidade, e todo o espaço enorme, inchado de neve, com os últimos raios de sol, se salpicou de miríades de faúlhas de geada. O frio atingia os vinte graus negativos. Levantava-se vapor dos lombos dos cavalos esfalfados, das bocas das pessoas a correrem. O ar comprimido tremia ao mínimo som, e, como gigantes, levantavam-se de todos os telhados de ambas as marginais e voavam para o céu frio as colunas de fumo, entrançando-se e desentrançando-se pelo caminho, e era como se erguessem edifícios novos por cima dos velhos e se construísse no ar uma nova cidade... Parecia que todo este mundo, com todos os seus habitantes, fortes e fracos, com todas as suas casas, com todos os seus tugúrios de pedintes ou os seus palácios dourados — a alegria dos senhores deste

mundo — se assemelhava na hora crepuscular a uma miragem fantástica, miraculosa, como um sonho prestes a desaparecer, esfumando-se também, como o vapor, nas alturas do céu azul-escuro. Um estranho pensamento visitou o companheiro do pobre Vássia. Estremeceu, foi como se um jorro de sangue quente que uma fortíssima sensação fizera ferver lhe inundasse o coração, foi uma sensação nunca dantes experimentada. Como se só agora compreendesse a inquietação e a causa da loucura do seu pobre amigo Vássia, o Vássia que não aguentou a sua felicidade. Tremeram-lhe os lábios, acenderam-se-lhe os olhos, empalideceu e vislumbrou qualquer coisa nova naquele instante...

A partir de então, Arkádi Ivánovitch tornou-se sombrio, sem ânimo, perdeu o feitio alegre. A casa tornou-se-lhe odiosa. Mudou de casa. Não queria, nem podia, visitar os de Kolomna. Dois anos mais tarde encontrou-se na igreja com Lísanka. Já estava casada, seguia atrás dela uma ama com um bebé ao colo. Cumprimentaram-se e ficaram muito tempo a evitar falar do passado. Lisa disse que, graças a Deus, era feliz, que não era pobre, que o marido era um homem bom, que ela o amava... De repente, no meio da conversa, os olhos dela marejaram-se de lágrimas, a voz entrecortou-se-lhe, virou-se e inclinou-se para o chão da igreja, escondendo das pessoas a sua mágoa...

[11](#) [...] é mais elegante (fr.).

[12](#) [...] pândego (fr.).

A MULHER ALHEIA E O MARIDO DEBAIXO DA CAMA

Um acontecimento invulgar

— Por favor, excelentíssimo senhor, permita que lhe faça uma pergunta...

O transeunte estremeceu e, com um certo medo, olhou para o senhor com peliça de mão-pelada que assim o abordava, sem rodeios, cerca das oito da noite, no meio da rua. Já é adquirido o facto de que, se um senhor petersburguense começar a falar de rompante, na rua, com outro senhor absolutamente desconhecido dele, este outro senhor, necessariamente, assustar-se-á.

Portanto, o transeunte estremeceu e assustou-se.

— Desculpe o incómodo — dizia o senhor com peliça de mão-pelada —, mas eu... francamente, não sei... o senhor decerto me perdoará, porque, está a ver, estou um pouco desconcertado...

Só então o jovem senhor de *bekes*¹³ reparou que o senhor com peliça de mão-pelada estava de facto desconcertado, com a cara enrugada bastante pálida, a voz tremente, não conseguindo pelos vistos juntar as ideias, não lhe saindo as palavras com a coerência desejável e, sobretudo, era visível que lhe custava muito conciliar aquele pedido veemente, dirigido a uma pessoa talvez sua inferior em patente e condição social, com a necessidade premente de fazer tal pedido. Além disso tratava-se de um pedido que, bem vistas as coisas, era indecoroso, nada respeitável e estranho vindo de quem vinha: um homem que usava casacão tão imponente e casaca tão respeitável, de bela cor verde-escura e tão significativos adornos. Era evidente que tudo isto embaraçava o senhor com peliça de mão-pelada, pelo que, desconcertado, não aguentou e resolveu reprimir a sua emoção e pôr termo à cena desagradável que provocara.

— Desculpe, não estou em mim e, na verdade, o senhor nem sequer me conhece... Desculpe tê-lo incomodado, mudei de ideias.

Levantou educadamente o chapéu e seguiu o seu caminho em passo rápido.

— Não faz mal, faça o favor de dizer...

Mas já o pequeno senhor com peliça de mão-pelada desaparecia na escuridão, deixando o senhor de *bekes* num estado aturdido.

«Que tipo excêntrico!», pensou o senhor de *bekes*. Depois de ficar espantado durante algum tempo e de ter, por fim, ultrapassado o seu espanto, lembrou-se do seu próprio problema e começou a andar para trás e para a frente, olhando para o portão de um prédio de inúmeros andares.

Começou a formar-se nevoeiro, o que deixou o jovem satisfeito porque, no meio da neblina, o seu passeio seria menos notado, embora, mesmo sem nevoeiro, só um ou outro cocheiro que estivesse desesperadamente parado à espera de freguês durante todo o dia talvez pudesse reparar nele.

— Desculpe!

O transeunte voltou a estremecer: diante dele estava de novo o senhor com peliça de mão-pelada.

— Desculpe incomodá-lo mais uma vez... — disse ele —, mas o senhor é, com toda a certeza, um homem nobre! Não olhe para mim na perspectiva do sentido social da minha pessoa... aliás, até já estou a atrapalhar-me, mas tente ver, humanamente... que tem diante de si uma pessoa que necessita de fazer-lhe um pedido veemente...

— Se eu puder... o que deseja o senhor?

— Talvez tenha pensado que eu queria pedir-lhe dinheiro! — disse o misterioso senhor, entortando a boca num riso histérico e ficando muito pálido.

— Por amor de Deus...

— Não, já vi que estou a incomodá-lo! Desculpe, nem eu próprio me aturo a mim próprio. Considere que tem diante de si um homem em grande desconcerto, quase num estado de loucura, e não tire qualquer ilação que...

— Vá direito ao que interessa, fale! — acenou-lhe o jovem com a cabeça, num gesto animador e impaciente.

— Ora, lá está! Agora é assim! O senhor, um homem tão jovem, está a dizer-me para ir direito ao que interessa, como se eu fosse um garoto pouco aplicado! Estou num desvario total!... Diga-me lá, mas com toda a franqueza: neste momento, o que está o senhor a pensar da minha humilhação?

O jovem embarçou-se e não respondeu.

— Permita que lhe pergunte abertamente: o senhor não viu aqui uma senhora? É nisso que consiste o meu pedido! — acabou por dizer o senhor da peliça de mão-pelada.

— Uma senhora?

— Exatamente, uma senhora.

— Vi, mas, francamente, passaram aqui tantas...

— Exatamente — respondeu o misterioso senhor com um sorriso amargo. — Lá estou eu outra vez a atrapalhar-me, não era bem isto que eu lhe queria perguntar, desculpe. Queria eu dizer, ou perguntar, se o senhor

viu uma senhora de peliça de raposa e de chapéu de veludo escuro com véu preto.

— Não, não vi uma senhora com essas características... não, parece-me que não reparei.

— Bom! Nesse caso, desculpe!

O jovem ainda quis perguntar qualquer coisa, mas o senhor com peliça de mão-pelada voltou a desaparecer e a deixar aturdido o seu paciente interlocutor. «Irra, que vá para o diabo que o carregue!», pensou o senhor de *bekes*, pelos vistos de mau humor.

Desgostoso, tapou a cara com a gola de castor e voltou a passear-se de um lado para o outro, com todas as precauções, ao longo do portão do prédio de inúmeros andares. Estava raivoso.

«Por que é que ela não sai? — pensava. — Já são quase oito horas!»

Na torre, o relógio bateu as oito horas.

— Ah, c'os diabos, cá está o senhor outra vez!

— Desculpe!...

— Não, eu é que peço desculpa por ter tratado o senhor assim... Mas o senhor apareceu-me assim cá de uma maneira que até me assustou — disse o transeunte, franzindo a cara.

— Cá estou eu a dirigir-me a si mais uma vez. É claro que devo parecer-lhe um indivíduo inquieto e estranho.

— Faça o favor, deixe lá os rodeios, explique lá o que pretende de uma vez por todas; é que eu ainda não sei em que consiste o seu desejo...

— O senhor não está com pressa? Então, veja. Vou contar-lhe tudo com sinceridade, de maneira sucinta. Tem de ser! As circunstâncias, por vezes, juntam pessoas de feitios perfeitamente diversos... Mas noto que o meu jovem senhor está impaciente... Então... aliás, nem sei como lhe dizer isto: ando à procura de uma senhora (pronto, decidi contar-lhe tudo). Tenho de saber, com exatidão, para onde foi esta senhora. Ora bem, e quem é ela? Acho que não tem necessidade de conhecer o nome dela, meu jovem senhor.

— Está bem, está bem, continue.

— Continue! Em que tom o senhor fala comigo! Desculpe, talvez o tenha insultado ao tratá-lo por jovem senhor, mas note que não tinha em mente qualquer... Resumindo, se o senhor quiser fazer-me o enorme favor, então essa senhora, isto é, uma senhora decente, de excelente família, uma família

minha conhecida... fui portanto encarregado... eu próprio, não sei se está a ver, não tenho família...

— Muito bem, e então?

— Ponha-se na minha pele, meu jovem senhor (ah, outra vez! Desculpe, estou sempre a tratá-lo por jovem senhor). Cada minuto é precioso... Imagine que esta senhora... mas, vejamos, o senhor não poderia dizer-me quem mora neste prédio?

— Mas... mora aqui muita gente.

— É claro, o senhor tem toda a razão — respondeu o senhor com peliça de mão-pelada com uma risada de conveniência —, sinto que estou a atrapalhar-me um pouco... mas porquê esse tom? Bem vê que lhe confesso com toda a sinceridade que estou a atrapalhar-me, e, se o senhor for um homem altivo, já viu quanto baste sobre a minha humilhação... Quero eu dizer que uma senhora de comportamento nobre, ou seja, de conteúdo ligeiro... desculpe, atrapalho-me de tal maneira que parece que estou a falar de uma figura literária qualquer; por exemplo, inventaram que o Paul de Kock é de conteúdo ligeiro, e, no entanto, toda a desgraça provém precisamente do Paul de Kock... pois!...

O jovem olhou com compaixão para o senhor com peliça de mão-pelada, o qual, parecendo mergulhar na mais definitiva das confusões, se calou, olhou para o jovem com um sorriso absurdo e, com a mão trémula, sem qualquer motivo visível, se agarrou à lapela do *bekes*.

— Está a perguntar-me quem mora aqui? — perguntou o jovem, recuando um pouco.

— Pois... bem sei que mora aqui muita gente, como o senhor mesmo disse.

— Aqui... sei que também mora cá a Sófia Ostafievna — disse o jovem num sussurro e, até, com certa compaixão.

— Está a ver? Está a ver? E sabe alguma coisa, meu jovem senhor?

— Acredite que não, não sei nada... Foi apenas o seu ar abalado que me levou a julgar.

— Fiquei a saber pela cozinheira que ela visitava este prédio, mas o senhor não acertou, ou seja, ela não visita Sófia Ostafievna, não a conhece.

— Não? Então, desculpe...

— Vê-se que nada disto lhe interessa, meu jovem senhor — disse o estranho senhor com uma ironia amarga.

— Oiça — disse o jovem, titubeando —, na verdade eu não conheço o motivo por que o senhor se encontra nesse estado, mas desconfio que sofreu uma infidelidade e, se é assim, diga-o abertamente.

O jovem sorriu por ter acertado, e continuou:

— Assim, ao menos, já nos entendemos um ao outro — disse, e todo o seu corpo revelou o desejo generoso de fazer uma vénia ligeira.

— O senhor mortifica-me! Pronto... confesso... é precisamente esse o caso... mas pode acontecer a qualquer um!... Estou profundamente comovido com a sua simpatia. É verdade que, entre os jovens... Embora eu já não seja jovem, é claro, mas o senhor sabe como é, o hábito, a vida de solteiro e, depois, entre solteiros, sabe como é...

— Pois, eu sei como é, eu sei como é! Mas em que lhe posso ser útil?

— É o seguinte: tem de concordar que visitar Sófia Ostafievna... Aliás, eu ainda não sei onde é que essa senhora está exatamente; sei apenas que está neste prédio; mas como vi o senhor a andar aqui de um lado para o outro (eu próprio estava a fazer o mesmo no passeio do outro lado), pensei que... eu, não sei se está a ver, estou à espera dessa senhora... sei que ela se encontra aqui... e gostaria de a encontrar e de lhe explicar que o que ela faz é inconveniente e ignóbil... enfim, o senhor compreende...

— Humm! E então?

— Não o faço por mim, não pense... ela é mulher de outro! O marido está além, na Ponte Voznessênski, e quer apanhá-la mas não se atreve... ainda não acredita, como qualquer marido... (neste ponto, o senhor com peliça de mão-pelada tentou sorrir), mas sou amigo dele; o senhor tem de concordar, sou um homem que goza de certo respeito... não sou aquilo por que o senhor me toma.

— Sem dúvida. E então, e então?

— Pois bem, ando sempre a tentar apanhá-la; fui encarregado disso (ah, infeliz marido!); mas sei que ela é uma senhora muito manhosa, tem sempre um Paul de Kock debaixo da almofada. Estou em crer que ela vai conseguir esgueirar-se sem ser vista... Para falar verdade, foi a cozinheira quem me disse que ela vinha a este lugar, e eu, então, arranquei logo para aqui como um louco mal soube da notícia; quero apanhá-la; há muito que desconfio, por isso é que me dirigi ao senhor para lhe pedir... já que se passeia por aqui... o senhor... o senhor... não sei...

— Muito bem, mas afinal o que pretende?

— Pois... não tenho a honra de o conhecer, não me atrevo a perguntar-lhe quem é e como... Em todo o caso, permita que me apresente, a ocasião é boa!...

O tremebundo senhor sacudiu com ardor a mão do jovem.

— Devia fazê-lo logo de início — acrescentou —, mas esqueço-me de todas as conveniências!

O senhor da peliça de mão-pelada não conseguia ficar quieto ao falar e olhava com inquietação ao seu redor, troteava com os pés e, volta e meia, como um afogado, agarrava-se à mão do jovem.

— Não sei se está a ver — continuou —, eu queria dirigir-me amigavelmente a si... desculpe o atrevimento... queria pedir ao senhor que andasse do outro lado da rua, do lado onde é a viela e a entrada de serviço, descrevendo um percurso em U, por assim dizer. Pelo meu lado, eu andaria ao longo da entrada principal, e assim não a perderíamos. Porque eu estava com medo de a perder, não quero perdê-la. O senhor, quando a vir, faça-a parar e grite-me... Mas eu sou doido! Só agora vejo toda a estupidez e inconveniência da minha proposta!

— Ora essa, por amor de Deus!

— Não me justifique, tenho o espírito abalado, estou confuso como nunca estive! Como se estivesse a ser julgado em tribunal! Vou até confessar-lhe uma coisa, vou ser sincero e digno para consigo, meu jovem senhor: cheguei a tomá-lo pelo amante!

— Ou seja, o senhor quer saber o que estou a fazer aqui, é isso?

— Sou um homem digno, excelentíssimo senhor, e está longe de mim a ideia de que o senhor seja *ele*, não vou denegri-lo com esta ideia, mas... mas pode dar-me a palavra de honra de que não é o amante?

— Está bem, se quiser dou-lhe a palavra de honra de que sou o amante mas não da sua mulher, pois, se fosse, não estaria aqui na rua mas com ela!

— Mulher? Quem lhe disse que ela é «minha mulher», meu jovem senhor? Sou solteiro, isto é, eu próprio sou amante...

— O senhor disse que o marido... está na Ponte Voznessênski...

— É claro, pois com certeza, estou um bocado atrapalhado; mas há outros laços! E, meu jovem, tem de concordar, há uma certa ligeireza de carateres, ou seja...

— Pronto, pronto! Está bem!...

— Ou seja, não sou nenhum marido...

— Acredito. Mas digo-lhe sinceramente que, quando estava a tentar dissuadi-lo, era a mim próprio que tentava acalmar e, por isso, é que estou a ser sincero consigo; mas o senhor confunde-me e incomoda-me. Prometo que chamo por si, mas peço-lhe encarecidamente que me desimpeça o caminho e se vá embora daqui. Eu também estou à espera.

— Com certeza, é claro que me vou embora, respeito a impaciência apaixonada do seu coração. Compreendo-o, meu jovem senhor, oh, como agora eu o compreendo!

— Está bem, está bem!

— Até já!... Aliás, desculpe-me mais uma vez, mas eu queria... Nem sei como lhe dizer... Dê-me mais uma vez a sua palavra de honra de que não é o amante!

— Ah, Deus nosso Senhor!

— Mais uma pergunta, a última: conhece o apelido do marido da sua... isto é, daquela que é objeto da sua paixão?

— Conheço, é evidente; e não é o seu, meu caro senhor!

— Mas como é que conhece o meu apelido?

— Oiça, vá andando, está a perder tempo: entretanto já ela se podia ter escapado mil vezes... Então, está à espera de quê? Pronto, a sua é a de peliça de raposa e chapéu preto; a minha tem uma capa axadrezada e chapeuzinho de veludo azul... O que mais quer? Que mais?

— Chapeuzinho de veludo azul! Ela também tem uma capa axadrezada e um chapéu azul! — gritou o importuno, voltando logo atrás.

— Ah, raios! Mas isso acontece muitas vezes... Aliás, que digo eu? A minha nem sequer anda por estes sítios!

— Então onde está a sua?

— O senhor quer saber isso? Para quê?

— Confesso que é por causa da mesma...

— Arre, meu Deus! O senhor não tem mesmo vergonha! Está bem, a minha tem aqui pessoas conhecidas, no segundo andar, do lado da rua. E agora, quer que lhe enumere essas pessoas pelos nomes?

— Meu Deus! Eu também tenho pessoas conhecidas no segundo andar com janelas para a rua... O general...

— General?!

— O general. Está bem, eu digo-lhe que general: o general Polovítsin, pronto.

— Essa é boa... Não, não são esses! (Ah, que diabo, mas que diabo! — pensou o jovem.)

— Não são esses?

— Não.

Ficaram ambos calados, olhando um para o outro com perplexidade.

— Por que está a olhar para mim dessa maneira? — exclamou o jovem, tentando sacudir de si, irritado, o espanto e os pensamentos.

O senhor de peliça de mão-pelada agitou-se.

— Eu, eu, confesso que...

— Não, desculpe, com licença, vamos falar agora de modo mais inteligente. Isto é um problema comum. Explique-me... Quem são esses que o senhor tem ali?...

— Ou seja, os meus conhecidos?

— Sim, os seus conhecidos...

— Está a ver, está a ver? Leio nos seus olhos que adivinhei tudo!

— Oh, raios! Mas não, estou-lhe a dizer que não, c'os diabos! O senhor é cego ou quê? Eu estou aqui, aqui à sua frente, não estou com ela! Então? Olhe, de resto, pode dizer o que quiser, tanto me faz!

O jovem, enfurecido, girou duas vezes sobre o salto da bota e abanou as mãos.

— Mas, por amor de Deus, eu não digo nada e, como homem nobre, vou contar-lhe tudo: primeiro, ela vinha cá sozinha, porque eles são parentes dela, e eu, muito bem, não tinha motivos para suspeitar; mas ontem, encontrei-me com sua excelência e ele disse-me que vai já para três semanas que se mudou daqui para outra casa. Ora, a mu... sim, a mulher, mas do outro (na Ponte Voznessênski), ou seja, essa senhora, pois bem, essa senhora disse que ainda anteontem os visitou, isto é, que os visitou aqui nesta casa. Ora, a cozinheira contou-me que o apartamento de sua excelência tinha sido alugado por um jovem senhor de nome Bobinítsin...

— Ah, c'os diabos, que raio de coisa!...

— Excelentíssimo senhor, estou apavorado, aterrorizado!

— Ora, mas que raio! O que me interessa que o senhor esteja apavorado e aterrorizado? Ah, espere, parece que relanceou ali qualquer coisa, ali...

— Onde? Onde? Depois grite por mim, grite: Ivan Andréitch, Ivan Andréitch... agora vou a correr...

— Está bem, está bem. Ah, raios, raios! Ivan Andréitch!!

— Cá estou — gritou Ivan Andréitch, ofegante, voltando. — Então? O que é? Onde?

— Não, não foi nada... queria apenas saber como se chama essa senhora.

— Glaf...

— Glafira?

— Não, não é propriamente Glafira... desculpe, não lhe posso dizer o nome dela. — Dizendo isto, o respeitável senhor pusera-se branco como um lenço branco.

— Pois, é claro, não é Glafira, eu próprio sei que não é Glafira; e aquela não é Glafira; aliás, com quem pode ela estar?

— Onde?

— Ali! Ah, c'um raio, c'um raio! (O jovem, de tanta fúria, não conseguia ficar quieto.)

— Ah, ah! Está a ver? Como é que sabe que ela se chama Glafira?

— Porra para isto, c'um raio! Ainda tenho de o ouvir! O senhor mesmo é que disse que a sua não se chamava Glafira!...

— Excelentíssimo senhor, mas que tom!

— Ah, com mil diabos, quero lá saber do tom! Ela é o quê, sua mulher?

— Não, ou seja, não estou casado... Mas eu, no seu lugar, não diria a cada instante esses raios e diabos a um homem respeitável em desgraça, a um homem... não diria que digno de todo o respeito, mas, pelo menos, um homem educado... É que o senhor, francamente, não para com esses c'os diabos, c'um raio!

— Sim, c'os diabos! Ora tome lá!

— Está desvairado pela sua ira, por isso calo-me. Meu Deus, quem é?

— Onde?

Ouviu-se barulho, risos, e duas raparigas, bastante bonitinhas, desceram os degraus da entrada; os dois senhores precipitaram-se para elas.

— Ah, que coisa! O que é que os senhores querem?

— Onde é que se metem?

— Não são elas!

— Enganaram-se, foi? Cocheiro!

— Para onde é que manda, *mam'selle*?

— Para Pokrov; entra, Ánnuchka, eu levo-te.

— Sento-me do outro lado. Avança, cocheiro! Vê lá se andas depressa!...

O coche partiu.

— Onde foi que estas saíram?

— Meu Deus, meu Deus! Não será melhor ir lá?

— Lá, onde?

— A casa de Bobinítsin.

— Não, não pode ser...

— Porquê?

— Eu até iria, é claro, mas depois, lá dentro, ela dava uma desculpa qualquer; ela... desenhencia-se sempre, conheço-a muito bem! Seria capaz de dizer que tinha ido lá para ver se me apanhava com alguém, e virar a culpa dela para cima de mim!

— Irra, só de pensar que ela pode estar lá! Mas o senhor... não sei por que é que não quer... vá lá dentro, diz que quer falar com o general...

— Mas se ele mudou de casa!

— É igual, não está a perceber? Se ela fez de conta que o foi visitar, o senhor também... percebeu? Finja que não sabe que o general mudou de casa, vá lá como se fosse buscar a sua mulher para a acompanhar a casa depois da visita, e essas coisas todas.

— E depois?

— E depois, pronto, já apanha quem quer apanhar em casa do Bobinítsin; irra, que raio de inept...

— Está bem, mas o senhor, o senhor... qual é o seu interesse em que eu apanhe lá alguém? Está a ver, está a ver?...

— Mas o que é isso, o que é isso, paizinho? O que é isso? Volta outra vez à mesma? Ah, meu Deus, meu Deus! O senhor não tem vergonha? Homem ridículo, inepto!

— Mas então por que é que mostra tanto interesse? Quer saber se...

— Saber o quê? O quê? Não, com mil raios, agora não quero saber de si! Posso ir sozinho. Vá-se embora, vá; vigie, corra pela rua, força!

— Excelentíssimo senhor, está quase a faltar-me ao respeito! — gritou o senhor com peliça de mão-pelada, desesperado.

— E depois? Tem alguma importância que eu lhe falte ao respeito? — disse o jovem, cerrando os dentes e avançando com fúria contra o senhor com peliça de mão-pelada. — Tem alguma importância? A quem é que eu estou a faltar ao respeito? — trovejou, cerrando os punhos.

— Mas, excelentíssimo senhor, desculpe mas...

— Quem é o senhor, a quem é que estou a faltar ao respeito? Vá, diga, qual é o seu apelido?

— Francamente, meu jovem, não sei como é que... Para que precisa do meu apelido?... Não lho posso revelar... É melhor eu ir consigo. Vamos, eu não desisto, estou pronto para tudo... Mas creia-me, caro senhor, mereço um tratamento com expressões mais educadas! Não podemos perder o sangue-frio em situação nenhuma, e se o senhor está desconcertado com qualquer coisa (e imagino com quê), isso não impede que valha a pena esquecer-se do respeito devido... O senhor ainda é muito, muito jovem!...

— Quero lá saber da sua velhice! Vejam-me só que raridade! Vá-se embora daqui... o que é que está aqui a formigar?...

— Velho porquê? Não sou nada velho. É claro que, pela minha condição no serviço... mas olhe que não estou a formigar...

— Nota-se. Vá-se embora, andor...

— Não vou, não, acho que vou consigo, o senhor não mo pode impedir; eu também sou parte interessada neste assunto; vou consigo...

— Então, pouco barulho, caluda!...

Subiram os degraus de entrada e depois a escada para o segundo andar; estava bastante escuro.

— Espere! Tem fósforos?

— Fósforos? Quais fósforos?

— Fuma charuto, não fuma?

— Ah, pois! Tenho, tenho, aqui estão os fósforos, espere... — O senhor com peliça de mão-pelada azafamava-se todo.

— Irra, que homem inepto... c'um raio! Parece que é esta porta...

— Esta, é esta, esta, esta...

— Esta-esta... por que é que grita tanto? Pouco barulho!...

— Excelentíssimo senhor, eu, bom, vejo-me constrangido... o senhor é atrevido, é isso!...

Fizeram lume.

— É mesmo aqui, cá está a tabuleta de cobre! Está aqui escrito Bobinítsin, está a ver? Bobinítsin...

— Estou a ver, estou a ver!

— Chiu! O quê, apagou-se?

— Apagou-se.

— É preciso bater à porta?

— Claro que é preciso! — respondeu o senhor com peliça de mão-pelada.

— Então bata!

— Eu? Porquê? Não. Primeiro o senhor...

— Cobardolas!

— Cobarde é o senhor!

— Ai é? Então desapareça daqui!

— Estou quase arrependido de lhe ter confiado o segredo; o senhor...

— Quem, eu? Eu o quê?

— O senhor aproveitou-se da minha desorientação! O senhor viu que eu estava desorientado...

— Estou-me nas tintas! Acho ridículo, é tudo!

— Então por que é que está aqui?

— E o senhor, por que é que está aqui?...

— Bela moral, sim senhor! — observou com indignação o senhor com peliça de mão-pelada...

— Disse moral? Olha quem fala!

— Sim, porque é imoral!

— O quê?!

— Sim, na sua opinião, cada marido ofendido é um paspalho!

— Ah, mas será que é o senhor o marido? Então o marido não está na Ponte Voznessênski? Nesse caso, o que lhe importa isto? Por que não me larga?

— Pois a mim parece-me que o amante é precisamente o senhor!...

— Oiça, se continuar assim, serei obrigado a reconhecer que o senhor é que é o paspalho, isto é, sabe o quê?

— Isto é, quer o senhor dizer que eu sou o marido! — disse o senhor com peliça de mão-pelada, recuando como se fosse escaldado com água a ferver.

— Chiu! Caluda! Está a ouvir?...

— É ela.

— Não.

— Apre, que escuridão!

Silêncio. Depois ouviu-se barulho no apartamento de Bobinítsin.

— Por que é que temos de nos zangar, excelentíssimo senhor? — sussurrou o senhor com peliça de mão-pelada.

— Mas quem se ofendeu foi o senhor, raios o partam!

— Pois, mas porque o senhor me fez perder a paciência.

— Cale-se!

— Tem de concordar que ainda é muito jovem...

— Ca-le-se!

— É evidente que estou de acordo com a sua ideia de que, nesta situação, o marido é um paspalho.

— Óóó, deuses! Alguma vez se vai calar ou quê?

— Mas para quê, para quê esta perseguição cega a um marido desgraçado?...

— É ela!

Porém, o barulho cessou.

— Ela?

— Ela! Ela, ela! Mas o senhor, por que é que o senhor está tão preocupado? A desgraça não é sua!

— Excelentíssimo senhor, excelentíssimo senhor! — murmurava o senhor com peliça de mão-pelada, empalidecendo e soluçando. — Com certeza que estou desnorteado... e o senhor já viu quanto baste a minha humilhação; agora estamos aqui, e é de noite, mas amanhã... de resto, acho que não nos vamos encontrar amanhã, embora eu não tenha medo de me encontrar consigo... aliás, não sou eu, mas o meu amigo que está na Ponte Voznessênski; juro que é ele! É a mulher dele, para mim é uma mulher alheia! Desgraçado! Acredite que é. Conheço-o muito bem. Permita que lhe conte tudo. Como vê, sou amigo dele, senão não me tinha amargurado tanto por causa dele... bem vê. Disse-lhe várias vezes: para que é que te casas, querido amigo? Tens uma boa patente, tens fortuna, és um homem respeitável, para que vais trocar isso tudo por um capricho, por uns olhos garridos? Tem de concordar que é assim! Não, diz ele, vou-me casar, a felicidade matrimonial... Pronto, agora toma lá a felicidade matrimonial! Dantes era ele próprio quem enganava os maridos, agora está a beber a sua própria taça... peço desculpa, mas este esclarecimento foi provocado pela necessidade!... Ele é um desgraçado e está a beber a sua taça... é isso! — Então, o senhor com peliça de mão-pelada soluçou como se tivesse começado a chorar a sério.

— Raios que os partam a eles todos! Parvos não faltam! Mas o senhor, quem é o senhor?

O jovem rangia os dentes de fúria.

— Oiça, depois disto, tem de concordar... Eu tenho tido uma atitude nobre e sincera para consigo... e agora, este seu tom!

— Pois, desculpe, por favor... como é o seu apelido?

— Não, para que quer o apelido?

— Ah-ah!!

— Não lhe posso revelar o meu apelido...

— Conhece o Chábrin? — perguntou rapidamente o jovem.

— Chábrin!!!

— Sim, Chábrin! Ah-ah!!! (Aqui, o senhor de *bekes* estava a gozar um pouco com o senhor com peliça de mão-pelada.) Percebeu?

— Não, qual Chábrin?! — respondeu o senhor com peliça de mão-pelada. — Ele não é Chábrin, é um homem respeitável! Vou desculpar a sua falta de delicadeza porque a atribuo aos tormentos do ciúme.

— Ele é um vigarista, uma alma venal, um corrupto, um malandro, roubou os dinheiros públicos! Não tarda a sentar-se no banco dos réus!

— Desculpe — disse o senhor com peliça de mão-pelada, empalidecendo —, o senhor não o conhece, já vi que o senhor não o conhece absolutamente nada.

— Pois não, não o conheço de vista, mas conheço-o de fontes muito próximas dele.

— Excelentíssimo senhor, mas que fontes? Como vê, estou desnortado...

— Um parvo! Ciumento! Que não sabe vigiar a mulher! É assim que ele é, se quer saber!

— Desculpe, mas está redondamente enganado, meu jovem senhor!...

— Ah!

— Ah!

Ouvia-se barulho no apartamento de Bobinítsin. Abriam a porta. Ouviram-se vozes.

— Ah, não é ela, não é ela! Conheço a voz dela; agora sei tudo, não é ela! — disse o senhor com peliça de mão-pelada, pálido como um lençol.

— Caluda!

O jovem encostou-se à parede.

— Excelentíssimo senhor, vou andando: não é ela, estou muito contente.

— Está bem, então vá!

— Mas o senhor, por que é que fica?

— E o senhor?

A porta abriu-se, e o senhor com peliça de mão-pelada, não aguentando mais, rolou a todo o vapor pelas escadas abaixo.

Ao lado do jovem passaram um homem e uma mulher, e o coração do jovem desfaleceu... Ouviu-se uma voz feminina familiar, depois uma voz rouca, masculina, mas absolutamente desconhecida para o jovem.

— Não faz mal, eu mando atrelar o trenó — disse a voz rouca.

— Ah, está bem, de acordo; então mande...

— Está ali, é só um momento.

A senhora ficou sozinha.

— Glafira! Que é feito dos teus juramentos?! — exclamou o jovem senhor de *bekes*, agarrando na mão da senhora.

— Ai, quem é? É o senhor, Tvorogov? Meu Deus, o que está aqui a fazer?

— Com quem estava aqui?

— Com o meu marido, vá-se embora, ele vem aí, está a sair agora mesmo lá de dentro... da casa dos Polovítsin; vá-se embora, por amor de Deus!

— Os Polovítsin mudaram-se daqui já vai para três semanas! Sei tudo!

— Ah! — E a senhora correu para a porta da rua. O jovem apanhou-a.

— Quem lhe disse? — perguntou a senhora.

— O seu marido, minha senhora, Ivan Andréitch; está também aqui, ei-lo, minha senhora...

Ivan Andréitch estava, efetivamente, à porta da rua.

— Ah, é você? — gritou o senhor com peliça de mão-pelada.

— Ah, *c'est vous*? — gritou Glafira Petrovna, atirando-se a ele com uma alegria autêntica. — Meu Deus, nem sabes o que me aconteceu! Estava em casa dos Polovítsin e, imagina... sabes que eles agora vivem noutra casa, perto da Ponte Izmáilovski, eu já te tinha dito, lembras-te? De volta, tomei um trenó. Os cavalos tomaram o freio nos dentes, enfureceram-se, meteram a galope, o trenó partiu-se e eu caí a cem passos daqui; o cocheiro foi preso; ainda estou fora de mim. Felizmente, *Monsieur* Tvorogov...

— Como?

Monsieur Tvorogov parecia-se mais com um fóssil do que com *Monsieur* Tvorogov.

— *Monsieur* Tvorogov viu-me aqui e ofereceu-se para me acompanhar; mas agora que o senhor está cá só me resta agradecer cordialmente a Ivan Iliitch...

A senhora estendeu a mão a um Ivan Iliitch aturdido que quase lhe beliscou a mão dele em vez de lha apertar.

— *Monsieur* Tvorogov! É meu conhecido, tivemos o prazer de nos encontrar no baile dos Skorlupov; parece que já te contei, não? Será que não te lembras, *petit coco*?

— Ah, é claro, é claro! Ah, pois, lembro-me! — disse o senhor com peliça de mão-pelada a quem trataram por *petit coco*. — Muito prazer,

muito prazer. — E apertou a mão do senhor Tvorogov.

— Com quem estás a falar? O que quer isto dizer? Estou aqui à espera...
— ouviu-se a voz rouca.

Diante do grupo surgiu um senhor de estatura infinita; tirou o lornhão e olhou com atenção o senhor com peliça de mão-pelada.

— Ah, *Monsieur* Bobinítsin! — chilrou a senhora. — O que anda a fazer por aqui? Que surpresa! Imagine, acabei de ter um acidente com os cavalos... mas... apresento-lhe o meu marido! Jean, este é *Monsieur* Bobinítsin, que conheci no baile dos Kárpov...

— Ah, muito, muito prazer!... Mas eu vou arranjar um coche, minha amiga.

— Arranja, Jean, arranja, estou muito assustada; ainda estou a tremer, até parece que vou desmaiar... Hoje, no baile de máscaras — sussurrou para Tvorogov... — Adeus, adeus, senhor Bobinítsin! Espero que amanhã nos encontremos no baile dos Kárpov...

— Não, desculpe, amanhã não vou estar lá; amanhã já não, já que agora é assim... — O senhor Bobinítsin resmungou mais qualquer coisa entre dentes, fez um rapapé com a sua bota enorme, sentou-se no seu trenó e partiu.

Chegou o coche, a senhora entrou nele. O senhor com peliça de mão-pelada ficou ainda um pouco em terra, parado; parecia incapaz de se mexer e olhava com ar absurdo para o senhor de *bekes*. O senhor de *bekes* estava com um sorriso sem graça na cara.

— Não sei...

— Desculpe, tive muito prazer em conhecê-lo — antecipou-se o jovem, fazendo uma vénia e olhando para o outro com curiosidade e uma certa timidez.

— Muito, muito prazer.

— Parece que uma galocha lhe está a sair...

— Está? Ah, pois está! Obrigado, obrigado; estou sempre a pensar em arranjar umas de borracha mas...

— Com as de borracha parece que o pé transpira muito — disse o jovem, infinitamente atencioso.

— Jean? Vens ou não vens?

— Pois transpira, é isso. Já vou, já vou, minha alminha, é que estamos aqui com uma conversa interessante! Exatamente, é como o senhor diz, o pé sua muito... Aliás, desculpe, eu...

— Ora essa...

— Tive muito, muito, muito prazer em conhecê-lo...

O senhor com peliça de mão-pelada entrou no coche; o coche arrancou; o jovem continuou parado, seguindo-o com os olhos espantados.

¹³ *Bekes* é uma palavra de origem húngara para designar uma espécie de cafetã forrado de pele.

Na noite seguinte havia espetáculo da ópera italiana. Ivan Andréitch irrompeu na sala como uma bomba. Nunca antes se lhe notara tanto *furore*, tanta paixão pela música. Pelo menos, era público e notório que Ivan Andréitch adorava bater uma soneca de uma ou duas horas na ópera italiana. Até mencionou várias vezes que uma soneca assim era agradável e doce. «Além disso — costumava dizer aos amigos —, a prima-dona, como uma gatinha branca, mia para nós cada cantiga de embalar!» Mas tudo isso fora dito havia muito tempo, na temporada de ópera do ano anterior; agora não, infelizmente! Agora Ivan Andréitch nem sequer dormia de noite, em casa. Irrompeu então como uma bomba pela sala superlotada. O próprio camaroteiro olhou para ele com uma certa desconfiança e olhou de soslaio para o bolso lateral de Ivan Andréitch, com a plena esperança de ver assomar de lá o punhal escondido para o que desse e viesse. É de notar que, naquela altura, floresciam dois partidos, cada um dos quais defendia a sua prima-dona diferente. Um partido era dos ***sistas, o outro era o dos ***nistas¹⁴. Ambos os partidos gostavam da música a um ponto tal que os camaroteiros começaram, inclusive, a reear manifestações de amor por tudo o que era belo e sublime nas duas primas-donas. Por isso, vendo o impulso tão juvenil com que irrompera na sala o ancião de cabelo branco — que, aliás, não era de todo ancião nem tinha o cabelo de todo branco, mas era mais um homem que rondava os cinquenta anos, calvo e, no geral, com uma boa e imponente aparência —, o camaroteiro recordou involuntariamente as palavras sublimes de Hamlet, príncipe da Dinamarca:

Se a velhice cai terrivelmente,

O que não será com a juventude?... etc.

O camaroteiro, como foi referido acima, olhou portanto de soslaio para o bolso lateral da casaca de Ivan Andréitch, na esperança de ver um punhal. Mas no bolso de Ivan Andréitch só havia uma carteira, mais nada.

Irrompendo pelo teatro adentro, Ivan Andréitch, num golpe rapidíssimo do olhar, percorreu todos os camarotes de segunda e — horror! — o seu coração deixou de bater: ela estava lá! Estava no camarote! Também lá estava o general Polovítsin com a esposa e a cunhada; também lá estava o ajudante de campo do general, jovem extremamente ágil; estava mais um civil... Ivan Andréitch bem afinou a atenção e a vista mas — horror! — o

civil escondeu-se traiçoeiramente atrás das costas do ajudante de campo e ficou nas trevas do desconhecido.

Ela estava ali, quando lhe dissera que estaria noutro lugar!

Era esta ambiguidade, que a partir de certa altura começou a revelar-se em cada passo de Glafira Petrovna, que mortificava Ivan Andréitch. E tinha sido aquele jovem funcionário que, finalmente, o lançara no desespero absoluto. Completamente abalado, sentou-se. Abalado porquê? O caso era muito simples...

É de notar que a poltrona de Ivan Andréitch se encontrava precisamente ao lado da frisa e, para cúmulo, o traiçoeiro camarote de segunda ordem situava-se diretamente por cima dele, sendo que, para seu grande desgosto, não conseguia ver nada do que se passava por cima da sua cabeça. Ivan Andréitch enraivecía-se, começava a ferver como um samovar. Todo o primeiro ato lhe passou despercebido, isto é, não ouviu uma só nota. Dizem que uma das vantagens da música é prestar-se à adaptação das impressões musicais a qualquer sensação que tenhamos. O homem contente encontrará nos sons musicais a alegria, o homem triste, a tristeza; pois bem, aos ouvidos de Ivan Andréitch uivava toda uma tempestade. Para cúmulo do seu desgosto, atrás de si, à frente e dos lados gritavam vozes tão terríveis que o coração de Ivan Andréitch parecia querer rasgar-se. O primeiro ato, finalmente, acabou. Ora, no instante em que o pano caía, sucedeu ao nosso herói uma aventura indescritível para qualquer pena.

Acontece às vezes que caía dos camarotes um programa. Quando a peça é enfadonha e os espectadores bocejam, a queda deste papelinho torna-se, para eles, toda uma aventura. Olham com especial interesse para o suave papel que voa da galeria superior e acham especial prazer em seguirem o seu voo em ziguezague até à plateia, onde ele pousa, inevitavelmente, numa cabeça que não está preparada para isso. E é muito curioso ver-se como fica confusa a tal cabeça (já que, confusa, obrigatoriamente, ficará). Eu também tenho sempre medo dos binóculos que as senhoras pousam nos parapeitos dos camarotes, que, a cada instante, ameaçam cair em cima de alguma cabeça que também não está preparada para isso. Vejo, porém, que esta minha nota trágica é despropositada e, por isso, talvez a mande como artigo satírico para aqueles jornais que nos advertem contra as aldrabices, a irresponsabilidade, as baratas, caso as haja em nossa casa, recomendando o famoso senhor *Príncipe*, inimigo mortal e adversário de todas as baratas do

mundo, não só russas mas também estrangeiras, nomeadamente as baratas alemãs, etc.

Entretanto, Ivan Andréitch teve uma aventura que, até hoje, não foi ainda descrita em lado algum. Caída de cima, pousou-lhe na cabeça — com a sua calvície bastante grande, como já foi dito — uma coisa que não era um programa. A sério, até tenho vergonha de dizer o que lhe caiu na cabeça, porque é na verdade um pouco escandaloso anunciar que em cima da cabeça respeitável e desnuda, isto é, parcialmente privada de cabelo, de Ivan Andréitch, de um Ivan Andréitch ciumento e irritado, caiu um objeto tão imoral como, por exemplo, um bilhetinho de amor perfumado. Pelo menos, o pobre Ivan Andréitch, que não estava de todo preparado para um tal caso imprevisto e monstruoso, estremeceu como se tivesse apanhado com um rato ou outro qualquer animal selvagem em cima da cabeça.

Que o bilhete era de conteúdo amoroso, disso não havia qualquer dúvida. Tinha sido escrito num papelinho perfumado, tal qual se escrevem os bilhetinhos nos romances, e dobrado para ter um formato traiçoeiramente minúsculo e caber dentro da luva de uma senhora. Ora, o bilhetinho caíra, pelos vistos, no momento da entrega: por exemplo, na passagem de mão em mão de um programa, programa esse que já estaria nas mãos certas e que tinha dentro o bilhetinho, mas, num instante, em virtude um empurrãozinho involuntário — talvez do ajudante de campo, que logo teria pedido desculpa, com muita elegância, pelo seu gesto desastroso —, o bilhetinho deslizou da mãozinha trémula de confusão, e o jovem civil, que já estendia a mão impaciente, recebeu, em vez do programa com bilhetinho, apenas o programa, de que não sabia decididamente o que fazer. Caso desagradável e estranho, é verdade! Mas vão ter de concordar que era ainda mais desagradável para Ivan Andréitch.

— *Predestiné* — sussurrou ele, banhando-se em suores frios e apertando o bilhetinho na mão —, *predestiné* ! A bala encontra o culpado! — cintilou-lhe na cabeça. — Não, não é assim! Que culpa tenho eu? Mas há outro provérbio: sobre o pobre Makar caem todas... etc.

Ora, que coisas não começam a badalar numa cabeça aturdida por notícia tão inesperada! Ivan Andréitch estava petrificado na sua poltrona, mais morto do que vivo, como se costuma dizer. Tinha a certeza de que a sua aventura fora topada em toda a parte, apesar de ter começado na sala a azáfama geral e as chamadas da cantora ao palco. Estava sentado ali, com tanta vergonha e tão corado que nem se atrevia a erguer os olhos, como se

uma desgraça súbita se tivesse abatido sobre a sua cabeça, em dissonância com aquela excelente e numerosa sociedade. Por fim, atreveu-se a erguer os olhos.

— Um canto muito agradável! — comentou para um janota sentado à sua esquerda.

O janota, entusiasmadíssimo e ainda a bater palmas, mas usando ainda mais os pés para exprimir as emoções, olhou de relance e distraidamente para Ivan Andréitch, e logo a seguir, pondo as mãos em concha ao redor da boca para ser mais bem ouvido, gritou o nome da cantora. Ivan Andréitch, que ainda nunca ouvira garganta assim, ficou contentíssimo. «Não reparou em nada!», pensou e virou-se para trás. Porém, o gordo que estava atrás dele virara-se de costas e estava a observar os camarotes com o lornhão. «Isto também é bom sinal!», pensou Ivan Andréitch. Os da frente, obviamente, não tinham visto nada. Olhou de soslaio e com esperança alegre para a frisa junto à qual se sentava e estremeceu muito desagradavelmente. Estava ali uma bela senhora que, tapando a boca com o lenço e reclinando-se sobre o espaldar da poltrona se desfazia em gargalhadas loucas.

— Oh, estas mulheres — sussurrou Ivan Andréitch e precipitou-se para a saída, pisando os pés dos espectadores.

Proponho agora que seja o próprio leitor a julgar, que sirva de árbitro entre mim e Ivan Andréitch. Será que Ivan Andréitch, nesse momento, tinha razão? O Teatro Bolchói, como é sabido, tem quatro ordens de camarotes, sendo a quinta o chamado galinheiro. Por que deveria supor-se que o bilhetinho caiu precisamente daquele camarote e não de outro qualquer? Por exemplo, digamos, do galinheiro, onde também há senhoras? Mas a paixão é exclusivista, e o ciúme é a mais exclusivista paixão do mundo.

Ivan Andréitch precipitou-se para o átrio de entrada, pôs-se ao lado do candeeiro, quebrou o selo e leu:

«Hoje, logo depois do espetáculo, na Rua G***, à esquina da ruela ***, no prédio de K***, segundo andar, à direita da escada. Entrada principal. Está, *sans faute*, por amor de Deus.»

Ivan Andréitch não reconheceu a letra, mas não teve dúvidas: marcava-se um encontro. «Apanhar e coibir o mal no seu germe», foi a primeira ideia de Ivan Andréitch. Passou-lhe pela cabeça desmascarar o crime ali mesmo, naquele mesmo lugar; mas como? Ivan Andréitch chegou a subir à segunda ordem de camarotes, mas, sensatamente, retrocedeu. Não fazia a mínima

ideia para onde tinha de correr. Como não tinha nada que fazer, correu à sorte por outro lado e espreitou, pela porta aberta de outro camarote, para o lado oposto. Bem, bem! Em todas as cinco ordens verticais estavam sentados jovens senhores e jovens senhoras. O bilheteiro poderia ter caído de todos os cinco andares, até porque Ivan Andréitch suspeitava de conspiração contra ele da parte das cinco ordens de camarotes. Mas nada o elucidou, não viu quaisquer indícios. No decurso de todo o segundo ato, correu por todos os corredores e em nenhum deles encontrou paz de espírito. Chegou a ir à bilheteira para se informar de todos os nomes dos ocupantes de quatro das ordens de camarotes, mas a bilheteira já tinha fechado. Finalmente, ouviram-se os gritos e os aplausos desenfreados: o espetáculo acabara. Começaram as chamadas ao palco e, sobrepondo-se a tudo, trovejavam duas vozes — as dos líderes dos dois partidos em liça. Ivan Andréitch, porém, não estava para lhes prestar atenção. Já lhe passavam pela cabeça os passos ulteriores que faria. Vestiu o agasalho e correu de imediato para a Rua G*** com a intenção de encontrar, agarrar, desmascarar e, de uma maneira geral, proceder de forma muito mais enérgica do que no dia anterior. Não demorou muito a encontrar o prédio e já entrava pela porta principal quando, de repente, mesmo debaixo do seu nariz, se enfiou pela porta, ultrapassando-o, a figura de um janota de sobretudo que logo se mandou pelas escadas acima até ao segundo andar. Pareceu a Ivan Andréitch que o janota era aquele mesmo que estava no camarote, embora não pudesse ter visto bem a cara dele. O coração de Ivan Andréitch estremeceu. O janota já estava dois lances de escadas à frente dele. Finalmente, Ivan Andréitch ouviu que a porta do segundo andar se abria, e que se abria sem o respetivo toque de campainha, como se já estivessem à espera do visitante. O jovem enfiou-se no apartamento. Quando Ivan Andréitch chegou ao segundo andar, a porta ainda não tinha sido fechada. A sua ideia era parar ali um pouco, diante da porta, refletir com sensatez no passo que iria dar a seguir, hesitar um pouco e só depois tomar uma decisão resoluta qualquer; porém, neste preciso momento, estrondeou um coche em frente da entrada da rua, abriram-se com barulho as portinholas e os passos de alguém que gemia e tossicava iniciaram a subida até ao andar de cima. Ivan Andréitch não aguentou, abriu a porta e entrou no apartamento com toda a solenidade do marido insultado. Precipitou-se ao seu encontro uma criada de quarto, toda emocionada, depois um criado; mas ninguém tinha hipótese de fazer parar Ivan

Andréitch. Como uma bomba, irrompeu pelos aposentos adentro e, tendo atravessado duas salas escuras, foi parar bruscamente a um quarto de dormir, diante de uma jovem e bela senhora que tremia e olhava para ele aterrorizada, como se não percebesse o que se passava à sua volta. Neste momento, ouviram-se passos pesados na sala vizinha que se dirigiam ao quarto de dormir: eram os mesmos passos que subiam as escadas.

— Meu Deus! É o meu marido! — exclamou a senhora, levantando os braços e ficando mais branca do que o penteador que tinha pelos ombros.

Ivan Andréitch sentiu que fora parar ao lugar errado, que cometera uma asneira infantil ao não refletir no passo a dar e ao não hesitar o suficiente nas escadas. Agora, nada a fazer. Já se abria a porta e já o pesado marido — a julgar pelos passos pesados — entrava no quarto... Não sei por quem se tomou Ivan Andréitch neste momento! Não sei o que o impediu de enfrentar o marido da senhora, de lhe dizer que se enganara, de confessar que procedera de modo indecoroso mas sem querer, de pedir desculpa e desaparecer — com pouca honra, é certo, de forma inglória, é certo, mas, pelo menos, com dignidade e honestidade. Mas não: Ivan Andréitch voltou a proceder como um garoto, como se se considerasse um Dom João ou um Lovelace! Primeiro, escondeu-se atrás do cortinado da alcova, depois, quando perdeu em definitivo todo o ânimo, abaixou-se até ao chão e rastejou absurdamente para debaixo da cama. O susto teve nele um efeito mais forte do que a sensatez, e Ivan Andréitch, ele próprio, marido enganado (ou que se considerava marido enganado), não aguentou o embate com outro marido — talvez com medo de o tornar marido enganado com a sua presença. Fosse como fosse, deixou-se ficar debaixo da cama, sem compreender de todo em todo como isso acontecera. Porém, o mais espantoso foi o facto de a senhora não fazer nada contra isso. Nem sequer gritou ao ver que um estranhíssimo senhor de idade procurava abrigo no seu quarto de dormir. Estava por certo tão assustada que a língua se lhe paralisara.

O marido entrou a gemer, cumprimentou a esposa com uma voz arrastada e muito velha, e deixou-se cair na poltrona como se tivesse transportado às costas uma carga de lenha. Depois ouviu-se a sua tosse abafada e duradoura. Ivan Andréitch, transformado de tigre enfurecido em anho tímido e acanhado, estava com tanto medo que nem ousava respirar, como um ratinho em frente de um gato, embora pudesse saber pela sua própria experiência que nem todos os maridos enganados mordiam. Mas isto nem

sequer lhe passou pela cabeça, ou por falha de raciocínio, ou por qualquer outro acidente. Com extremo cuidado, muito devagar, às apalpadelas, começou a ajeitar-se debaixo da cama para arranjar uma posição mais cómoda. Qual não foi o seu espanto quando tateou com a mão um objeto que, subitamente, se animou e, por sua vez, lhe agarrou na mão! Debaixo da cama havia mais um homem...

— Quem é? — sussurrou Ivan Andréitch.

— Irra, que já é querer saber muito! Agora quer que me identifique! É o tanas! — sussurrou o estranho desconhecido. — Fique quietinho e calado, já que isto deu raia!

— Mas, contudo...

— Caluda!

E o homem a mais (porque debaixo de uma cama já basta um homem), o homem a mais agarrou de tal modo na mão de Ivan Andréitch que este por pouco não gritou de dor.

— Excelentíssimo senhor...

— Chiu!

— Não me aperte, senão eu grito.

— Grite, vá! Experimente!

Ivan Andréitch corou de vergonha. O desconhecido estava severo e zangado. Talvez fosse um homem que por mais de uma vez experimentara a crueldade do destino e por mais de uma vez passara por situações opressivas; Ivan Andréitch, porém, era um noviço e sufocava naquele aperto. O sangue afluía-lhe à cabeça. Entretanto, não havia nada a fazer, era preciso ficar ali estendido de bruços. Ivan Andréitch resignou-se e calou-se.

— Eu, minha alminha, estava em casa do Pável Ivánitch — começou o marido. — Sentámo-nos a jogar à *préférence*, e então, queh-queh-queh! (tosse), então... queh! As costas... queh! Ah, as costas!... queh-queh-queh!

E o velhinho mergulhou na sua tosse.

— As costas... — articulou finalmente com as lágrimas nos olhos — deu-me cá uma dor nas costas... maldito hemorroidal! Não posso estar nem de pé nem sentado! Aa!, queh-queh-queh!...

E parecia que a tosse que recomeçara teria uma vida mais longa do que a do velhinho que a possuía. O velho resmungava qualquer coisa nos intervalos da tosse, mas era impossível perceber-se o que ele dizia em concreto.

— Excelentíssimo senhor, deixe-me um pouco de espaço, por amor de Deus! — sussurrou o desafortunado Ivan Andréitch.

— Como? Mas se não há mais espaço.

— Tem de concordar que isto é impossível para mim. É a primeira vez que estou nesta péssima situação.

— E eu numa companhia tão desagradável.

— Olhe, meu jovem senhor...

— Caluda!

— Caluda? O senhor está a ser extremamente indelicado, meu jovem senhor... Se não me engano, é ainda muito jovem; ora, eu sou mais velho.

— Caluda!

— Excelentíssimo senhor! Está a faltar-me ao respeito; o senhor não sabe com quem está a falar!

— Com um indivíduo deitado debaixo da cama.

— Mas eu fui atraído para aqui pelo acaso... por engano; mas o senhor, na minha opinião, foi-o pela imoralidade.

— Nisso está muito enganado.

— Excelentíssimo senhor! Eu sou mais velho do que o senhor, e digo-lhe...

— Excelentíssimo senhor, fique sabendo que estamos aqui em pé de igualdade. Peço-lhe que não me toque na cara!

— Excelentíssimo senhor! É que não vejo nada, desculpe. Aqui não há espaço...

— Quem o mandou ser tão gordo?

— Meu Deus! Nunca antes me encontrei numa situação tão humilhante!

— Exatamente, não se pode estar deitado mais baixo.

— Excelentíssimo senhor, excelentíssimo senhor! Não sei quem é o senhor e não compreendo como isto aconteceu; mas estou aqui por engano; não sou o que o senhor pensa...

— Não pensaria absolutamente nada de si se o senhor não me empurrasse. E cale-se!

— Excelentíssimo senhor! Se não se afastar um pouco, terei um ataque de apoplexia e o senhor será responsável pela minha morte. Asseguro-lhe que... sou um homem respeitável, pai de família. Não me convém esta situação!

— Foi por sua própria vontade que se meteu nesta situação. Pronto! Abri aqui mais um pouco de espaço para si, mais não posso!

— Nobilíssimo jovem! Excelentíssimo senhor! Vejo que tinha uma opinião errada a seu respeito — disse Ivan Andréitch num enlevo de gratidão, ao mesmo tempo que desentorpecia os membros adormecidos. — Compreendo a sua situação apertada, mas o que se pode fazer? Vejo que o senhor pensa mal de mim. Permita que eleve a minha reputação aos olhos do senhor; permita-me que lhe diga quem eu sou; vim parar aqui contra a minha vontade, acredite. Não vim com a intenção que o senhor supõe... Estou aterrorizado.

— Vai calar-se ou não? Não compreende que, se nos ouvirem, estamos tramados? Chiu... Ele está a falar. — Efetivamente, a tosse do velho parecia ter-se acalmado.

— Então, alminha — disse ele numa voz rouca e numa entoação lamentosa —, então, alminha, queh-queh-queh! Ah, que desgraça! O Fedosseï Ivánovitch vem para mim e diz: eu teria de experimentar o milefólio... Estás a ouvir, alminha?

— Estou, meu amigo.

— Diz-me então ele: experimente tomar o milefólio. E eu: até já pus sanguessugas. Mas ele insistia: não, Aleksandr Demiánovitch, o milefólio é melhor porque desobstrui, digo-lho eu... queh-queh-queh! Oh, meu Deus! O que é que achas, alminha? Queh-queh-queh! Queh-queh-queh!... Se calhar o milefólio até é bom, não?... Queh-queh-queh! Ah! Queh-queh-queh!, etc.

— Acho que não faz mal nenhum experimentar esse milefólio — respondeu a esposa.

— Pois, mal não faz! O senhor, diz-me ele, o que é capaz de ter é a tísica, queh, queh! E eu: tenho gota e irritação do estômago... queh-que! E ele: também a tísica, se calhar.. O que... queh-queh-queh! O que achas, alminha: será tísica?

— Ah, meu Deus, mas o que está a dizer?

— Sim, a tísica! E tu, alminha, agora despe-te e vai para a cama, queh-queh-queh! Eu hoje estou até estou queh-queh-queh!, constipado!

— Uff! — soprou Ivan Andréitch. — Por amor de Deus, chegue-se para lá!

— O senhor, francamente, está a espantar-me. O que se passa consigo? Não está quieto...

— O senhor está enraivecido contra mim, meu jovem, quer alfinetar-me. Já vi tudo. É com certeza amante desta senhora, não é?

— Caluda!

— Não me calo! Não deixo que mandem em mim! O senhor, com certeza, é amante dela! Se formos apanhados, não tenho culpa de nada, não sei de nada.

— Se o senhor não se calar — disse o jovem, rangendo os dentes —, direi que foi o senhor que me atraiu para aqui, que é meu tio e que desbaratou a sua fortuna. Assim, já não vão pensar que sou amante desta senhora.

— Excelentíssimo senhor! Está a escarnecer de mim. Está a esgotar a minha paciência.

— Chiu! Senão, obrigo-o a calar-se! O senhor é a minha desgraça! Diga lá, a sério, por que diabo está aqui? Se não fosse o senhor, eu ficaria aqui deitado até de manhã e depois sairia nas calmas.

— Mas eu não posso ficar aqui deitado até de manhã, sou um homem ponderado, sensato, tenho as minhas relações na sociedade, é claro... Como acha, será que ele vai dormir aqui?

— Quem?

— O velho...

— Evidentemente que vai dormir aqui. Nem todos os maridos são como o senhor. Dormem em casa.

— Excelentíssimo senhor, excelentíssimo senhor — exclamou Ivan Andréitch, gelado de medo. — Pode ter a certeza de que eu também durmo em casa, que só hoje, pela primeira vez... Mas, meu Deus, estou a ver que o senhor me conhece. Quem é o senhor, meu jovem? Diga-me, diga-me já, imploro-lhe por amizade desinteressada: quem é o senhor?

— Oiça! Vou recorrer à violência...

— Excelentíssimo senhor, permita que lhe conte, permita que lhe explique todo este caso terrível...

— Não quero ouvir explicações nenhuma, não quero saber de nada. Cale-se, senão...

— Mas eu não posso...

Seguiu-se uma ligeira luta debaixo da cama, e Ivan Andréitch calou-se.

— Alminha! Parece-me que são os gatos a cochichar, não?

— Quais gatos? O que está para aí a fantasiar?

Era evidente que a esposa não sabia de que podia conversar com o marido. Estava tão abalada que ainda não caíra em si. Mas agora estremeceu e pôs-se à escuta.

— Quais gatos?

— Os gatos, alminha. Há já algum tempo que eu, quando volto para casa, vejo um tareco no meu gabinete, chu-chu-chu, a cochichar. E eu digo-lhe: o que é que tens, tareco? E ele outra vez: chu-chu-chu! Está sempre assim a modos que a cochichar. E então eu penso cá para mim: ah, meu Deus, será que ele me está a cochichar sobre a minha morte?

— Que parvoíces está a dizer hoje! Tenha vergonha.

— Pronto, pronto, não te zangues, alminha, vejo que não é do teu agrado que eu morra, não te zangues, falei por falar. Alminha, não queres despir-te e ir para a cama, e eu ficava aqui sentado enquanto te deitas.

— Por amor de Deus, deixe-se dessas coisas; depois...

— Não te zangues, não te zangues! Só que, a sério, parece que há aqui ratos.

— Essa agora, uma vez são gatos, outra vez são ratos! Francamente, não sei o que se passa consigo.

— Muito bem, não digo mais nada, mais na... queh! Mais nada, queh-queh-queh! Ah, meu Deus, queh-queh-queh!

— Está a ver? É o senhor que não para quieto, até ele ouviu — sussurrou o jovem.

— Mas se o senhor soubesse o que se passa comigo! Estou a sangrar do nariz.

— Qual sangrar, cale-se; espere até ele sair.

— Meu jovem senhor, ponha-se no meu lugar, entre na minha situação; é que eu não sei com quem estou deitado.

— Se soubesse era um alívio para si? Eu, por exemplo, não tenho qualquer interesse em saber o seu nome. Como se chama, vá?

— Não, o nome para quê?... Eu apenas estava a tentar explicar-lhe de que maneira absurda...

— Chiu... ele está outra vez a falar.

— Mas é verdade, alminha, ouço-os cochichar.

— Mas não, é porque puseste mal o algodão nos ouvidos.

— Ah, quanto ao algodão... Sabes, cá em cima... queh-queh-queh! Lá em cima, queh-queh-queh!, etc.

— Lá em cima! — sussurrou o jovem. — Oh, raios partam isto! E eu que pensava que era o último andar! Será o primeiro?

— Meu jovem senhor — sussurrou também Ivan Andréitch, muito agitado —, o que é que está a dizer? Por amor de Deus, por que é que isto o

interessa? Eu também pensava que era o último andar. Por amor de Deus, será que haverá mais um andar por cima deste?...

— Palavra, há qualquer coisa a mexer — disse o velho que, finalmente, parara de tossir...

— Chiu! Está a ouvir? — sussurrou o jovem, apertando com força as mãos de Ivan Andréitch.

— Excelentíssimo senhor, está a sujeitar as minhas mãos à violência. Largue-me.

— Chiu...

Seguiu-se uma ligeira luta, depois voltou a cair o silêncio.

— Então, encontrei uma belezinha... — começou o velho.

— Como assim, uma belezinha? — interrompeu-o a mulher.

— Mas sim... eu não tinha dito que encontrei nas escadas uma senhora que era uma belezinha? Ou esqueci-me? Ando com a memória fraca. É o hipericão... queh-queh!

— O quê?

— O hipericão, é que preciso de tomar hipericão, dizem que melhora... queh-queh-queh! Depois será melhor!

— Foi o senhor que o interrompeu — disse o jovem, voltando a ranger os dentes.

— Estavas a dizer o quê? Que encontraste hoje uma belezinha qualquer? — perguntou a mulher.

— Hã?

— Encontraste uma belezinha?

— Quem?

— Tu!

— Eu? Quando? Ah, pois!...

— Até que enfim! Velha múmia! Vá, desembucha! — sussurrou o jovem, incitando mentalmente o velhinho esquecido.

— Excelentíssimo senhor! Estou a tremer de pavor. Meu Deus, o que estou a ouvir? É tudo como ontem, é uma repetição de ontem!...

— Chiu.

— Pois, pois, pois! — disse o velho. — Lembrei-me: uma malandrecal Uns olhinhos assim... chapeuzinho azul...

— Chapeuzinho azul!? Ai, ai!

— É ela! Tem um chapeuzinho azul. Meu Deus! — exclamou Ivan Andréitch.

— Ela? Ela quem? — sussurrou o jovem, apertando as mãos de Ivan Andréitch.

— Chiu! — foi a vez de Ivan Andréitch dizer. — Ele está a falar.

— Ah, meu Deus, meu Deus!

— Aliás, quem não tem chapéu azul?... Então!

— E que malandrecas! — continuava o velho. — Vem cá visitar umas pessoas conhecidas dela. E faz sempre olhinhos. E esses conhecidos são visitados por outros conhecidos...

— Fu, que tédio — interrompeu-o a senhora. — Por amor de Deus, as coisas por que tu te interessas!

— Está bem, está bem, vá lá, não te zangues! — replicou o velhinho, arrastando os sons. — Se não queres, não conto. Hoje estás mal-humorada...

— Mas como foi que o senhor veio parar aqui? — perguntou o jovem.

— Ah-ah, está a ver, está a ver! Agora já quer saber, mas há pouco nem sequer me queria ouvir!

— Tanto me faz, se não quiser não diga! Ah, c'os diabos, que raio de história!

— Meu jovem senhor, não se zangue, eu próprio não sei o que estou a dizer, falei por falar; queria apenas dizer que, pelos vistos, este seu interesse não é por acaso... Mas quem é o senhor, meu jovem? Vejo que não o conheço, mas há tanta gente que não conheço! Meu Deus, já nem sei o que estou a dizer!

— Olhe, vá para o raio que o parta, por favor! — interrompeu-o o jovem, com ar de quem matuta em qualquer coisa.

— Mas eu conto-lhe tudo, tudo. O senhor talvez pense que eu não conto, que estou zangado consigo; mas não! Aqui tem a minha mão! Só que estou desanimado, mais nada. Mas, por amor de Deus, diga lá o senhor primeiro: por que está aqui? Por que motivo? Quanto a mim, não estou zangado, juro que não, tome a minha mão. Infelizmente, há muito pó aqui, sujei um pouco a mão, mas isso não interfere quando o sentimento é sublime.

— Olhe, vá para o raio que o parta e mais a sua mão! Uma pessoa nem se pode aqui mexer, e vem ele com a mão...

— Mas, excelentíssimo senhor! Está a tratar-me, desculpe a expressão, como a uma sola velha! — ofendeu-se Ivan Andréitch num acesso do mais resignado desespero, numa voz em que se adivinhava súplica. — Trate-me com mais respeito, pelo menos um pouco mais, e eu conto-lhe tudo! Podíamos simpatizar um com o outro, até estou pronto a convidá-lo para

almoçar. Sem isso não podemos ficar deitados juntos, digo-lho sinceramente. Está enganado, meu jovem! O senhor não sabe...

— Mas quando foi que ele a encontrou? — murmurava o jovem, pelos vistos profundamente emocionado. — Talvez ela esteja agora à minha espera... Está decidido, vou sair daqui!

— Ela? Ela quem? Meu Deus! De quem está a falar, meu jovem? Acha que lá, no andar de cima... Meu Deus, meu Deus! Porquê este castigo?

Ivan Andréitch, em sinal de desespero, tentou virar-se de costas.

— E o senhor por que é que quer saber quem é ela? Ah, raios! Aconteça o que acontecer, vou sair!...

— Excelentíssimo senhor! O que está a fazer? E eu, o que vai ser de mim? — sussurrou Ivan Andréitch, agarrando-se, num ataque de desespero, às abas da casaca do seu vizinho.

— Quero lá saber... Fique aqui sozinho. Mas, se não quiser ficar, posso dizer-lhes que o senhor é meu tio e que desbaratou a sua fortuna, para que o velho não pense que sou amante da mulher dele.

— Mas, meu jovem, é impossível, não é natural eu ser seu tio. Ninguém vai acreditar, nem uma criança pequena — sussurrava o desesperado Ivan Andréitch.

— Então deixe de tagarelar, fique aqui quietinho como um tronco! Se quiser, passe a noite aqui, e amanhã há de arranjar maneira de sair; ninguém vai reparar em si. Se sair um, não vão pensar que ainda cá fica outro. Seria o mesmo que imaginar que estava uma dúzia de pessoas debaixo da cama! Aliás, o senhor, sozinho, vale por uma dúzia. Afaste-se, vou sair!

— Está a escarnecer de mim, meu jovem... E se me der um ataque de tosse? É preciso prever tudo!

— Chiu!...

— O que é isto? Parece que estou a ouvir outra vez um barulho em cima — disse o velho que, entretanto, parecia ter adormecido.

— Em cima?

— Está a ouvir, meu jovem? Em cima!

— Estou a ouvir, e então?

— Meu Deus! Meu jovem senhor, vou sair daqui.

— Pois eu não saio! Já agora, tanto me faz! Já que falhou, nada a fazer! Sabe do que é que eu desconfio? Desconfio que o senhor é um marido enganado, é isso!...

— Meu Deus, que cinismo!... Será que o senhor suspeita mesmo isso de mim? Mas porquê, precisamente, um marido? Eu nem sou casado.

— Não é casado o quê? Balelas!

— Talvez eu próprio seja um amante!

— Que rico amante!

— Excelentíssimo senhor, excelentíssimo senhor! Está bem, conto-lhe tudo. Seja condescendente para com o meu desespero. Não sou eu, não sou eu o marido. Sou solteiro como o senhor. Trata-se de um amigo meu, meu companheiro de infância... porque eu, eu sou amante... Então disse-me ele: «Sou um homem desgraçado, bebo a minha taça — diz ele —, desconfio da minha mulher.» — «Mas — disse-lhe eu com toda a sensatez —, por que é que desconfias da tua mulher?...» Bom, eu falo, mas o senhor não me está a ouvir! Oiça, oiça! «Os ciúmes são ridículos — disse-lhe eu —, os ciúmes são um vício...» — «Não — disse ele —, sou um homem desgraçado! Eu, por assim dizer... a taça... isto é, tenho cá as minhas suspeitas.» — «Tu — disse-lhe eu — és o meu amigo, és meu companheiro desde a mais tenra infância. Colhíamos juntos as flores do prazer, refestelávamo-nos nos colchões das delícias.» Meu Deus, nem sei o que estou para aqui a dizer. O senhor ri-se, meu jovem. Vai fazer-me enlouquecer.

— Já está louco!

— Pois, pois, já pressentia que o senhor ia dizer isso... quando falei de loucura. Ria-se, ria-se, meu jovem! No meu tempo também eu florescia, também eu seduzia. Ah, às tantas tenho inflamação cerebral!

— Alminha, o que é isto? Parece que alguém espirrou! — disse o velho.
— Foste tu, alminha?

— Oh, meu Deus! — respondeu a esposa.

— Chiu! — soou debaixo da cama.

— Pelos vistos, é alguém a bater lá em cima — observou a esposa ao notar que vinha de facto barulho de baixo da cama.

— Pois é, é em cima! — disse o marido. — Em cima! Eu não te disse que acabei de encontrar... queh-queh-queh!... acabei de encontrar um janota de bigodinho... queh-queh-queh! Oh, meu Deus, as minhas costas!... Acabei de encontrar um janota de bigodinho!

— De bigodinho! Meu Deus, é de certeza o senhor! — sussurrou Ivan Andréitch.

— Ó Deus nosso Senhor, que raio de homem! Mas se eu estou aqui deitado ao pé de si! Como era que ele podia encontrar-me? Não me toque

na cara!

— Meu Deus, vou desmaiar.

Nisto, ouviu-se realmente um barulho no andar de cima.

— O que pode ser isto lá em cima? — sussurrou o jovem.

— Excelentíssimo senhor! Estou apavorado, aterrorizado. Ajude-me.

— Chiu!

— É verdade, alminha, fazem mesmo barulho, uma verdadeira algazarra.

E logo por cima do teu quarto... Queres que mande alguém perguntar?

— Era só o que faltava! Inventas cada coisa!

— Está bem, então não. Francamente, estás tão zangada hoje!...

— Oh, meu Deus! Não quer ir deitar-se?

— Lisa! Não gostas de mim.

— Ah, gosto, gosto! Por amor de Deus, estou tão cansada.

— Está bem, está bem, eu vou!

— Ah, não, não! Não se vá embora! — gritou a mulher. — Não, é melhor ir, vá, vá-se embora!

— Mas, francamente, o que se passa contigo? Que me vá embora, depois que não me vá embora! Queh, queh! Francamente, acho que vou para a cama... queh, queh! Os Panafidin têm filhas... Queh, queh! Meninas... Queh, queh! Vi uma boneca de Nuremberga da menina, queh, queh...

— Agora são as bonecas!

— Queh, queh, queh! Uma boa boneca, queh, queh, queh!

— Ele já está a despedir-se dela — disse o jovem. — Se ele vai sair, então nós também, de imediato. Ouviu? Anime-se!

— Oh, oxalá que sim, que Deus nos ajude!

— É uma lição para si...

— Meu jovem senhor! Uma lição porquê? Sinto que o senhor... Mas o senhor ainda é muito jovem para me dar lições.

— Mas dou. Oiça...

— Meu Deus, vou espirrar!...

— Chiu! Não se atreva.

— Mas o que posso fazer? Aqui cheira muito a ratos, não aguento mais; por favor, tire o meu lenço deste bolso, por amor de Deus, porque eu não me consigo mexer... Meu Deus, meu Deus, por que me mandas este castigo?

— Tome lá o lenço. Eu já lhe digo porque foi castigado. É ciumento. Baseia-se sabe-se lá em quê e corre como um louco, espavorido, invade as

casas alheias, causa desordens...

— Meu jovem senhor! Eu não causei desordens!

— Caluda!

— Meu jovem senhor, não tem o direito de me pregar sermões de moral: sou mais moral do que o senhor.

— Caluda!

— Oh, meu Deus, meu Deus!

— Só faz desacatos, assusta uma jovem senhora, uma mulher tímida que não sabe onde se há de meter de tanto medo que tem e que talvez adoeça; incomoda um ancião respeitável amargurado pelas hemorroidas que acima de tudo precisa de descanso... e tudo isto porquê? Por que se lhe enfiou na cabeça um disparate qualquer e anda a passeá-lo por todas as vielas! Está agora a perceber em que situação péssima se encontra? Está a sentir isso na pele?

— Excelentíssimo senhor, está bem! Estou a senti-lo, mas o senhor não tem o direito...

— Caluda! Que direito? Não compreende que isto pode acabar tragicamente? Não compreende que o velho, que adora a mulher, é capaz de enlouquecer quando o vir a sair de debaixo da cama? Ou antes, não, o senhor é incapaz de provocar uma tragédia! Não, quem o vir sair daqui vai rir-se a bandeiras despregadas! Eu gostava muito de ver o senhor à luz das velas, deve ser muito cómico!

— E o senhor? Está na mesma situação, então também é cómico! Também gostava de o ver.

— Querias!

— O senhor transporta consigo a marca da imoralidade, meu jovem!

— Alto aí, agora vem falar de moral! Mas como é que o senhor pode saber por que é que estou aqui? Estou aqui por engano, enganei-me no andar. Só o diabo sabe por que me deixaram entrar! Pelos vistos, ela estava realmente à espera de alguém (que não era o senhor, evidentemente). Escondi-me debaixo da cama quando ouvi os seus passos estúpidos e quando vi que a senhora tinha ficado muito assustada. Além disso, estava escuro. Eu, para si, não posso servir de justificação. O senhor é um velho ciumento e ridículo. E por que é que eu não saio agora? Talvez pense que tenho medo de sair, não? Não senhor, se quisesse já teria saído há muito, mas só estou aqui porque tenho pena de si. Como era que o senhor se ia

aguentar aqui sem mim? É que o senhor, aqui sozinho, ficava aqui diante deles como um tronco cortado, sem encontrar nada para dizer...

— Como um tronco porquê? Porquê, precisamente, como um objeto desses? Não poderia comparar-me com qualquer outra coisa, meu jovem? E por que não haveria eu de encontrar que dizer? Encontraria, sim...

— Ah, meu Deus, agora só faltava o raio do cachorro a ladrar!

— Chiu! Ah, realmente... Isto é porque o senhor não para de tagarelar. Está a ver?, acordou o cãozinho. Agora é que estamos tramados.

De facto, o cãozinho da dona de casa, que estivera sempre a dormir num canto em cima de uma almofada, acordou de repente, cheirou os estranhos e, ladrando, atirou-se para debaixo da cama.

— Oh, meu Deus! Cão estúpido! — sussurrou Ivan Andréitch. — Vai entregar-nos. Vai desmascarar-nos. Só nos faltava mais este castigo!

— O senhor acobarda-se tanto que isso pode realmente acontecer.

— *Ami, Ami*, venha cá! — gritou a dona de casa. — *Ici, ici*.

Mas o cãozinho não obedecia e avançava contra Ivan Andréitch.

— Por que será que o *Amichka* ladra tanto, alminha? — disse o velho. — Deve haver ratos lá debaixo, ou então o gato tareco. Foi por isso que eu o ouvi a espirrar, a espirrar... O tareco está constipado.

— Fique quieto! — sussurrou o jovem. — Não se mexa! Talvez ele nos deixe em paz.

— Excelentíssimo senhor, excelentíssimo senhor! Largue-me as mãos! Por que é que me está a agarrar nas mãos?

— Chiu! Caluda!

— Desculpe lá, meu jovem, mas o cão está a morder-me no nariz! Quer que eu fique sem nariz?

Seguiu-se uma luta, tendo Ivan Andréitch conseguido libertar as mãos. O cãozinho desfazia-se em latidos; de repente deixou de latir e ganiu.

— Ah! — gritou a senhora.

— Facínora! O que está a fazer? — sussurrou o jovem. — Está a causar a perdição de nós os dois! Para que o agarrou? Meu Deus, está a estrangulá-lo! Não o esgane, largue-o! Facínora! Não conhece o coração das mulheres! Se estrangular o cão, entrega-nos aos dois.

Mas Ivan Andréitch já não ouvia nada. Conseguiu agarrar o cãozinho e, por instinto de sobrevivência, apertava-lhe a garganta. O cãozinho ganiu, ganiu e expirou.

— Estamos feitos! — sussurrou o jovem.

— *Amichka! Amichka!* — gritou a senhora. — Ah, meu Deus, o que eles fizeram ao meu *Amichka! Ici, Amichka!* Oh, facínoras, bárbaros! Meu Deus, vou desmaiar!

— O que é isto? O que é isto? — gritou o velhinho levantando-se da poltrona. — O que tens, alminha? *Amichka*, vem cá! *Amichka, Amichka, Amichka!* — gritava o velhinho, estalando os dedos, estalando os lábios, incitando o cãozinho a sair. — *Amichka, ici, ici!* Não é possível que o tareco lhe leve a melhor lá debaixo e o coma. É preciso açoitá-lo o tareco, minha amiga, há já um mês que não açoitam este malandro. O que achas? Amanhã aconselho-me com Praskóvia Zakharievna. Mas... Meu Deus, minha alminha, o que se passa contigo! Estás tão branca, oh! Oh! Socorro, socorro!

E o velhinho desatou a correr pelo quarto.

— Facínoras, algozes! — gritava a senhora, tombando no canapé.

— Quem? Quem? Eles quem? — gritava o velho.

— Estão lá pessoas, ali, estranhos!... Ali, debaixo da cama! Oh, meu Deus! *Amichka, Amichka!* O que te fizeram?

— Ah, Deus nosso Senhor! Que gente! *Amichka...* Socorro, venha alguém, socorro! Quem está aí? Quem está aí? — gritou o velho, pegando na vela e inclinando-se para espreitar para debaixo da cama. — Quem é? Socorro, alguém!...

Ivan Andréitch estava deitado, mais morto do que vivo, ao lado do cadáver sem vida de *Amichka*. Entretanto, o jovem seguia cada movimento do velho. O velho passou para o outro lado, o lado da parede, e inclinou-se. O jovem saiu num arranco de debaixo da cama e, enquanto o velho procurava os intrusos do lado oposto do leito matrimonial, deitou a fugir.

— Meu Deus! — sussurrou a senhora à vista do jovem. — Mas quem é o senhor? E eu que pensava...

— Aquele facínora ficou lá! — sussurrou-lhe o jovem. — Foi ele quem matou o *Amichka!*

— Ah! — gritou a senhora.

Mas o jovem já tinha desaparecido do quarto.

— Ah! Está aqui alguém. Está aqui uma bota! — gritou o marido, apanhando Ivan Andréitch pela perna.

— Assassino! Assassino! — gritava a senhora. — Oh, *Ami, Ami!*

— Saia daqui, saia já! — gritava o velho, batendo com os pés no tapete. — Saia! Quem é o senhor? Identifique-se! Meu Deus, que homem estranho!

— Mas são bandidos!...

— Por amor de Deus, por amor de Deus! — berrava Ivan Andréitch, saindo. — Por amor de Deus, vossa excelência, não chame os criados! É absolutamente desnecessário. Não pode expulsar-me aos empurrões!... Não sou um homem que mereça esse tratamento! Não tenho nada a ver... vossa excelência, isto aconteceu por via de um mal-entendido, por engano! Já lhe explico, vossa excelência — continuava Ivan Andréitch, chorando e soluçando. — É por culpa da mulher, ou seja, não da minha mulher, mas da mulher de outro... não sou casado, sou assim como... É a mulher do meu amigo e companheiro de infância que...

— Qual companheiro de infância qual quê! — gritava o velho, batendo com os pés no chão. — O senhor é ladrão, veio para roubar... e não companheiro de infância...

— Saiba vossa excelência que não sou ladrão, sou realmente companheiro de infância... entrei aqui inadvertidamente, por engano, enganei-me na porta da rua.

— Sim, meu caro senhor, já estou a ver de que porta rastejou.

— Vossa excelência! Eu não sou desses. Está equivocado. Digo a vossa excelência que está redondamente enganado. Olhe para mim, olhe bem, por favor, e verá por todos os sinais e indícios que eu não posso ser ladrão, não é possível. Vossa excelência, vossa excelência! — gritava Ivan Andréitch, juntando as mãos suplicantes e dirigindo-se à jovem senhora. — A senhora é uma mulher, tem de me compreender... É verdade, fui eu quem estrangulou o *Amichka*... Mas não tenho culpa, juro que não tenho culpa... A culpada é a mulher. Sou um homem desgraçado, estou a beber a minha taça!

— Desculpe, que tenho eu a ver com que o senhor beba a sua taça? Se calhar bebeu mais de uma taça... a julgar pelo preparo em que está vê-se logo... mas como foi parar aí, excelentíssimo senhor? — gritava o velho, tremendo de emoção, mas acreditando já, por alguns sinais e indícios, que Ivan Andréitch não podia ser ladrão. — Estou a perguntar-lhe: como foi que entrou aqui? Como um bandido...

— Digo a vossa excelência que não sou bandido. Sou apenas de outra porta da rua, juro que não sou bandido! Tudo isto é por causa dos meus ciúmes. Eu conto tudo a vossa excelência, vou contar tudo sinceramente a vossa excelência como se fosse meu pai, porque o senhor tem idade para eu o considerar meu pai.

— Mas o que é isso de idade?

— Vossa excelência! Será que o insultei? Realmente, uma senhora tão jovem... e a idade do senhor... é agradável de ver, digo-o a vossa excelência, é realmente agradável ver um casal assim... na flor da idade... Mas não chame ninguém... por amor de Deus, não chame ninguém... os criados iam rir-se disto... conheço-os bem... Ou seja, não quero dizer que apenas mantenha conhecimento com lacaios... também tenho lacaios, saiba vossa excelência, e todos se riem... os burros! Vossa excelência... Se não me engano, tenho a honra de estar a falar com o príncipe...

— Não, não é com um príncipe que está a falar, eu, excelentíssimo senhor, tenho a minha própria dignidade. Por favor, não tente aliciar-me com os «vossas altezas». Como veio parar aqui, excelentíssimo senhor, como entrou?

— Vossa alteza, ou seja, vossa excelência... desculpe, pensei que vossa excelência era de facto vossa alteza. Enganei-me... pensei mal... acontece. O senhor é tão parecido com o príncipe Korotkoúkhov que eu tive a honra de ver em casa do senhor Puziriov, meu conhecido... Como vê, também travo conhecimento com príncipes, também vi um príncipe em casa do meu conhecido: o senhor não pode tomar-me por quem está a tomar-me. Não sou ladrão. Não chame vossa excelência os lacaios. Se chamar os lacaios, pense só, qual será o resultado?

— Mas como veio parar aqui? — gritou a senhora. — Quem é o senhor?

— Sim, quem é o senhor? — apoiou-a o marido. — E eu, alminha, pensava que era o tareco que estava a espirrar debaixo da cama. Mas afinal era este. Ah, seu vagabundo depravado!... Quem é você? Diga!

E o velhinho recomeçou a bater com os pés no tapete.

— Não posso falar, vossa excelência. Estou à espera que o senhor acabe o seu discurso... Escuto avidamente as piadas espirituosas de vossa excelência. Quanto a mim, digo a vossa excelência que tenho uma história engraçada. Eu conto-lhe tudo. Tudo pode ser esclarecido sem que... isto é, quero eu dizer: não chame vossa excelência os lacaios! Trate-me de forma magnânima... Não dê importância a eu ter estado um pouco debaixo da cama... não perdi com isso a minha dignidade. Só digo a vossa excelência que esta história é muito cómica! — gritou Ivan Andréitch, dirigindo-se, com ar de súplica, à esposa. — Quem se vai rir, sobretudo, é vossa excelência, minha senhora! Imagine um marido ciumento no palco. Está a

ver, eu humilho-me, humilho-me voluntariamente. É verdade, matei o *Amichka*, mas... meu Deus, nem sei o que estou a dizer!

— Mas como, como foi que entrou aqui?

— Aproveitando a escuridão da noite, vossa excelência, aproveitando esta escuridão... Sou culpado! Perdoe-me vossa excelência! Peço humildemente o seu perdão! Sou apenas um marido enganado, mais nada! Não pense vossa excelência que eu seja um amante! Não sou amante! A sua esposa é muito virtuosa, permita-me a expressão. É pura e inocente!

— Como? O que diz? O que se atreve a dizer? — gritou o velho, voltando a bater os pés. — Está doido ou quê? Como se atreve a falar da minha mulher?

— Foi este bandido, este assassino que matou o *Amichka*! — gritava a esposa, banhando-se em lágrimas. — E ainda se atreve!

— Vossa excelência, vossa excelência! Apenas disparatei sem querer — gritou o aturdido Ivan Andréitch. — Disparatei, mais nada! Considere-me tresloucado... Por amor de Deus, considere-me tresloucado... Juro pela minha honra que, com isso, me fará um grande favor. Eu estender-lhe-ia a mão, mas não ousou estender-lha... Eu não estava aqui sozinho debaixo da cama, eu era o tio... isto é, quero dizer que não se pode tomar-me por amante... Meu Deus! Estou de novo a disparatar... Não se ofenda vossa excelência — gritava Ivan Andréitch para a esposa. — É uma mulher, uma senhora, compreende o que é o amor... O amor é um sentimento delicado... Mas o que estou para aqui a dizer? Voltei a disparatar, pronto! Ou seja, quero dizer que sou velho, isto é, um homem de certa idade, não um velho... que não posso ser seu amante, que amantes são Richardson, ou seja, Lovelace... estou completamente emaranhado, mas vossa excelência bem vê que sou um homem culto e que conheço a literatura. Vossa excelência ri! Estou feliz, estou feliz por ter provocado o riso de vossa excelência. Oh, que feliz eu estou por ter provocado um tal riso!

— Meu Deus, que homem cómico! — gritava a senhora, desatando às gargalhadas.

— Sim, cómico, e muito emporcalhado — disse o velho, contente por ver a sua esposa a rir-se. — Alminha, ele não pode ser um ladrão. Mas como foi que entrou aqui?

— É realmente estranho! Digo a vossa excelência que é realmente estranho, até parece um romance! Como? A meio da noite escura, em plena capital, um homem debaixo da cama? Ridículo, estranho! Rinaldo

Rinaldini, de certo modo. Mas não faz mal, nada disto tem importância, digo a vossa excelência. Eu conto-lhe tudo... E para vossa excelência, minha senhora, arranjo um novo *caniche*... um *caniche* espantoso! Pelo comprido, patas curtas, até lhe custa dar dois passos; corre, corre, atrapalha-se no próprio pelo e cai. Alimenta-se apenas de açúcar. Prometo a vossa excelência que lho trago, trago-lho sem falta.

— Ah, ah, ah, ah! — A senhora rebojava-se de riso no divã. — Meu Deus, estarei com um ataque de histeria? Oh, é tão cómico!

— Sim, sim! Ah, ah, ah! Queh, queh, queh! Cómico, emporcalhado, queh, queh, queh!

— Vossa excelência, vossa excelência, agora sinto-me completamente feliz! Estender-lhe-ia a minha mão, mas não ousa, vossa excelência, sinto que estava enganado mas, agora, os meus olhos abriram-se. Acredito que a minha mulher é pura e inocente! Estava errado ao suspeitar dela...

— Mulher, a sua mulher! — gritava a senhora com as lágrimas nos olhos por causa do riso.

— Afinal é casado! Será possível? Nunca me passaria pela cabeça! — secundou-a o velho.

— Vossa excelência, a mulher... é ela a culpada de tudo, ou seja, o culpado sou eu, porque suspeitava dela; pensava que ela tinha aqui um encontro marcado... aqui no andar de cima; intercetei o bilhete dela, enganei-me no andar e fui parar debaixo da cama...

— Eh, eh, eh, eh!

— Ah, ah, ah, ah!

— Ah, ah, ah, ah! — gargalhou também Ivan Andréitch, finalmente. — Oh, que feliz eu estou! Oh, como é enternecedor ver como estamos todos de acordo e felizes! E a minha mulher é absolutamente inocente! Tenho quase a certeza disso. Não acha vossa excelência que é verdade?

— Ah, ah, ah! Queh, queh, queh! Sabes, alminha, quem é ela? — falou finalmente o velho, parando de rir.

— Quem? Ah, ah, ah! Quem?

— É aquela belezinha que faz olhinhos, aquela que anda com o janota. É ela! Posso apostar que essa é que é a mulher dele!

— Não, digo a vossa excelência que não, que tenho a certeza de que não é essa! Tenho a certeza absoluta.

— Mas, meu Deus! O senhor está a perder tempo — gritou a senhora, deixando de se rir. — Corra, corra pelas escadas acima que ainda os

apanha...

— Efetivamente, vossa excelência, cá vou correndo. Mas não vou apanhar ninguém, vossa excelência, porque não é ela, tenho a certeza de que não é ela. Ela está agora em casa! Eu é que sou assim... um ciumento e mais nada... O que acha vossa excelência? Será que os apanho lá em cima?

— Ah, ah, ah!

— Eh, eh, eh! Queh, queh, queh!

— Vá lá, vá lá! Mas, de volta, passe por aqui para nos contar — gritava a senhora. — Ou então não: será melhor amanhã de manhã, e traga-a também, quero conhecê-la.

— Adeus a vossa excelência, adeus! Trago-a sem falta. Muito prazer em conhecê-lo. Estou feliz e contente por tudo, já que, inesperadamente, houve um desenlace feliz.

— E o *caniche*! Não se esqueça, principalmente, de trazer o *caniche*!

— Sim, trá-lo-ei a vossa excelência, vou trazê-lo sem falta — prometeu Ivan Andréitch, voltando a entrar no quarto, pois já havia saído às vênias. — Trago-lho sem falta. É tão bonito! Como se fosse feito de confeitos pelo confeitiro. E é assim: começa a andar, atrapalha-se no próprio pelo e cai. Vejam só! Eu às vezes até digo à mulher: «Alminha, por que é que ele cai?» E ela diz: «Sim, é tão engraçado!» Parece feito de açúcar puro, é o que eu digo a vossa excelência, de açúcar! Despeço-me então de vossas excelências, muito prazer em conhecê-los, muito prazer!

Ivan Andréitch, sempre às vênias, saiu.

— Eh, espere, excelentíssimo senhor! Espere, volte cá! — gritou o velhinho nas costas de Ivan Andréitch.

Ivan Andréitch voltou.

— Não encontro o tareco. Por acaso não se viram quando estava debaixo da cama?

— Não, não o vi, excelência, aliás, terei muito prazer em conhecê-lo. E considero uma grande honra...

— Ele agora anda constipado, está sempre a espirrar, sempre a espirrar! É preciso açoitá-lo!

— Sem dúvida, excelência, sem dúvida: os castigos correcionais dos animais domésticos são necessários.

— O quê?

— Estou eu a dizer a vossa excelência que os castigos correcionais são necessários para impor a subjugação dos animais domésticos.

— Ah!... Vá com Deus, vá com Deus, é só isso.

Saindo para a rua, Ivan Andréitch ficou bastante tempo parado, como se esperasse a qualquer momento um ataque apoplético. Tirou o chapéu, limpou o suor frio da testa, pensou em qualquer coisa e correu para casa.

Qual não foi o seu espanto quando, em casa, soube que Glafira Petrovna havia muito chegara do teatro, que havia muito lhe começaram a doer os dentes, que mandara chamar o médico, depois as sanguessugas e que agora estava na cama à espera de Ivan Andréitch.

Ivan Andréitch, primeiro, deu um soco na cabeça, depois mandou que lhe trouxessem o necessário para se lavar e limpar, e, finalmente, ousou entrar no quarto da mulher.

— Onde é que o senhor passa o tempo? Olhe para si... Tem a cara toda transtornada! Onde andou? Por amor de Deus, meu senhor: a sua mulher está à beira da morte, mas não o conseguem encontrar em toda a cidade. Onde esteve? Será que quis outra vez apanhar-me, estragar o encontro que marquei não sei com quem? Que vergonha, meu senhor! Que marido é o senhor? Não tarda vai começar a ser apontado a dedo!

— Alminha! — respondeu Ivan Andréitch.

Sentiu-se de repente tão confuso que se viu obrigado a meter a mão no bolso para tirar o lenço, não dando seguimento ao discurso que iniciara, porque lhe faltavam as palavras, as ideias e o ânimo... Qual não foi o seu espanto e o seu terror quando, juntamente com o lenço, lhe caiu do bolso o falecido *Amichka*! Ivan Andréitch nem sequer reparara que, num ímpeto de desespero, quando fora obrigado a sair de debaixo da cama, metera o *Amichka* no bolso, levado pelo medo inconsciente e pela esperança longínqua de apagar as provas do seu crime, evitando assim o merecido castigo.

— O que é isso? — gritou a esposa. — Um cãozinho morto! Meu Deus! Mas donde é que... O que anda a fazer?... Onde tem estado? Diga-me imediatamente por onde tem andado!...

— Alminha! — respondeu Ivan Andréitch, ainda mais morto do que o *Amichka*. — Alminha...

Mas abandonemos aqui o nosso herói, até à próxima vez, porque uma nova e especialíssima aventura se avizinha. Ainda um dia, meus senhores, acabaremos de contar todas estas desgraças e provações do destino. Uma coisa é certa, meus senhores: têm de concordar que o ciúme é uma paixão imperdoável, e mais ainda — é uma desgraça!...

14 Trata-se da atuação da ópera italiana em Petersburgo na temporada de outubro de 1847 a Fevereiro de 1848, em que cantavam duas primas-donas sopranos: Teresa de Guili-Borsi e Erminia Frezzolini. (NT)

OBRAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

- 01 – CRIME E CASTIGO
- 02 – O JOGADOR
- 03 – O IDIOTA
- 04 – O ETERNO MARIDO
- 05 – OS IRMÃOS KARAMÁZOV — 1.^a e 2.^a partes — I volume
- 06 – OS IRMÃOS KARAMÁZOV — 3.^a e 4.^a partes e Epílogo — II volume
- 07 – CADERNOS DA CASA MORTA
- 08 – O DUPLO
- 09 – O ADOLESCENTE
- 10 – A ALDEIA DE STEPANTCHIKOVO
- 11 – GENTE POBRE
- 12 – CORAÇÃO FRACO E OUTRAS HISTÓRIAS

Table of Contents

FICHA TÉCNICA

Nota Prévia

ROMANCE EM NOVE CARTAS

1

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

2

(De Ivan Petróvitch para Piotr Ivánitch)

3

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

4

(De Ivan Petróvitch para Piotr Ivánitch)

5

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

6

(De Ivan Petróvitch para Piotr Ivánitch)

7

(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)

8

9

O SENHOR PROKHÁRTCHIN

Conto

A SENHORIA

Novela

PRIMEIRA PARTE

1

2

3

SEGUNDA PARTE

1

2

3

POLZUNKOV

CORAÇÃO FRACO

Novela

A MULHER ALHEIA E O MARIDO DEBAIXO DA CAMA

Um acontecimento invulgar

1

2

OBRAS DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI